



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras – IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP
Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL

**DISCURSO E IDENTIDADE(S) DE PESSOAS IDOSAS:
das histórias de vida às práticas de letramento**

Alley Cândido Júnior

Brasília/DF
2016

ALLEY CÂNDIDO JÚNIOR

**DISCURSO E IDENTIDADE(S) DE PESSOAS IDOSAS:
das histórias de vida às práticas de letramento**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor, área de concentração Linguagem e Sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Denize Elena Garcia da Silva

Brasília/DF

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte

- C217d Cândia Júnior, Alley
Discurso e identidade(s) de pessoas idosas: das histórias de vida às práticas de letramento / Alley Cândia Júnior ; orientação de Denize Elena Garcia da Silva. – Brasília, DF, 2016.
242 f. ; 29 x 21 cm
- Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2016.
1. Idosos. 2. Histórias de vida. 3. Estatuto do idoso. 4. Identidade social. 5. Discurso. I. Silva, Denize Elena Garcia da, orientadora. II. Título.

Catálogo: Marina Miranda Fagundes - CRB 10/2173

ALLEY CÂNDIDO JÚNIOR

**DISCURSO E IDENTIDADE(S) DE PESSOAS IDOSAS:
das histórias de vida às práticas de letramento**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor, área de concentração *Linguagem e Sociedade*, defendida e aprovada em 8 de dezembro de 2016 diante da Banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof^a Dr^a Denize Elena Garcia da Silva (LIP/UnB) - Presidenta

Prof^a Dr^a Neyla Graciela Pardo Abril (Universidad Nacional de Colômbia, Bogotá, Colômbia) – Membro externo

Prof^a Dr^a Anna De Fina (Georgetown, Washington DC, USA) – Membro externo

Prof^a Dr^a Marcia Elizabeth Bortone (LIP/UnB) – Membro interno

Prof^a Dr^a Viviane Vieira (LIP/UnB) – Membro interno

Prof^a Dr^a Mariney Pereira (LET/UnB) – Membro suplente

Dedico esta tese aos meus estimados alunos: Dona Bastiana, Dona Francisca, Dona Cléria, Seu José, Dona Griza, Dona Vani, Dona Jovina, Dona Coração Solitário, Dona Marlene e Dona Beija-Flor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora e professora doutora Denize Elena Garcia da Silva pelo incentivo, confiança, amizade e interlocução para além do mundo conceptual, e, sobretudo, por ter me orientado com segurança para um caminho que só podia ser meu. Meus agradecimentos também se dirigem as minhas professoras doutoras Cibelle Brandão, Maria Luiza Corôa, Edna Silva, Rosana Reigota, Viviane Vieira, Josênia Vieira e Mariney Pereira.

Agradeço ao meu amigo e companheiro Jacobson pelo carinho, apoio constante e pelas incansáveis conversas, pela escuta dos meus questionamentos do TCC da graduação, da dissertação e da tese. Agradeço a minha mãe, meu pai e meus queridos irmãos e familiares por serem exatamente o que são.

Agradeço a todos os companheiros e companheiras de pesquisa, que lutam por uma sociedade mais justa, mais democrática e mais igualitária, por meio de pesquisas sociais críticas, de modo especial ao Fernando, Ana Cláudia, Miguel, Sandra, Carina, Risalva, Alessandro, Kelma, Luz, Kelly, Risalva, Sinara, Xislene, Pablo, Emanuel, Danúzia, José João. Agradeço também aos amigos pelas prosas acadêmicas frutíferas: Gilmar, Adeir, Angela, Hudson, Kelly, Cláudia Costa, Joara, Rosana, Viviane e Cassiano, Maria Aparecida.

Agradeço aos meus colegas de trabalho pelo apoio e incentivo e por terem segurado as pontas enquanto eu estava de licença.

Agradeço às professoras e ao professor que participaram do Exame de Qualificação: Márcia Bortoni, Solange Barros, Guilherme Rios pelas valiosas contribuições.

Agradeço à equipe do Posto de Saúde da Estrutural pelo carinho e atenção durante toda a pesquisa.

Agradeço à professora doutora Anna De Fina da Universidade de Georgetown - GU pelas aulas e pelas conversas sobre narrativas e identidade, sobretudo pela sua simplicidade e o carinho com que me acolheu na GU.

Agradeço à CAPES e à Fulbright pela bolsa de Estágio de Doutorado na Georgetown University.

RESUMO

Esta tese resulta de uma pesquisa integrada à Rede Latino-Americana de Estudos do Discurso da Pobreza Extrema (REDLAD), por meio do Grupo Brasileiro de Estudos de Discurso, Pobreza e Identidades (REDLAD - Brasil). Trata-se de um desdobramento do projeto “Meu nome, minha identidade”: das práticas discursivas aos eventos de letramento voltados para adolescentes e pessoas idosas (UnB/CNPq/DGP), coordenado pela professora Dra. Denize Elena Garcia da Silva, líder da REDLAD no Brasil. O estudo se insere no paradigma qualitativo de pesquisa (descritiva e interpretativa), com inspiração na etnografia crítica. O objetivo central é investigar as representações linguístico-discursivas e fortalecer as identidades sociais, bem como individuais, de pessoas idosas em situação de risco. Busco examinar o papel da linguagem na (re)produção das práticas sociais e, sobretudo, problematizar a questão da desigualdade social, trazendo a faixa etária da terceira idade para a luz do reconhecimento e da contemplação nas políticas públicas. Os dados foram gerados a partir de entrevistas colhidas junto às pessoas de terceira idade residentes da Cidade Estrutural, que frequentavam as aulas ministradas por mim, como prática de pesquisa colaborativa. Durante o curso na Estrutural, por meio de entrevistas (semiestruturadas), tive oportunidade de colher amostras de narrativas (histórias de vida), as quais serviram para subsidiar a análise crítica dos dados documentais, pertinentes a leis que protegem os direitos dos idosos, como o Estatuto do Idoso. Os dados empíricos foram analisados à luz dos estudos da Narrativa com base em De Fina (2003, 2008, 2013), bem como na proposta do Posicionamento Interacional (BAMBERG, 1997; DE FINA, 2013), com enfoque no processo de construção de identidades, o que complementei com o trabalho de cunho etnográfico. Os dados documentais foram analisados a partir da categoria da representação com o suporte teórico da Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2003) e da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2014). Os resultados da pesquisa apontam um quadro de exclusão, mediante práticas sociais discriminatórias, flagradas a partir da análise minuciosa das histórias de vida. A aproximação das narrativas individuais com o discurso do Estatuto do Idoso permitiu-me observar um hiato entre a realidade vivenciada pelos idosos e o que preconiza a lei. Com base nas análises linguístico-discursivas do Estatuto do Idoso, foi possível identificar que a pessoa idosa é representada como recipiente de bens materiais e serviços. A pesquisa levada a cabo não se esgota na tese ora apresentada, uma vez que pode significar a abertura de novos caminhos para estudos que contemplem a terceira idade.

Palavras-chave: Idosos. Histórias de vida. Estatuto do Idoso. Discurso. ADC e LSF.

ABSTRACT

This thesis is part of an integrated research of the Latin American Discourse Studies of Extreme Poverty (REDLAD) through the Brazilian Group of Discourse, Poverty and Identity (REDLAD-Brazil). It is part of a larger project called “My name, my identity”: from discursive practices to literacy events for teenagers and senior citizens (UnB/CNPq/DGP), coordinated by Professor Denize Elena Garcia da Silva (PhD), chief of REDLAD-Brazil. The research is based on a qualitative research paradigm (descriptive and interpretative), as well as on critical ethnography. The main objective is to investigate the linguistic and discursive representations and to strengthen social and individual identities of senior citizens. Thus, I seek to examine the role of language in the (re)production of social practices, and above all, to discuss the issue of social inequality, bringing the senior citizens to the recognition and contemplation in public policies. Data come from semi-structured interviews from ten seniors from Cidade Estrutural, who attended literacy classes taught by me, as a collaborative research practice. During the course at Estrutural, I had the opportunity to audiorecord narratives (life stories), which gave support for the documentary analysis, pertaining to the laws that aim to protect the rights of the elderly, such as the Senior Citizen’s Law. The data were analyzed in the light of the Narrative Studies based on De Fina (2003, 2008, 2013) as well as the theory of Interactional Positioning (BAMBERG, 1997; DE FINA, 2013), focusing on the identity building process, complemented with the ethnographic work. The documentary data were analyzed with the theoretical support of the Critical Discourse Analysis (FAIRCLOUGH, 2003) and the Systemic Functional Linguistics (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2014). The results point to a scenario of exclusion, in reason of discriminatory social practices, revealed through detailed analysis of the life stories. Nevertheless, the contrast of the narratives with the Senior Citizen’s Law shows a gap between the reality experienced by the elderly and what the law advocates. Based on linguistic and discursive analysis of the Senior Citizen’s Law, it was possible to identify that the elderly is represented as a beneficiary, who receives material goods and services.

Keywords: Elderly. Life stories. Senior Citizen’s Law. Discourse. CDA and LSF.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Os significados da linguagem	42
Figura 2 – Estrutura experiencial da oração	45
Figura 3 – Inclusão e exclusão dos atores sociais	47
Figura 4 – Textos e contextos.....	51
Figura 5 – Mandala da Gramática da experiência.....	53
Figura 6 – Processos verbais mais recorrentes no Estatuto do Idoso.....	179

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Os idosos em oficina de alfabetização	21
Imagem 2 – Mapa aéreo da Vila Estrutural.....	26
Imagem 3 – Centro comercial da Vila Estrutural.....	27
Imagem 4 – Cartaz sobre o Estatuto do Idoso.....	81
Imagem 5 – Idosos trabalhando com o computador no COSE	133
Imagem 6 – Idoso em trabalho de fortalecimento de identidade de grupo	167
Imagem 7 – Trabalho de fortalecimento de identidade de grupo.....	230

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Representação por processos, participantes e circunstâncias.....	46
Quadro 2 – As dimensões do processo da pesquisa.....	71
Quadro 3 – Documentos de língua oral.....	72
Quadro 4 – Lista de documentos selecionados.....	73
Quadro 5 – Perguntas da entrevista com os idosos.....	75
Quadro 6 – Perfil social dos colaboradores da Estrutural.....	80
Quadro 7 – Temas do Estatuto do Idoso para debates em classe.....	81
Quadro 8 – Perfil social dos colaboradores da Dissertação de Machado, 2008.....	82
Quadro 9 – Perfil social dos colaboradores do PIBIC – UnB, 2001.....	82
Quadro 10 – Quantitativo total dos colaboradores.....	83
Quadro 11 – Enlace teórico-metodológico, geração de dados e perguntas de pesquisa.....	87
Quadro 12 – Categorias temáticas das narrativas.....	91
Quadro 13 – Categorias do <i>self</i> passado, posicionamentos protagonista, antagonistas e aliados.....	125
Quadro 14 – Categorias do <i>self</i> presente, posicionamentos interacionais, protagonistas, antagonistas e aliados.....	156
Quadro 15 – <i>Self</i> futuro, protagonistas, antagonistas e aliados.....	165
Quadro 16 – Estrutura Composicional do Estatuto do Idoso.....	177
Quadro 17 – Processos materiais mais frequentes no Estatuto da Idoso.....	179
Quadro 18 – Metas do processo material assegurar em voz passiva e em voz ativa.....	183
Quadro 19 – Representação dos atores sociais no Estatuto do idoso.....	188
Quadro 20 – Ocorrência do idoso no Estatuto do Idoso.....	190

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADC	Análise de Discurso Crítica
ADCTO	Análise de Discurso Crítica Textualmente Orientada
CAPES	Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CFM	Conselho Federal de Medicina
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CODEPLAN	Companhia de Planejamento do Distrito Federal
CONEP	Comissão Nacional de Ética na Pesquisa
COSE	Centro de Orientação Socioeducativa
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
CRFB	Constituição da República Federativa do Brasil
DF	Distrito Federal
DGP	Diretório de Grupos de Pesquisa
DUDH	Declaração Universal dos Direitos Humanos
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EN	Entrevistas Narrativas
ESF	Estratégia Saúde da Família
GU	Universidade de Georgetown
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia Estatística
NASF	Núcleo de Apoio à Saúde da Família
LSF	Linguística Sistêmico-Funcional
OIT	Organização Internacional do Trabalho
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PAIE	Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento
PNSAN	Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional
REDLAD	Rede Latino-Americana de Estudos do Discurso
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UnB	Universidade de Brasília

CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO DO DADOS ORAIS¹

Símbolos	Descrição
...	pausa
[]	Comentários do pesquisador
“ ”	Discurso direto
MAIÚSCULA	Ênfase na voz
,	(Vírgula) entonação média
/.../	Transcrição parcial ou parte suprimida
.	Entonação descendente
!	Entonação ascendente de exclamação
?	Entonação ascendente de interrogação

¹ Baseado em Silva (2001a, p. 11).

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DA TESE.....	16
CAPÍTULO I.....	19
O CONTEXTO DA PESQUISA.....	19
1.1 O PERFIL DOS COLABORADORES	21
1.2 UM PANORAMA DA VILA ESTRUTURAL	26
1.2.1 Eventos de letramento como prática social.....	29
1.2.2 Histórias de vida.....	31
1.3 IDOSOS NO DISTRITO FEDERAL	32
1.4 IDOSOS NO BRASIL	32
1.5 DAS CONSTITUIÇÕES FEDERATIVAS AO ESTATUTO DO IDOSO.....	33
1.6 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ENCONTROS INTERNACIONAIS E SEUS DESDOBRAMENTOS.....	34
1.7 UM BREVE ENSAIO SOBRE O ENVELHECIMENTO	35
CAPÍTULO II.....	38
APORTES TEÓRICOS: DISCURSO, REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADES.....	38
2.1 ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA: A EXTERIORIDADE DA LINGUAGEM	38
2.1.1 Os significados da linguagem na análise textualmente orientada	41
2.1.2 Significado acional	42
2.1.3 Significado representacional: da inclusão à exclusão de atores sociais.....	43
2.1.4 Significado identificacional	48
2.2 LINGÜÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL: A INTERIORIDADE DA LINGUAGEM.....	50
2.2.1 Função experiencial: uma forma de representar o mundo	52
2.2.2 Função interpessoal: uma forma de relacionar-se com o mundo	57
2.2.3 Função textual: uma forma de organizar a experiência humana.....	58
2.3 NARRATIVA COMO PRÁTICA SOCIAL.....	58
2.3.1 Identidades no campo dos estudos sobre narrativas.....	61
2.3.2 Posicionamento interacional em narrativas.....	64
2.3.3 Algumas considerações	66
CAPÍTULO III.....	67
PERCURSOS METODOLÓGICOS.....	67
3.1 OS CAMINHOS DA PESQUISA QUALITATIVA	67
3.1.1 Ética na pesquisa qualitativa.....	68

3.1.2 Métodos na pesquisa qualitativa.....	70
3.2 GERAÇÃO E COLETAS DE DADOS	71
3.2.1 Pesquisa documental.....	72
3.2.2 Observação participante.....	74
3.2.3 As oficinas de letramento.....	74
3.2.4 Entrevistas narrativas.....	75
3.2.5 Notas de campo.....	77
3.2.6 Situações em eventos de letramento	78
3.2.7 Grupo focal de idosos da Estrutural.....	79
3.3 DADOS COMPLEMENTARES	82
3.4 UM ENLACE TEÓRICO-METODOLÓGICO NA CONSTRUÇÃO DO CORPUS E DAS ETAPAS DA PESQUISA.....	83
3.5 TRATAMENTO DOS DADOS	87
3.6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	89
CAPÍTULO IV	90
NARRATIVAS DE VIDA E IDENTIDADE	90
4.1 A ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS DE NATUREZA ETNOGRÁFICA	90
4.1 SELF PASSADO	94
4.1.2 Adversidades para ir à escola.....	95
4.1.3 Maus-tratos na infância.....	106
4.1.4 Casamentos complicados	113
4.1.5 Perdas de familiares.....	116
4.1.6 Ludibriados por outrem	120
4.2 SELF PRESENTE.....	127
4.2.1 Questões referentes à saúde.....	128
4.2.2 Violência doméstica.....	137
4.2.3 O lado positivo de ser idoso	143
4.2.4 O sonho do letramento.....	148
4.2.5 Discriminação contra o idoso	153
4.3 SELF FUTURO: sonhos e planos.....	157
CAPÍTULO IV	168
DAS NARRATIVAS DE VIDA AOS DOCUMENTOS LEGAIS.....	168
5.1 OS PILARES OFICIAIS EM FAVOR DAS PESSOAS DA TERCEIRA IDADE	168
5.1.1 Documentos universais sobre a pessoa idosa	169

5.1.2 Representação da pessoa idosa nos documentos oficiais	171
<i>5.1.2.1 A Declaração Universal dos Direitos Humanos.....</i>	<i>171</i>
<i>5.1.2.2 A representação da dignidade da pessoa idosa nas Constituições Brasileiras.....</i>	<i>173</i>
<i>5.1.2.3 Política Nacional do Idoso.....</i>	<i>176</i>
<i>5.1.2.4 O Estatuto do Idoso.....</i>	<i>176</i>
5.2 ESTRUTURA COMPOSICIONAL E A TRANSITIVIDADE	177
5.3 OS PROCESSOS MAIS FREQUENTES NO ESTATUTO DO IDOSO: MICROANÁLISE DA TRANSITIVIDADE	179
5.3.1 Processos materiais	179
5.3.2 Processos relacionais.....	184
5.3.3 Processos verbais no Estatuto do idoso	185
5.3.4 Processos mentais	186
5.3.5 Processos existenciais.....	186
5.4 REPRESENTAÇÃO DOS ATORES SOCIAIS NO ESTATUTO DO IDOSO	188
5.4.1 Representação do idoso.....	189
<i>5.4.1.1 Idoso como beneficiário-recebedor</i>	<i>190</i>
<i>5.4.1.2. Idoso como beneficiário-cliente.....</i>	<i>191</i>
5.4.2 Representação do Poder Público no Estatuto do Idoso	192
5.4.3 Representação da sociedade no Estatuto do Idoso.....	194
5.4.4 Representação da família no Estatuto do idoso.....	195
5.5 A APROXIMAÇÃO DO DISCURSO LEGAL COM AS HISTÓRIAS DE VIDA.....	197
5.5.1 Do direito à saúde.....	198
5.5.2 Do direito à educação.....	213
5.5.3 Da discriminação contra o idoso.....	218
CONSIDERAÇÕES FINAIS	222
REFERÊNCIAS.....	231
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	240

APRESENTAÇÃO DA TESE

[...] desnaturalizar e, em condições propícias, até mesmo desestabilizar o discurso do “senso comum” decorrente de práticas sociais repetidas de maneira convencional, associadas a relações de poder, o que, a meu ver, leva à banalização da pobreza e as práticas discursivas “naturalizadas” de discriminação. (SILVA, 2013, p. 89).

Em sintonia com a epígrafe, esta tese se situa no campo das pesquisas sociais críticas e lança um olhar sobre a pessoa idosa, invisível aos olhos da sociedade, saturada pelas misérias e pela negação dos seus direitos mais básicos e essenciais, vítima de estigma e preconceito. O estudo se justifica por se tratar de questões emergenciais de inclusão social, assim como uma busca de meios de sensibilizar a opinião pública (jovens e adultos) e as autoridades sobre práticas cristalizadas na vida social que demandam atenção e cuidado. Essa questão social é o ponto de partida e tem como objetivo central investigar as representações discursivas e fortalecer as identidades sociais, bem como individuais de pessoas idosas em situação de risco. O objetivo geral se desdobra em objetivos específicos, elencados a seguir:

- a) identificar a construção de identidades presentes nas histórias de vida dos idosos;
- b) apontar as representações linguístico-discursivas presentes no discurso do Estatuto do Idoso;
- c) desvelar como a pessoa idosa é representada no Estatuto do Idoso;
- d) aproximar as histórias de vida dos idosos com o discurso legal;
- e) contribuir com o fortalecimento de representações linguístico-discursivas voltadas para identidades sociais de pessoas idosas, a partir de uma série encadeada de atividades de letramento.

Com o intuito de nortear a investigação e cumprir o objetivo geral firmado, algumas perguntas de pesquisas foram formuladas:

- a) que aspectos identitários estão presentes nas histórias de vida dos idosos?;
- b) que representações linguístico-discursivas estão presentes no discurso do Estatuto do Idoso?;
- c) como tais representações se aproximam da prática cotidiana dos idosos?;
- d) como a pessoa idosa é representada no Estatuto do Idoso?

Para organizar os resultados do estudo, esta tese encontra-se dividida em cinco capítulos além das considerações finais. No primeiro capítulo, apresento um breve panorama do grupo de idosos que constituem a alma desta pesquisa. Teço alguns comentários sobre contexto de situação, com o foco nos idosos residentes da Vila Estrutural. Apresento alguns dados sobre os idosos no Brasil e a preocupação mundial sobre o envelhecimento consubstanciado em alguns documentos e diretrizes.

No segundo capítulo, discuto os pressupostos teóricos basilares deste estudo, que se ancoram na Análise de Discurso Crítica (ADC) com base nos estudos de Fairclough (2003, 2010) e Silva (2013, 2005), na Linguística Sistemico-Funcional (LSF) proposta por Halliday e Matthiessen (2014) e nos estudos da narrativa com base em De Fina (2003), bem como em De Fina e Georgakopoulou (2012, 2015).

No terceiro capítulo, apresento os padrões éticos da pesquisa (SILVA, 2003), assim como os procedimentos metodológicos da pesquisa qualitativa (BAUER; GASKELL, 2005), seguido das estratégias e métodos utilizados na geração dos dados empíricos e na coleta dos documentos oficiais (DEZIN; LINCOLN, 2006). Descrevo o contexto situacional e o modo como os eventos de letramento foram sistematizados junto ao Centro de Orientação Socioeducativa (COSE), local onde a pesquisa foi realizada. Arremato o capítulo com a descrição do tratamento analítico aplicado aos dados.

No quarto capítulo, analiso o processo de construção de identidades sociais por meio da proposta dos posicionamentos interacionais, mediante a micro-análise das histórias de vida. Apresento as categorias que emergiram das relatos orais, as quais constituem três momentos do *self*: presente, passado e futuro.

No quinto capítulo, apresento as análises dos documentos oficiais, ancorados na LSF bem como na ADC. Inicio com uma breve contextualização, a partir de algumas considerações sobre documentos internacionais que concernem a pessoa idosa. Na sequência, analiso as representações linguístico-discursivas da pessoa idosa presentes nos documentos oficiais, partindo das Constituições Federativas Brasileiras até o Estatuto do Idoso, o principal documento desta pesquisa. E, em seguida, aproximo o discursos oriundo dos dados de natureza etnográfica ao discurso do Estatuto do Idoso.

Por fim, nas considerações finais, busco responder às perguntas de pesquisa e discutir os resultados. Apontar propostas concretas a partir do enlace entre as histórias de vida com os resultados das análises dos documentos legais e os eventos de letramento – sempre com um olhar voltado para o empoderamento e a expansão da qualidade de vida dos

colaboradores/participantes da pesquisa – significa, no âmbito da ADC, uma contribuição para a abertura de novas propostas de estudo – voltadas para práticas sociais transformadoras.

CAPÍTULO I

O CONTEXTO DA PESQUISA

Esta pesquisa se insere nos estudos desenvolvidos pelo Grupo Brasileiro de Estudos de Discurso, Pobreza e Identidades (UnB/CNPq/DGP), o qual é parte integrante da Rede Latino-Americana de Estudos do Discurso (REDLAD). Integra-se, de modo específico, ao projeto intitulado “Meu nome, minha identidade: das práticas discursivas aos eventos de letramento voltados para adolescentes e idosos”, coordenado pela professora Doutora Denize Elena Garcia da Silva, líder da REDLAD-Brasil.

Com o propósito de arrematar a ponta final do laço do projeto “Meu nome minha identidade: das práticas discursivas aos eventos de letramento voltados para adolescentes e idosos”, surgiu a possibilidade de desenvolver a pesquisa sobre os idosos. Quando o convite/desafio foi feito, não tive dúvidas, aceitei-o prontamente.

A professora Doutora Denize Elena Garcia da Silva, naquela época, estava orientando projetos de pesquisa na Cidade Estrutural com investigações voltadas para jovens e adolescentes em situação de risco (MOREIRA, 2013; MOREIRA, 2015). Desse modo, comecei a interagir com uma ONG, “Coletivo da Cidade”, local onde pesquisas supracitadas estavam em andamento. Após inúmeras tentativas, percebemos que não havia interesse em trabalhar com pessoas idosas por parte daquela instituição não governamental. Passado alguns meses, fui convidado a participar de uma reunião com um grupo de idosos através da Coordenação do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF), vinculado ao Posto de Saúde da Estrutural.

A história do grupo de idosos, segundo as informações recebidas junto ao NASF, teve início em Julho de 2009, com pessoas acima de 60 anos, advindas do grupo de Atividade Física, que já existia desde 2005, para atender hipertensos e diabéticos. Foi elaborado pelas profissionais da equipe do NASF com Agentes Comunitários de Saúde, das Equipes de Saúde da Família do Centro de Saúde, principalmente das equipes 2, 3 e 4. Nos encontros semanais, em uma igreja evangélica, eram desenvolvidas atividades artesanais, lúdicas e palestras na área da saúde. Em 2010, foram realizadas diversas atividades na Semana do Idoso, com a finalização no dia Internacional do Idoso, 1 de outubro do respectivo ano.

Houve um esvaziamento do grupo nos anos 2011 e 2012. Em 2013, em parceria com o COSE, as atividades foram retomadas. Em 2014, em decorrência do primeiro contato com o grupo em 12 de fevereiro daquele ano, elaboramos uma proposta de trabalho pertinente ao

projeto “Meu nome, minha identidade”. A proposta consistiu em uma série sistematizada de oficinas de alfabetização e eventos de letramento, com vistas à emancipação e ao empoderamento dos idosos.

No nosso primeiro encontro, os idosos expressaram forte interesse em aprender a ler e escrever, principalmente para ler a bíblia. Alguns manifestaram a falta de oportunidade de acesso à escola na infância, dificuldade essa que perdura até os dias atuais. Outros tiveram acesso à escola por um curto período na infância. Ao término da nossa primeira conversa, indaguei-os sobre um possível ponto de partida para a nossa primeira aula. A sugestão veio de Dona Griza: a leitura do Salmo: “O senhor é meu pastor e nada me faltará”. E assim foi feito. Ouvi suas demandas. Elaborei um cartaz e gradativamente, de forma colaborativa, começamos a desenhar uma pedagogia que contemplasse os anseios do grupo.

No período de fevereiro de 2014 até junho de 2015, com breves intervalos referentes ao período de férias, pude testemunhar muitos depoimentos e muitas narrativas que careciam de escuta, muitas histórias até então silenciadas, umas com o tempo se avolumaram e outras nem ao tempo conseguiram sobreviver. As histórias acionavam as memórias do passado e eram revisitadas por cidadãos agora mais experientes, que pareciam dar novos rumos e novas significações às cicatrizes de outrora. Ainda, na esteira das histórias contadas, restam aquelas que acionam o tempo presente, conturbadas e tensionadas, que traduzem os enfrentamentos, caminhos ainda a serem percorridos, mesmo quando as pernas não resistem às demandas da caminhada.

A cada aula, novos questionamentos surgiam. Como poderiam modestos eventos de letramento fortalecer identidades, resgatar cidadania? Como monitorar políticas públicas para garantir mais qualidade de vida aos idosos que ali se encontravam? Como sensibilizar a sociedade sobre o seu papel na manutenção dos direitos dos idosos? Como mobilizar o grupo social para lutar pelos seus direitos? Como construir um sentido de emancipação e autonomia para que o grupo busquem seus direitos e lutem pela equidade social? Enfim, como melhorar a qualidade de vida dos idosos em situação de risco, por meio de perspectiva social crítica?

No período entre 1º de agosto de 2015 a 1º maio de 2016 tive de interromper as aulas com o grupo. A razão foi a realização de um estágio de doutorado na Universidade de Georgetown (GU), com o auxílio da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES) e da Fulbright. No período da minha visita à GU, a disciplina de “Análise de discurso: narrativas” foi ofertada, com enfoque nos estudos sociolinguísticos sobre narrativas e identidades. O curso foi conduzido pela Professora Dra. Anna De Fina e ofereceu subsídios teóricos e metodológicos que me permitiram analisar as narrativas de vida colhidas

junto aos colaboradores desta pesquisa. Cabe, aqui, mencionar que o grupo da Estrutural ficou sem aulas por nove meses, em razão de uma mudança na direção do COSE.

Quando retornei do estágio, em meados de maio de 2016, fiz uma visita aos idosos do grupo e marcamos o retorno das atividades. O encontro foi frutífero e contou com a presença dos integrantes do grupo, além de novos alunos. Isso mostra que o trabalho continua vivo. Assim, com o intuito de apresentar, ainda que de forma breve, detalhes sobre o contexto mais situado, trago, a seguir, o perfil dos colaboradores desta pesquisa.

1.1 O PERFIL DOS COLABORADORES

Imagem 1 – Os idosos em oficina de alfabetização



Fonte: o autor (2016)

Os idosos colaboradores desta pesquisa são 10 pessoas com idades variando entre 64 e 82 anos, conforme ilustra a Imagem 1. O grupo é composto por um homem e nove mulheres. Segundo as informações obtidas pela coordenação do grupo, nem todos os homens aderem a esse tipo de atividade. Alguns compareceram às aulas, mas não deram continuidade aos estudos por conta do trabalho que ainda exercem na comunidade, geralmente, como prestadores de serviço. Passemos, pois, ao perfil dos colaboradores. É necessário frisar que seus nomes são fictícios como uma maneira de preservar suas identidades, de acordo com os princípios éticos que balizam pesquisas com seres humanos (SILVA, 2003).

Seu José - 77 anos

Sujeito simples, um tanto quanto introspectivo, de fala baixa, enxerga pouco, em virtude de uma queda de andaime, quando trabalhava de pintor, aos 65 anos de idade. Em função dessa queda contra um torno de ferro, teve seu crânio amassado, perdeu a visão de um olho completamente, a do outro ficou comprometida, e, concomitantemente, adquiriu uma disfunção auditiva. Usa um par de óculos antigo com prescrição vencida que não o ajuda muito. Segundo ele, a única coisa que enxerga com nitidez era o branco da minha barba, razão pela qual deixei a barba crescer no período letivo. Desconfiado, o baiano natural de Fátima é magro de estatura mediana, vive com a esposa e cinco netos. Aposentado por invalidez, Seu José é dotado de um excelente senso de humor, usa ironia e sarcasmo em suas opiniões provocativas. Sempre chega meia hora antes do início das aulas e no meio da aula pede permissão para ir ao banheiro. Gosta de sentar perto da porta, sempre com os olhos atentos a sua sacola de material escolar. Fica perturbado com o barulho oriundo de conversas paralelas das colegas em sala. Em junho de 2015, perdeu os quatro dentes da frente de uma só vez. Logo em seguida, foi atropelado por um ciclista que não lhe prestou socorro. Mesmo com alguns ferimentos foi à aula, tamanha sua força de vontade.

Dona Bastiana - 68 anos

Mulher negra, cabelos ao ombro, sobrepeso, olhos castanhos e sorriso nos lábios. Lidava com alguns problemas de saúde. Reclamava de dores de cabeça, de estômago e nas costas. Nasceu em São Francisco, Minas Gerais. Nunca se casou e começou a constituir família com a idade de quinze anos. Foi mãe de doze filhos, alguns morreram e outros sumiram. Morava com o filho mais velho e tinha como vizinha suas duas filhas, que lhe deram vários netos. Dona Bastiana era bastante religiosa, frequentava a igreja evangélica regularmente e pagava o dízimo. Depois de trabalhar no lixão por aproximadamente dez anos, conseguiu se aposentar. Com a aposentadoria cobria todas as despesas da casa e sustentava o filho dependente químico. Em razão de alguns problemas de saúde, faltou algumas aulas. Era pontual, se aprontava para ir às aulas, mas nem sempre conseguia prestar atenção, por causa dos problemas de ordem doméstica que exauriam suas energias. Investiu muitas horas em trabalhos artesanais como uma saída para auxiliar a renda familiar. Faleceu em 5 de setembro de 2015.

Dona Cléria - 78 anos

Nasceu em Suja Pé, na região de Barra do Corda, Maranhão. Uma senhora cabocla de estatura baixa, trabalhadeira, guerreira, e forte como um touro. Não possui um fio de cabelo branco até hoje. Possui um vasto conhecimento sobre uso medicinal de plantas e raízes e produz medicamentos para si e para os amigos. Caridosa, é de orientação religiosa católica, mas trabalha como voluntária em um centro espírita, onde ajuda no sopão diariamente e presta serviço junto ao atendimento de crianças carentes da Vila Estrutural. Vive carregando uma sacola com algo que ganhou para repassar para alguém. Oriunda de uma família numerosa, Dona Cléria teve quinze irmãos, sete já morreram. A contra gosto, casou-se e teve nove filhos. Hoje é aposentada e mora com a neta adotiva e dois bisnetos que vivem sob sua tutela financeira. Não guarda mágoas nem rancor do passado, muito embora tenha sido bastante judiada ao longo da vida. É assídua e pontual às aulas. Mesmo quando quebrou a clavícula em uma queda em casa e, meses depois, sofreu um derrame, compareceu às aulas no dia seguinte.

Dona Griza - 83 anos

Natural de Caxias no Maranhão, Dona Griza é uma senhora viúva, magra, estatura mediana, negra com cabelos longos e grisalhos. Destaca-se por ser comunicativa, espirituosa e bem disposta. É aposentada e mora com suas duas filhas. É evangélica e demonstra ter uma relação forte com a igreja, além de ser fiel ao pastor. Um dos seus sonhos é aprender a escrever um bilhete para Deus abençoar sua família e seus entes queridos. Nas aulas, sempre chegava atrasada devido aos seus afazeres domésticos. No entanto, participava ativamente das aulas e se mostrava bastante competitiva quando fazíamos alguma atividade em pares ou em grupo. Ficava aborrecida quando não acertava ou não conseguia se destacar. Reclamava dos políticos e acredita que a situação pela qual o mundo passa hoje é decorrente do desrespeito do homem às leis de Deus.

Dona Francisca - 68 anos

Nasceu no Município de Granja do Ceará, no Ceará, perto de Fortaleza. Morena, cabelos ruivos cacheados, de estatura mediana. Contraiu poliomielite aos dois anos de idade. Vem de uma família grande, possui sete irmãos, dois já morreram. Depois que o pai morreu

ainda muito jovem, mudaram-se para Barra do Corda. Trabalhou muitos anos como quebradeira de coco, na infância e na juventude, em sua cidade natal. Casou-se e adotou uma filha nos primeiros anos do casamento e, posteriormente, teve mais um filho. Trabalhou como doméstica e como catadora de lixo às margens do lixão. Depois de três anos de luta, conseguir se aposentar, por invalidez. Hoje, sofre com artrose, diabetes e problemas de pressão arterial. Graças à aposentadoria, é capaz de sustentar o filho e a nora, que se encontram desempregados. Dona Francisca é uma senhora católica, vai à missa regularmente e participa de eventos sociais e viagens organizados pela igreja. É muito organizada e diligente nas tarefas escolares, sempre chega meia hora antes de a aula começar.

Dona Coração Solitário – 70 anos

Nasceu em Araripina, Pernambuco. É mãe de seis filhos. Uma senhora de estatura baixa, morena, cabelos tingidos pretos, olhos expressivos e sorriso constante. Extremamente comunicativa e ativa. Desenvolve atividades junto ao COSE, no acompanhamento de idosos, de crianças e de adolescentes. Realiza, também, oficinas de trabalhos manuais voltados para idosos da Estrutural e do Riacho Fundo. É religiosa e gosta muito de fazer crochê. Já passou por 15 cirurgias e tem crises de sinusite e de asma regularmente. Além disso, apresenta um inchaço constante nas articulações resultantes de artrose e de reumatismo. Participou assiduamente das aulas, fazendo as atividades junto com a turma. Motiva os colegas a não desistirem de suas metas e sempre tem uma palavra de encorajamento para quem precisa.

Dona Beija-flor – 81 anos

Nasceu no Maranhão. Uma senhora negra, grisalha e evangélica praticante. Encontra-se matriculada em uma escola pública e cursando a primeira série do ensino fundamental no período noturno. Mulher de poucas palavras, sempre alegre e positiva em suas atitudes, fala baixo e é muito educada com os colegas. É notoriamente preocupada com o que fala, está sempre monitorando sua fala. Ocupa uma posição de orientadora de jovens na igreja e quer muito aprender a ler e escrever. Ficou viúva três vezes, sendo a primeira vez aos vinte anos de idade. Hoje, vive com o esposo e filhos. Tem seis irmãos homens e é filha única. Em razão do seu esforço pessoal, prontificou-se a participar do programa Soletrando do DF, representando a nossa turma. O evento ocorreu no próprio COSE e agregou crianças, adolescentes e idosos

da comunidade. Dona Beija-flôr passou na primeira fase do programa. Infelizmente, não participou das fases subsequentes por falta de aviso dos organizadores do evento.

Dona Vani - 64 anos

Nasceu em um vilarejo perto de Alvorada do Norte, chamado Fazenda da Pindaíba, Goiás. É morena, alegre, esforçada e muito solidária com amigos e vizinhos. Teve dezenove irmãos. Doze por parte do pai e sete por parte da mãe. Perdeu a mãe 24 horas depois do parto e foi criada pela madrinha. Quando completou oito anos, a mãe de criação morreu. É viúva há sete anos. Não conseguiu ainda se aposentar, porque não possui tempo de contribuição. Irá aposentar-se após os 65 anos. Sua fonte de renda vem do trabalho temporário, que conseguiu em uma firma na Estrutural. Cadastrou-se no programa Bolsa Família, mas declarou ter tido problemas para receber a contribuição e buscou o auxílio de um advogado para tentar resolver o problema. Ficou afastada por alguns meses das aulas em razão da cirurgia de cataratas. Tem distúrbios de processamento da visão, segundo ela, tem fortes dores de cabeça e convulsões esporadicamente.

Dona Marlene - 78 anos

Nasceu em São Mateus, Espírito Santo. Uma senhora aposentada, sóbria, esbelta e sempre elegante, fala baixinho e é de poucas palavras. Além disso, é tímida, reticente e tem baixa autoestima. Não acredita que pode superar os obstáculos que a vida lhe impõe e não tem grandes ambições nessa altura da vida. Teve cinco irmãos. Três já morreram. Como ficou viúva há dois anos, se sente sem referências, sozinha no mundo. Esse sentimento de solidão e de não pertencimento pode ser percebido vez ou outra em seu olhar. O falecido esposo era portador de Alzheimer e isso a preocupa também, sempre reclama do esquecimento e sua incapacidade em reter informações. Perdeu muitas aulas em razão de uma cirurgia mal sucedida de cataratas. Se sente incapaz de aprender, e conta com o apoio motivacional dos colegas para não desistir.

Dona Jovina - 64 anos

Nasceu em Serra Grande no Ceará, no Município de São Benedito. Estatura baixa, morena, cabelos tingidos pretos. Tem tido problemas de vista desde a infância. Consegue

enxergar muito pouco. Quando fixa as vistas por muito tempo, é acometida por fortes dores de cabeça. Teve dezesseis irmãos e cinco irmãs. Doze faleceram. Ela se casou e teve cinco filhas e tem cinco bisnetos. Não conseguiu se aposentar e vive do aluguel de um barracão. Dona Jovina é muito comunicativa, organizada e diligente nas tarefas escolares. Sempre bem humorada e participativa em sala de aula. Ficou um tempo afastada das aulas porque tentou abrir um loja de roupas com a filha. Tão logo a loja fechou, retornou às aulas.

1.2 UM PANORAMA DA VILA ESTRUTURAL

Muitos desses idosos migraram para a Capital Federal, em sua fase de construção, em busca do sonho de melhorar a qualidade de vida da família. Desiludidos, passaram a ocupar áreas afastadas do centro urbano, como aterros sanitários, regiões acidentadas, sem saneamento básico, às margens de rios poluídos. Uma dessas regiões foi a Vila Estrutural, conforme ilustra a Imagem 2.

Imagem 2 – Mapa aéreo da Vila Estrutural



Fonte: Digital Globe (2013)

Localizada às margens da DF-095, com área de 154 hectares, a Vila Estrutural, local onde residem os colaboradores desta pesquisa, é considerada uma das regiões mais críticas do Distrito Federal (DF) por suas condições socioambientais. Nasceu a partir do aterro sanitário que abrigava o lixo oriundo da Capital Federal, Brasília, inclusive os dejetos da sua própria construção, nos anos 1950. Tem como limite urbano o Parque Nacional de Brasília e o Córrego Cabeceira do Valo, o que se tornou preocupação entre os ambientalistas e estudiosos

sobre os impactos na região. Vale ressaltar que desde o início, seus moradores “resistiram às ações do Poder Público que insistiu, em diversos momentos, em remover e deslocar famílias dessa área para outras localidades” (TATAGIBA; SILVA, 2013, p. 137).

A cidade surge por meio de interesses eleitoreiros, com ocupação inicial de trinta famílias que trabalhavam no aterro sanitário, popularmente chamado de “Lixão da Estrutural”. Essa região, em 1960, ficou conhecida por “Invasão da Estrutural”. A população cresceu rapidamente nos anos 90, passando a casa de 3 mil famílias, coincidindo com o segundo mandato de Joaquim Roriz, que distribuía lotes nessa região insalubre cujas habitações eram construídas com lonas e madeirite, criando um cenário caótico e desordenado, desprovido de infraestrutura. Ainda, nos anos 90, os moradores começaram a chamá-la de “Vila Estrutural”. Após receber o título de Região Administrativa XXV do Distrito Federal, por meio da Lei nº 3.315 de 27 de janeiro de 2004, passa a ser chamada de Cidade Estrutural (LESSA, 2014), como ilustra a Imagem 3, fotografia tirada de uma região central da vila.

Imagem 3 – Centro comercial da Vila Estrutural



Fonte: Google Imagens (2013)

Hoje, a Cidade Estrutural conta com uma população de aproximadamente 39,015 mil pessoas, segundo a Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN, 2015). Do ponto de vista socioeconômico, a informalidade do trabalho constitui a base da economia local, com destaque aos pequenos comércios, mercadinhos, lojas de roupas, calçados, farmácias, entre outros. Há três escolas de nível fundamental, dois jardins de infância e um curso de educação de jovens e adultos. A Cidade Estrutural não tem hospital, possui apenas dois postos de saúde para atendimento básico da comunidade local. Há aproximadamente duzentas igrejas na região, sendo a maioria evangélica (MELLO, 2011).

Na região, há uma área de Assistência Social com um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) que atende a população de baixa renda. Mais recentemente, tem-se notado a implementação de equipamentos e serviços de urbanização e apoio à comunidade (MELLO, 2011), como um posto da Polícia Civil e um da Polícia Militar.

O COSE, local onde se deu os encontros do grupo desta pesquisa, é mais um exemplo desses serviços de apoio à comunidade. O centro atua basicamente com o atendimento de crianças, adolescentes e adultos, oferecendo alternativas artísticas e educativas como meio de transformação social, além de ser um espaço importante de convivência comunitária e capacitação de profissional para os moradores. O trabalho com idosos é ainda bem restrito e depende de sensibilidade política dos dirigentes do centro.

Do ponto de vista demográfico, uma pesquisa realizada pela CODEPLAN, intitulado “Demografia em foco: perfil da população de baixa renda do DF”, mostrou que a população idosa da Estrutural é constituída por 83,3% de pessoas entre 60 e 70 anos de idade, 5,6% de pessoas entre 71 e 80 anos de idade e 11,1% de pessoas com mais de 80 anos de idade. Dessa população, 57% são mulheres e 43% homens, sendo 22,6% branca, 33,3% negra e 44,5% parda/mulata (CODEPLAN, 2010).

Ainda, baseado no estudo, é possível identificar os períodos migratórios da Vila Estrutural. Nota-se que 38,9% da população chegou à região entre 1961-1970, 16,7 entre 1971-1980, 11,1% entre 1981-1990 e 33,3% entre 1991-2000. O estudo também apresenta dados sobre a escolaridade: 33,3% da população idosa não é alfabetizada, 22,2% sabe ler e escrever, 27,8% possui o fundamental incompleto e 5,6% tem o fundamental completo. Do ponto de vista econômico, a renda domiciliar varia entre R\$587,00 – R\$1021,00. Observa-se, ainda, que 40,5 % da população recebe entre 1 e 2 salários mínimos. Sublinha-se o fato de que 25% da população idosa tem renda familiar na faixa de até meio salário mínimo (CODEPLAN, 2010).

O estudo intitulado “Revelando as condições de vida das pessoas idosas residentes na Vila Estrutural – DF” levantou-se o perfil socioeconômico e epidemiológico por meio de uma pesquisa de campo. Para tanto, foram selecionados vinte entrevistadores responsáveis pela triagem, a qual contou com a visita e a aplicação de questionário nas residências dos idosos. O estudo localizou 654 pessoas idosas e 633 foram entrevistadas (MELLO, 2011).

Algumas categorias foram levantadas no estudo, tais como a participação em atividades sociais e culturais, dificuldades em acessar serviços e programas, o modo como concebem a velhice, principais necessidades dos idosos, questões relacionadas à violência e à participação social. Os resultados sobre a participação social merecem destaque. Dos idosos

entrevistados, 30,35% participa de grupos de oração, 9,23% participa de grupos de hipertensos, 4,90% cuida dos netos, 3,22% de grupo de convivência, 2,6% de grupo de diabetes, 2,10% de atividades físicas, 0,42% de grupo de voluntários, 0,14 de grupos de produção, 1,54 de terapia ocupacional (MELLO, 2011).

O estudo mapeou as preferências dos idosos referentes às atividades culturais. Destaco algumas dessas atividades: 84% assistem televisão, 72% não leem revistas ou jornais, 67,10% andam pelo bairro, 61,50% fazem visitas aos amigos na Estrutural, 63,30% vão à igreja habitualmente. Desse modo, observa-se que os idosos desempenham atividades mais voltadas às relações sociais intrafamiliares, visitas a amigos e participação em grupos de oração (MELLO, 2011).

Nesse contexto de situação, ocorreram as oficinas de alfabetização e os eventos de letramento, que serão tratados a seguir.

1.2.1 Eventos de letramento como prática social

Refletir sobre abordagens de ensino voltadas para idosos em situação de risco requer examinar o uso da escrita/leitura nas práticas sociais em que estão inseridos. Significa, a rigor, compreender em que medida a aquisição da escrita pode contribuir com o fortalecimento de identidades e o resgate de cidadania de um grupo duplamente excluído: social e economicamente (SILVA, 2001b). Para tanto, dois processos imbricados constituíram nossa prática pedagógica: alfabetização e letramento. A alfabetização, aqui, concebida como a apropriação do sistema da escrita, que se deu por meio de oficinas sistematizadas com atividades de leitura e escrita, junto ao COSE. Já o letramento, referiu-se aos usos sociais da escrita. Nossos colaboradores ao circularem em seus espaços sociais, no centro da Vila, no posto de saúde, no mercadinho são constantemente defrontados com os usos da sociais da escrita (SOARES, 2004).

Nesse sentido, adotamos a concepção de eventos de letramentos que toma a linguagem como prática social e, portanto, se alinha aos pilares teóricos da ADC (RIOS, 2010). Os eventos de letramentos são modos de examinar as formas e funções da linguagem oral e escrita, ou seja, qualquer ocasião na qual o discurso é integral para a natureza da ação dos participantes e seus processos interpretativos (BARTON; HAMILTON, 2000; HEATH, 1982). Trata-se, de fato, de um processo mais amplo que compreende todo e qualquer contato que as pessoas tenham tido com a leitura e a escrita no curso da vida social, ou seja uma

atividade concreta, a saber, tentar compreender uma reportagem, ler um mapa, ler e entender um texto bíblico, uma aula, até ouvir e contar histórias de vida.

No que concerne às práticas de letramento, tem-se um nível mais amplo de abstração, “[...] referindo-se a comportamentos e conceituações relacionadas ao uso da leitura e/ou escrita”, ou seja, modos culturais gerais de utilização do letramento aos quais as pessoas recorrem num evento letrado (STREET, 2014, p. 174). Desse modo, as práticas de letramento possibilitam ampliar e detalhar a análise e a interpretação tanto das práticas sociais que envolvem a linguagem escrita, linguagem oral e outras semioses, assim como as concepções de escrita e leitura predominantes em determinado grupo social.

Em se tratando dos colaboradores desta pesquisa, um ponto de partida foi a realização de oficinas em que os idosos puderam compartilhar suas histórias, seus causos e seus anseios. Por meio da oralidade, o grupo pôde ter acesso às representações sobre o mundo que os cerca e suas ideologias, bem como a chance de refletir sobre os caminhos a serem traçados para sua própria inclusão. Vale sublinhar que nem sempre a oralidade encontra espaço merecido no meio educacional. Observa-se a manutenção de um hiato entre oralidade e escrita, execrando as práticas discursivas não acadêmicas e não canônicas, o que impede nós educadores de ouvirmos a verdadeira voz dos grupos de alunos, sua diversidade, seus matizes (TFOUNI, 2006).

Um possível desdobramento de práticas de letramentos mediados por debate e reflexão é a busca pelo engajamento em leituras mais críticas do mundo. A criticidade está ligada à descoberta da conexão entre o texto (oral e escrito) e o contexto do texto, e como articular tal descoberta com o cidadão leitor (FREIRE, 1987). Apropriar-se do conhecimento por meio da leitura de textos não é uma tarefa fácil. Exige um esforço individual e coletivo, que implica, a rigor, entrar em conflito com os textos sob análise. Assim, ao colher os frutos das tensões trazidas à tona pela leitura, aliados a possíveis interpretações do texto, como os resultados dos consensos sobre o texto, a experiência se constrói para além da codificação (ROMÃO; RODRIGUES, 2011). No contexto ora investigado, tornou-se, pois, mister a adoção de uma concepção de linguagem interacionista /discursiva que reconhece no texto o ponto de encontro e de dispersão das diversas habilidades que conduzem para a construção de identidades, como sugere Coroa (2001) .

Além disso, vale ressaltar que a escrita mobiliza representações simbólicas por meio de estratégias de caráter ideológico, flagrada na tessitura do texto, que servem para estabelecer e sustentar as relações de dominação (THOMPSON, 1995). Aqueles que, por um lado, não têm acesso aos domínios da escrita, se veem alijados da possibilidade de exercer

plenamente sua cidadania, como é o caso do excerto colhido em Silva (2001b), de Seu Roberval, 62 anos, que diz: “*Eu acho que a gente oiá qualqué jornal, qualqué uma coisa a gente tê vontade de lê e num lê, ontõ é cego, né?*” A metáfora da cegueira representa o modo como se sentem quando se deparam com o mundo letrado.

Por outro lado, a linguagem pode ser usada para escamotear verdades e o “[...] quadro de referências dado como implícito constitui verdadeiro filtro de informação”: estas disponíveis somente àqueles já iniciados nos processos de escolarização (GNERRE, 1998, p. 21). A linguagem dos jornais, por exemplo, é direcionada aos poucos membros do estrato social, eleitos para a manutenção das forças hegemônicas do saber formal.

No contexto de situação deste estudo, a compreensão das práticas sociais, nas quais os idosos circulam, permitiu-me observar os tipos de letramento que desses círculos emanam. Perscrutar suas expectativas e demandas do grupo, do ponto de vista da leitura e da escrita, tornou-se exequível o desenho de uma *praxis* com vistas aos processos de inclusão social e fortalecimento de suas identidades. Durante os eventos de letramento, muitas histórias de vida foram contadas. A esse respeito, trato no próximo item.

1.2.2 Histórias de vida

Durante os inúmeros encontros com o grupo de pesquisa, escutei muitos “causos”, situações do dia a dia e, de modo especial, histórias de vida (narrativas). As histórias de vida são as maneiras de compartilhar com os outros aquilo que somos e como nos tornamos o que somos. Com isso em mente, selecionamos episódios, escolhemos palavras, modos de falar e narramos aos outros o que devem saber sobre nós e como queremos ser identificados. Ainda, a depender da audiência, a cada história contada, o narrador pode se apresentar de modo diferente (LINDE, 1993). Desse modo, a alteridade exerce um papel importante no mundo narrado, assim como na construção das identidades.

O ato de contar histórias é constituído por um narrador que geralmente usa a primeira pessoa do singular para falar dos eventos a partir de si. Além disso, aspectos da personalidade e a singularidade de nossas experiências de vida fornecem elementos contextuais imprescindíveis para a compreensão da história de vida narrada. Nessa perspectiva, nossas vidas não se desenrolam isoladas. Na verdade, elas são entrelaçadas na vida de outras pessoas, assim também são nossas histórias. Nossas histórias se cruzam, se interceptam, se distanciam, se repelem. Visto por esse ângulo, as histórias de vida permitem-nos explorar significados subjetivos de grande complexidade e extrair interpretações de como as pessoas constroem os

sentidos do *self* e do mundo (SCHIFF; NOY, 2006). A seguir, apresento, de forma breve, alguns dados sobre os idosos no contexto da Capital Federal.

1.3 IDOSOS NO DISTRITO FEDERAL

Mediante o primeiro estudo elaborado pela Diretoria de Estudos e Políticas Sociais, núcleo da CODEPLAN, com base no censo de 2010, divulgado em setembro de 2012, a população de idosos (pessoas de 60 anos e mais) no DF equivale a aproximadamente 326 mil pessoas, que representa 12,8% da população total. Em termos relativos, essa população está mais concentrada nas regiões administrativas mais consolidadas, com maior renda, como Lago Sul (30,1%), Plano Piloto (21,9%) Lago Norte (19,8%). Embora as regiões de Águas Claras 10,5%, Sudoeste 11,9% apresentem alta renda familiar, o número de idosos é reduzido nessas regiões. O Gama (18,5%) e Taguatinga (18,3%) apresentam renda inferior em relação às demais regiões administrativas. No entanto, possuem grande expressão quanto à sua população idosa.

A idade média dos idosos no DF é de 69,47 anos. Contudo, a faixa etária que concentra a maior quantidade de idosos no DF é a de 60 a 64 anos, constituindo 31,9% da população idosa, seguida da faixa de 65 a 69 anos, com 24,4% e de 70 a 74 anos, com o percentual de 19,4%. Os idosos com idade entre 75 e 79 anos compreendem 12,0% do total e aqueles com idade igual ou maior que 80 anos totalizam um percentual de 12,2%.

Do ponto de vista de gênero, de um total de 326 mil idosos residentes no DF em 2011, 56,0% são mulheres e 44,0% homens. Essa proporção reflete o fato de que as mulheres vivem mais do que os homens. Esse quadro demográfico espelha as 30 regiões administrativas do DF, no qual em 26 das regiões que compõe o DF, o número de mulheres supera o número de homens. Vejamos, a seguir, algumas anotações sobre os idosos no Brasil.

1.4 IDOSOS NO BRASIL

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a faixa etária que mais cresce no Brasil é a de idosos. Os dados oriundos do último Censo-2010 revelam que temos 23,5 milhões de pessoas acima de 60 anos de idade. Estima-se que, nos próximos dez anos, o número de idosos passará a casa de 30 milhões e irá representar 13,7% da população brasileira, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015).

Uma das razões para essa expressividade demográfica são as baixas taxas de fecundidade e o aumento da longevidade. O aumento da longevidade é de fato uma conquista social, decorrente dos avanços no campo da medicina, redução das taxas de mortalidade infantil e a cobertura mais ampla dos serviços de saúde. No entanto, esse cenário traz alguns desafios para o Estado, principalmente no que concerne à responsabilidade em responder às demandas sociais dessa faixa etária, por meio de políticas públicas para o enfretamento do envelhecimento da população. Para nomear alguns dos desafios, temos as questões referentes à saúde e à previdência. Desse modo, tona-se imperioso lutar para a manutenção e a implementação das leis e das políticas públicas que visam a garantir tais direitos. Assim, teço, na sequência, algumas considerações sobre essas leis, partindo das constituições brasileiras até o Estatuto do Idoso.

1.5 DAS CONSTITUIÇÕES FEDERATIVAS AO ESTATUTO DO IDOSO

A pessoa idosa só é representada em nível constitucional, na Constituição da República dos Estados do Brasil, de 16 de julho de 1934. Na Constituição de 1937, seus direitos são mantidos, especificamente no que se refere à ordem econômica e social, ou seja, o Direito Previdenciário. Os direitos sociais da pessoa idosa só recebem a devida representação na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, conhecida como a Constituição Cidadã, a qual surge num momento no qual a sociedade se mobiliza na luta pela redemocratização do país.

A sociedade civil brasileira foi reprimida por mais de vinte anos pela ditadura militar. Em razão dessa opressão, houve muita discussão, resistência e luta pela redemocratização da nação e a consolidação dos anseios populares, em busca da liberdade, da cidadania e da justiça social. A materialização dessa luta foi a promulgação da Constituição Federal do Brasil de 1988. Vista pela ótica da pessoa idosa, é inegável o seu importante papel para garantir a dignidade do idoso como pessoa humana, dignidade essa que deve ser preservada em todas as fases da vida, por se tratar de “[...] condição a que todo o indivíduo, salvo vicissitudes que interrompam o fluxo contínuo de sua vida, irá alcançar em algum dia” (SANTIN, 2008, p. 8).

A partir de Constituição Federal do Brasil de 1988, o primeiro avanço sócio-jurídico foi a aprovação da Lei nº 8842 em 1984, que institui a Política Nacional do Idoso. Decorrente dessa aprovação e em razão da pressão e da mobilização dos movimentos sociais dos idosos, formou-se uma comissão especial, na Câmara dos Deputados em julho de 2001, para apreciar

projetos de lei que visavam garantir os direitos dos idosos. Com o objetivo de elaborar uma proposta única, criou-se o Seminário sobre o Estatuto do Idoso, reunindo representantes das cinco regiões do país, entidades governamentais e não governamentais, nacionais, regionais e municipais. Nesse contexto de lutas, foi aprovado pela Lei nº 10.741, 2 de outubro de 2003, o Estatuto do Idoso para garantir os direitos sociais das pessoas acima de sessenta anos de idade, ratificando o patamar estabelecido pela Organização das Nações Unidas (ONU) em sua Declaração sobre o Envelhecimento em 1982 em Viena.

1.6 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ENCONTROS INTERNACIONAIS E SEUS DESDOBRAMENTOS

A ONU declarou a ‘Era do Envelhecimento’ o período entre 1975 e 2025, em virtude de uma expansão demográfica, compreendida pelo aumento da expectativa de vida do homem e pela queda da taxa de natalidade. A previsão dos demógrafos é que em 2020, teremos 1.2 bilhão de idosos no mundo, sendo 34 milhões de brasileiros acima de sessenta anos de idade. Com isso, o Brasil será a sexta população mais idosa do mundo. Em razão desses desafios de âmbito mundial, elaborou-se o Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento (PAIE), com 62 recomendações, com o objetivo de garantir a segurança econômica e social das pessoas idosas (UNITED NATIONS, 1983). Em 1991, criaram-se os Princípios das Nações Unidas para as Pessoas Idosas, alinhados às normas estabelecidas pelo PAIE, assim como às resoluções da Organização Internacional do Trabalho e à Organização Mundial de Saúde (OMS), que encorajava os governos a incorporar os princípios em seus programas nacionais (UNITED NATIONS, 1991).

Em 1992, a Assembleia Geral aprovou a Declaração sobre o Envelhecimento (UNITED NATIONS, 1992). O documento chama a atenção da comunidade mundial para a urgência em promover a implementação do Plano Internacional de Ação sobre o Envelhecimento e disseminar os Princípios das Nações Unidas para Pessoas idosas. Instaurou-se a data para a celebração do dia Internacional do Idoso – 1º de Outubro (UNITED NATIONS, 1990).

Em 2002, Madri/Espanha, sediou a Segunda Assembleia Mundial das Nações Unidas sobre o Envelhecimento. Durante o evento, respostas aos desafios do envelhecimento da população no século XXI foram formuladas, tendo como lema: ‘sociedade para todas as idades’. Concomitantemente, a assembleia aprovou a Política e o Plano de Ação Internacional de Madri - 2002, que obriga os governos a agirem para enfrentar os desafios postos pelo

envelhecimento da população, a partir de 117 recomendações que envolvem três eixos principais: as pessoas idosas e o desenvolvimento; promoção da saúde e bem-estar na velhice; e a garantia de um ambiente propício e favorável para moradia (UNITED NATIONS, 2002). Diante desse quadro de diretrizes e convenções internacionais sobre a pessoa idosa, apresento, a seguir, algumas considerações sobre o envelhecimento.

1.7 UM BREVE ENSAIO SOBRE O ENVELHECIMENTO

A temática da velhice é complexa. Pode ser vista por diferentes prismas e cada olhar atribui a ela sentidos diversos. Por um lado, pode ser concebida como um processo biológico humano que atinge nossas dimensões físicas, sociais, mentais e espirituais. Ou como um conjunto de modificações fisiomórficas e psicológicas ininterruptas à ação do tempo sobre as pessoas. Para Matsudo (1995), trata-se de uma série de processos, pelos quais passam os seres vivos e que, com o tempo, perdem-se gradativamente a adaptabilidade e a capacidade funcional, caminhando eventualmente para morte, colhido em Safons (1999). Tais percepções evocam um ponto de vista biológico sobre a velhice.

Por outro lado, Le Breton (2011) reconhece o caráter social da velhice e sublinha o estigma socialmente construído sobre ela. Para o referido autor, a velhice, no senso comum, está reduzida ao corpo. O velho é objeto do corpo. A singularidade, a subjetividade, a qualidade humana na velhice são apagadas sob o estereótipo do corpo danificado, do corpo fragilizado, do corpo que precisa de cuidados. O velho não é visto pela sua história, pela experiência vivida. Sua função social deixou de existir.

Nessa perspectiva, trago as palavras de Loureiro (1999, p. 15), para quem o envelhecimento é um processo inexorável para todos os seres vivos ainda vivos, mas o homem, espécie, e não gênero, mesmo sabendo-se da finitude, imagina-se imortal e portador de eterna juventude: “[...] quem envelhece, ou já envelheceu, é o outro, não eu”. Estranha-se ver alguém envelhecido, exibindo as marcas do tempo. O que o espelho denuncia cruelmente, não merece atenção. A melhor alternativa é iludir-se, trocar o espelho. Há de se ponderar sobre a negação da velhice, que traz à tona reflexões interessantes. A primeira delas refere-se ao fato de o idoso não se enxergar como tal e, portanto, não se identificar com as representações existentes. A segunda remete-nos ao fato de o idoso construir uma nova forma de se identificar, contrapondo as percepções que se tem no imaginário coletivo da pessoa idosa.

Quem é de fato idoso? Quando a pessoa passa a ser idosa? Por se tratar de posicionamentos e conceitos relativos e difusos, a ONU estabelece uma classificação cronológica e propõe uma divisão dos idosos em três grupos distintos: pré-idosos (pessoas entre 55 e 64 anos); idosos jovens (pessoas entre 65 e 79 anos) e idosos de idade avançada (pessoas a partir de 80 anos). Para a orientação a esse respeito, o Estatuto do Idoso, busca fundamentação na determinação da OMS e considera idoso aquele com idade igual ou superior a sessenta anos de idade. Obviamente, o próprio fator cronológico não pode ser um marcador preciso para as alterações que acompanham a velhice. Torna-se impar considerar o contexto, visto que ele pode exercer considerável influência nas condições de saúde, participação social e autonomia da pessoa idosa (BARRETO, 1999).

Ao idoso tem-se atribuído uma profusão de nomes e cada um carrega uma carga semântica distinta. Problematizar tais termos parece ser relevante, pelo meu interesse no exame de identidades sociais de pessoas idosas. Destaco aqui os termos mais recorrentes nos dados etnográficos, são eles, terceira idade, idoso e velho. A categoria “terceira idade” foi criada pelo gerontologista francês Huet (1962 apud ZACHARIAS, [S.d.]), em razão da introdução de uma política de integração social, auxiliando a consolidar transformações da concepção que se tinha da velhice. Desse modo, a velhice antes entendida como decadência física, invalidez, passa a significar etapa propícia à realização pessoal, à criação de novos hábitos e ao cultivo de laços afetivos (SILVA, 2008).

A denominação “idoso” era restrita aos indivíduos que vinham das camadas mais privilegiadas, geralmente ocupavam cargos políticos ou exerciam uma atividade valorizada socialmente no território francês. A partir dos anos sessenta, assinala Peixoto (1998), os aposentados na França passam a ser mais valorizados do ponto de vista salarial e começam a ser vistos como maior respeito e prestígio. Tal forma de representação chega ao Brasil, no final da década de sessenta, período em que a concepção francesa da velhice é adotada. Com efeito, o termo idoso, a partir de então, passa a ser utilizado nos documentos oficiais.

A categoria “velho” é oriunda de um período em que a força de trabalho no processo de produção era a moeda de troca das classes menos favorecidas. Infelizmente, no imaginário coletivo, essa representação negativa da velhice ainda perdura. O termo “velho” encontra-se na atualidade associado à estagnação, às perdas, ao isolamento, à doença e à incapacidade. É imprescindível desconstruir essa concepção equivocada e propor um discurso fortalecedor, capaz de reverter ideologias cristalizadas na vida social e garantir ao idoso sua dignidade (RODRIGUES; SOARES, 2006).

Abro um parágrafo para apontar, na brevidade deste ensaio, um traço da alma do idoso como um corolário da sua experiência de vida em termos de conduta, atitudes positivas, ainda que possam ser até mesmo consideradas como ingênuas diante de uma sociedade tão complexa, na qual encontramos no contexto de pobreza a pérola da riqueza do gesto amigo. Numa manhã de quarta-feira, em comemoração ao dia do professor, fui agraciado com diversos presentes que encheram meu coração de alegria. Dona Cléria, sabendo da aproximação desta data festiva, foi ao lixão e encontrou livro (O Evangelho Segundo o Espiritismo de Alan Kardec) e uma camisa (poída e sem botões). Lavou-a e acrescentou novos botões. Colocou os presentes numa sacolinha e me presenteou.

Vale ressaltar que sob qualquer ângulo em que se aborde a questão do envelhecimento, deve-se considerar os aspectos históricos, culturais, políticos, econômicos, ideológicos, crenças, preconceitos, estereótipos, sistemas simbólicos que permeiam os modos de vida em sociedade. Pois é a partir desses parâmetros socioculturais que se definem o olhar que a sociedade tem sobre os idosos e sua relação com eles (RODRIGUES; SOARES, 2006). Por fim, ao indagar os idosos desta pesquisa sobre o termo mais adequado à categoria etária, a resposta foi uníssona: idoso, por ser um termo mais mais elegante, segundo seus depoimentos.

Uma vez apresentado o contexto de pesquisa e seus matizes, trago no próximo capítulo os pilares teóricos que serviram de suporte para discutir os dados de natureza etnográfica e assim como os dados de natureza documental.

CAPÍTULO II

APORTES TEÓRICOS: DISCURSO, REPRESENTAÇÃO E IDENTIDADES

Ao ponderar sobre o contexto socio-histórico em que se insere esta pesquisa e a adoção do modelo de análise de discurso crítica textualmente orientada (ADCTO) (FAIRCLOUGH, 2003, 2010), o primeiro quadro que se apresenta é o do envelhecimento, enraizado na pobreza, e a situação de exclusão que sobre ele paira. O quadro constitui um problema social, historicamente constituído, materializado no discurso, passível de ser investigado tanto à luz da exterioridade da linguagem, quanto de sua interioridade. Seguindo esse raciocínio, o capítulo encontra-se dividido em três partes. Na primeira, discuto os conceitos basilares da ADC. Na segunda, apresento apontamentos sobre a LSF e, na terceira, apresento os principais pontos sobre os estudos da narrativa e identidade.

2.1 ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA: A EXTERIORIDADE DA LINGUAGEM

A pesquisa social crítica começa com questionamentos amplos como aqueles propostos pelo Fairclough (2003) em seu ‘Manifesto pela análise de discurso crítica’: “como as sociedades existentes proporcionam possibilidades e recursos abundantes a certos grupos e não a outros? o que é que faz com que essas sociedades produzam pobreza, miséria e insegurança na vida das pessoas?” Quais são as possibilidades linguístico-discursivas de reduzir esses problemas e melhorar a qualidade de vida das pessoas? (FAIRCLOUGH, 2003, p. 202).

Como questões de cunho social são em parte questões discursivas e vice-versa, a agenda da ADC desenha, orienta e modifica o rumo de projetos para responder à questões mais amplas e emergenciais do mundo social (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003). Com a preocupação de sistematizar o material linguístico para pesquisas sociais críticas, a ADC propõe o estudo de textos e eventos em diversas práticas sociais (exterioridade da linguagem) e o profícuo diálogo com a Linguística Sistêmico-Funcional LSF proposta por Halliday (1994), ao oferecer ferramentas teórico-metodológicas para mitigar ou, em situações propícias, eliminar os efeitos maléficos resultantes de processos de assimetria de poder (SILVA, 2013).

Nessa perspectiva, a ADC ancora-se na premissa de que “[...] linguagem é parte irreduzível da vida social, dialeticamente interconectada a outros elementos da vida social”, de

modo que pesquisas sociais críticas devem considerar o papel da linguagem na sociedade (FAIRCLOUGH, 2003, p. 2). Questões sociais como o racismo, a violência urbana, a opressão, a exclusão social de idosos (tema deste estudo) podem ser investigados a partir da ADCTO (textos orais, escritos e outras semioses). O intuito é promover práticas sociais emancipatórias, capazes de desvelar a dissimulação de problemas sociais, perceptíveis em níveis discursivos.

É nas práticas sociais que se situa a ADC, na investigação do “[...] uso da linguagem ancorado em estruturas semióticas e sociais, sem perder de vista a flexibilidade dos eventos comunicativos” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 14). As estruturas sociais (por exemplo, a estrutura econômica) são entidades mais abstratas e referem-se às redes de relações sociais criadas entre os seres humanos quando interagem uns com os outros de acordo com seus status sociais e com os padrões sociais, por exemplo, associações, partidos políticos, “[...] raça, gênero, classe social, parentesco, língua” (MAGALHÃES, 2004, p. 115). As práticas sociais aqui são concebidas como articulações de diferentes tipos de elementos sociais que são associados a áreas particulares da vida social (FAIRCLOUGH, 2003).

Os eventos sociais estão em um nível mais concreto, em que a linguagem se materializa em textos. Os eventos sociais não são diretamente efeitos das estruturas sociais complexas, suas relações são mediadas pelas práticas sociais, que se realizam por meio das ordens de discurso. As ordens de discurso são uma combinação particular dos modos de agir, de representar e de se identificar na e pela linguagem. (RAMALHO; RESENDE, 2011).

Ao examinar o contexto desta pesquisa, pode-se constatar que os colaboradores, dotados de suas historicidades, crenças, representações e ideologias, encontram-se inseridos em uma prática social educacional, voltada para idosos acima de sessenta anos de idade. As oficinas de alfabetização e os eventos de letramentos, as entrevistas narrativas, as histórias contadas nas quartas-feiras são exemplos de eventos sociais. Os textos produzidos pelos colaboradores nesses eventos sociais não são textos isolados, mas ecoam vozes de outros textos, que permitem ao analista identificar

[...]aspectos do contexto de situação (fatos e eventos), tangenciados pelo contexto de cultura (poder, ideologia e formas abstratas de exclusão), ao sondar o papel da linguagem, onde se encontram incrustadas representações sociais que podem ser identificadas [...] assim como em outras formas de semiose, responsáveis também por processos de significação, como parte da construção social (SILVA, 2016, p. 6).

A proposta de estudos da ADCTO objetiva-se aproximar questões sociais com vistas a problematizar os efeitos sociais do discurso, num exame sobre as transformações que vão dos

níveis mais estruturais e abstratos até os níveis mais situados. Não se trata, portanto, de realizar análises puramente linguísticas, mas pretende-se, sobretudo, conduzir análises interdiscursivas, que concebam os textos em termos de discursos, gêneros e estilos, e o modo como se articulam com outras práticas sociais. Em outras palavras, trata-se de uma abordagem que “[...] oscila entre o exame de textos específicos e as ordens de discurso” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 3).

A razão pela qual se estuda os efeitos causais potenciais dos textos como elementos sociais reside no fato de exercerem influência sobre as nossas representações, atitudes, crenças e valores. É inegável o fato de os textos poderem influenciar pessoas e moldar identidades. A profusão de informações veiculadas pelo mais diversos meios midiáticos podem ter um efeito devastador, quando se considera, por exemplo, o poder de influência da televisão na sociedade brasileira. Essa influência foi é perceptível junto aos nossos colaboradores. Em diversas situações, testemunhei o efeito de relatos inverossímeis, tomados como verdade, ora ideologicamente filtrados, ora oriundos de fontes duvidosas.

As identidades, nesse sentido, são construídas discursivamente e se realizam nos textos por meio dos estilos dos atores sociais, esses estilos são as marcas que caracterizam os processos de identificação, além do modo como esses atores se veem e como são vistos pelos outros (FAIRCLOUGH, 2003). Diante disso, pode-se afirmar, então, que a identidade é relacional e para existir é necessário algo que seja extrínseco a ela, uma vez que a identidade se distingue daquilo que não é, portanto, marcada pela diferença (WOODWARD, 2012).

Outro conceito de destaque nas pesquisas em ADC refere-se à Ideologia, com base na proposta de Thompson (1995), para quem a concepção de ideologia é inerentemente negativa. As ideologias se manifestam nas formas de agir e de interagir com o outro (gêneros) e de ser (identidades), e em nossas formas de representação de aspectos do mundo. Tal concepção crítica concebe a ideologia como recursos mobilizados pelas formas simbólicas, geralmente escamoteadas na tessitura de textos, que podem operar em favor do interesse de grupos particulares, contribuindo, desse modo, para manutenção das relações de poder, dominação e exploração (THOMPSON, 1995).

A complexidade dos estudos que ocupam a agenda da ADC demanda a busca de suporte científico em outras áreas para investigar fenômenos linguísticos em práticas sociais, reforçando, assim, o seu caráter interdisciplinar (FAIRCLOUGH, 2003). A esse respeito, Fairclough (2010) observa que a ADC não se dedica tão somente a análise do discurso. Abarca a análise das relações dialéticas entre o discurso e outros momentos ou outros objetos pertencentes ao mundo social, assim como a interioridade da linguagem. Como essas relações

atravessam as fronteiras das disciplinas, a ADC torna-se uma forma de análise transdisciplinar. O questionamento norteador da pesquisa procede da assunção que uma só disciplina, ou campo de estudo não contém o que se exige para responder às perguntas de pesquisa, portanto, demanda o diálogo com outras disciplinas.

A partir dessas reflexões, vale ressaltar que o conceito de discurso em ADC adotado nesta pesquisa envolve dois significados: como substantivo abstrato, significa “[...] a linguagem como um elemento irreduzível da vida social, o qual está dialeticamente relacionado a outros elementos”; e como um substantivo mais concreto, ou seja, um modo particular de representar nossa experiência no mundo, conforme já explicitado anteriormente (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 17).

Como bem observa Pardo (2007, p. 13):

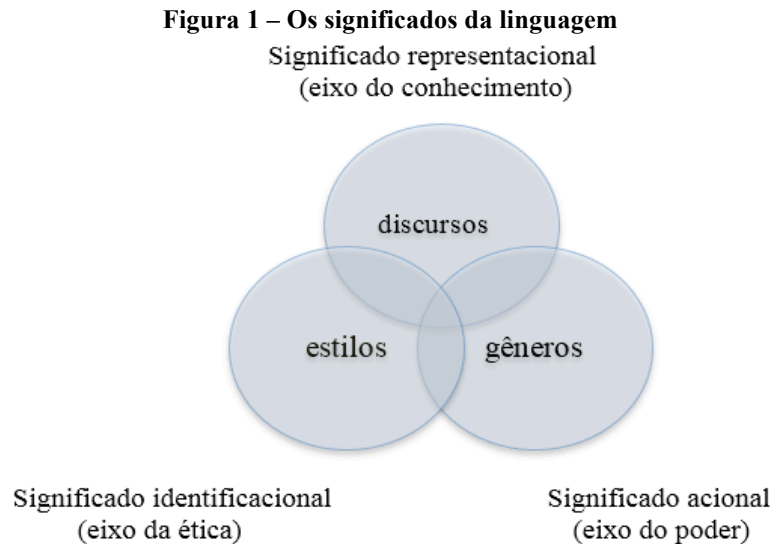
A análise crítica do discurso se tem consolidado como um lugar de interesse para a problematização da ação discursiva como prática social transformadora, constituinte e constitutiva da realidade social. Nessa perspectiva, propor formas de aproximação do discurso implica articular princípios e categorias teóricas provenientes de diversos desdobramentos das ciências sociais e humanas com as técnicas, ferramentas e procedimentos construídos para o enfoque dos objetos de estudo, nos quais se relaciona à teoria com observação, a explicação, a interpretação e a crítica dos fenômenos socioculturais próprios da ação discursiva (PARDO, 2007, p. 13).

Cabe, aqui, ressaltar a importância das categorias teóricas que norteiam a análise dos elementos que situados na dimensão da exterioridade da linguagem – gênero, representação e estilo – e permitem um acercamento às unidades linguísticas – frases, orações, sintagmas nominais e verbais, conforme apresentaremos a seguir.

2.1.1 Os significados da linguagem na análise textualmente orientada

Do ponto de vista dos propósitos analíticos da ADCTO, Fairclough (2003) afirma que nas práticas sociais, o discurso é utilizado numa relação dialética entre o que somos (significado identificacional), o que fazemos (significado acional) e como representamos o mundo em que vivemos (significado representacional). Além disso, o referido autor articula os três significados da linguagem aos eixos de conhecimento propostos por Foucault (1994). O significado representacional relaciona-se ao eixo do conhecimento, ou seja, refere-se ao ato de ter controle sobre as coisas do mundo. O significado acional relaciona-se ao eixo do poder, isto é, refere-se à relação que temos com os outros e a ação que exercemos sobre os outros. E

o significado identificacional refere-se ao eixo da ética e da moral, isto é, refere-se à relação que o indivíduo tem consigo mesmo. Esses significados podem ser melhor visualizados na Figura 1.



Fonte: Adaptado de Resende e Ramalho (2006, p. 43)

2.1.2 Significado acional

O significado acional está ligado à concepção de gênero. Definidos como modos de agir discursivamente, os gêneros surgem e operam em nosso seio social como formas de controle social, político, ideológico e até mesmo como forma de exercício de poder (FAIRCLOUGH, 2003; MARCUSCHI, 2003). Os gêneros podem variar em seu grau de estabilização, fixidez e homogeneização. Por um lado, alguns gêneros são tão bem definidos que se ritualizam, e, por outro lado, estão em constante movimento. A análise de gêneros, desse modo, deve abarcar análise de gêneros individuais, das cadeias genéricas e de gêneros híbridos em textos.

Desde que nos constituímos como seres sociais, achamo-nos envolvidos numa rede sócio-discursiva, em que os gêneros são aprendidos no curso de nossas vidas (BAKHTIN, c1953). Marcuschi (2003) afirma que os gêneros são um estoque de conhecimentos diários sobre normatividade e reputação social da atividade comunicativa, prescritos e por eles moldados. Tal conhecimento possibilita-nos agir adequadamente para atingir nossos propósitos comunicativos nas práticas sociais. Pode-se ainda afirmar que gêneros são muito mais do que guias neutros para a realização de certas atividades comunicativas, são imbuídos de valores e revestidos de seu caráter ideológico.

Sua realização em práticas sociais pode ocorrer de forma misturada, híbrida e hierarquizada, podendo se diferenciar a depender das atividades envolvidas (o modo de agir), das relações sociais (o modo de se relacionar) e da tecnologia da comunicação (o modo de se comportar em um ambiente sociodiscursivo, por meio do estilo), o que nos remete ao seu caráter interdiscursivo (FAIRCLOUGH, 2003).

Os gêneros podem ser identificados com base em seus níveis de abstração, como elencados decrescentemente: pré-gêneros, gêneros desencaixados e gêneros situados. Os pré-gêneros contemplam os casos de alto nível de abstração, como a narrativa, o diálogo, a descrição; já os gêneros desencaixados são considerados como menos abstratos, transcendem os limites temporais e espaciais, e são deslocados do contexto situacional pelas vias de reprodução tecnológica, como as entrevistas políticas; e os gêneros situados são aqueles específicos a redes de práticas particulares, tais como a entrevista etnográfica, carta pessoal, as leis, os estatutos (FAIRCLOUGH, 2003).

Os gêneros discursivos analisados nesta pesquisa constituem gêneros situados: Em primeiro lugar, as histórias de vida (ver capítulo 4), caracterizadas pela estabilização como gênero textual, graças à maneira como a nossa sociedade reconhece o ato de contar histórias. Em segundo lugar, os gêneros situados: o Estatuto do Idoso (ver capítulo 5). Como afirma Marcuschi (2003), os gêneros não são guias neutros a suprir nossos anseios comunicativos, mas imbuídos de valores e revestidos de caráter ideológico, desse modo, constituem-se como uma ferramenta fértil para os estudos críticos. O significado representacional será tratado a seguir.

2.1.3 Significado representacional: da inclusão à exclusão de atores sociais

Os discursos constituem uma forma de representar o mundo, por meio dos aspectos do mundo físico (processos, relações e estruturas do mundo material, e parâmetros espaciais e temporais) do mundo mental e do social. Portanto, as visões de mundo estão associadas às relações que as pessoas têm com os outros e com o mundo, baseado em suas identidades sociais e pessoais. Nessa perspectiva, o discurso constitui parte dos recursos que as pessoas usam para se relacionar com outros (FAIRCLOUGH, 2003). Vale ressaltar que as representações nem sempre são fidedignas ao mundo como ele é, mas podem ser projetadas, imaginárias, apontando para direções distintas e particulares.

Em relação à análise do significado representacional, o exame detido de textos pode revelar estruturas linguísticas que servem para legitimar o discurso, a partir, por exemplo, de

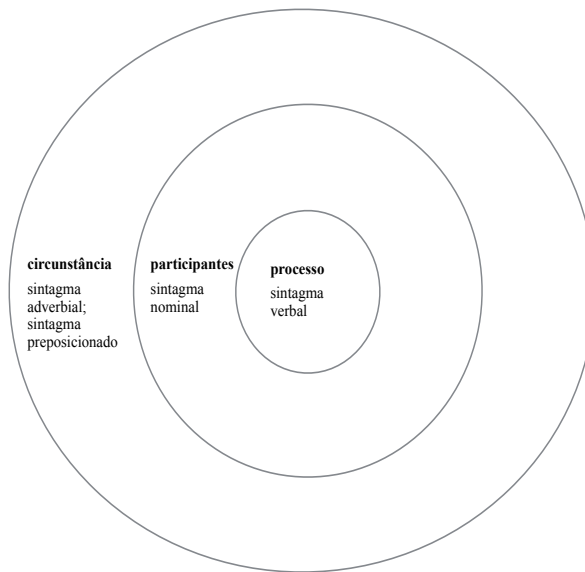
termos recorrentes. Isso implica avaliar o grau de repetição que se quer tornar “padrão”, veiculado como uma verdade (FAIRCLOUGH, 2003). Ainda, cabe mencionar que os níveis de abstração das representações podem também ser encontrados na tessitura dos textos, revelando aspectos do contexto de cultura.

Além de identificar as áreas da vida social que são representadas no discurso, pode-se enxergar o ângulo particular do qual os textos são representados. Como os discursos são distintos pelos modos de representação e pela relação com outros elementos sociais, o analista do discurso pode detectar as formas de representação pelas estruturas linguístico-discursivas realizadas nos textos. Os traços mais óbvios são os lexicais, pois os “[...] discursos lexicalizam o mundo de forma particular” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 129). No entanto, assinala o autor, o mais produtivo é focar como diferentes discursos estruturam o mundo de forma diferente, com atenção voltada ao campo semântico-discursivo.

As metáforas também são recursos disponíveis no repertório linguístico para produzir diferentes formas de representação do mundo. O que é representado metaforicamente pode causar efeitos tanto nas ações (processos) quanto nos participantes (FAIRCLOUGH, 2003). A título de exemplo, temos as nominalizações que se realizam em língua portuguesa por substantivos ou sintagmas nominais, sua escolha envolve a perda de certos elementos caso haja uma substituição por pronomes ou por processos. Tais recursos são comumente usados para generalizar, subtrair ou suprimir elementos no discurso.

Além disso, os textos podem ser examinados por meio dos elementos que são incluídos, excluídos ou elementos que são colocados em destaque na construção da oração (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014; VAN LEEUWEN, 2008). Uma rápida consulta aos jornais locais pode trazer confirmações quanto aos processos de inclusão e exclusão de termos. Nas manchetes, elementos suprimidos ou adicionados com vistas a escamotear verdades e produzir efeitos para beneficiar grupos particulares.

Fairclough (2003) recorre aos subsídios teóricos da LSF (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) ao propor uma análise da representação a partir da oração, unidade mínima de análise, concebida a partir de três elementos: processos, participantes e circunstâncias. Os processos se realizam como verbos, os participantes se realizam como substantivos e objetos e objetos indiretos dos verbos, as circunstâncias se realizam como elementos adverbiais. A Figura 2 ilustra os elementos centrais e periféricos da estrutura experiencial da oração.

Figura 2 – Estrutura experiencial da oração

Fonte: Baseado em Halliday e Matthiessen (2014, p. 222)

O exemplo, a seguir, apresenta os constituintes da oração “Nóis trabaiaava no Lixão”, à luz da LSF.

- (01) *Nóis trabaiaava no Lixão*²
- | | | |
|--------------------|--------------------------------|-------------------------------|
| <i>Nóis</i> | <i>trabaiaava</i> | <i>no Lixão</i> |
| <i>Comportante</i> | <i>Processo Comportamental</i> | <i>Circunstância de lugar</i> |

Como podemos observar, o processo comportamental “trabaiaava” foi selecionado pela narradora, demonstrando a atividade a qual estava vinculada não a uma realidade concreta do mundo físico do agir, mas à um determinado tempo de sua vida. O participante principal, ator da oração é “Nóis”. Ao selecioná-lo em vez de “Eu”, observa-se um enfraquecimento da agência, marcada pelo uso de um pronome genérico. A experiência do trabalho é circunstanciada pelo local onde a atividade acontecia “no Lixão”, que evoca traços semânticos do mundo experiencial cognitivo em termos do trabalho compartilhado no espaço de uma comunidade, em que o comportante é um ser social e não individual. Em termos de transitividade, a oração como processo, trata-se não de um processo material, mas, sim, comportamental.

O Quadro 1, a seguir, sumariza os tipos de processos, os tipos de participantes e as circunstâncias, que serão mais detalhados no item 2.2.1.

² Excerto extraído da entrevista do dia 30 de Abril de 2014 - Dona Bastiana.

Quadro 1 – Representação por processos, participantes e circunstâncias

Tipo de Processo	Participantes	Circunstâncias
Material	Ator, afetado	Tempo, lugar, propósito, razão, modo, Meio
Verbal	Ator	
Mental	Experienciador, fenômeno	Tempo, lugar, razão
Relacional (1)	Portador, atributo	
Relacional (2)	Característica, valor	
Existencial	Existente	
Comportamental	Comportante	

Baseado em Fairclough (2003, p. 141)

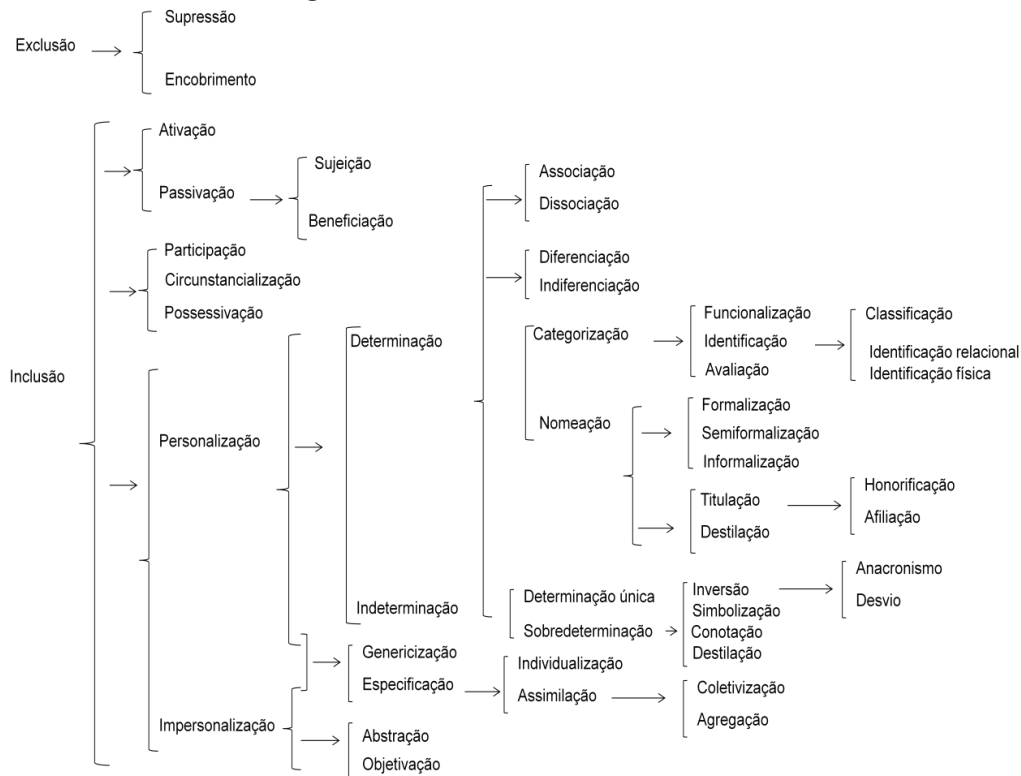
Além das formas de representação aludidas anteriormente, Fairclough (2003) operacionaliza o processo de recontextualização, que ocorre pela a apropriação de elementos de uma prática social deslocando-os para outra, transformando-os de maneira específica, para servir propósitos particulares. Diante disso, “[...] elementos discursivos são seletivamente filtrados, de acordo com os princípios de recontextualização” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 139). Torna-se mister investigar quais elementos são incluídos, enfatizados ou excluídos em textos que circulam nas mais distintas práticas sociais. O grau de concretude ou de abstração nesse processo é influenciado pelo modo como o evento é avaliado, explicado, legitimado. Há algumas categorias relacionadas ao processo, como: presença; abstração, arranjo e adição. No sentido de complementar os subsídios teóricos da categoria da representação, apresento a seguir a representação dos atores sociais.

Os atores sociais geralmente ocupam o papel de participantes em orações, embora possam se realizar nas Circunstâncias. Como bem aponta Fairclough (2003), há escolhas na representação dos processos, ou seja das ações dispensadas em uma dada atividade, assim como na representação de atores sociais. Vale destacar que nem sempre os participantes são atores sociais, como exemplifica Fairclough (2003, p. 145) em: “O carro atropelou Mário e o carro bateu em uma pedra”. Tanto a Mário quanto a pedra são objetos do verbo, ou seja, são participantes, mas somente Mário é ator social”.

Van Leeuwen, baseado nos estudos de Halliday, aplica suas categorias e organiza um inventário socio-semântico das maneiras como os atores sociais podem ser representados. Para tanto, o referido autor propõe a análise de um artigo do jornal *Sidney Morning Herald*, sobre a imigração na Austrália. Na análise, Van Leeuwen, estabelece um critério de

relevância sociológica e crítica para suas categorias e, posteriormente, as relaciona com a linguística. As representações, segundo o autor, “[...] excluem e incluem atores sociais para servir interesses e propósitos para os interlocutores a quem o discurso é direcionado” (VAN LEEUWEN, 2008, p. 41).

Figura 3 – Inclusão e exclusão dos atores sociais



Fonte: Moreira (2015, p. 29)

Para Van Leeuwen (2008), os atores sociais podem ser incluídos ou excluídos, conforme ilustra a Figura 3. A *exclusão*, em alguns casos, pode ser feita de forma inocente, em outros, pode ser intencional e usada como estratégia para incutir medo, insegurança, escamotear fatos sobre um dado evento. A *exclusão* se divide em duas subcategorias: *supressão* e *encobrimento*. Na *supressão* não há referência ao ator social em qualquer lugar no texto. Realiza-se no apagamento do agente da voz passiva; em orações infinitivas, funcionando como participante gramatical; no apagamento de beneficiários; e, por fim, em nominalizações (ASSIS, 2009). Já no *encobrimento*, a exclusão não é tão radical, ela pode não mencionar o ator social em uma dada ação, mas ele pode ser recuperado ou inferido em outro lugar no texto.

A *inclusão* de atores sociais se divide em subcategorias, a saber: *ativação* e *passivação*; *participação*, *circunstanciação* e *possessivação*; *personalização* e *impersonalização*, além de outras subcategorias.

Com o propósito de identificar as representações linguístico-discursivas presentes nos documentos oficiais que visam a proteger os direitos dos idosos, de modo especial o Estatuto do Idoso, algumas das categorias serão utilizadas uma vez que se evidenciaram mais nas análises. Desse modo, tratarei, na sequência, das categorias dos atores sociais que se mostraram relevantes para a pesquisa, como: ativação, passivação, classificação, funcionalização, impersonalização, objetivação, espacialização, com base em Van Leeuwen (2008).

A *ativação* ocorre quando os atores sociais são representados como ativos, ou seja, “[...] como forças dinâmicas em uma atividade” (VAN LEEUWEN, 2008, p. 33). Com relação à participação, podem ser realizados pelos papéis gramaticais de Ator em Processos Materiais, Atributo em Processos Relacionais, Experienciador em Processos Mentais, Dizente em Processos Verbais ou Comportante em Processos Comportamentais.

A *passivação* ocorre quando os atores sociais são representados como os que sofrem a ação ou são colocados na posição de Beneficiário. Com relação à participação na oração, podem ser realizados pelos papéis gramaticais de Meta em Processos Materiais, Portador em Processos Relacionais ou Fenômeno em Processos Mentais.

Vale destacar que os atores sociais, conforme aponta Van Leeuwen (2008), podem ser representados de modo personalizado (*personalização*) por meio de pronomes pessoais, pronomes possessivos, nomes próprios, o que evidencia suas características humanas. A *classificação*, uma subcategoria da *identificação*, se realiza por um substantivo ou grupo nominal, expressando uma categoria a partir da faixa etária ou classe.

Os atores sociais podem também ser representados por *impersonalização*, isto é, por substantivos concretos e abstratos cujos sentidos não incluem traços semânticos humanos. A *objetivação*, por exemplo, é uma subcategoria da *impersonalização* e ocorre quando os atores sociais são representados por meio da referência do lugar ou coisa, associados à pessoa ou à ação em que estão sendo representados. Quando se trata de uma representação por meio de uma referência a um lugar onde o ator social está, em um dado contexto, a ele associado, o referido autor a denomina de ‘*espacialização*’, uma forma de *objetivação*.

2.1.4 Significado identificacional

O significado identificacional está ligado aos estilos, que são aspectos discursivos das maneiras de ser e, desse modo, constituem as identidades. Quem você é está parcialmente

relacionado ao modo como você fala, escreve, constrói-se discursivamente e constrói o outro, aparenta-se, movimenta-se. O processo de identificação é socio-histórico-cultural e dialeticamente construído, no qual discursos são “inculcados nas identidades” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 159). Diante disso, pode-se afirmar que as maneiras de ser estão ligadas aos significados identificacionais e podem se materializar em textos.

Vista por esse ângulo, a identificação é um processo complexo. Uma das razões dessa complexidade reside no fato de as pessoas não serem passivas no meio em que vivem, ao contrário, agem, criam e transformam o mundo ao seu redor. A título de exemplo, quando narram histórias, os idosos posicionam-se como personagens da história, assumem diversos papéis sociais no mundo da história, ora como agentes protagonistas, ora como vítimas. Ao se posicionarem e posicionarem os outros deixam marcas no discurso, que evidenciam aspectos de suas identidades.

Na relação que se estabelece entre textos e os estilos de ser, a atenção deve-se voltar para a efetividade da agência, que depende da natureza do evento, da relação que se tem com as práticas e estruturas sociais e da capacidade do agente. Deve-se questionar até que ponto as pessoas referendam umas as outras e até que ponto há uma simetria e mutualidade entre as pessoas envolvidas em um determinado evento social (FAIRCLOUGH, 2003). Além de uma grande variedade de fatores linguísticos, como a entonação, ritmo, escolha lexical, a linguagem corporal (como trajés, olhares) também se constitui em uma forma de estilo que, por sua vez, constrói identidades.

A *modalidade* e a avaliação também contribuem para a construção das identidades, por exemplo, no que se refere aos valores, a moral veiculada nos textos, assim como a veracidade dos fatos. Refiro-me ao compromisso com o dito, que representa parte significativa daquilo que somos. Assim, a *modalidade* expressa em textos pode ser uma forma de texturizar a autoidentidade. Para Halliday e Matthiessen (2014), a *modalidade* representa o julgamento do autor sobre possibilidades e probabilidades sobre o dito, portanto, ela envolve tanto dúvida, incertezas, vagueza, possibilidade, quanto certezas, permissão, obrigação, necessidade.

Já o comprometimento com o que é desejável ou indesejável, bom ou ruim refere-se ao campo da *avaliação*, pela ótica da LSF. Sua ocorrência mais frequente se dá nos processos relacionais, como “ele é bom”, também em sintagmas nominais, como “bom livro”, além de se manifestar em verbos, “como ele se safou” ou, ainda, em estruturas adverbiais, como “ele fez a tarefa terrivelmente”.

Do ponto de vista dos discursos submetidos à análise nesta pesquisa, cabe registrar que tanto a modalidade quanto a avaliação encontram-se recorrentes nos dados. Como se sabe o discurso narrativo é altamente avaliativo. Os idosos, ao narrarem suas histórias, fazem uso de recursos linguísticos e não linguísticos para avaliarem a si e aos outros em suas histórias. Do mesmo modo, o recurso da modalidade é usado para enfraquecer ou fortalecer análises discursivas sobre pessoas, coisas e fatos, por exemplo. Foi possível observar, mediante a análise dos dados desta tese, que no discurso legal há mais indícios de modalidade para imprimir certezas àquilo que é preconizado pela lei.

2.2 LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL: A INTERIORIDADE DA LINGUAGEM

Para um exame da interioridade da linguagem, Fairclough (2003) propõe um diálogo da ADC com a LSF de onde provêm as ferramentas para a análise textualmente orientada. A perspectiva funcionalista busca estabelecer os princípios gerais relacionados ao uso da língua e investiga a interface entre suas funções e o seu sistema interno. Nessa perspectiva, adoto-a como referencial teórico para explicar as relações entre a língua e outros elementos e aspectos da vida social, por meio da análise linguística de textos orientada ao seu caráter social.

Quando nós falamos ou escrevemos, produzimos textos, nossos interlocutores se engajam na construção de sentidos e os interpretam mediante um determinado contexto de produção. Ao longo da vida, milhares de textos são produzidos e a linguagem os organiza e constrói os sentidos da nossa experiência. Nos termos de Halliday e Matthiessen (2014), a linguagem constrói a experiência humana.

Para tanto, a LSF propõe um aporte teórico capaz de descrever e explicar os recursos de construção de sentidos de uma língua, a partir dos usos que seus falantes fazem para estabelecer relações, representar o mundo e satisfazer determinadas necessidades comunicativas em contextos específicos de interação. Ao fazer uso da linguagem, escolhas são feitas a partir de uma ampla gama de possibilidades, disponíveis em nosso repertório linguístico, emolduradas por um contexto (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Nessa perspectiva, Halliday e Hasan (1989) incorporam em sua teoria a noção de *contexto de situação* e de *contexto de cultura* advindos dos estudos de Malinowski³, para quem a compreensão da linguagem em uso só é possível pela descrição meticulosa do que ocorre no momento em que a interação se processa. O *contexto de situação* é o “[...] ambiente

³ O antropólogo Bronislaw Malinowski deixou considerável legado teórico e empírico para abordar estudos sobre a linguagem humana, fruto de seu extensivo trabalho de campo nas Ilhas de Trobriand, em 1910.

imediatamente no qual o texto está de fato” sendo usado, oferecendo aos interlocutores pistas de contextualização (FUZER; CABRAL, 2014, p. 27). No entanto, para compreender a construção da experiência humana é imprescindível ir além do contexto situacional.

É necessário buscar informações sobre o contexto histórico cultural dos participantes e as práticas sociais mais amplas nas quais se engajam. A isso, denominam os autores, de contexto de cultura, seguindo os trabalhos de Malinowski. Em outras palavras, o *contexto de cultura* é o modo como os membros de uma dada comunidade imprimem seus significados culturais por meio de diversos sistemas semióticos, incluindo a linguagem, assim como expressões faciais, timbre de voz, gestos, também por meio de outros sistemas de sentidos expressos pelo corpo humano, como a dança, o desenho, a pintura e a arquitetura, entre outros (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 33).

A Figura 4 ilustra a composição dos textos e dos contextos.

Figura 4 – Textos e contextos



Fonte: Fuzer e Cabral (2014, p. 26)

O contexto encontra-se no texto e exerce influência sobre o que pode ser dito e como algo pode ser dito em práticas sociais. O “texto e o contexto estão interligados”, conforme ilustra a figura (FUZER; CABRAL, 2014, p. 27). Desse modo, por meio da análise das escolhas lexicais e das estruturas gramaticais específicas, é possível identificar elementos contextuais na tessitura dos textos. Além disso, uma análise dos interlocutores em seus respectivos papéis sociais e posicionamentos interacionais pode auxiliar na compreensão do contexto de situação.

O contexto de situação tem sido explorado por Halliday e Matthiessen (2014) a partir de três variáveis que permitem ao analista do discurso desvelar o tipo de texto, sua finalidade e os participantes, quais sejam: o campo, as relações e o modo. O *campo* refere-se à natureza

da interação social em curso (o que está acontecendo e qual a sua finalidade); as *relações* referem-se aos participantes e seus papéis no evento interacional (quem fala, quem ouve, quem lê ou escreve); e o *modo* refere-se à natureza e à função da linguagem, assim como aos seus possíveis efeitos (texto escrito ou oral, informativo ou explicativo, fônico ou gráfico).

Halliday e Mathiessen (2004, 2014) compreendem a linguagem a partir de três metafunções que simultaneamente se realizam nos textos: ideacional, interpessoal e textual. A função ideacional diz respeito à representação da experiência, ou seja, uma forma de representar a realidade. Já a função interpessoal trata do uso da língua para expressar as relações interpessoais. Por fim, a função textual trata dos aspectos relacionados à semântica, à gramática e à estrutura linguística.

Nas palavras de Silva (2005, p. 39):

Ao defender que a função constitui propriedade fundamental da língua, Halliday (1994) sugere, em sua Gramática Funcional, que os processos de produção de sentidos aproximam discurso e gramática, uma vez que a sintaxe possibilita o acesso ao acontecimento discursivo por meio da análise que se pode fazer da organização da língua. Nessa perspectiva, a resignificação da sintaxe revitalizada no discurso abre campo fértil de estudos, possibilitando traçar um paralelo entre o real da língua associado à estrutura e o real da história, ou seja, o acontecimento (SILVA, 2005, p. 39).

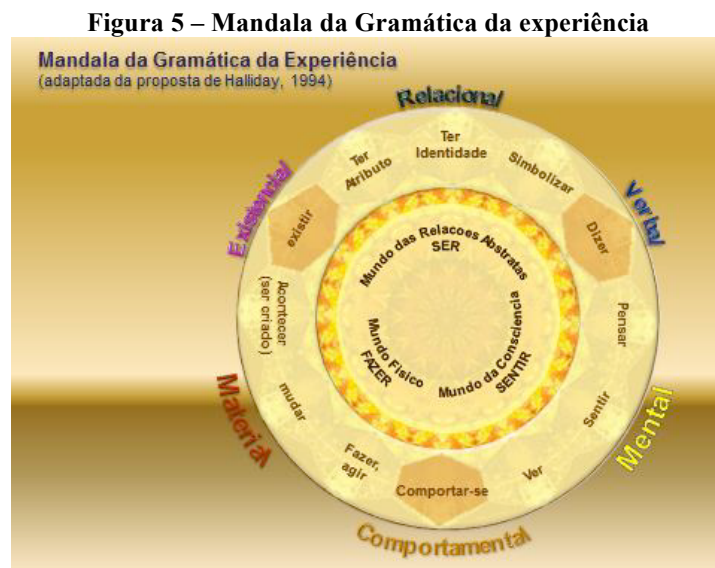
De modo complementar, em termos da visão de interioridade e exterioridade da linguagem, Fairclough, em sua obra de 2003, recontextualiza as funções da linguagem propostas por Halliday, ao propor que o texto seja visto por meio de três tipos de significados: o acional, associado ao gênero, enfoca o texto como modo de interação social (ver seção 2.1.1), o representacional, associado à transitividade, envolve as escolhas lexicais feitas pelos atores sociais, que constituem suas representações do mundo físico, mental e social (ver seção 2.1.2), e o identificacional, associado ao estilo, refere-se à avaliação, modalidade e metáfora, constituindo um modo de construção e negociação das identidades discursivas (ver seção 2.1.3) (FAIRCLOUGH, 2003).

2.2.1 Função experiencial: uma forma de representar o mundo

A função ideacional compreende as subfunções, bem como ligações lógica e a experiencial. A lógica é responsável pelas combinações internas, ou seja a dos grupos lexicais ou a dos grupos oracionais. A função experiencial, utilizada nesta tese para a análise documental, é responsável pela construção de um modelo de representação de mundo, que se

realiza pelos termos de configuração de processos, participantes e circunstâncias. Os *processos* representam eventos que constituem experiências e atividades humanas realizadas no mundo. Os *participantes*, comumente realizados por grupos nominais, carregam informações sobre pessoas, lugares e coisas. Podem figurar como *ator*, *meta*, *escopo*, *beneficiário* ou *atributo*. As *circunstâncias* são “[...] informações adicionais atribuídas aos processos, as quais se realizam por meio de averbios e sintagmas adverbiais” (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2011, p. 68).

A Figura 5, batizada por Silva (2013, p. 91) como a Mandala da Gramática da Experiência “configura uma aproximação da metáfora da energia emanada dos centros geradores do nosso mundo conceptual e linguístico caracterizado”, na proposta de Halliday, pelos processos básicos: material, mental, relacional, e os processos secundários: comportamental, verbal e relacional, conforme indicados na mandala, a seguir:



Fonte: Silva (2011, p. 11)

As *orações materiais* codificam o processo do fazer e acontecer e estabelecem uma quantidade de mudança no fluxo dos eventos, desencadeada por uma fonte de energia, causada por um participante: *ator* (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). O *ator* ocupa tipicamente a posição de sujeito da oração e provoca o desenvolvimento da ação. O *participante* (não necessariamente humano) tem algumas de suas características alteradas, esse participante é denominado de *meta*. Nas orações materiais, os participantes somente se realizam por grupos nominais. Uma forma de identificá-las é por meio das perguntas (EGGINS, 2004, p. 215):

- (i). O que X fez?

(ii). O que X fez para Y?

(02) *Fomos panhá café*⁴
 [Nós] *Fomos panhá* *café*
 Ator *Processo Material* *Meta*

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que a *meta* é o participante a quem o processo é dirigido, a quem a ação é estendida. Na gramática tradicional equivale ao objeto direto. Cabe mencionar ainda que a *meta* geralmente torna-se o sujeito em orações passivas, conforme ilustra o exemplo.

(03) *O café foi panhado por nós*⁵
 O café *foi panhado* *por nós*
 Meta *Processo Material* Ator

Além da *meta* e do *ator*, há outros tipos de participantes nas orações materiais: *escopo*, *beneficiário* e atributo. O *escopo* é o participante que não é afetado pela performance do processo material, como ilustra o exemplo, a seguir:

(04) *A gente travessamos a cerca*⁶
 A gente *atravessamos* *a cerca*
 Ator *Processo Material* Escopo

O *beneficiário* é o participante que se beneficia, de alguma maneira do desempenho de um processo e pode ser classificado como *recedor* ou *cliente*. É denominado *recedor* “[...] quando recebe bens materiais, transferidos pelo ator, como ilustra o excerto 5. O ator (*Eu*) transfere bens materiais (*um anel*) para o beneficiário-recedor (*meu amor*). É *cliente* quando recebe serviços prestados pelo ator” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 51). No excerto 6, o beneficiário-cliente (*os filhos*) recebem o benefício (*futuro tranquilo*) do ator (*o bom pai*).

(05) *Eu dei ao meu amor um anel*⁷
 Eu *dei* *ao meu amor* *um anel*
 Ator *Processo Material* *Recedor* *Meta*

⁴ Exemplo extraído da Entrevista do dia 28 de maio de 2014 – Dona Coração Solitário.

⁵ Exemplo adaptado da Entrevista do dia 28 de maio de 2014 - Dona Coração Solitário.

⁶ Exemplo extraído da Entrevista do dia 28 de maio de 2014 - Dona Coração Solitário.

⁷ Exemplo extraído de Fuzer e Cabral (2014, p. 15).

- (06) *O bom pai construiu um futuro tranquilo para seus filhos*⁸
O bom pai construiu um futuro tranquilo para seus filhos
Ator Processo Material Meta Receptor

Nos dados documentais analisados nesta pesquisa, especificamente no Estatuto do Idoso, foram encontradas ocorrências de participante no papel de *beneficiário*, tanto como *receptor* quanto como *cliente*. O idoso, representado no documento como *beneficiário*, recebe bens e serviços do Estado e do Poder Público (ver Capítulo 5).

O *atributo* refere-se a uma característica atribuída a um dos participantes em uma oração. Embora sua ocorrência seja típica em orações relacionais, Fuzer e Cabral (2014) afirma a possibilidade de ocorrência em orações materiais e exemplificam em: Cristiano Ronaldo sai[processo material] machucado[atributo] do treino em LA[circunstância].

As orações relacionais, onde se encontram os processos relacionais, constroem uma relação entre dois termos, em que a relação é expressa em geral pelo verbo ser/estar. Desse modo, haverá sempre dois participantes, que se realizam por um grupo nominal, podendo ser coisas, atos e fatos (EGGINS, 2004). As orações relacionais servem para caracterizar ou identificar. Como exemplo de caracterização: ‘Não era uma nação naquela época’. Como exemplo de identificação: Os três maiores grupos nacionais são os Youruba, os Ibo e a Hausa (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 259). Para os autores, as orações relacionais se dividem em três tipos: *intensivas*, *possessivas* e *circunstanciais*, sendo que todas elas podem ser atributivas ou identificativas. As *intensivas* podem referir-se a uma experiência interior ou exterior, por exemplo: Ele está triste e Ele está em casa. As *possessivas* são caracterizadas por uma relação de posse, ou seja, uma coisa possui outra, por exemplo, Ele tem direito à saúde. Já nas *circunstanciais*, a relação entre os dois termos é o tempo, lugar, modo, causa, acompanhamento, papel, ângulo, assunto (FUZER; CABRAL, 2014).

As *orações mentais* referem-se às experiências do mundo da consciência. Lidam com a apreciação humana do mundo, possibilitando a identificação de crenças, valores, desejos (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2011). Os tipos de processos mentais são: os perceptivos (ver, ouvir, perceber); os cognitivos (pensar, refletir, achar); os desiderativos (almejar, querer, recusar); e os emotivos (amar, desejar, odiar). Os participantes são geralmente humanos, ou seja, aqueles que pensam, percebem e desejam e desempenham o papel de *experienciador* (FUZER; CABRAL, 2014). Às vezes, se realizam por entidades inanimadas ou desprovidas

⁸ Exemplo extraído de Fuzer e Cabral (2014, p. 15).

de consciência, como uma instituição. O que é sentido pelo *experienciador* do processo é denominado de *Fenômeno*. O exemplo a seguir ilustra uma oração mental.

- (07) *Eu gosto de fazer meu crochê*⁹
- | | | |
|-----------------------|--------------------------------|-------------------|
| <i>Eu</i> | <i>gosto</i> | <i>meu crochê</i> |
| <i>Experienciador</i> | <i>Processo Mental emotivo</i> | <i>Fenômeno</i> |

As “[...] orações verbais tem como núcleo os processos do dizer” e auxiliam na construção de discursos narrativos, dialógicos, acadêmicos por meio de citações, referências a outros textos e argumentações (FUZER; CABRAL, 2014, p. 72). Alguns exemplos de verbos desse tipo de oração são: falar, responder, dizer, contar, sugerir, apontar, afirmar, entre outros. Os participantes de orações verbais são *dizente*, *verbiagem*, *receptor* e *alvo*. O *dizente* pode ser o enunciador (humano) ou pode ser uma fonte simbólica, como o Ministério Público. A *verbiagem* é o dito, podendo representar o conteúdo do que é dito ou o nome das funções daquilo que é dito, como um pedido, um comando, uma pergunta. O *receptor* é o participante a quem a mensagem é direcionada. Ele se realiza por um grupo nominal. Já o “[...] *alvo* é a entidade atingida pelo processo de dizer, pode ser uma pessoa, um objeto ou uma abstração” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 306).

- (08) *Um benzedô falô*¹⁰
- | | | |
|------------------|------------------------|----------------------|
| <i>O benzedô</i> | <i>falô</i> | <i>foi paralisia</i> |
| <i>Dizente</i> | <i>Processo verbal</i> | <i>Verbiagem</i> |

As orações existenciais referem-se ao mundo do existir. No português brasileiro se realiza principalmente pelo verbo haver, no sentido de existir e o verbo ter com o sentido de haver (SILVA, 2013). Na oração existencial só há um participante, denominado de *existente*, que pode ser uma pessoa, um objeto, uma abstração, ação ou evento.

- (09) *Em Goiânia, tinha aqueles homes que trabalhava praqueles fazendeiro*¹¹
- | | | |
|----------------------|-----------------------------|-------------------------|
| <i>Em Goiânia</i> | <i>tinha</i> | <i>aqueles homes...</i> |
| <i>Circunstância</i> | <i>Processo Existencial</i> | <i>Existente</i> |

As *orações comportamentais* são processos “[...] tipicamente humanos de comportamentos psicológico e fisiológico, como respirar, tossir, sorrir, sonhar e encarar”

⁹ Exemplo extraído da Entrevista do dia 28 de maio de 2014 - Dona Coração Solitário.

¹⁰ Exemplo extraído da Entrevista do dia 23 de junho de 2014 - Dona Francisca.

¹¹ Exemplo retirado da Entrevista do dia 28 de maio de 2014 - Dona Coração Solitário.

(HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 301). Dos seis tipos é o que menos possui características claras. Realiza-se como processos que transitam entre os materiais, mentais ou verbais. O participante, um ser consciente, é denominado de *comportante*, ou seja aquele que na oração está se comportando de uma determinada maneira. Os referidos autores observam que as orações comportamentais não projetam discurso indireto ou pensamentos. Geralmente, aparecem em narrativas ficcionais, introduzindo discurso direto, como uma forma de adicionar características comportamentais aos processos verbais e as exemplificam assim:

- (10) “Eu fiquei com a impressão que você, Miss Radcliffe, simplesmente tinha anotado alguns detalhes. Venha, venha, ele *reprovou* com um *sorriso* sarcástico [...]”¹²

2.2.2 Função interpessoal: uma forma de relacionar-se com o mundo

A função interpessoal propõe analisar linguagem com foco nas interações interpessoais. De modo geral, fazemos uso da linguagem para dizer algo a alguém, influenciar suas atitudes, prover informações, explicar nossos posicionamentos, entre outros. Basicamente, em situações de troca, os participantes podem dar e solicitar informação, bens e serviços.

Do ponto de vista da relação das funções gramaticais, os constituintes mais valiosos na construção do significado interpessoal são o *sujeito* e o *finito*, que juntos compõem o *modo* da oração. O sujeito é o participante que está mais diretamente ligado à questionabilidade da sentença. Ele pode ser deslocado, omitido no português brasileiro, e é o elemento central na expressão de acordo e de desacordo do falante em relação à proposição apresentada (THOMPSON, 2004). Já o *finito* tem a função de tornar a proposição finita, ou seja, de circunscrevê-la em um espaço de tempo. Desse modo, ele proporciona um ponto de referência: o ‘aqui-agora’ e relaciona-se ao seu contexto discursivo. O finito é expresso por um verbo/grupo verbal que carrega marca temporal ou modal (GOUVEIA, 2009). O *modo*, por sua vez, é composto pelo *finito* + *sujeito*. O sistema de modo é um recurso gramatical, no qual os movimentos interacionais se realizam (THOMPSON, 2004).

A *modalidade*, mencionada anteriormente, refere-se ao julgamento/opinião das probabilidades/obrigações do que está sendo dito. Nesse sentido, uma proposição pode ser apresentada como algo possível ou impossível, desejável ou indesejável. A *modalidade*

¹² Exemplo retirado de Halliday e Matthiessen (2014, p. 302).

deôntica refere-se ao comprometimento com a obrigatoriedade/necessidade e a *modalidade epistêmica* refere-se à probabilidade/certeza. Além de carregar marcas do tempo primário, o finito agrega o caráter da polaridade. Essa polaridade pode ser positiva ou negativa. A seguir, apresento a função textual.

2.2.3 Função textual: uma forma de organizar a experiência humana

A função textual é responsável pela organização dos significados experienciais e relacionais que se realizam, léxico-gramaticalmente, pela estrutura temática. A organização da mensagem ocorre por meio de dois sistemas: *tema* e *rema*. O *tema* refere-se à estrutura de informação, constituída pelos elementos que compõem a mensagem e sinaliza o seu ponto de partida. A função do *rema* é localizar e orientar a oração dentro do seu contexto (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

2.3 NARRATIVA COMO PRÁTICA SOCIAL

Desde os mitos antigos, passando pelos textos sagrados, até os romances, sem nos esquecermos do ato de contar histórias na vida mundana, as narrativas têm dado um status aos diversos modos de discursos que impactam na constituição da identidade humana, ao modo como experienciamos a vida em comunidade, e mais especificamente aquilo que somos enquanto indivíduos (BAMBERG, 2015).

Para se construir um sentido do que venha ser identidade, acredita-se que as narrativas são tecidas na trama do modo como nós nos diferenciamos um do outro, e do modo como tecemos nossos sentidos de pertencimento nas nações, culturas, comunidades e no *self* individual. Elas permitem-nos também construir um sentido de agência e um sentido de fixidez no arranjo estrutural. Por fim, as identidades se configuram como candidatas basilares para tecer mudanças ou não, isto é ser o mesmo no tempo e no espaço em uma linha coerente (BAMBERG, 2015).

As tradições dos estudos da narrativa remontam um período que o termo era vinculado ao estudo de texto, especificamente o literário ficcional. Como se sabe, o texto escrito preservou as escrituras religiosas e as atribui um caráter de autoridade. Havia, portanto, grupos especializados em manter e interpretar tais textos. Não se pode negar, no entanto, que esses textos vieram de práticas anteriores provavelmente de tradição oral.

Posteriormente, já no início do século XX, a linguística buscava ser reconhecida como ciência, por meio de Ferdinand Saussure, com o estruturalismo. Aqui, o texto é o objeto de estudo da ciência que buscava ser reconhecida. Somente quando a ciência já se encontra estabelecida, já em meados do século XX, os holofotes começam a se voltar para outros aspectos da linguagem para além da estrutura da sentença. Com a *virada narrativa* nos anos 60, os estudos da narrativa ganham força, de modo particular, nas suas modalidades orais, tendo como principal expoente: William Labov. Com os avanços propostos por Labov, o campo da narrativa floresce na área da linguística, expandindo os horizontes para além dos textos ficcionais. A narrativa, nesse período histórico, dedica-se aos aspectos socioculturais até então colocados fora do objeto de estudo. Com os avanços, os estudos passaram da compreensão da narrativa como uma forma organizada de recapitular eventos, para uma perspectiva mais discursiva, vista como prática social.

O modelo convencional de análise das narrativas, inspirado no modelo de Labov e Waletzky (1967), define narrativa como uma técnica verbal de recapitular experiências passadas, por meio de enunciados ordenados temporalmente, que coincidem com uma sequência temporal da experiência. As narrativas de experiências pessoais, por esse prisma, são compostas por seis elementos, a saber: o *sumário*, que introduz o tópico da história; a *orientação*, que determina o quê? quem? quando? e onde? os fatos se desenrolam? as *ações complicadoras* representam a sequência temporal das enunciações; a *avaliação* representa o caráter da avaliatividade da narração; a *resolução*, que aponta para a solução das ações complicadoras; e a *coda*, que transporta a audiência para o tempo presente real.

No que concerne à avaliação, cabe mencionar sua função de informar aos interlocutores/ouvintes o ponto de vista do narrador em relação à narrativa. A avaliação não ocorre em um ponto fixo da estrutura narrativa, ou seja, os recursos avaliativos podem ser encontrados em qualquer ponto da história. Labov e Waletzky (1967) dividem a avaliação em três tipos distintos: *avaliação externa*, *avaliação encaixada* e os recursos avaliativos. A *avaliação externa* ocorre quando o narrador interrompe a narrativa e volta-se para os interlocutores/ouvintes, comunicando um fato relevante da história ou quando o próprio narrador atribui a si mesmo um comentário avaliativo sobre a história (SILVA, 2001a).

A *avaliação encaixada* ocorre quando expressa seu sentimento sobre o fato narrado; quando o narrador “[...] faz referência a si mesmo como se estivesse dirigindo-se a alguém e quando o narrador introduz uma outra personagem” para avaliar as ações de um personagem da história (SILVA, 2001a, p. 89). Na ação avaliativa, o narrador revela seus sentimentos e

relata o que as pessoas estavam fazendo, em oposição ao que disseram durante o desenrolar da história.

Em relação aos *recursos avaliativos*, podem-se incluir os intensificadores, usados para enfatizar algum evento dentro da história, como gestos, expressões fonológicas, quantificadores e repetições. A comparação é um recurso usado para contrastar o que aconteceu com o que poderia ter acontecido. Pode se realizar em estruturas negativas, futuras e modais. Além disso, as perguntas e estruturas explicativas também são utilizadas como recursos avaliativos.

A definição estrutural laboviana da narrativa resultou em uma corrente que “[...] reconhece narrativas somente como textos que parecem bem organizados, com começo, meio e fim” a narração é monológica e ocorre como resposta ao entrevistador (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2008, p. 380). O foco, nessa perspectiva analítica, sempre foi voltado para o narrador como o único responsável pela produção de sentidos. Posteriormente, muitos estudiosos da narrativa de várias partes do mundo começaram a apontar algumas limitações do modelo laboviano.

No Brasil, algumas pesquisa exibem algumas limitações desse modelo canônico. Destaca-se a concepção da narrativa como uma estrutura autônoma e descontextualizada. Além disso, ressalta-se que as partes das narrativas isentas de aspectos cronológicos eram desconsideradas por Labov e Waletzky (1967), pois não se encaixavam nas estruturas determinadas. Ainda, nota-se a ausência de problematização da relação entre o passado, a memória e a própria narrativa. E, por fim, percebe-se desprezo sobre a constituição de sentidos na interação entrevistados-narrador, ignorando a participação ativa da audiência na construção da coerência da história e sua interpretação (FABRÍCIO; BASTOS, 2009).

Os avanços nas pesquisas sobre narrativas deram lugar a um enfoque interacional denominado de Abordagem Sociointeracional, que concebe a narrativa como fala-em-interação e como prática social (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2008). Esse enfoque alinha-se com as perspectivas teórico-metodológicas adotadas neste trabalho. Pois, em poucas palavras, concebe textos como a materialização de eventos sociais sócio-historicamente situados inseridos em um contexto de cultura, que, dialeticamente exercem influências um sobre o outro. Trata-se de uma perspectiva que se dedica ao exame dos modos como o fenômeno discursivo situado se interconecta aos processos sociais mais amplos, tais como discriminação, racismo, o que, a meu ver, se aproxima do elo entre LSF (gramática da experiência) e ADC (discurso). É nas práticas situadas, por meio dos usos da linguagem,

mediante as escolhas linguísticas feitas pelos interlocutores, que se dá visibilidade aos eventos sociais.

A adoção de uma abordagem sociointeracional para a análise de narrativas, que sugerem De Fina e Georgakopoulou (2008), requer o cumprimento de alguns quesitos no processo analítico, para a obtenção de resultados mais verossímeis. Em primeiro lugar, exige-se um exame minucioso dos níveis macro e micro de análise, levando em conta o nível local como um lugar de articulação do fenômeno narrativo. Em segundo lugar, um exame cuidadoso sobre o papel das narrativas como prática social dentro de outras práticas. E, também, há uma necessidade de olhar para os gêneros como uma interconexão entre as expectativas sociais e as formas da narrativa com a emergência de significados nos eventos concretos. Ressalta-se a historicidade da narrativa e sua conexão com as práticas sociais. Em terceiro lugar, a narrativa precisa ser estudada como textos que se transportam no tempo e no espaço, ela reproduz e modifica discursos atuais e, desse modo, estabelece intertextualidade com outros gêneros discursivos. Finalmente, assinala a autora que a narrativa deve ser vista de forma integral, abandonando ideias preconcebidas sobre as formas canonizadas de análise (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2008).

Nessa perspectiva, a narrativa é vista como um *locus* em que as representações são construídas. O narrador, ao construir o mundo narrado, se apresenta e apresenta outros integrantes da sua história e usa categorias para definir sua identidade, assim como a dos outros. Ele se estabelece como membro de grupo por meio de escolhas estilísticas, interacionais e retóricas. Os estudos de narrativas mostram que o que define as pessoas como membro de um grupo não é somente o conteúdo de suas histórias, mas a maneira como usam os recursos socialmente estabelecidos para contá-las. Desse modo, as narrativas proporcionam modelos de mundo, em que as ações e as reações estão relacionadas à identidade e, por isso, representam e constroem as relações sociais (DE FINA; SCHIFFRIN; BAMBERG, 2006).

2.3.1 Identidades no campo dos estudos sobre narrativas

No contexto desta tese, o termo identidade é tomado como processo conforme se verá mais adiante. Por agora, cabe destacar que o debate sobre identidade (tradicionalmente associado ao *self*) tem ganhado muito espaço no mundo acadêmico e tem sido estudado por diversas áreas do conhecimento, principalmente no campo da linguística e das ciências sociais. Uma das dificuldades encontradas por pesquisadores, apontam De Fina e Georgakopoulou (2012, p. 157), é o fato de ser “[...] surpreendentemente difícil encontrar

definições precisas sobre o tema”. As escolhas e as definições obviamente atravessam posicionamentos teóricos.

Identidade pode ser vista e definida como uma propriedade do indivíduo ou algo que emerge através da interação social; pode residir na mente ou em comportamentos sociais concretos; pode ser ancorada no indivíduo ou no grupo. Além disso, a identidade pode ser concebida por existir independentemente de contextos concretos nos quais se manifesta ou totalmente determinada por deles. Finalmente, pode ser considerada como substancialmente pessoal ou como relacional (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2012, p. 155).

Portanto, a pluralidade de caminhos teóricos tem inspirado e influenciado muitos estudos, o que não tem sido diferente no campo das narrativas e identidades. As investigações, mesmo no âmbito da interconexão entre linguagem, narrativa e identidade não se constituem como um campo unificado. As pesquisas nesse campo têm lançado mão de teorias e métodos de investigação por meio de estudos transdisciplinares, apontam De Fina e Georgakopoulou (2012). Embora as pesquisas voltadas para os estudos biográficos das narrativas adotem linhas de abordagens comuns sobre a concepção do *self* e a constituição na narrativa, recentemente, tem havido um movimento crescente em pontos de vistas sobre identidade que traz o processo interacional na constituição do *self* para o centro da atenção e, além disso, “[...] enfatiza a natureza social da identidade, sua pluralidade e sua interdependência em diferentes níveis de contextualização” (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2012, p. 156).

Um ponto que merece destaque é o processo de des-essencialização do *self*. As teorias mais recentes têm-se ancorado na crítica contra a concepção do *self* como uma unidade, como uma essência, que reside na mente ou no espírito, e que é frequentemente caracterizado pela racionalidade e livre arbítrio. Por esse ângulo, o *self* pode ser apreendido e descrito e suas características podem ser isoladas, uma vez que ele não sofre variações através do tempo. A tendência de essencializar o *self* e de abstraí-lo do contexto social tem recebido forte ataques nos últimos quarenta anos, graças aos avanços promovidos pelas mudanças na vida social pós-moderna. O pensamento do filósofo social inglês Anthony Giddens, e do sociólogo polonês, Zigmunt Bauman, sobre as sociedades contemporâneas ratificam que a vida pós-moderna é caracterizada pela incerteza, pela mobilidade/deslocamento físico e social, marcada sobretudo pela desunião, ruptura e pela desagregação. Para os autores, o ser humano tem perdido a credibilidade e o senso de pertencimento ao sistema de crenças e às estruturas sociais tradicionais e se tem tornado mais consciente da falta de continuidade, assim como de

sentido de permanência tanto no âmbito pessoal quanto no ambiente em que vive (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2012).

A concepção de que a realidade social não é uma entidade independente, em grande medida, nos auxilia a compreender a mudança para a des-essencialização do *self*. Por um viés sociológico, a construção social da realidade, mesmo que se apresente de forma objetiva, não pode ser concebida independente da ação e da interação humana. Assim, os indivíduos continuamente constituem a realidade social e são por ela constituídos dialeticamente. Com isso, De Fina e Georgakopoulou (2012, p. 157) destacam dois pontos: “[...] todas as categorias sociais são criadas e negociadas no e pelo processo de comunicação entre seres humanos”; o social e o individual não são entidades dicotômicas e não podem ser concebidas separadamente.

O sócio-construtivismo “[...] tem se tornado um paradigma dominante nas teorizações linguísticas sobre identidade”, aponta De Fina & Georgakopoulou (2012, p. 157). Os linguistas antropológicos, etnometodologistas e sociolinguistas encontraram bases teóricas sólidas ao propor que o processo de construção de identidade está imbricado aos processos linguísticos e comunicativos. Se as identidades são constituídas na e pela interação e vinculadas a um contexto social, a linguagem, desse modo, ocupa um lugar central na maioria das práticas sociais nas quais os seres humanos estão engajados. Desse modo, a identidade é um processo, não é uma unidade, algo que não pertence aos indivíduos, mas emerge em interações dentro de práticas sociais concretas e é alcançada por meio do trabalho discursivo (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2012; ZIMMERMAN; WIEDER, 1970).

O pensamento de Hall (1997) está em sintonia com essas ponderações sobre a identidade. O sujeito na pós-modernidade tem se tornado mais fragmentado, constituído não somente por uma única identidade, mas por uma multiplicidade de identidades, contraditórias em constante processo de transformação. Para o referido autor a identidade torna-se “uma celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às maneiras pelas quais somos representados e instigados nos sistemas que nos cercam (HALL, 1997, p.13).

Os avanços nos estudos linguísticos e o diálogo com disciplinas afins colocam o papel da interação como lugar fundamental para a negociação e a constituição das identidades. Nesse sentido, a interação é relacional, no tocante aos sentimentos, comportamentos, e ideias que as pessoas possuem e se constituem no fluxo da comunicação. Tal fluxo implica um trabalho constante de compreensão e reação mútua dos participantes. A linguagem que permeia toda essa atividade juntamente com a presença do ‘outro’ são essenciais nos processos de auto reconhecimento e de expressão. Assim, a identidade é destituída de suas

qualidades essencialistas e passa a ser vista como um processo social, e a atenção se volta para os mecanismos que permitem aos indivíduos gerenciar e negociar seus *selves* em práticas sociais (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2012). Esses novos posicionamentos teóricos têm sido empregados como base para os estudos sobre narrativas e identidades, de modo especial ao estudo dos posicionamentos interacionais, como será exposto a seguir.

2.3.2 Posicionamento interacional em narrativas

Nas últimas duas décadas, o posicionamento interacional estabeleceu-se como conceito para elucidar como as identidades emergem e são negociadas em narrativas. As teorias de posicionamento interacional “[...] abordam as facetas da identidade da forma como ela se revela no e pelo discurso” (BAMBERG; GEORGAKAPALOU, 2008, p. 367). Nesse sentido, não se busca localizar aspectos identitários em estruturas integradas, abstratas, escondidas em uma prática discursiva. Os posicionamentos interacionais estão ligados às ações sociais, de modo a permitir aos analistas lidar empiricamente com a maneira pelas quais as pessoas manifestam suas identidades situadas.

Para Bamberg (1997) e Bamberg e Georgakapalou (2008) os posicionamentos são construídos e ocorrem localmente, eles são flexíveis temporalmente e multifacetados, isto é, facetas diferentes da identidade são relevantes em diferentes contextos discursivos. As pessoas ao interagir umas com as outras co-constróem posicionamentos por meio de suas ações.

A publicação de Davies e Harré’s (1990) foi o trabalho seminal sobre posicionamento interacional. Esse conceito tornou-se muito popular em estudos de narrativa e sofreu transformações e adequações ao longo do tempo. Na sua primeira versão, o posicionamento interacional referia-se à produção discursiva de uma diversidade de *selves*. Os autores enfatizavam que as identidades eram produzidas no e pelo discurso, assim como emergiam de modo dialógico na interação. No entanto, argumenta De Fina (2013) que a relação estabelecida entre o posicionamento interacional dos participantes e o que chamavam de ‘storyline’ era mecânica, como se os posicionamentos viessem automaticamente com visões de mundo e filosofias de vida. Além do mais, ressalta a referida autora, as análises propostas pelos autores adotavam uma concepção de discurso como uma simples sucessão de atos de fala.

Outros autores proporcionaram uma visão mais detalhada sobre o posicionamento interacional (ver BAMBERG, 1997; BAMBERG; DE FINA; SCHIFFRIN, 2011;

BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008; DEPPERMAN, 2015; WORTHAN, 2000). Na sequência, apresento algumas dessas contribuições sobre posicionamento interacional, colhidos em De Fina (2013, p. 41):

1. O *locus* em que os posicionamentos precisam ser estudados é a interação, porque é na interação que as pessoas revelam seus conhecimentos locais sobre os posicionamentos e, por isso, é a partir desse nível que os analistas devem começar suas investigações para alcançarem o nível macro e não vice-versa.
2. O posicionamento interacional é um processo recíproco e dialógico em que os indivíduos assumem posicionamentos, mas também são a eles atribuídos tais posicionamentos, permitindo-lhes que sejam negociados.
3. As relações entre processos locais e processos mais globais são muito complexas e não podem ser vista como uma determinação direta de estruturas sociais da ação e da cognição macro para micro.

Michael Bamberg (1997) traz um refinamento para a noção de posicionamento interacional baseado em sua pesquisa sobre narrativas em interação. O autor apresenta três níveis distintos embora interconectados de posicionamentos interacionais descritos a seguir:

- a) **nível 1** - refere-se ao modo como o narrador, como um personagem, se posiciona em relação a outros personagens no evento narrado. Nesse nível, busca-se analisar como os personagens dentro da narração são construídos, ora como protagonistas e antagonistas ou ora como bandidos e vítimas, por exemplo;
- b) **nível 2** - refere-se ao modo como os falantes se posicionam em relação à audiência. O posicionamento é visto como um processo interacional, que emerge da maneira como o narrador se posiciona em face aos seus interlocutores. Nesse nível, busca-se analisar os recursos linguísticos que constituem discursos específicos usados na interação. O narrador, por exemplo, instrui a audiência no que fazer em uma dada condição, ou se engaja em se desculpar por suas ações e culpar outros;
- c) **nível 3** - refere-se ao modo como as questões ideológicas perpassam questões discursivas situadas, como questões referentes aos gêneros, papéis sociais, discriminação e racismo (DE FINA, 2013).

A meu ver, o nível 3, conforme proposto por De Fina (2013), permite uma discussão mais crítica ideológica que nem sempre aparece na superfície do texto, mas perceptível na dimensão discursiva. Nesse sentido, o analista tem uma grande responsabilidade, pois o seu trabalho vai além da leitura do texto transcrito. É necessário um deslocamento para a

compreensão das estruturas macro que sustentam as implicações do fazer discursivo, que, em certa medida, encontram-se escamoteadas nas tramas das narrativas.

Tais concepções se alinham com as premissas básicas da abordagem social construtivista de identidade que pode ser resumida assim: (...) Identidade não pode ser nem dada nem produto. Ao invés, a identidade é um processo que (1) ocorre em ocasiões interacionais concretas específicas, (2) constitui constelações de identidades em vez de identidades individuais, e, sobretudo, resulta de processos de negociação e entextualização (BAUMAN; BRIGGS, 1990) que são eminentemente social e (3) envolvem ‘trabalho discursivo’ (ZIMMERMAN; WIEDER, 1970).

2.3.3 Algumas considerações

Como o objetivo central desta tese é investigar, desde uma perspectiva linguístico-discursiva-crítica, as representações discursivas e as identidades sociais de pessoas idosas em situação de risco, busquei demonstrar neste capítulo a minha filiação à corrente teórica da ADC (FAIRCLOUGH, 2003), da LSF (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) e dos Estudos da Narrativa (BAMBERG, 1997; DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2015; DE FINA; SCHIFFRIN; BAMBERG, 2006).

A adoção dessas correntes teórico-metodológicas se justifica por se tratar de uma pesquisa social crítica, que, ao examinar as práticas discursivas situadas, confere visibilidade e interconexão às práticas sociais mais amplas. Além disso, ao contrastar os significados representacionais, perceptíveis nos documentos legais que visam à proteção da pessoa idosa aos significados identificacionais, flagrados nas manifestações do *self/*outro, por meio dos posicionamentos interacionais, revigoram-se as potencialidades de emancipação e fortalecimento de identidades dos nossos colaboradores.

Os estudos sobre os significados da linguagem abriram espaços para um diálogo entre o pesquisador e o mundo dos colaboradores, ao desvelar a construção da experiência de vida dos idosos, trazida pela escuta dos depoimentos colhidos em forma de histórias de vida. Para uma compreensão mais integral dessas narrativas de vida, busquei preencher algumas lacunas com o trabalho etnográfico, que me permitiu trilhar os caminhos das políticas públicas e ações governamentais presentes no contexto pesquisado. No próximo capítulo, apresento os percursos metodológicos que guiaram esta pesquisa.

CAPÍTULO III

PERCURSOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresento um percurso teórico-metodológico para a análise de dados de natureza etnográfica e os dados de natureza documental. Inicialmente, anoro as bases desta investigação na pesquisa qualitativa, assim como apresento as questões éticas e os métodos utilizados para geração e coleta de dados. Posteriormente, discorro sobre a pesquisa documental e, de forma sucinta, apresento as fontes documentais que foram submetidas à análise, quais sejam: o Estatuto do Idoso, a Constituição Federativa Brasileira de 1934, a Constituição Federativa Brasileira de 1988 e a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Além disso, apresento os métodos que constituíram a geração dos dados de natureza etnográfica, como a observação participante, as entrevistas narrativas, as notas de campo e o grupo focal. Arremato o capítulo com a proposta teórico-metodológico para o tratamento dos dados.

3.1 OS CAMINHOS DA PESQUISA QUALITATIVA

Tendo em vista o objetivo desta pesquisa de investigar as representações discursivas e identidades sociais de pessoas idosas em situação de risco, a adoção da pesquisa qualitativa foi um tanto quanto natural. Uma das razões para tal adoção foi a possibilidade de combinar instrumentos metodológicos dentro do paradigma qualitativo, o que permitiu balizar dados de natureza etnográfica e os de natureza documental. Os dados de natureza etnográfica foram colhidos no ambiente natural onde os eventos de letramento aconteceram e contou com os seguintes procedimentos para a geração dos dados: observação participante, entrevistas narrativas, notas de campo e situações em eventos de letramento. Os dados de natureza documental foram gerados a partir da análise do Estatuto do Idoso e outras leis que visam a proteger os direitos da pessoa idosa.

Além da possibilidade de combinar procedimentos, a pesquisa qualitativa envolve a descrição e a explicação de materiais empíricos que descrevem momentos e significados socialmente construídos (DENZIN; LINCOLN, 2006). A abordagem qualitativa busca estudar fenômenos que envolvem seres humanos e suas intrincadas relações sociais, historicamente situadas. O pesquisador qualitativo, desse modo, examina de forma detalhada e sistemática os comportamentos sociais, culturais e individuais dos integrantes do grupo, atendo-se a escutar

seus anseios, no sentido de responder e respeitar suas demandas (BORTONI-RICARDO, 2008).

Ao perscrutar o contexto em que o grupo de idosos sob investigação está inserido, busquei inspiração na Etnografia Crítica (THOMAS, 1993), não somente pela sua inserção no paradigma qualitativo, mas, sobretudo, pelo meu interesse em advogar a emancipação desse grupo tão marginalizado pela sociedade. A etnografia crítica, assinala o referido autor, emerge quando, ao se mergulhar em um contexto de investigação, questiona-se não somente ‘o que é?’, ou seja, uma descrição pormenorizada do contexto e dos colaboradores, mas, sobretudo, ‘o que poderia ser?’. Esses questionamentos trazem implicaturas que encetam para possibilidade de transformação.

Decorrente dessa ancoragem metodológica, orientada pelo contexto de pesquisa, busca-se, desde uma perspectiva linguístico-discursiva, problematizar questões concernentes à iniquidade social e econômica de um grupo socialmente excluído, e, concomitantemente, em condições propícias empoderar os idosos, proporcionando-lhes meios para que possam reivindicar seus direitos e romper com o *status quo*. Em outras palavras, o que se almeja por esse posicionamento crítico na investigação científica social é “[...] promover transformação na sociedade para que seus integrantes possam ser menos oprimidos e menos marginalizados” (CRESWELL, 2012, p. 467). É importante frisar o teor da responsabilidade do pesquisador e sua conduta ética em relação aos idosos colaboradores e em relação à pesquisa.

3.1.1 Ética na pesquisa qualitativa

Um dos principais problemas enfrentados por pesquisadores na área de educação e de estudos sociais está entre a busca pela ‘verdade’ e os direitos e valores daqueles que estão diretamente envolvidos na pesquisa, apontam Cohen, Manion e Morrison (2007). O problema parece aumentar na medida em que o pesquisador se desloca do geral para o particular, do abstrato para o campo. Nessa aproximação integral com o objeto de estudo, característica basilar das pesquisas qualitativas, há fronteiras que precisam ser respeitadas, tanto sobre o papel que cada um exerce na pesquisa, quanto a ações e interpretações dali decorrentes.

É inquestionável o impacto que a pesquisa traz para o ambiente em que é realizada, esse impacto deve ser submetido à avaliação. A literatura da área denomina-o de impacto de ‘custo/benefício’. Mesmo no início da investigação, ainda em uma fase de planejamento, deve-se aferir o grau dos benefícios propostos para a comunidade local, em relação ao

impacto causado pela intervenção junto ao grupo social investigado (COHEN; MANION; MORRISON, 2007).

É necessário frisar que as questões éticas permearam todas as etapas do processo investigativo. Desde a maneira como as oficinas de alfabetização e os eventos de letramentos foram preparados, passando pelos procedimentos metodológicos adotados, até a sua posterior divulgação em eventos acadêmicos da área. Ressalto que alguns procedimentos como as gravações em vídeo, fotografias, e mesmo gravações em áudio podem gerar ansiedade, insegurança nos colaboradores. Mediante essa preocupação, abstive-me de filmar ou gravar as aulas em vídeo e áudio, pelo seu caráter invasivo, assim como pela possibilidade de comprometer a construção do vínculo com o grupo. Um ponto importante é levantado por Silva (2003) em relação aos padrões éticos adotados em pesquisas qualitativas, no que concerne às narrativas espontâneas. A pesquisadora sugere que se deve evitar “técnicas de subterfúgio que norteiam as perguntas sobre experiências marcantes, as quais podem trazer à tona lembranças constrangedoras” (SILVA, 2003, p. 169).

Com o passar do tempo, o engajamento, a confiabilidade e a amizade construíram-se naturalmente, não só entre os integrantes do grupo, mas também entre o grupo e o professor/pesquisador. Isso foi de suma importância para o desenvolvimento da pesquisa. Os idosos abriram os caminhos para que pudéssemos juntos, questionar, interpretar, reinventar nossas representações, identidades e ideologias. Isso não é tarefa fácil. Requer vontade e determinação. Sair das valas profundas da exclusão e iniciar o processo de reconhecer-se, enxergar-se como protagonista de sua história, exige enfrentar desafios e romper com representações negativas sobre o envelhecimento historicamente construídas. Em virtude das trilhas tomadas, do comprometimento ético de uns com os outros, vimo-nos fortalecidos.

Testemunhar o esforço empreendido pelos idosos que cedo se despertavam, se arrumavam, montavam sua pasta de aula e nela depositavam suas esperanças, foi sempre motivador. Essa cena se repetiu inúmeras vezes, dia após dia, e assomou-se a minha responsabilidade em relação a tarefa à ser cumprida. Busquei respeitar suas histórias, suas trajetórias, suas memórias que jorravam sabedoria, suas vulnerabilidades e suas singularidades.

Além disso, na preparação do material didático, do ponto de vista do conteúdo e da forma, cuidados especiais foram tomados, levando em consideração as necessidades individuais, para garantir a inclusão de todos no processo. Em conformidade com as pesquisas desenvolvidas pela profa. Dra. Denize Elena Garcia da Silva, este estudo também passou pelo

crivo do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)¹³ e obteve sua aprovação, com respaldado das diretrizes da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). As diretrizes da CONEP são responsáveis pela condução à revisão ética e científica das pesquisas envolvendo seres humanos, visando salvaguardar a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos colaboradores.

Para tanto, o referido comitê exige um detalhado projeto de pesquisa, assim como documentos que imprimam a responsabilidade do pesquisador, da instituição na qual a pesquisa será realizada. É importante ressaltar que o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi lido e explicitado, com a finalidade de esclarecer quaisquer dúvidas sobre a pesquisa e seus procedimentos, assim como de enfatizar o fato de a participação dos colaboradores ser voluntária, conferindo-lhes autoridade para desistir a qualquer momento do processo, sem prejuízos, sem questionamentos.

Ademais, com o intuito de preservar suas identidades, optei pelo uso de pseudônimos. Solicitei ao começo de uma de nossas aulas que escolhessem nomes fictícios. Alguns colaboradores não tiveram empecilho em escolherem pseudônimos, como: Seu José, Dona Coração Solitário, Dona Francisca e Dona Beija-Flor. Outros tiveram dificuldade em compreender a razão para tal solicitação e pediram tempo para pensar sobre suas escolhas. Outros simplesmente disseram que não queriam pseudônimos, pois o que falavam era a pura verdade. Um tempo foi dado para amadurecerem a ideia. Passado alguns meses, decidi escolher os nomes para os demais colaboradores: Jovina, Cléria, Vani, Bastiana, Marlene e Griza.

Tendo em vista os padrões éticos implementados nesta investigação, explanarei, a seguir, como foi realizada a geração e a coleta dos dados.

3.1.2 Métodos na pesquisa qualitativa

Descrever as situações, os eventos sociais, a partir do campo de ação e dos atores envolvidos requer, em termos ideais, uma análise fria e objetiva (BAUER; GASKELL; ALLUM, 2005). Os referidos autores denominam esse tipo análise de “campo de observação sistemática” e sublinham que, um envolvimento direto com os colaboradores da pesquisa demanda precauções, para não comprometer a objetividade da análise científica. Por

¹³ Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em 24 de Setembro de 2014.

consequente, torna-se mister a avaliação das ações e possíveis impactos causados no contexto situado, decorrentes do envolvimento do pesquisador com o grupo pesquisado.

Busca-se, na pesquisa qualitativa, investigar a relação entre os colaboradores/objeto de pesquisa que emerge dos pontos de vista do pesquisador e dos colaboradores, na medida em que se questiona desde os eventos mais situados até as práticas mais amplas e sua relação com aqueles diretamente envolvidos. Para atingir uma cobertura mais completa desses acontecimentos na vida social, a pesquisa qualitativa possibilita o uso de uma pluralidade de métodos, cuja finalidade é sistematizar os acontecimentos e inferir os sentidos ali produzidos.

Nessa perspectiva, Bauer, Gaskell e Allum (2005) sugerem quatro dimensões para pesquisas sociais que compõem o delineamento da pesquisa. A primeira, denominada de ‘princípios de delineamento’ aponta para seus princípios estratégicos. A segunda, denominada ‘geração de dados’, enceta para o modo como os dados serão gerados e coletados. A terceira, denominada ‘análise de dados’ indica o modo como os dados serão tratados. A última dimensão, denominada ‘interesses do conhecimento’, aponta para os caminhos que a pesquisa se destina. Essas dimensões encontram-se sintetizadas no Quadro 2.

Quadro 2 – As dimensões do processo da pesquisa

Princípios de delineamento	Geração de dados	Análise dos dados	Interesse do conhecimento
Pesquisa de natureza etnográfica	Observação participante Entrevistas narrativas Notas de campo Situações em eventos de letramento	identidades	Emancipação e empoderamento
Pesquisa documental	Coleta de documentos	ADC e LSF	

Fonte: adaptado de Bauer, Gaskell e Allum (2005, p. 19)

3.2 GERAÇÃO E COLETAS DE DADOS

Conforme mencionado anteriormente, dados de duas naturezas foram cruzados: os dados de natureza etnográfica, gerados a partir das entrevistas narrativas, notas de campo e situações em eventos de letramento e os dados de natureza documental, gerados a partir da

análise dos documentos que visam à proteção dos direitos da pessoa idosa, como o Estatuto do Idoso.

Para a geração e sistematização de dados de natureza etnográfica, realizei uma triangulação. Triangulação refere-se a uma alternativa à validação da pesquisa, ou seja, trata-se de uma combinação de diferentes perspectivas metodológicas, diversos materiais empíricos, vistos como uma estratégia para acrescentar rigor, complexidade e profundidade à investigação (DENZIN; LINCOLN, 2006). Trata-se de uma combinação que possibilita olhares múltiplos sobre o mesmo objeto, gerando assim mais confiabilidade e precisão nas análises. Para tanto, recorri aos seguintes procedimentos: entrevistas narrativas, observação participante, notas de campo e situações em eventos de letramento e grupo focal, que constituem os documentos de língua oral, conforme ilustra o Quadro 3.

Quadro 3 – Documentos de língua oral

Entrevistas narrativas (gravadas em áudio e transcritas)	Notas de campo (gravadas em áudio e transcritas)	Situações em eventos de letramento (gravadas em áudio e transcritas)	Grupo focal (gravadas em áudio e transcritas)
--	--	--	---

Fonte: o autor (2016)

A seguir, tratarei dos dados documentais e sua constituição.

3.2.1 Pesquisa documental

A pesquisa documental se enquadra no perfil desta investigação por ser considerada uma técnica importante na pesquisa qualitativa, seja trazendo novos olhares sobre um problema, seja complementando informações obtidas por outras fontes. Ela se realiza a partir de análise de documentos oficiais, pareceres, leis, cartas, ofícios, entre outros.

A avaliação do contexto sócio-político e histórico dos documentos, assim como a quem eles se destinam constitui etapa essencial na pesquisa documental. Decorre desse exame, a possibilidade de desvelar grupos sociais, fatos, generalizações e, por turno, entender os argumentos, refutações, reações contidas no texto ou ainda nele subentendidas (CELLARD, 2008). Cabe ao analista do discurso examinar o contexto em que o documento foi produzido, interpretar e sintetizar informações, investigar suas relações semântico-

discursivas, assim como as práticas sociais em que os documentos circulam e, sobretudo, seus possíveis efeitos ideológicos no âmbito social.

O Estatuto do Idoso, documento central desta pesquisa, foi submetido a uma análise criteriosa, observando sua estrutura genérica e seus aspectos linguístico-discursivos. O primeiro passo, foi fazer algumas leituras do documento. Em seguida, essa leitura exigiu uma compreensão sócio-histórica do documento. Decorrente dessas leituras, chegamos à Constituição Federativa Brasileira de 1934. Em seguida, outras constituições foram estudadas para identificar as representações da pessoa idosa nas leis brasileiras.

A razão de estudar somente as Constituições Brasileiras de 1934 e 1988 se deve a um recorte justificado por dois pontos distintos. Primeiro, refere-se ao fato de que todas as Constituições anteriores à de 1934 não fazem alusão à questão da velhice. Segundo, refere-se ao fato de que as Constituições de 1946 e de 1967 mantêm integralmente as disposições sobre a previdência social. A proteção da pessoa idosa só veio de fato ser representada na Constituição Federativa de 1988.

Esses documentos constitucionais brasileiros respondem a demandas internacionais. Desse modo, a leitura da Declaração dos Direitos Humanos e os documentos legais oriundos da ONU também foram examinados. A razão é compreender como os documentos brasileiros se alinham aos documentos universais, já que o Brasil é um país signatário da ONU, em questões referentes ao envelhecimento.

Seguindo esse pensamento, o Quadro 4 reúne os documentos, respeitando sua ordem cronológica, a saber: o Estatuto do Idoso, a Constituição Brasileira de 1934, a Constituição Brasileira de 1988, e na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), conforme ilustra o Quadro 4.

Quadro 4 – Lista de documentos selecionados

Ano	Dispositivos Legais	Total
2003	Estatuto do Idoso	1
1934	Constituição Federativa Brasileira	1
1988	Constituição Federativa Brasileira	1
1948	Declaração Universal dos Direitos Humanos	1
Total		4

Fonte: o autor (2016)

A análise (ver Capítulo 5) foi dividida em dois momentos. Primeiro, tecei alguns comentários sobre os documentos legais internacionais, ressaltando os principais pontos,

servindo como pano de fundo. Segundo, tratei das constituições federativas brasileiras, no que tange a representação da pessoa idosa nos documentos, começando com a Constituição de 1934 e depois a de 1988. Em seguida, abordei a Política Nacional do Idoso. E por fim, analisei o Estatuto do Idoso (documento central desta pesquisa) pela ótica da ADC e LSF, a partir da categoria da representação.

3.2.2 Observação participante

A observação participante pode ser definida como um processo pelo qual o pesquisador se mantém face a face com os colaboradores, com a finalidade de realizar uma investigação. Ao participar da vida deles, no seu cenário cultural, o pesquisador colhe dados e torna-se parte do contexto, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este. O trabalho de campo deve ser feito preferencialmente com um grupo social reduzido, orienta Denzin e Lincoln (2006). O pesquisador deve dar voz aos observados e no uso de fontes textuais deve lidar com o que foi dito.

No COSE, ambiente onde os dados empíricos de natureza etnográfica foram colhidos, atuei como pesquisador e como professor. As aulas e as oficinas foram ministradas por mim. Em certos momentos, houve a emergência de tópicos que escapavam a minha competência. Por essa razão, recorri aos especialistas colaboradores para obter conselhos e auxílio sobre informações precisas, referentes, por exemplo, à aposentadoria, à saúde.

3.2.3 As oficinas de letramento

Os eventos de letramento, com base em Barton e Hamilton (2000) e Street (2014), foram oferecidos com o intuito de potencializar a proficiência leitora e a produção escrita dos idosos. Tais eventos de letramento foram sistematizados rotineiramente a partir de uma série encadeada de oficinas de alfabetização na perspectiva freireana, culturalmente sensível, delineadas para responder aos anseios do grupo sobre os usos sociais da leitura/escrita. A título de exemplo, a leitura do Salmo 23 “o Senhor é meu pastor e nada me faltará”, sugestão feita por uma idosa do grupo, como material de estudo para primeira aula, foi o marco inicial do trabalho. Desse modo, as oficinas foram desenhadas respeitando as metas propostas pelos idosos com vistas ao empoderamento e ao resgate da cidadania. Nessa perspectiva, com o fluxo das aulas, questionamentos sobre os direitos garantidos por lei foram sendo trazidos para sala de aula. Em razão dessa demanda, vários cartazes foram elaborados com temas do

Estatuto do Idoso. Diante da leitura dos direitos dos idosos prescritos no dispositivo, muitos debates foram realizados, o que gerou, a meu ver, um maior conhecimento dos direitos já conquistados por lei. Ainda, muitas atividades colaborativas foram realizadas com o intuito de proporcionar a aquisição de habilidades e saberes para resolução de problemas permeados pela linguagem, tanto na modalidade oral quanto na modalidade escrita, por exemplo, como devolver um produto comprado no *shoptime*, ou como solicitar ajuda no Posto de Saúde.

Os encontros com o grupo ocorreram às quartas-feiras, no espaço do COSE, no período de 12 de fevereiro de 2014 até 24 de junho de 2015. Entre julho de 2015 até 18 de maio de 2016 (participei de um programa *sandwich*, promovido pela CAPES/Fulbright). Nesse período, os idosos ficaram sem aulas e perderam o espaço concedido pelo COSE. Na segunda quinzena de Maio de 2016, as aulas voltaram ao normal. As sessões ocorrem sempre no período matutino, com duração de aproximadamente duas horas cada, com início às 8h00 e término previsto para as 10h00.

3.2.4 Entrevistas narrativas

As entrevistas narrativas (EN), instrumento central da geração de dados desta pesquisa, foram realizadas com base nos estudos de Jovchelovitch e Bauer (2000), para os quais as ENs se dão por meio de perguntas abertas como uma forma de encorajar os entrevistados a relatar opiniões, pensamentos e, especificamente, no caso desta pesquisa, histórias de vida dos idosos. As ENs são infinitas em sua variedade e se encontram em todas as instâncias da vida.

Jovchelovitch e Bauer (2000) propõem quatro fases principais da EN: iniciação, narração central, fase de perguntas e fala conclusiva. Inicialmente, na preparação para a pesquisa, fiz visitas periódicas para a exploração do campo e do contexto de pesquisa, buscando ouvir os anseios e as demandas do grupo a ser estudado. Conversei com cada colaborador (a) sobre a pesquisa e o sobre o seu interesse em participar, logo nos primeiros encontros. Em seguida, lemos juntos o TCLE, com o propósito de aclarar qualquer dúvida sobre o projeto e sobre a participação e a proteção dos colaboradores. Posteriormente, algumas perguntas para entrevista foram formuladas.

Quadro 5 – Perguntas da entrevista com os idosos

1. O Senhor/a me permite gravar o que me contar sobre sua vida?
2. Onde nasceu?
3. Teve oportunidade de frequentar a escola na infância? cursou até que série?
4. Gostaria de aprender a ler e escrever para quê?
5. Qual o tipo de atividade a que se dedica no momento?
6. Gostaria de tocar, cantar, declamar, escrever cartas, poemas, bilhetes, escrever mensagens no celular?
7. Tem facilidade em manter amigos?
8. Gostaria de contar sobre sua família, pais, irmãos, ou esposo/a se for o caso?
9. O que faltou na sua vida? o que ainda gostaria de fazer?
10. Já passou por alguma situação que sentiu muita alegria/ou muito medo? pode me contar?
11. O que é ser idoso(a)?

Fonte: o autor (2016)

A primeira fase, chamada ‘iniciação’, prevê a formulação de tópicos iniciais para propiciar a narração. Algumas questões foram formuladas com o intuito de desvelar como os colaboradores veem o mundo, se frequentaram a escola na infância, se gostariam de aprender a ler e a escrever, se trabalham, quantas horas trabalham, o que almejam com a leitura e a escrita, entre outras. Além disso, outras questões sobre a família, os sonhos ainda não concretizados, foram feitas, conforme ilustra o Quadro 5.

De posse das perguntas impressas em uma folha A4, encontrei com cada participante, em um local arejado, fora da sala de aula. E, antes de iniciar a gravação, solicitei a permissão para gravar a entrevista. Nesta fase denominada de ‘narração central’, os colaboradores narraram suas histórias de vida sem interrupção. O intuito foi compreender como suas experiências foram sendo construídas ao longo da vida, assim como o processo de construção de suas identidades, de suas crenças, de suas representações, de seus valores e de suas ideologias. Quando os momentos da narração chegavam a um fim natural, questões complementares foram utilizadas, com o propósito de preencher possíveis lacunas, por exemplo: O senhor(a) poderia me dizer o que aconteceu antes/depois/então, ou nessa época, o senhor(a) estava morando onde? Tais perguntas serviram para auxiliar o fluxo natural da narrativa sem interferir na sua espontaneidade, conforme sugerem Jovchelovitch e Bauer (2000). Na fase ‘conclusiva’, quando o gravador já estava desligado, se alguma informação relevante, ou algum comentário que pudesse explicar ou mesmo trazer luz para algo que tenha ficado obscuro durante a entrevista, notas de campo foram utilizadas.

3.2.5 Notas de campo

As notas de campo, conforme já mencionado anteriormente, são registros colhidos durante as observações e servem como um instrumento de geração de dados da pesquisa qualitativa. Busca-se captar a imagem da realidade, com detalhamento descritivo do local, das pessoas, das ações e das interações. Além disso, pode servir como um meio analítico de registrar reflexões sobre os eventos observados, por meio de sentimentos, de percepções e de ideias surgidas durante as interações e ações dos colaboradores, ou mesmo após as entrevistas. As anotações devem ser feitas o mais próximo possível dos eventos observados, para que possam ser fidedignas à situação. Uma vez que, ao se distanciar dos eventos observados, pode-se perder sensações e precisão dos fatos.

Segui essas orientações de forma criteriosa. Logo na primeira semana de aula, percebi que não seria possível fazer o registro das notas de campo no local onde as aulas eram ministradas. Os alunos, ao término das aulas, continuavam em sala até a minha saída. Auxiliavam-me a recolher os cartazes, assim como o material didático utilizado em sala, possivelmente como uma forma de sinalizar apreciação pelos encontros. Nesses momentos mais privativos, muitas histórias foram a mim confidenciais. Por essas razões, optei por gravar em áudio as notas de campo, imediatamente após a minha chegada em casa. Posteriormente, realizei as transcrições. A opção de gravar as notas de campo em áudio, deveu-se ao fato de querer estar livre para falar sobre a que aconteceu na aula sem empecilhos, como aqueles provocados pela digitação. Vejamos, a seguir, um exemplo de nota de campo, da aula do dia 19 de fevereiro de 2014, que marca o primeiro encontro com o grupo.

- (11) *O encontro começou com uma hora de atraso aproximadamente. A coordenadora do grupo dos idosos, quem atua como assistente social do Posto de Saúde – já havia passado algumas informações sobre mim, decorrente do nosso primeiro contato por telefone, na semana que antecedeu o encontro. Fui ao COSE simplesmente com a pretensão de conhecê-los, ouvi-los e, se possível, discutir uma proposta de trabalho. Ao término da sessão, dez idosos estavam presentes. Após uma breve apresentação, a coordenadora passou-me a palavra para que eu pudesse explicar o propósito da pesquisa. Falei um pouco sobre mim e sobre o projeto. Discorri sobre a função dos eventos de letramento e os possíveis desdobramentos, assim como sobre os temas relacionados ao Estatuto do Idoso e à cidadania. Dispostos em círculo, os alunos foram convidados a falar sobre si e sobre o contato que tinham com a escrita e com práticas de leitura. Eu comecei a atividade a fim de deixá-los mais à vontade.*

(Notas de campo - 02 - Aula do dia 19 de fevereiro de 2014)

3.2.6 Situações em eventos de letramento

Logo nas primeiras aulas, comecei a perceber que os alunos interrompiam a sequência das atividades e relatavam “causos” sobre o passado e sobre experiências cotidianas. Na medida em que o tempo foi passando, pude perceber sua regularidade, e comecei a registrar essas histórias nas notas de campo. Posteriormente, as separei e as nomeei de *Situações em eventos de letramento*. Tais situações não correspondem *ipsis litteris* às histórias tal como foram relatadas durante a aula. Elas foram gravadas em áudio, mas foram registradas após o seu término da aula.

Na literatura da área, encontrei alguns trabalhos científicos que utilizaram um recurso similar denominado de “narrativização das narrativas” (LOPES, 2003; MOREIRA, 2013). As autoras o descrevem como histórias das histórias, ou seja, narrativas recontadas. Em outras palavras, uma história é ouvida e depois é recontada por alguém. Nesta pesquisa, optei pelo termo ‘Situações em eventos de letramento’ por mais se adequar ao contexto de produção. A título de exemplo, trago um relato que bem ilustra a emergência dessas situações durante a aula do dia 12 de Fevereiro de 2014. Neste relato, Dona Griza, de 83 anos, aproveitou-se de um breve silêncio da turma e trouxe à tona seu depoimento espontâneo, conforme registrado a seguir:

(12)

Será que Deus entendi o meu pedido?

“Meu sonho é aprender a escrever um aviso”, essa foi a frase inicial do depoimento de Dona Griza. Após uma pequena pausa, ela prosseguiu, complementando o seu desejo: “Assim, um aviso pra família. É que lá na minha igreja, o pastor fala assim pra gente escrever um aviso pra família e botar na caixa de mensagem”. A ideia é que se escreva uma mensagem, pedindo a Deus proteção para os entes queridos. Como Dona Griza se sente incapaz de escrever a mensagem, sem outra alternativa, recorre a suas filhas. No entanto, sua filha sempre a responde com certa negligência, e como diz a própria mãe, “com macriação”: “me fala o quê que é pra escrever nesse troço, então?” Diante dessa situação, acanhada, Dona Griza simplesmente diz: “ah, bote aí qualquer coisa”. E assim, acaba desistindo do seu sonho. “Eu não sei escrever, até sei umas letrinha, aí eu começo, e me atrapalho toda com as letras pequenina e com as grande e com o ‘r’ também”, diz ela, revelando sua dificuldade. Uma certa feita, o pastor, da igreja que assiduamente frequentava, solicitou aos fiéis que colocassem seus pedidos no altar para que Deus pudesse atender e solucionar todos os seus problemas. Sentido um tanto envergonhada, Dona Griza que não dominava a escrita, pega uma tira de papel de uma caixa que ficava sobre o altar, e começa a

escrever para Deus. E aí, disse ela: “botei três rabisquim pra lá, três pra cá, e aí, fiquei pensando, assim, será que Deus entende a minha mensagem? Professor, o senhor acha que Deus entende o meu pedido?”

(Situações em eventos de letramento - 01)

(Dona Griza, 83 anos – Aula do dia 12 de fevereiro de 2014)

Como se pode perceber, trata-se da reprodução de uma história contada por um aluno em sala de aula, (re)contada pelo professor. Um título foi atribuído a cada uma delas, com o intuito de organizá-las tematicamente. Esses registros foram de grande valia para o desenvolvimento da pesquisa. Primeiro, por trazerem informações situadas do contexto local. Segundo, por servirem à função de ratificar os dados colhidos por meio de outros métodos.

3.2.7 Grupo focal de idosos da Estrutural

No que concerne ao grupo focal, o entrevistador desempenha um papel de moderador que, nas palavras de Gaskel (2002, p. 75) representa “o catalizador das interações sociais” entre os integrantes do grupo. Ainda, reforça o autor, que o objetivo do grupo focal é estimular os participantes a falarem e a reagirem às questões que circulam durante situações dialógicas. Pode-se afirmar que o conteúdo produzido nesse cenário de trocas é menos controlado, e por sua vez, mais autêntico. A interação do grupo pode gerar humor, espontaneidade e criatividade nas enunciações.

Ainda, segundo o referido autor, há algumas restrições com a técnica dos grupos focais que precisam ser levantadas. Primeiro, nem todos os participantes do grupo manifestam suas opiniões, por exemplo, os mais reticentes, tímidos, inseguros. Segundo, é impossível dirigir atenção para um indivíduo em particular em um debate de grupo. Se o tema for de interesse geral, e todos se sentirem capazes de opinar, os resultados tendem a ser positivos.

O grupo foi constituído por dez pessoas, nove mulheres e um homem. Ressalto que, entre os meses de julho e agosto de 2014, a comunidade vizinha recebeu a Carreta Oftalmológica¹⁴ e com isso, quatro alunas se ausentaram, por um período de quase dois meses, devido à cirurgia de catarata. O restante do grupo permaneceu coeso, durante todo período da pesquisa.

Com exceção de três pessoas nascidas nos Estados de Minas Gerais, Espírito Santo e de Goiás respectivamente, as demais tem procedência nordestina. Somam sete as viúvas do

¹⁴ Modelo de atendimento médico itinerante realiza 800 consultas e 250 cirurgias de catarata por dia.

grupo. Nove recebem aposentadoria ou pensão pela morte do esposo. Com exceção de Dona Vani, que ainda trabalha em um fábrica no período vespertino, todos recebem um salário mínimo, sendo esta a única fonte de renda para o sustento da família.

Do ponto de vista educacional, uma colaboradora estudou até a terceira série. Ela possui um cargo de assistente e auxilia idosos e crianças junto ao COSE, bem como participa das aulas regularmente. Os demais colaboradores, baseado em seus depoimentos, estudaram somente alguns meses e relataram suas dificuldades enfrentadas para ir à escola na infância (ver Capítulo 4).

O Quadro 6, a seguir, ilustra o perfil social dos colaboradores desta pesquisa.

Quadro 6 – Perfil social dos colaboradores da Estrutural

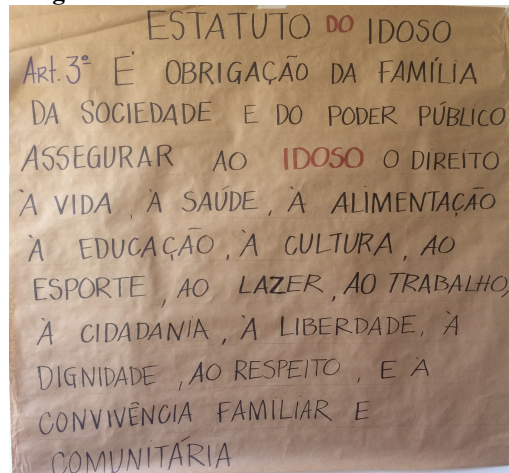
Nome	Sexo	Naturalidade	Idade	Estado de civil	Data da entrevista
1. José	M	Fátima - BA	77	Casado	23/04/2014
2. Jovina	F	Serra Grande - CE	64	Viúva	09/07/2014
3. Cléria	F	B. do Córrego - MA	78	Viúva	09/04/2014
4. Coração Solitário	F	Irapina - PE	70	Viúva	28/05/2014
5. Vani	F	Faz. Pindaíba - GO	64	Viúva	23/07/2014
6. Francisca	F	Granja do Ceará- CE	68	Viúva	23/07/2014
7. Bastiana	F	Minas Gerais - MG	68	Viúva	30/04/2014
8. Marlene	F	São Mateus - ES	78	Viúva	27/07/2015
9. Griza	F	Caxias - MA	83	Viúva	13/08/2014
10. Beija-flor	F	Maranhão - MA	81	Casada	02/07/2014

Fonte: o autor (2016)

A partir do segundo encontro, pude perceber que a abordagem de grupo focal seria de fato frutífera para constituição de dados de natureza etnográfica. Além disso, possibilitaria aos colaboradores um momento para expressarem suas ideias, seus posicionamentos e, sobretudo, refletirem sobre quem são, o que pensam, e sobre o modo como enxergam as coisas que os rodeiam através da interação com outras pessoas, com histórias de vida similares. Ao mesmo tempo, poderiam solidificar laços e fortalecerem sua identidade de grupo. Desse modo, os debates gerados pelo grupo focal tem sido valiosos no processo de (re)constituição das representações sociais, que, a meu ver, são construídas discursivamente nas relações sociais ao longo do tempo.

Com o desenvolvimento da competência leitora do grupo, marcado principalmente pelo reconhecimento de algumas palavras e frases, comecei a vislumbrar as potencialidades da leitura. Desse modo, tornou-se oportuno trazer para a sala de aula, cartazes com pequenos trechos do Estatuto do Idoso para aproximá-los das leis que os protegem, como ilustra a Imagem 4, a seguir.

Imagem 4 – Cartaz sobre o Estatuto do Idoso



Fonte: o autor (2016)

O resultado dessa aproximação proporcionou aos idosos ratificar conhecimentos socialmente compartilhados sobre alguns artigos da lei e aprender sobre outros que desconheciam. Nessa perspectiva, elenco alguns pontos relevantes do Estatuto do Idoso, que foram debatidos pelo grupo, conforme ilustra o Quadro 7:

Quadro 7 – Temas do Estatuto do Idoso para debates em classe

Capítulos	Temas
Cap. I	Do Direito à Vida
Cap. II	Do Direito à Liberdade, ao Respeito e à Dignidade
Cap. III	Dos Alimentos
Cap. IV	Do Direito à Saúde
Cap. V	Da Educação, Cultura, Esporte e Lazer
Cap. VI	Da Profissionalização do Trabalho
Cap. VII	Da Previdência Social
Cap. X	Do Transporte

Fonte: o autor (2016)

Além dos debates propulsionados pelos temas do Estatuto do Idoso, outras discussões naturalmente emergiram em sala de aula. Muitos depoimentos, seguidos de debates tiveram na família e na saúde sua principal fonte. Em uma de nossas aulas, (14 março de 2014) a discussão em torno de problemas ligados à saúde tornou-se aquecida. Essa discussão durou aproximadamente trinta minutos. Transcorridos mais de vinte minutos, solicitei aos alunos permissão para gravar um trecho de seus depoimentos. Esses depoimentos compuseram as narrativas sobre o os enfrentamentos diários dos idosos do grupo.

3.3 DADOS COMPLEMENTARES

Além dos dados oriundos desta investigação, recorro aos dados da dissertação de Mestrado de Machado (2008) intitulada: “Discurso sobre a pessoa idosa: as vozes que falam e as vozes que calam”, com o propósito de aproximar dados de contextos diferentes. Os perfis sociais dos colaboradores que utilizarei estão expostos no Quadro 8.

Quadro 8 – Perfil social dos colaboradores da Dissertação de Machado, 2008

Nome	Sexo	Naturalidade	Idade	Estado de civil	Data da entrevista
11. Dalva	F	Casa da Vovó	92	Viúva	13/08/2007
12. Miriam	F	Casa da Vovó	81	Viúva	13/08/2007
13. Eni	F	Casa do Ceará	74	Casada	20/12/2007
14. Adelina	F	Rio de Janeiro - RJ	76	Viúva	20/12/2007
15. Eli	F	Goiás - GO	85	Viúva	25/9/2007
16. Natália	F	Brasília - DF	78	Viúva	14/8/2007
17. Hilda	F	Rio de Janeiro - RJ	87	Casada	10/8/2007

Fonte: o autor (2016)

Por fim, os dados do trabalho de iniciação científica (PIBIC), intitulado Letramento, identidade e cidadania na terceira idade, coordenado pela Doutora Denize Elena Garcia da Silva, foram utilizados como recurso metodológico com vistas a relacionar diferentes contextos de pesquisa e aproximar os dados. O Quadro 9 sintetiza o perfil social do grupo.

Quadro 9 – Perfil social dos colaboradores do PIBIC – UnB, 2001

Nome	Sexo	Naturalidade	Idade	Estado de civil	Data da entrevista
18. Juvenal	M	Bahia	64	casado	01/5/2001
19. Roberval	M	Maranhão	62	viúvo	02/5/2001

20. Daniel	M	Maranhão	63	casado	02/5/2001
21. João	M	Piauí	65	viúvo	02/5/2001
22. J. Marcos	M	Ceará	62	casado	01/5/2001

Fonte: o autor (2016)

Ainda, com o intuito de quantificar os colaboradores da pesquisa, apresento o quadro demonstrativo do número total de colaboradores, não somente do grupo da Estrutural, mas também dos grupos que servirão para comparação de dados em contextos distintos.

Quadro 10 – Quantitativo total dos colaboradores

ESTRUTURAL	MACHADO, 2008	PIBIC
10	7	5

Fonte: o autor (2016)

Até aqui, o perfil da pesquisa foi traçado. As bases da pesquisa qualitativa foram assentadas, com inspiração na etnografia crítica, tendo como coluna dorsal os aspectos éticos que norteiam o estudo. Além disso, uma apresentação dos métodos para coleta e geração de dados foi exposta, assim como o perfil dos colaboradores. A seguir, apresento as propostas teórico-metodológicas, que fornecem as ferramentas essenciais para a análise da interioridade da linguagem (dimensão linguística) e sua exterioridade (dimensão discursiva).

3.4 UM ENLACE TEÓRICO-METODOLÓGICO NA CONSTRUÇÃO DO *CORPUS* E DAS ETAPAS DA PESQUISA

O objetivo desta seção é delinear aspectos teóricos e metodológicos da ADCTO com base em Fairclough (2003), para a análise dos dados de natureza documental. A categoria da representação, com enfoque nos processos de transitividade, pertinentes às categorias linguísticas da LSF (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014) constitui a base da análise. Para Silva (2009), a conjugação da ADC e da LSF permite examinar a linguagem, desde a sua interioridade (nível da gramática) até o discurso (instância que faz da língua um contrato social), como recurso semiótico (nível semântico) para a expressão de significados no contexto social.

Para tanto Fairclough (2010, p. 235) propõe algumas etapas que constituem o modo de fazer análise de discurso crítica, conformadas em quatro passos:

- **1º passo:** focar um fato social injusto (*social wrong*) em seu aspecto semiótico;

- **2º passo:** identificar os obstáculos a serem superados;
- **3º passo:** considerar se a ordem social precisa desse fato social injusto;
- **4º passo:** identificar as possíveis maneiras de superar os obstáculos.

Os passos supracitados emolduram o caminho para as pesquisas sociais, no caso desta tese, foram fundamentais para a análise linguístico-discursiva.

1º passo: para esta pesquisa, o problema social constitui a questão iniquidade social. Trata-se de um grupo de idosos em situação de vulnerabilidade social e econômica residentes na Vila Estrutural. Busquei investigar as possíveis relações e articulações entre as representações e as identidades sociais inscritas no contexto situacional, a partir das histórias de vida e os significados representacionais presentes nos discursos legais que pairam sobre práticas sociais locais. Desse modo, a partir de exame minucioso da linguagem, manifesta nos textos sob análise, permitiu-me identificar significados linguístico-discursivos na tessitura do texto e seus possíveis efeitos na vida social.

2º passo: esse passo implica a necessidade de entender a relação ideológica entre “o que é” (idosos em situação de exclusão, alijados dos processos socioculturais) e “o que deveria ser” (idosos autônomos, protagonistas de sua própria história, incluídos socialmente, vivendo sua cidadania plena). Essa implicação coaduna-se aos propósitos cravados pela etnografia crítica. O desenrolar da pesquisa evidenciou que o primeiro obstáculo é estabelecimento de vínculo com o grupo, quesito vital para um exitoso trabalho. Não se trata de uma simpatia mútua e fácil, significa um amadurecimento de ambas as partes (pesquisador e colaboradores) em querer compreender a si mesmo pelo outro. O segundo obstáculo, a meu ver, está ligado à ruptura de representações negativas sobre o envelhecimento, construídas socialmente, e perpetuadas no imaginário coletivo. O terceiro obstáculo é mapear, monitorar e lutar pela implementação de políticas públicas e as ações dos governo local, voltadas para idosos em situação de pobreza. Por fim, o quarto obstáculo refere-se à promoção da organização do grupo, à identificação dos pontos convergentes e divergentes entre os integrantes, ao reconhecimento das lideranças naturais e, sobretudo, ao fortalecimento da identidade do grupo.

3º passo: o fato social injusto contemplado nesta pesquisa, conforme mencionado anteriormente, não se trata de algo novo. Na verdade, a exclusão social de idosos pobres é historicamente reconhecida. O cenário de exclusão social tornou-se mais exacerbado com os avanços do sistema capitalista, que demanda produtividade e competitividade para servir ao mercado. Aqueles, social e economicamente vulneráveis nada mais têm a oferecer a não ser o

seu braço para o trabalho. As oportunidades a eles ofertadas, apontam os nossos dados, são de catadores, domésticas, lavadeiras, quebradeiras de coco, serventes, em síntese, trabalho braçal. Quando não mais se tem a força exigida pelo mercado, o idoso perde sua função social e torna-se “mercadoria obsoleta”. Por um lado, são vistos como uma doença social, por não darem conta de cuidar de si, por serem dependentes do sistema que os criou e, que, nesta etapa da vida, lhes nega seus direitos mais essenciais. Por outro lado, não são percebidos, são excluídos ou marginalizados, são inexistentes.

4º passo: em relação à construção de propostas com vistas à superação dos obstáculos, tornou-se mister estabelecer um desenho claro de ações com passo-a-passo voltadas às práticas sociais transformadoras. Do ponto de vista pedagógico, perscrutar as demandas do grupo e agir em consonância com as necessidades locais foi imprescindível. Eventos de letramento e oficinas de alfabetização foram ofertadas, com o intuito de auxiliar a resolução de problemas de ordem linguístico-discursiva, como ler placas para pegar o ônibus certo. Paralelamente, questões emergenciais foram debatidas no sentido de promover o discernimento de problemas que afetavam diretamente os idosos do grupo, com vistas ao seu empoderamento. Ainda, vale ressaltar que durante o trabalho pedagógico percebi que as aulas deveriam ser preparadas não somente *a priori*, mas principalmente *a posteriori*, para melhor adequar as exigências que afluíam durante a *praxis*.

Do ponto de vista do espaço físico, há de haver um esforço colaborativo entre todos os envolvidos no processo, desde os colaboradores, professores e pesquisadores até os profissionais que coordenam o trabalho de apoio à comunidade local em seus encontros, no sentido de garantir um espaço digno para a realização, não somente das aulas, mas de um espaço de mobilização social voltados para os idosos da Vila Estrutural.

O trabalho de observação participante me forneceu subsídios para afirmar que há uma demanda de espaços para o convívio social de pessoas da terceira idade. Elas precisam conversar, contar histórias, fazer trabalhos manuais, dar palestras, compartilhar conhecimento, atuar politicamente, vigiar as políticas públicas, se organizar como grupo. Os idosos precisam mais do que ter acesso aos seus direitos, na verdade, precisam também exercer seus deveres. Dito de outra forma, precisam se sentir como cidadãos ativos para a conquista de sua cidadania. Vislumbro idosos trabalhando na elaboração de políticas públicas voltadas para a Terceira idade. Nos bancos, desenvolvendo meios de inclusão digital e no auxílio da formação daqueles que fazem o atendimento prioritário. Na comunidade, trabalhando com as novas demandas e organização da vida social, tirando proveito da herança cultural e sapiencial que fora lapidada ao longo do curso da vida e que, na nesta fase, atinge patamares

elevadíssimos, que são infelizmente, ainda, desprezados. Tendo em vista os passos tomados para a realização desta pesquisa em ADC nos moldes de Fairclough (2010), a seguir apresento de forma breve o enlace ADC e LSF para a análise dos dados de natureza documental.

Para o acercamento à interioridade da linguagem, Fairclough (2003) propõe que o analista do discurso busque um diálogo da ADC com a LSF, de onde provém as ferramentas para a análise de discurso textualmente orientada, o que exige um mergulho na estrutura de um texto, através da gramática funcional proposta por Halliday e Matthiessen (2014). A perspectiva funcionalista hallideana busca estabelecer os princípios gerais relacionados ao uso da língua e investigar a interface entre suas funções e o seu sistema interno, a partir dos usos que seus falantes fazem para estabelecer relações, representar o mundo e satisfazer determinadas necessidades em contextos específicos.

Conforme mencionado anteriormente (seção 2.2), Halliday e Mathiessen (2014) compreendem a linguagem a partir de três macrofunções que simultaneamente se realizam nos textos: ideacional, interpessoal e textual. A função ideacional diz respeito à representação da experiência. Já a função interpessoal trata do uso da língua para expressar as relações interpessoais. Por fim, a função textual trata dos aspectos relacionados à semântica, à gramática e à estrutura linguística. Com base nessas funções, Fairclough propõe que seja ser visto por meio de três tipos de significados: acional, representacional e identificacional. O significado acional, associado ao gênero, enfoca o texto como modo de interação social; o representacional, associado à transitividade, envolve as escolhas lexicais feitas pelos atores sociais, que constituem suas representações do mundo físico, mental e social; e o identificacional, associado ao estilo, refere-se à avaliação, modalidade e metáfora, constituindo um modo de construção e negociação das identidades discursivas (FAIRCLOUGH, 2003).

O Quadro 11 sintetiza a geração dos dados e as ferramentas teórico-metodológicas da ADC e LSF, assim como a teoria do posicionamento interacional para responder as perguntas desta pesquisa.

Quadro 11 – Enlace teórico-metodológico, geração de dados e perguntas de pesquisa

Ferramentas teórico-metodológicas	Perguntas de pesquisa	Geração dos dados
Posicionamento interacional	Que aspectos identitários estão presentes nas histórias de vida dos idosos?	Entrevistas, observação participante, notas de campo, situações em eventos de letramento
LSF e ADC: Significado representacional	Que representações linguístico-discursivas estão presentes no discurso do Estatuto do Idoso?	Estatuto do Idoso (documento)
LSF e ADC Significado representacional	Como a pessoa idosa é representada no Estatuto do Idoso?	Estatuto do Idoso (documento)
LSF e ADC Significado representacional	Como tais representações se aproximam da prática cotidiana dos idosos?	Estatuto do Idoso (documento), observação participante, entrevista, notas de campo, situações em eventos de letramento

Fonte: baseado em Resende (2008)

3.5 TRATAMENTO DOS DADOS

O *corpus* desta pesquisa envolve dados de natureza etnográfica e dados de natureza documental. Para tanto, propuz um tratamento diferenciado quanto aos procedimentos analíticos. Em relação aos dados de natureza etnográfica, materializados especialmente nas histórias de vida, recorri à teoria do posicionamento interacional nos Estudos da Narrativa, para acessar o processo de construção de identidade dos colaboradores desta pesquisa. Após a transcrição das entrevistas narrativas, fiz inúmeras leituras das histórias de vida e ouvi regularmente os áudios, de modo a identificar as regularidades no discurso, seguindo Silva (2013). Para a referida autora, é imperioso deixar “se contaminar com os dados”, para que as categorias naturalmente se aflorem. Do contrário, poderá haver uma tentativa de rotular categorias, previamente determinadas, que não condizem com os dados.

A primeira regularidade apontou para três momentos distintos: passado, presente e futuro, configurando-se como os ciclos da vida. Cabe mencionar que algumas das perguntas

da entrevista narrativa auxiliaram a emoldurar essas categorias, como as respectivas perguntas: faltou algo em sua vida? o que ainda gostaria de fazer? Em resposta a esses questionamentos, representações sobre o futuro naturalmente emergiram. Com o amadurecimento das leituras, o mergulho nos dados empíricos, tendo como norte a pergunta de pesquisa: Que aspectos identitários estão presentes nas histórias de vida dos idosos? As categorias referentes aos ciclos de vida se desenvolveram para três momentos distintos: o *self* passado - a trajetória de vida dos idosos desde a infância até o momento atual; o *self* presente - os encontros cotidianos; e o *self* futuro - os planos e sonhos ainda não realizados dos idosos da Estrutural.

De posse dos três momentos do *self*, algumas categorias temáticas emergiram no discurso narrativo e destacaram-se pelas suas regularidades, apontando os temas mais recorrentes sob investigação no discurso dos idosos. As categorias ligadas ao *self* passado são: adversidades para ir à escola, maus tratos na infância, casamentos complicados, perdas de familiares e ludibriados por outrem. As categorias associadas ao *self* presente são: questões referentes à saúde, violência doméstica, o lado positivo de ser idoso, o sonho do letramento e a discriminação contra o idoso. Categoria relacionada ao *self* futuro: sonhos e planos. Vale ressaltar que as narrativas dispostas nos capítulos analíticos foram enumeradas com o intuito de facilitar o acesso aos termos e segmento oracionais, grifados em itálico ou entre aspas, citados no corpo do texto analítico.

Do ponto de vista do tratamento dos dados de natureza documental, segui os passos propostos pela ADC e LSF, com enfoque na micro análise da transitividade. O objetivo é identificar as representações linguístico-discursivas presentes nos documentos e a maneira como esses documentos representam a pessoa idosa. Dos procedimentos da análise do Estatuto do Idoso, o primeiro passo foi a leitura criteriosa do documento. Em seguida, esbocei a sua estrutura genérica, para identificar os principais temas, assim como sua organização estrutural. Sob a lupa dos significados representacionais, listei os processos mais recorrentes de modo a identificar as representações linguístico-discursivas presentes no documento. De posse das ações expressas no documento, passei à identificação dos participantes principais e secundários, destacando os atores sociais que desempenham as ações e os que são afetados por elas. As circunstâncias em que as ações ocorrem foram também detectadas e submetidas à análise.

3.6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Como o objetivo desta tese é investigar as representações linguístico-discursivas e as identidades sociais de pessoas idosas em situação de risco, busquei, neste capítulo, ancorar a investigação no paradigma da pesquisa qualitativa com inspiração na etnografia crítica. Descrevi sobre os padrões éticos empregados nesta pesquisa, com o intuito de obedecer aos critérios propostos pelo Comitê de Ética em pesquisas que envolvem seres humanos. Além disso, apresentei os métodos e procedimentos usados para a geração e coleta dos dados tanto de natureza etnográfica quanto os dados de natureza documental. Por fim, demonstrei como os dados serão tratados nos capítulos analíticos.

Tendo apresentado os pilares teóricos e os aspectos metodológicos que nortearam esta pesquisa, na sequência, apresento a análise e a discussão dos dados de natureza etnográfica.

CAPÍTULO IV

NARRATIVAS DE VIDA E IDENTIDADE

O objetivo deste capítulo é apresentar as análises dos dados empíricos de natureza etnográfica, o qual se encontra dividido em três seções. Na primeira seção (4.1.1), apresento o *self* passado, que representa a trajetória de vida dos colaboradores da infância até a chegada da velhice. Na segunda seção (4.2.1), apresento o *self* presente, que concerne aos momentos atuais de suas vidas e seus encontros cotidianos. Na terceira seção (4.2.6), trago o *self* futuro, que compraz os sonhos e planos ainda não realizados dos idosos da Vila Estrutural.

O que apresento nessas linhas é apenas um recorte da vasta experiência de vida dos idosos, registrados nesta pesquisa em forma de narrativas de vida. Em muitas ocasiões, muito foi a mim confiado, no particular, na segurança. E mesmo depois das aulas, no momento da merenda, no carro quando levava alguns dos alunos para suas casas, muitos depoimentos foram feitos, de modo que precisaríamos de um sistema distinto, capaz de captar a vasta partilha que testemunhei.

Trabalhar com histórias de vida de pessoas idosas, duplamente excluídas social e economicamente, traz à tona um conhecimento mais profundo das faces ocultas do nosso Brasil. Significa, a rigor, ouvir a voz de quem nunca foi ouvido e, ao mesmo tempo, ter a chance de testemunhar a construção da experiência de vida, vida sofrida, mas que, uma vez contada, permite àquele que narra possibilidades de rever o *self* passado, do ponto de vista da sapiência de experiências presentes, e, por conseguinte, de engajar-se em um trabalho contínuo de interpretação de seus papéis sociais e de experiências de vida (MISHLER, 1992).

Ao leitor, principalmente aquele que se reconhece nesse gênero particular de leitura, perceberá a imensidão na qual as narrativas nos convidam a percorrer. Trata-se, portanto, não somente de vislumbrar o trabalho no qual o narrador se imbuí em busca do reconhecimento dos *selves*, mas, traz consigo aqueles cujos olhos nessas linhas percorrem. Desse modo, ao ler essas narrativas, de alguma forma, todos nós entramos em trabalho discursivo, pois nos vemos nas experiências dos outros. Passemos, então, para a análise e discussão dos dados.

4.1 A ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS DE NATUREZA ETNOGRÁFICA

O que delinea esta análise é buscar o modo como os aspectos identitários se revelam no trabalho discursivo *vis a vis* em que os colaboradores e colaboradoras constroem e reconstróem os outros e a si mesmo durante entrevistas narrativas. Para atingir tal profundidade é preciso mergulhar em uma análise mais criteriosa e trazer à visibilidade histórias ainda silenciadas e buscar entender como os sujeitos sociais se posicionam na narrativa e como eles apresentam o mundo em que vivem (BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008).

Com esse propósito em mente, debrucei-me sobre as histórias de vidas do colaborador e das colaboradoras desta pesquisa ao perscrutar as gravações e ao fazer leituras criteriosas das narrativas. Como resultado, em primeiro lugar, ciclos de vida¹⁵ começam a se distinguir e constituir-se como categoria analítica. Com os avanços da pesquisa, os ciclos de vida transmutaram-se e dividiram-se em três momentos distintos do *self*: o *self* passado que encapsula a trajetória de vida dos idosos a partir da infância até o momento atual; o *self* presente que arvora os momentos atuais de suas vidas e encontros cotidianos; o *self* futuro que compraz os sonhos e planos ainda não realizados dos idosos da Cidade Estrutural.

Quadro 12 – Categorias temáticas das narrativas

Temas centrais	Aspectos identitários ao longo da vida
Adversidades para ir à escola	<i>self</i> passado
Maus tratos na infância	
Casamentos complicados	
Perdas de familiares	
Ludibriados por outrem	
Questões referentes à saúde	<i>self</i> presente
Violência doméstica	
O lado positivo de ser idoso	
O sonho do letramento	
Discriminação contra o idoso	<i>self</i> futuro
Sonhos e planos	

Fonte: o autor (2016)

¹⁵ Decorrente de inúmeras conversas com a minha mãe (83 anos de idade) sobre a temática dos idosos e também de escutar suas histórias, ela propôs que a minha forma de narrar sobre os idosos se mostrava dividida em três ciclos de vida: a infância, a fase adulta e a velhice.

Em segundo lugar, algumas representações sociais emergiram do discurso narrativo e destacaram-se pelas suas regularidades. Tais representações foram naturalmente organizadas, espelhando, assim, os temas mais recorrentes no discurso dos idosos sob investigação. O Quadro 12 sintetiza e organiza as categorias que nortearão as discussões analíticas deste estudo. Com base no Quadro 12, podemos inferir que o *self* passado consubstancia-se em destaque em relação aos demais. Inscritos em sua subcategoria estão as adversidades para ir a escola, os maus-tratos na infância e os casamentos complicados, perdas de familiares e ludibriados por outrem. A categoria concernente ao *self* presente reúne questões referentes à saúde, à violência doméstica, ao lado positivo de ser idoso, ao sonho do letramento e à discriminação contra o idoso. O *self* futuro engendra os sonhos e os planos.

As análises apresentadas a seguir foram norteadas a partir de uma pergunta de pesquisa: Que aspectos identitários estão presentes nas histórias de vida dos idosos? Essa pergunta desencadeia outros questionamentos complementares: Como os aspectos identitários emergem na interação entre o pesquisador e os idosos? E como os idosos se posicionam e posicionam outros participantes que compõem a história em suas narrativas?

Acredito ser oportuno retomar o conceito de posicionamento interacional. Conforme referido no Capítulo 2 (seção 2.3.2), nas últimas duas décadas, o conceito de posicionamento interacional estabeleceu-se no campo dos estudos da narrativa por elucidar como as identidades emergem e são negociadas em contexto de interação. As teorias sobre posicionamento interacional fornecem as ferramentas teóricas para pesquisadores investigarem as facetas da identidade e a forma como ela se revela no e pelo discurso. Os posicionamentos estão ligados às ações sociais pelas quais se tornam relevantes. Os estudos sobre posicionamento interacional em narrativas, desse modo, permitem-nos lidar empiricamente com o modo como as pessoas constroem suas identidades situadas em práticas sociais (DEPPERMAN, 2015).

Para Bamberg (1997) e Bamberg e Georgakapalou (2008), os posicionamentos interacionais são construídos e ocorrem localmente, são flexíveis do ponto de vista temporal e situacional, e são multifacetados – isto é, diferentes facetas da identidade se mostram relevantes em diferentes contextos discursivos. Isso significa dizer que as pessoas ao interagirem umas com as outras co-constroem posicionamentos pelas suas ações. Michael Bamberg (1997), um renomado pesquisador na área de discurso e identidade com ênfase em narrativas e estratégias de construção de identidade, trouxe um refinamento para a teoria ao apresentar três níveis distintos de posicionamentos interacionais, descritos a seguir. Para

análise dos dados empíricos desta tese recorro também aos trabalhos de Worthman (2000; 2001), De Fina (2013) e De Fina e Georgakopoulou (2015) sobre posicionamentos:

- a) **Nível 1:** refere-se ao modo como os personagens se posicionam em relação aos outros no evento narrado. Nesse nível, tenta-se analisar como os personagens dentro da narração são construídos, em termos de, por exemplo, protagonistas e antagonistas ou bandidos e vítimas. Em outras palavras, busca-se responder às seguintes questões: Quem são os personagens e como eles estão posicionados dentro dos eventos relatados? Os personagens são apresentados com seus respectivos posicionamentos na história? Quais tipos de ações atribuídas aos personagens são apresentadas? Quais motivos/razões? Quais características dos protagonistas da história são apontadas?;
- b) **Nível 2:** refere-se ao modo como os falantes se posicionam em relação à audiência. Nesse nível, busca-se analisar os recursos linguísticos que constituem discursos específicos usados na interação. O narrador, por exemplo, instrui a audiência no que fazer em uma dada condição, ou se engaja em se desculpar por suas ações e culpar outros. Em outras palavras, busca-se responder às seguintes questões: Como a história surgiu e qual foi a razão de ter sido contada? E como ela contribui para o alinhamento recíproco dos interlocutores?;
- c) **Nível 3:** refere-se ao modo como as questões ideológicas perpassam questões discursivas situadas, como questões referentes aos gêneros, papéis sociais, discriminação, racismo. Em outras palavras, busca-se responder à questão: Como a fala local/situada se articula aos processos socioculturais mais amplos? A título de exemplo, De Fina (2013) cita as questões referentes ao racismo, discriminação, opressão de grupos minoritários como processo socioculturais mais amplos.

Ainda, com o propósito de sistematizar as análises sobre os posicionamentos interacionais, Worthan (2001) menciona cinco tipos de pistas que indexalizam e possibilitam o posicionamento interacional:

- a) referência e predicação concernem aos modos com que pessoas, objetos, eventos, e ações são categorizados. Desse modo, por exemplo, meu vizinho, o médico, o traidor podem ser usados para se referir a uma mesma pessoa, mas posicionam o

indivíduo de modo diferente em termos de características morais e facetas relevantes da identidade;

- b) descritores meta pragmáticos são verbos do dizer usados para categorizar ações (ex.: arguir, culpar, zombar), sugerindo formas de avaliação dos atores;
- c) as aspas são usadas para posicionar a pessoa marcada, pelo uso de entonação, qualidade de voz, alternância de código. Essas marcas constituem instâncias rumo à credibilidade ou aos motivos da pessoa referida entre aspas;
- d) os indexicais avaliativos são descrições que posicionam as pessoas moralmente em relação às expectativas normativas compartilhadas e tipos sociais. Por exemplo, em Worthman (2000) é apresentado uma descrição do narrador sobre os primeiros anos no internato, em que fora relatado: “era permitido ver nossa mãe somente no domingo”. Nota-se que o indexical aqui se situa na pressuposição daquilo que é o limite razoável e não razoável da disciplina, e as posições dos participantes na contexto interacional. A criança se posiciona como vítima, enquanto os professores são posicionados como sendo excessivamente cruéis ou severos;
- e) modalização epistêmica é constituída por verbos mentais (imagino, penso) advérbios (certamente, possivelmente) e marcadores de discurso (sei, não sei, sabe). Esses meios denotam certezas, incertezas, perspectivas subjetivas x objetivas e podem, por exemplo, exercer a função de negar compromisso com o posicionamento, como se fosse algo intersubjetivamente compartilhado ou para indexicalizar que o narrador não espera alinhamento dos interlocutores.

Não é o meu interesse identificar qual dos três níveis de posicionamento interacional ocorre nas narrativas. Essa identificação não auxiliaria a responder a pergunta de pesquisa que norteia essa parte das análises. Portanto, recorro aos três tipos, em especial aos níveis 1 e 2 por serem mais produtivos, uma vez que meu olhar está voltado para o modo como as identidades se mostram no trabalho discursivo *vis a vis* mediante as atividades de lembrar, de narrar e de interagir.

4.1 *SELF* PASSADO

O *self* passado encapsula a trajetória de vida dos idosos a partir da infância até o momento atual. Inscritos nessa subcategoria estão as adversidades para ir à escola, os maus

tratos na infância e os casamentos complicados, perdas de familiares e ludibriados por outrem. Apresento, pois, a seguir, a primeira categoria.

4.1.2 Adversidades para ir à escola

O que saltitou aos olhos, inicialmente, foi o fato de os alunos apresentarem, em suas narrativas, as adversidades encontradas para estudar na infância. Os excertos selecionados nesta categoria evidenciam o fato de os idosos desta pesquisa serem submetidos a algum tipo de trabalho que os impediram de estudar. Esse fato não se trata de situação incomum, com esses perfis socioeconômicos, nas regiões do interior do Brasil, nos anos de 1930 e 1940. Tal período histórico foi marcado pelo processo de industrialização do nosso país, que por sua vez, transformou profundamente o espaço da cidade e do campo, onde os sistemas agrícolas inovadores e as tecnologias inviabilizaram a vida dos camponeses, que se viram obrigados a migrarem para os centros urbanos em busca de trabalho e melhores condições de vida (LESSA, 2014).

Nessa perspectiva, o excerto (13) possibilita-nos enxergar as dificuldades enfrentadas pelas famílias e seus filhos no que concerne ao processo educacional infantil. Veja como o depoimento de Dona Griza (G) nos esclarece a condição por ela vivenciada em seu seio familiar. Trata-se de uma senhora alegre, ativa e muito comunicativa. Antes do ponto em que a transcrição se inicia, ela narra como chegou à Capital Federal. Em seguida, foi questionada pelo pesquisador (A) se havia escola onde morava (1.1). Vejamos o que ela tem a dizer em resposta a esse questionamento.

- (13) 1 (G) – *Na roça. E na roça tinha escola?*
 2 (A) – *Não!*
 3 (A) – *Não.*
 4 (G) – *Eu num estudei quando era criança... Pra num dizê que num*
 5 *estudei, eu, eu tinha passo um... Um... Um sete ano, uns oito ano...*
 6 *Para é, prezin, aí eu pidi pa minha mãe, tem mais a levá a Lagoa*
 7 *Alegre a distância de uma légua! Aí, os minino tava ino pro*
 8 *colégio pediu minha mãe pra deixá eu ir e ela disse que num*
 9 *deixava, não. Porque naquele tempo o povo faiz falta estudá, não!*
 10 *Porque dizia que era pra namorá, sai de casa pra namorá. Aí eu,*
 11 *peguei e chorei, até que ela me deixô eu i. Passô um meis lá! Nem*
 12 *um meis num foi, porque eu peguei uma paludinha bebeno aquelas*
 13 *água daquela lagadiça... Caminhano, a légua, caminhano naquela*
 14 *fome, né? E bebe aquela água de lagadiça peguei uma paludinha,*
 15 *uma cesão, quase morro!*
 16 (A) – *Pegô o quê?*
 17 (G) – *Cesão! Paludinha. Aquela tal de febre amarela.*

- (13) 18 (A) – *Ah, sim, sim!*
 19 (G) – *E chama paludinha, só dá hora certa de tarde, mei dia a tarde,*
 20 *quando num é de manhã é de tarde! Era febre e fri, febre e fri! Ai*
 21 *também... Eu também num estudo mais, botei ninguém na espera a*
 22 *carta de ABC, que era uma cartilha de ABC. Ainda pedi uma*
 23 *menina que morava perto de mim... Mais num aprendi nada, não!*
 24 *Aí de lá pra cá, não tive mais tempo pra estudá, depois que a*
 25 *minha mãe morreu, quando eu tinha doze pra treze ano... Ai, eu*
 26 *fiquei aconversado pros ôtro, né? Eu fui emancipada. Minha mãe*
 27 *morreu com doze pra treze ano. Ai fiquei morano nas casa dos*
 28 *ôtro pra pudê comprá vestidim, roupinha... a*
 (Entrevista do dia 9 de julho de 2014 – Dona Griza, 83)

Na linha (4), Dona Griza afirma não ter frequentado a escola: *eu não estudei quando era criança*. Na sequência, nota-se a ancoragem de sua história no tempo: *eu tinha parece que uns 7anu... 8 anu, por aí assim* (1.2), marcando o início do narrativa. Em seguida, ela menciona o fato de os meninos estarem indo para escola, podendo ser inferido que as meninas não tinham tal facilidade. Tais questões de gênero expostas no fragmento, inscritas em sua historicidade, revelam aspectos do contexto de cultura. Em seguida, pede à mãe permissão para ir também. A partir dos depoimentos dos idosos em sala de aula, pude constatar que a maioria era advinda de famílias numerosas. O modo de vida da época exigia ter muitos filhos para gerar mão-de-obra e para garantir o pão de cada dia. Estudar não era a prioridade. Nesse sentido, a narradora avalia o tempo pretérito do ponto de vista do aqui-agora da narração e ratifica: *naquele tempo, o povo num gostava de estudar não, dizia que queria sair de casa prá namorar, só pra namorar*. O termo “o povo” refere-se a uma categorização por associação¹⁶ (SACKS, 1992) em que há uma generalização da agência, indiciando uma maneira popular de contar casos sobre hábitos antigos. A meu ver, o termo “povo” é utilizado como uma estratégia discursiva para salvar a face dos pais, pois tal declaração possivelmente vinha deles. A narradora, na sequência, posiciona-se como menina determinada, como alguém que luta para alcançar suas metas, evidenciado nos índices verbais (1.6): *Aí eu pelejei, chorei, até que ela deixou ir*. Infelizmente, no percurso era preciso caminhar pelas ‘alagadiças’, razão pela qual fora acometida por “paludinha”, também conhecida por febre amarela. Quando a história parecia caminhar para o desfecho, a narradora traz novas informações. Ela conseguiu uma cartilha e providenciou alguém da vizinhança para lhe dar aulas. Trata-se de uma vizinha, que se configura como uma aliada diante de sua luta. O fato de procurar alguém para

¹⁶ Em inglês o termo *membership categorization devices* refere-se ao modo como os membros de uma sociedade categorizam pessoas e como isso é usado para atribuir propriedades, explicar e avaliar ações, atribuir responsabilidade, engendrar inferências e expectativas em relação às ações de membros da categoria (SACKS, 1992).

ajudá-la a aprender a ler denota, mais uma vez, um posicionamento de menina esforçada e batalhadora, dando visibilidade aos aspectos de sua identidade. No entanto, a despeito do seu esforço, narra Dona Griza: *não aprendi nada não* (l.15). O novo desfecho se dá com a resolução: *Aí de lá prá cá... não tive mais tempo prá estudar*, que traz em si uma avaliação implícita, ou seja, a infância fora interrompida naquele momento e tivera que assumir responsabilidades outras que a impediram de frequentar a escola.

Dois pontos merecem destaque. Primeiro, ao dizer (l.17): *não tive mais tempo prá estudar*. Poderia ter sido dito: nunca mais me deixaram estudar, ou com morte da mãe, meu pai não me deixou estudar mais. Acredito que a sua declaração final pode representar o fato de imputar-se a culpa por não ter frequentado a escola, eximindo o papel do Estado por não oferecer condições necessárias de acesso à escola. Seria essa uma marca de um letramento autônomo? Além disso, a narradora justifica para o pesquisador o fato de não ter frequentado a escola. Ressalto que o pesquisador, também educador, representa, de certa forma, a voz da educação, razão pela qual a faz justificar.

No próximo excerto, temos mais um narrativa que ilustra as adversidades em ir à escola. Trata-se da história de Dona Cléria, uma senhora otimista, caridosa e cheia de vida. Após sentarmos em um lugar quieto, fora da sala de aula, expliquei a ela os procedimentos da entrevista e lhe pedi permissão para gravar. Em resposta a minha indagação ela responde (l.2) *Pra mim tudo bem!* e continua (l.4) *Num tem nada a escondê mermo, né? Num é mentira*. Seu posicionamento diante dos referidos turnos indicia aspectos identitários de uma pessoa sincera, honesta, que não tem nada a esconder. O pesquisador pergunta onde ela nasceu e repete o nome de sua cidade natal, oferecendo-lhe suporte afetivo e, em seguida, indaga se teve a oportunidade de frequentar a escola na infância (l.9).

- (14) 1 (A) – *Então... A senhora me permite gravá essa entrevista?*
 2 (C) – *Não... Pra mim tudo bem!*
 3 (A) – *Tudo bem! Beleza!*
 4 (C) – *Num tem nada a escondê mermo, né? Num é mentira.*
 5 (A) – *Mas a entrevista é bem tranquila. Onde que a senhora nasceu?*
 6 (C) – *Eu nasci num lugar chamado Suja Pé, Barra do Corda.*
 7 (C) – *Barra do...*
 8 (A) ... *do Corda, Maranhão. Excelente! A senhora teve a*
 9 *oportunidade de ir a escola?*
 10 (C) *Não! Eu tive, eu entrei no colégio... Com... A base de uns cinco*
 11 *ano.*
 12 (A) *Sim.*
 13 *Mais aí meu pai me... Eu fui criada com minha vó... Que, eu fui*
 14 *renegada que ele não me quis, nem minha mãe... E minha*
 15 *vozinha me tomou de conta com cinco meis.*
 16 (A) *Cinco meses.*

- (14) 17 (C) *E aí, quando eu tava com cinco ano meu pai tirou eu de casa pra*
 18 *botá na roça. Aí eu não estudei nada! Nada, nada, nada, nada! A*
 19 *vó tinha vontade, mas não tinha poder! Meu pai era burro, desses*
 20 *homi... Mau, meu Deus me perdoe, pois ele já tá em bom lugá...*
 21 *Eu amava ele assim mesmo com toda ruindade! [risos] Mais...*
 22 *Eu num tive esse tempo de istudá... Estudei muito foi panhando,*
 23 *incovarano na roça, panhano, rancano capim, rancano esses,*
 24 *cortada de tanto rancá capim aqui [mostrando a mão], minha*
 25 *mão é cortada de ispuleta, que era pá arrancá, num era pá cortá,*
 26 *era pá rancá!*

(Entrevista do dia 09 de abril de 2014 – Dona Cléria, 78 anos)

A narrativa se inicia somente a partir da linha (l.10). Destaco o modo como a narradora aciona o interesse do interlocutor com a topicalização: *mas aí, meu pai...*, seguido de uma pausa. Nota-se, aqui, o uso do marcador discursivo adversativo (SCHIFFRIN, 1987) “mas” que anuncia aspectos identitários, construídos ao longo da exposição. A figura do pai é trazida possivelmente para indiciar a causa do não acesso à escola.

Na sequência, um rol de ações complicadoras compõe a história, a começar pela estrutura em voz passiva sobre o fato de ter sido criada pela vó (l.13). A narradora se posiciona como vítima, isto é, aquela que fora abandonada e rejeitada. O intuito que subjaz tal posicionamento incide não só na busca por avaliação positiva do interlocutor (GOODWIN, 1986), mas também como uma forma de externar sofrimento, abandono e rejeição na infância. Narrar pode constituir-se como uma forma de lapidar a dor pelo espírito, uma forma discursiva e terapêutica de trabalhar essa dor.

Estudos sobre performance de narrativas pessoais têm sugerido alguns benefícios. Um deles é poder dar sentido, ou melhor ainda, dar um novo sentido à própria experiência e aprimorar a autopercepção daquilo que já passou. O processo pode potencialmente contribuir para o empoderamento daquele que narra (MONTALBANO-PHELPS, 2004), ao ofertar a oportunidade de rever fases e situações pretéritas que ainda se encontram tumultuadas na mente.

Ao dizer que foi renegada por “ele”, obviamente, Dona Cléria revela seu distanciamento, inferido pela escolha do pronome no lugar do substantivo “pai”. Mais uma vez, a narradora indexicaliza marcas identitárias do pai, como alguém que abandona, rejeita um bebê em sua fase vulnerável de formação. Esse posicionamento de antagonista é também atribuído à mãe.

Em contrapartida, a narradora marca o posicionamento da vó, sua aliada, aqui representada como alguém que lhe ofereceu cuidados e carinho em sua tenra idade: “cinco mês”. O diminutivo atribuído a vó “vozinha” (l.15) indexicaliza o laço afetivo,

caracterizando-a como uma pessoa amorosa, quem lhe ofereceu um lar, um colo. Ao completar cinco anos de idade, o pai a tira de casa e a coloca para trabalhar. Observe-se que moralmente o pai é posicionado como o vilão, por tirá-la do conforto e da segurança da casa da vó e a coloca-la no mercado de trabalho precocemente. Em consequência do abandono e do trabalho realizado na infância, a narradora registra na resolução a impossibilidade de estudar (l.18): *Aí eu não estudei nada! Nada, nada, nada, nada!*. Aqui temos mais um registro em que a narradora, ao cabo de sua narração, se declara culpada pelo não ingresso à escola em: *eu num estudei...*

Uma nova narração parece emergir, quando Dona Cléria afirma que sua *vó tinha vontade, mas não tinha poder!* Em seguida, revela, explicitamente, como vê o pai (l.19 e l.20): *Meu pai era burro, desses homi... Mau*. Destaco aqui, a alternância para o tempo presente, materializado em uma avaliação interna: *meu Deus me perdoe, pois ele já tá em um bom lugá*, como se fosse uma verbalização da fala interior (TANNEN, 1989). A despeito de ter sido maltratada pelo pai a vida inteira, ela pede perdão a Deus pelo que diz, e ainda, almeja a ele um bom lugar ao céu. Aqui, a narradora se revela moralmente como alguém capaz de perdoar.

Observa-se, aqui, uma pequena amostra de quem conseguiu vencer muitas dificuldades e com sensatez reflete sobre o passado, olhando possivelmente por meio dos incontáveis papéis que na vida assumiu por vontade própria e outros tantos que teve que assumir porque lhes foram impostos, e, ainda, é capaz de perdoar o passado e tocar a vida para frente. Numa fase em que o passado ainda atormenta, o futuro mostra-se fugaz e incerto, o presente é aquilo que se apega porque é só o que se tem, sem mais a chance de construir um novo projeto de vida.

Há várias formas de lidar com as adversidades. A ironia parece ser uma alternativa. Uma pitada de ironia pode ser percebida no fragmento (l.22-25): *Estudei muito foi panhando, incovarano na roça, panhano, rancano capim, rancano esses, cortada de tanto rancá capim aqui (mostrando a mão), minha mão é cortada de ispuleta, que era pá arrancá, num era pá cortá, era pá rancá!* A imagem detalhada, obviamente de grande relevância para a narradora, proporciona uma avaliação interna que convida o interlocutor a tirar conclusões a partir das imagens veiculadas por ela (TANNEN, 1989). Esse registro evidencia aspectos de sua identidade marcada pelo sofrimento e pela resistência.

No próximo excerto, trago um fragmento da história de Dona Bastiana. Ela tinha um jeito mineiro de ser, fala mansa, dura por fora, mas sensível por dentro, não conseguia esconder sua afetividade. Chegava para aula sempre arrastando sua chinelinha. O que

antecedeu essa narração foram conversas sobre os procedimentos da entrevista, como a presença de um gravador para o registro, seguido do pedido de permissão para gravar. Tentei fazê-la sentir-se confortável e logo começamos a entrevista. O excerto traz na íntegra as primeiras palavras de Dona Bastiana na transcrição.

- (15) 1 (A) *Então, eu vou fazer algumas perguntas e a senhora responde o que*
 2 *a senhora quiser, do jeito que a senhora quiser, tá? A senhora*
 3 *permite que eu grave essa entrevista?*
 4 (B) *Hum rum.*
 5 (A) *Onde que a senhora nasceu?*
 6 (B) *Eu nasci em Minas Gerais. Eu nasci em Minas Gerais, na cidade*
 7 *de São Francisco.*
 8 (A) *São Francisco... E a senhora teve oportunidade de frequentar*
 9 *escola quando era menina?*
 10 (B) *Não! Nunca tive a oportunidade de ir pra escola, ficava só*
 11 *trabaianu. Comecei a trabaiá com 7 anu de idade. Trabaiava na*
 12 *roça, nunca estudei... era trabaianu... serviço pesado, serviço*
 13 *duro... Tinha uma escola na redondeza, mas era muito difícil*
 14 *chegar lá. Mas minha mãe num deixava estudar, era só pra*
 15 *trabaiá.*
 (Entrevista do dia 30 de abril de 2014 – Dona Bastiana - 68 anos)

Inicialmente, responde a pergunta do pesquisador sobre sua naturalidade, e, em seguida, sintetiza o tema central da narração (l.10): *Nunca tive a oportunidade de ir pra escola*. A modalidade epistêmica de usualidade “nunca” revela a falta de oportunidade de estudar nos arredores da roça onde vivia. Na tenra idade, a menina Bastiana também começa sua labuta no trabalho. A repetição do índice verbal (l.10-15): “trabaianu...trabaiá...trabaiava, trabaianu...trabaiá” em sua narrativa reforça a avaliação que faz da atividade, a qual, posteriormente, é indexicalizada pelos epítetos *pesado e duro* (l.12). Em seguida, relata a existência de uma escola circunstanciada pelo índice “na redondeza”. Seu posicionamento no excerto se dá de forma agenciada. É ela quem protagoniza as ações de trabalhar, e assim se releva como uma pessoa batalhadora desde criança. O posicionamento que atribui à mãe (antagonista) é de alguém que a impediu de ir à escola e que a obrigava a trabalhar.

No excerto 16, Seu José, um sujeito pacato, 77 anos de idade, com audição e visão precária, narra sua experiência de ir à escola. Ele começa a narrar sua história de vida pelo presente, contrariando, desse modo, a sequencialidade temporal canônica esperada de histórias de vida. Antes do início da transcrição do excerto, Seu José narrava detalhadamente sobre as coisas que andam sumindo em sua casa. Em seguida, foi indagado sobre o seu ingresso na escola na infância.

- (16) 1 (A) – *O senhor ... frequentou a escola quando o senhor era criança?*
 2 (J) – *Eu fui poucos dias e dei graças a Deus porque eu num conseguia*
 3 *ficá sentado. Eu ficava admirado, meu tii chegava, sentava num*
 4 *banco ô numa cadeira e pruseano, pê, pê, pê, e eu saltava que nem*
 5 *macaco, eu num sentava. Eu senti uma dor nas costa e pensava*
 6 *como é que ele aguentava ficá sentado toda vida.*
 7 (A) – *É?*
 8 (J) – *Purque eu dei graças a Deus porque se tivesse sido obrigado, eu*
 9 *acho que eu não tinha resistido.*
 10 (A) – *É mesmo?*
 11 (J) – *É. Eu sofri essa dô nas costa que adquiri quando trabaiava na*
 12 *enxada, trabaiava na roça. Acabava a manga da camisa e a calça,*
 13 *que eu sustentava o braço na perna! Me arcava tanto que tinha*
 14 *que sustentá o punho, que num dava conta de sustentá a enxada,*
 15 *não.*

(Entrevista do dia 23 de abril de 2014 – Seu José, 77 anos)

O narrador marca seu posicionamento como protagonista da história e agencia o seu discurso. Ele reforça a ideia de que frequentou a escola somente por alguns dias e, na linha (7), revela que não fora obrigado a estudar, portanto, a decisão de sair da escola parece ter sido dele. Observe o modo como o narrador explica porque e como tudo aconteceu para o pesquisador (1.2-6). Seu José utiliza uma estrutura explicativa e modalizada para descrever o motivo pelo qual desistiu de estudar (1.6): *eu num conseguia ficar sentado*. Na linha (10), o pesquisador oferece suporte e indaga maiores informações sobre sua desistência da escola. Tal fato parece ser justificado por ele, quando narra sobre as sequelas adquiridas no trabalho na roça. Se posiciona como um homem resistente e ao mesmo tempo fragilizado pela dor. Isso fica ratificado nas ações complicadoras, narradas por meio de verbos no tempo imperfeito, o que denotam a duração estendida da dor e do trabalho braçal, por exemplo: “sentia, trabaiava, trabaiava, acabava, sustentava”. Os problemas de saúde impediram o menino José de frequentar a escola na infância. Similarmente, Dona Jovina, também foi impossibilitada devido ao seu déficit visual, como demonstra o próximo excerto.

Dona Jovina, uma senhora espirituosa de 64 anos de idade, recapitula momentos de sua infância ao narrar sobre os problemas de saúde, os quais a impediram de ir à escola. Antes do início da transcrição, ela falou sobre o lugar onde nasceu. Em seguida, foi questionada se frequentou a escola na infância, no ponto em que a transcrição se inicia (1.1).

- (17) 1 (A) – *Na infância da senhora, a senhora frequentou a escola?*
 2 (J) – *Não!*
 3 (A) – *Não.*
 4 (J) – *Não. Muito pouco. Assim, minha mãe me botava, mas eu*
 5 *era, sempre tive problema na minha vista. Aí, eu num passava mais*
 6 *do que uma semana estudando aí tinha que sair por causa da vista*

- (17) 7 *que num... Num conseguia, ou saia ou, ou, porque num tinha*
 8 *como, mermo! Adoecia da vista, a vista ficava vermelha. E doeno,*
 9 *lagrimejano, e num tinha como... Num tinha como, aí tinha que*
 10 *sair...*
 (Entrevista do dia 23 de junho de 2015 – Dona Jovina – 64 anos)

A narração propriamente dita só se inicia na linha (4). Dona Jovina se posiciona como protagonista da história e constrói uma relação antagonica com a sua saúde, em razão de um problema nas vistas. O posicionamento que ela confere à mãe é de alguém que a incentivou estudar e se mostrava preocupada com sua educação, materializado no verbo no tempo imperfeito: “botava”, indicando uma regularidade nas tentativas da mãe. As ações subsequentes descrevem a dificuldade vivenciada (l.7-10): *Num conseguia, ou saia ou, ou, porque num tinha como, mermo! Adoecia da vista, a vista ficava vermelha*. Aqui, ela recorre à avaliação externa: “num tinha jeito mermo”, alinhando-se ao pesquisador e, ao mesmo tempo, se posicionando como esforçada a despeito das limitações¹⁷.

Tanto Dona Jovina e Seu José quanto Dona Francisca tiveram problemas de saúde na infância. Dona Francisca teve poliomielite aos dois anos de idade. Trata-se de uma senhora extremamente dedicada que se orgulha em dizer que foi quebradeira de côco no sertão do Ceará. Antes do ponto em que a transcrição se inicia, Dona Francisca falava sobre a morte do pai. Posteriormente, o pesquisador pergunta se ela frequentou a escola na infância, marcando o início da transcrição.

- (18) 1 (A) – ... *Dona Francisca, a senhora frequentou a escola?*
 2 (F) – *NnnNão! Eu frequen... Quando eu vim frenquentá a iscola eu era*
 3 *moçona de vinte ano. Aquela escola Mobral. Lembra, que tinha,*
 4 *Mobral?*
 [...]
 5 (A) – *A senhora tinha quantos anos nessa época?*
 6 (F) – *Nóis tinha uns dezenove ano quando ele faleceu (referindo-se ao*
 7 *pai). Era moçona! Nóis, saimo de lá, lá nóis só quebrava coco,*
 8 *nóis num estudava, nóis num ligava pra nada! Aí nóis viemo pra*
 9 *cá! Pra Barra do Corda! Barra do Corda era intériô, nóis ficamo*
 10 *no intériô! Aí era um povoado grande! Dum lado e de ôto casa*
 11 *assim, sumia no mundo, o povoado. Aí, aí surgiu umas colega*
 12 *nossa... Que colocô uma iscolinha do Mobral. Aí minha mãe dexô*
 13 *nóis istudá! A noite, né? Aí minha, aí nóis ficamo animada, aí nóis*
 14 *fomo pa iscolinha, nóis ficamo um ano istudano nesse*
 15 *Mobralzinho, era só uma horinha de iscola, mar era tão bom! Aí*

¹⁷ Os problemas de vista se mostraram comuns na turma de idosos e foram detectados por mim já no primeiro dia de aula. No segundo encontro, fiz ajustes no material com marcadores mais fortes, cartazes de dois metros quadrados e impressões com fonte acima de 50 para 80% da turma. Ao questioná-los sobre os seus óculos, alguns confidenciaram o uso de óculos vencidos há mais de cinco anos. Outros reclamavam do custo das lentes e armação e da dificuldade em fazer consulta oftalmológica, visto que tal especialidade não se encontra na Cidade Estrutural. Tinham que se deslocar para a cidade vizinha para conseguir consulta.

- (18) 16 *eu aprendi iscrevê o nome!!! Aprendi iscrevê meu nome. Aí, foi aí*
 17 *que eu, quando nós viemo pra cá pro região de Brasília, pesses*
 18 *lugá, que eu, nem documento eu tinha, eu já tinha uns vinte e cinco*
 19 *ano, quando eu vim tirá carteira de indentidade!*
 (Entrevista do dia 23 de julho – Dona Francisca, 68 anos)

Em resposta ao questionamento, Dona Francisca inicialmente nega ter tido acesso à escola (1.2). Na sequência, afirma ter frequentado a escola, se identifica como “uma moçona”, ou seja, só teve acesso à escola na fase adulta. Pelo epíteto no aumentativo “moçona”, permite-nos inferir pelo posicionamento interacional, que julga a idade tardia para iniciar os estudos. A partir da linha (6), a narrativa se desenvolve. Dona Francisca recupera o que havia dito sobre a morte do pai, recorre ao plural *nóis* para se referir aos irmãos e à mãe sobre a mudança para um novo povoado (1.7-1.9). Note-se, aqui também, uma justificativa por não ter estudado na infância (1.8): *lá nós só quebrava côco, nós num estudava, nós num ligava pra nada*. Posteriormente, com a permissão da mãe, o acesso à escola foi garantido. Alegre com a oportunidade, a narradora avalia a escola (MOBRAL) de forma positiva ao dizer “escolinha” o Mobrazin, indiciando afetividade e qualificando-a como *mar era tão bom!* (1.15). Arremata a narrativa com a resolução (1.16): *aí aprendi a iscrevê o nome!!! Aprendi iscrevê meu nome*, cuja repetição traduz a importância da conquista.

No excerto 19, temos o depoimento de Dona Marlene, uma senhora reservada, de poucas palavras. Nasceu em São Mateus, no Espírito Santo. Antes do ponto em que a transcrição se inicia, a narradora já havia falado sobre sua cidade natal, a morte do pai e do marido. Posteriormente, foi questionada se frequentou a escola na infância (1.1).

- (19) 1 (A) – *E a senhora foi na escola na roça, lá?*
 2 (M) – *Lá onde eu morava?*
 3 (A) – *É!*
 4 (M) – *Não, eu num fui in iscola. Era meu, meu, meu cunhado que à*
 5 *noite, ele dava aula pra nós. Só isso! Mas eu era pequena ainda*
 6 *naquele tempo, né? Que eu estudei. Aí num aprendia nada, logo*
 7 *vinha um sono, aí eu cuchilava, num aprendi nada, só mesmo*
 8 *assiná o nome! [risos] Só assiná o nome.*
 (Entrevista do dia 23 de julho de 2015 – Dona Marlene, 78 anos)

Em resposta à pergunta, Dona Marlene relata que não frequentou escola na infância. No entanto, menciona que seu cunhado ministrava aulas em sua casa à noite. Ela descreve que nessa época ela era “pequena”, razão pela qual *num aprendia nada* (1.6), em virtude da idade e de um sono a que era acometida no período noturno. Ela repete a estrutura “num aprendi nada” e adiciona também por repetição que só aprendeu “assinar o nome” (1.8). O seu

posicionamento aqui é de vítima da condição na qual estava inserida. Os risos aqui registrados, a meu ver exaltam o seu sentimento de auto-piedade. Esse sentimento também foi registrado nas aulas. Ela sempre repetia que não iria conseguir aprender nada, que iria desistir. Por sorte, sempre contou com o apoio dos colegas que se esforçavam em motivá-la. Às vezes, se deslocavam até sua cadeira, tentando lhe dar força, ajudá-la na tarefa, oferecendo suporte para que não desistisse.

A solidariedade entre os idosos do grupo foi algo que sempre me emocionava. Havia de fato uma preocupação recíproca. Trocavam favores, receitas, olhares de cumplicidade e afetos. Lembro-me de uma história contada por Dona Francisca sobre um tio que estava muito adoentado. Dona Cléria, assim que soube da notícia de que ele precisaria de ficar na cidade para receber cuidados médicos, reuniu-se com vizinhos e construíram um barraco em seu lote para ele morar em solidariedade para com a amiga. Testemunhei, durante a pesquisa, inúmeras histórias que ilustram tal virtude.

No próximo excerto, Dona Beija-Flor, uma senhora dócil e bastante religiosa de 80 anos de idade, presenteia-nos com a sua história. Em seus relatos em sala de aula, revelou-nos sobre o seu engajamento com a igreja, auxiliando a coordenação dos grupos de jovens. Essa atividade na igreja, em certas ocasiões, exige o domínio das habilidades de leitura e de escrita. Em razão disso, ela se esforça muito para alcançar o patamar desejado, frequenta aulas na Educação de Jovens e Adultos (EJA), no período noturno, cursando a primeira série do Ensino Fundamental. Antes do início da transcrição, ela falava sobre sua naturalidade e sobre quando chegou à Capital Federal. A transcrição se inicia no ponto em que o pesquisador a indaga acerca de sua educação escolar no Maranhão.

- (20) 1 (A) – *A senhora teve a oportunidade de ir à escola lá no Maranhão?*
 2 (B) – *Nnnão! Só quando eu era beem novinha! Que eu ia, mas aí eu...
 3 Num tinha muita a... vontade! Ficava era brincando!*
 4 (A) – *É?!?*
 5 (B) – *É.*
 6 (A) – *Quanto tempo que a senhora ficou na escola lá? A senhora
 7 lembra?*
 8 (B) – *Nossa... Pouco tempo! Era muito bebê! Bebezinha.
 9 Era. Pequena. Não tinha nem meus oito anos! Mas eu me lembro!*
 10 (A) – *Aí, e essa escola, a senhora aprendeu a ler e a escrever lá?*
 11 (B) – *Não! Aprendi iscrevê depois que os meus filhos nasceram, que eu
 12 pedi pra eles me ensiná. Porque eu não queria fazer meus
 13 documentos como analfabeta! Então, eles me ensinaram...! Aí, eu
 14 assinei meu nome e no dia que eu fui lá fazê todos os documento,
 15 aí eu fiz tudinho assinano...*
 16 (A) – *Assinando o nome já?*
 17 (B) – *É.*
 18 (A) – *Os filhos que ensinaram?*
 19 (B) – *Os meus filho que ensinaram!*
 (Entrevista do dia 23 de julho de 2014 - Dona Beija-flor, 81 anos)

Em resposta ao questionamento do pesquisador, de forma breve, ela declara que apesar de ter frequentado aulas no passado, não tinha muita vontade, era muito nova e gostava de brincar (l.3). O pesquisador solicita mais esclarecimento sobre tal fato, ao qual ela responde simplesmente “É”. Logo em seguida, o pesquisador indaga por quanto tempo ela permaneceu na escola, ao que ela responde não ter certeza, pois era ainda uma “bebê”. Aqui ela se posiciona como alguém frágil, muito jovem e incapaz de fazer coisas mais sérias, exigidas na escola. O emprego metafórico do termo “bebê” reforça esse posicionamento. A narrativa só se desenvolve a partir da linha (11), momento em que os filhos são trazidos para o mundo da história, posicionados como aliados, auxiliando-a na tarefa de assinar o nome.

Podemos perceber, ao cabo dessas análises, que os idosos quando narram sobre o acesso à escola na infância se posicionam como protagonistas vitimados, em função das adversidades. Em alguns trechos é possível identificar aspectos identitários enfranquecidos, como o caso de Dona Marlene que se vê incapaz de aprender qualquer coisa. Em outros casos, nota-se posicionamentos que revelam aspectos identitários de crianças batalhadoras que descobriram cedo a resistência como chave para a sobrevivência. Seus posicionamentos evidenciam tentativas de vencer os obstáculos impostos pela vida no campo, predominantemente no nordeste brasileiro, em contexto de pobreza, com famílias numerosas. Nota-se, também, a relação trabalho e estudo, que, em certa medida serve como pano de fundo para justificar o fato de não terem frequentado a escola. Justificar, nesse contexto interacional, pode ser explicado pelo fato de o pesquisador (também o professor) representar,

de certo modo, a voz da educação. Desse modo, sua participação não é simplesmente de um ouvinte paciente na história narrada. O pesquisador tem um papel ativo na co-construção do discurso narrativo, podendo exercer influência no curso da história, como enfatiza De Fina (2013) e De Fina e Georgakopoulou (2015).

Ao analisarmos esses depoimentos, não se pode deixar de refletir sobre o presente quadro de educação nas regiões rurais 50 anos depois dos fatos aqui narrados. Trata-se ainda de um cenário de precariedades, poucas escolas, salários incompatíveis, pouca infraestrutura e problemas de transporte. Em duas instâncias, nas narrativas de Dona Cléria e de Dona Sebastiana, o posicionamento atribuído aos pais foi como culpados pelo não acesso à escola, no entanto, ao término dessas narrativas, as idosas assumem a culpabilidade. Nesse dois casos específicos, reconhece-se o poder da escrita/leitura e daqueles que a detêm, legitimando o papel da escola e o poder do letramento escolar. Aqueles que se veem excluídos do sistema consideram-se incapazes de aprendê-lo (GNERRE, 1998).

Em prosseguimento às análises do *self* passado, trago a próxima categoria de análise: maus-tratos na infância. Trata-se de alguns registros referentes aos modos como os idosos, ao rememorarem, se veem na infância em situações desfavoráveis com familiares.

4.1.3 Maus-tratos na infância

Ao olhar para o passado e narrar suas experiências, os idosos entram em contato com diversos momentos dolorosos. Espera-se, portanto, como quer Wortham (2001), que contar sua própria história pode, em condições favoráveis, transformar o eu do narrador, recriá-lo ou reforçá-lo, ou seja, mais que descrever um eu preexistente, o ato de narrar pode mudar quem o narrador é. Na sequência, apresento alguns registros em forma de narrativas pessoais que ilustram esses sentimentos.

Dona Rita, antes do início do excerto (21), havia narrado sobre o fato de se sentir muito feliz como idosa, e, em seguida, foi questionada sobre as razões para tal felicidade (I.1).

- (21) 1 (A) – *Por que que tá feliz?*
 2 (J) – *Puque, antigamente, junto com meus pai também eu, eu fui*
 3 *muito... Digamos maltratada! Assim, por eu sê só eu de mulher, e,*
 4 *e muitos fio home da minha mãe.*
 5 (A) – *Quantos eram?*
 6 (J) – *Minha mãe teve dezesseis filho home e cinco filha mulher.*
 7 *Morreu doze, ficou três. Só que eu me criei junto só com os*
 8 *homes. As duas mulhezinha... vêi por último. E quando elas veio*
 9 *já, já, já era mocinha, já. Mas assim, eu num saía, meus pai num*

- (21) 10 *deixava eu sai. Minha mãe era, assim, era, minha mãe era*
 11 *grosseira comigo. Me bateu muito, eu apanhava da minha mãe*
 12 *demais. Meu pai, não, meu pai nunca me bateu, nunca! E meu pai*
 13 *era assim, ele num era aquele de dizê assim: “para de batê tão!”*
 14 *Mar num dizia “bate! Bate! Espanca” ou faiz isso faiz aquilo, não.*
 15 *Ele ficava na dele. E ela...*

(Entrevista do dia 23 de junho de 2015 – Dona Jovina – 64 anos)

Dona Jovina sintetiza sua história (1.2-3): ... *antigamente, junto com meus pai também eu, eu fui muito... Digamos maltratada!* De fato, falar sobre os pais é uma tarefa difícil. A meu ver, essa dificuldade fica materializada em dois pontos distintos da narrativa: primeiro, na preparação para anunciar o tema, ela diz, *antigamente*, e logo depois, *junto aos meus pais*, em seguida recorre à repetição do pronome pessoal: *eu, eu*, como se estivesse organizando, filtrando, preparando-se para expressar sua angústia guardada; segundo, por não dizer diretamente “maltratada”, recorrendo à uma estrutura modalizada: *digamos maltratada*. Seu posicionamento de vítima é justificado pela maneira como foi maltratada pela mãe. Pode ser sugerido, por meio das pistas contextuais, a dificuldade de Dona Jovina em verbalizar sua dor. O seu estado de felicidade declarado anterior à transcrição serve como base para traçar um paralelo entre os marcadores conversacionais: *agora e antigamente*¹⁸ (DE FINA; GEORGAKAPOULOU, 2012).

O pesquisador solicita maiores informações sobre a quantidade de irmãos. Em resposta à solicitação, ela declara que sua mãe teve 16 filhos e 5 filhas (1.6). Como foi a primeira mulher da família, fora criada com os homens, sinalizando tal fato como uma adversidade. A filha mais velha, em contexto de famílias pobres e numerosas, geralmente trabalha dobrado. Ajuda a limpar a casa, cozinhar e cuidar dos irmãos menores, enquanto a mãe trabalha fazendo comida para os peões ou na lavoura ajudando o marido. Quando as duas últimas filhas nasceram, ela já era mocinha. Aqui, pode-se perceber o fato de que nunca teve alguém com quem trocar experiências. Os pais são inicialmente posicionados como autoritários, pois não permitiam que a jovem saísse de casa. A mãe, que ganha espaço na

¹⁸ Abro um parêntese aqui para tecer alguns comentários sobre a questão da temporalidade para o idoso. Apoio-me em um trabalho de Dino Preti em que o autor entrevistou 66 idosos de classe média, escolarizados, residentes no centro urbano de São Paulo, todos acima de oitenta anos de idade. Buscou-se enfocar na construção do tópico, envolvendo problemas de ordem sintática, léxica, prosódica, assim como a topicalidade na linha discursiva. Uma das contribuições do estudo é o fato de que “o tempo funciona como pré-requisito ordenador dos fatos, marcando a longa vivência do idoso. Há sempre um antes e um depois. Ambos os momentos possuem seus marcadores conversacionais frequentes (*antigamente, no meu tempo, na época, nessa época, por volta de, no passado; hoje, hoje em dia, agora, no presente*). O idoso situa-se no antes, daí a valorização do tempo antigo que traz implícito um processo de autovalorização. Para marcar essa atitude, os idosos aludem, não raro, a narrativas do passado, que, como sempre acontece na conversação, se adaptam aos interesses dos tópicos” (PRETI, 1991, p. 104).

narrativa, é posicionada como a antagonista da história e representada como “grosseira” e “agressiva”. O pai, por sua vez, é posicionado como alguém que não se intrometia nos conflitos familiares: “ele ficava na dele” (l.15).

Vale frisar que famílias numerosas como essas aqui expostas, em contexto de pobreza, os pais contavam com a ajuda dos irmãos mais velhos para cuidar dos menores, assim como ajudar no sustento familiar. Trabalhar na lavoura com os pais era uma prática comum. A vida na roça, por volta dos anos 40 e 50, para mulheres pobres não deve ter sido fácil. O cenário é complexo, viviam cercadas de homens machistas, muitas questões de abuso até mesmo dentro do próprio seio familiar. A narrativa a seguir expõe ainda que de forma breve essa questão.

Antes do ponto em que a transcrição se inicia, Dona Bastiana falava sobre o seu filho de 20 anos de idade que fora assassinado num barzinho na Estrutural. Posteriormente, o pesquisador, com base em pistas oferecidas pela idosa, indaga se ela havia trabalhado no Lixão (l.1).

- (22) 1 (A) – *É mesmo? Então, a senhora trabalhô no lixão?*
 2 (B) – *Já trabaiei. Trabaiei lá uns dez ano. Catano latinha, essas*
 3 *garrafa, plástico... Seda, esses papel de seda... Já tem uns dez ano*
 4 *que eu parei... Ah, eu já passei... Já passei muita dificuldade, meu*
 5 *fii... Por exemplo, eu... Eu morava no mato, né?, morava na roça.*
 6 *Eu passava muita coisa, assim...! Passava medo de gente, medo de*
 7 *coisa... Sei lá! Era tanta coisa que passava assim, comigo...! Ó!*
 8 *Muitas veiz muita coisa aconteceu que me deixou com muito medo*
 9 *das coisa e das pessoa (aí Dona Bastiana ficou muito*
 10 *emocionada... e eu agradei pela entrevista).*
 11 (A) – *Entendi. É isso mesmo! Muito obrigado.*
 12 (B) – *Obrigado o senhô!*
 (Entrevista do dia 30 de abril de 2014 – Dona Bastiana – 67 anos)

A pergunta (l.1) a leva a relembrar sua rotina como catadora, o material que catava (l.2-3). Essa memória do trabalho parece desencadear outras lembranças (l.4): *Ah, eu já passei... Já passei muita dificuldade meu fii*, se posicionando como uma mulher sofrida, desgastada, experiente, que carregava uma dor que só ela sabia. Há, também, uma sinalização de sua empatia e docilidade para com o pesquisador: “meu fii”. Ao mencionar suas dificuldades, ela se posiciona como alguém que viveu não na fazenda, mas no “mato”, onde foi vítima de tantas atrocidades, que só o fato de pensar nelas, trouxe à tona tamanha emoção (l.8-9). Ela faz uma avaliação dos seus sentimentos e não consegue nomear aquilo que lhe fez mal, nem tampouco agenciar os atores que a agrediram.

O próximo excerto faz parte de uma situação que ocorreu em sala de aula durante o preenchimento de um formulário simples feito pelo pesquisador. O intuito era prepará-los

para preencher fichas básicas de informação, como aquelas exigidas para acessar algumas políticas públicas. Por se tratar do primeiro exercício com este gênero discursivo, as demandas eram básicas: nome completo, filiação, naturalidade, endereço e número telefônico. O preenchimento da ficha exigiu várias habilidades. Durante o processo, Dona Bastiana falou sobre sua mãe. Vejamos o que traz o excerto:

(23)

Minha mãe só me pariu

1 *Em um dado momento da aula, tivemos uma discussão sobre o*
 2 *preenchimento de formulários. Quando chegamos no item filiação*
 3 *– nome do pai e nome da mãe-, Dona Bastiana fez o seguinte*
 4 *depoimento: “minha mãe só me pariu e me jogou pro mundo, nem*
 5 *quiz saber de mim. Ela botou nós tudo pá rua. Eu nunca tive*
 6 *amor. Meus fi reclama de barriga cheia. Tem amor, mas num dá*
 7 *valor. Eu dou amor pra ez tudo. Minha mãe, nem sei quem é! Pai,*
 8 *nunca tive”.*

(Situações em eventos de letramento – 12)

(Dona Bastiana, 67 anos – Aula do dia 28 de maio de 2014)

Dona Bastiana em sua narrativa posiciona a mãe como antagonista da história, aquela que pariu e rejeitou sua cria, ou seja, abandonou seus filhos logo após o parto. A protagonista se posiciona como alguém que nunca recebera amor de mãe. Ao contrário do posicionamento referido à mãe, Dona Bastiana se posiciona como uma mãe afetuosa, que dá amor incondicional, a despeito de não ter exemplos a seguir. Posiciona seus filhos como pessoas que não dão valor ao amor dela. Por fim, a narradora posiciona o pai como alguém desconhecido.

No excerto 24, antes deste momento da transcrição, Dona Cléria narrava sobre como o pai a impediu de frequentar aulas, colocando-a para trabalhar na roça aos cinco anos de idade, discutido na categoria anterior: as adversidades para ir à escola. Na sequência, ela conta como era tratada pelos pais e pelos irmãos.

- (24) 1 (A) – *A senhora trabaia então, desde os cinco anos?*
 2 (C) – *É! Na hora de cumé, meu fii, eu tive foome... Mais eu só cumia*
 3 *depois que... O... Os marechal... Cumia!*
 4 (A) – *Quem que é os marechal?*
 5 (C) – *É o, meus irmão e meu pai. E comia tudo que, que rapava,*
 6 *limpava, aí eu ia rapá aquele resto como cachorro. Era desse jeito*
 7 *mermo, de cumé, desse jeito.*
 8 (A) – *E por quê que era assim?*
 9 (C) – *Puquê eu fui de refugo, toda vida, eu nasci foi, eu num tive*
 sorte...

(Entrevista do dia 09 de abril de 2014 – Dona Cléria, 78 anos)

O entrevistador toma o turno e solicita confirmação sobre o início do trabalho na idade de cinco anos: *A senhora trabaia então, desde os cinco anos?* Ela atende a sua solicitação em: (1.2) *É* de forma sintética e prossegue narrando aquilo que precisa ser dito, conforme disposto em (1.2-3).

Nas ações subsequentes, Dona Cléria, protagonista da história, se posiciona como alguém que batalhou e sofreu muito na infância. Na construção do fragmento seguinte há um aparente antagonismo entre eles (os marechal), por meio de índice de avaliação (WORTHAN, 2001) (aqui referendados como os filhos e o pai) e a narradora (1.2-3): *Mais eu só cumia depois que... O... Os marechal... Cumia! – Quem que é os marechal? – É o, meus irmão e meu pai. E comia tudo que, que rapava, limpava, aí eu ia rapá aquele resto como cachorro.* Mais uma vez, noto as condições a que fora submetida, representadas metaforicamente pela imagem de um “cachorro” (1.6).

Mais adiante na história, Dona Cléria continua a narrar sobre sua luta incomensurável, na qual fora subjugada dentro do próprio seio familiar, por aqueles que deveriam lhe proteger. Na linha 9, no desfecho da narrativa, Dona Cléria se identifica com “refugio”, parece refletir sobre toda sua existência e exprime o que sente sobre si para o interlocutor, por meio de uma avaliação externa (SILVA, 2001a). A despeito de toda sorte de dificuldades, em um momento posterior da transcrição, diz que sempre encontrou alguém que lhe ofertasse apoio em troca de alguma tarefa doméstica: *as veiz me dava um lito de farinha, as veiz me dava um lito de arroize... Eu ia embora sastifeita! É, minha vida foi assim!*

A narrativa se estende e outra história se inicia cujo resumo traz a temática do abuso e assédio sexual sofridos por muitas mulheres que viviam na roça nos anos 40, conforme ilustra o próximo excerto, (1.1): *Aí, eu tava cum treze ano fui pego por um cara.* A narradora aqui se posiciona como vítima. Infelizmente, trata-se de uma realidade que ainda assombra milhares de mulheres pelo Brasil afora. Muito progresso tem sido alcançado com a implementação de políticas públicas voltadas para o amparo e proteção das mulheres, como a implementação da Lei Maria da Penha, mas há ainda um longo caminho a ser percorrido.

- (25) 1 (C) – ... *Aí, eu tava cum treze ano fui pego por um cara... Eu, eu tumei*
 2 *de conta de uma casa com oito fio, oito, oito minino... Tinha dois*
 3 *rachão incaminhado. E a muié me enganô. Foi pa Belém, disse*
 4 *que ia pa Grajaú, que era no Maranhão, se acabá foi embora pa*
 5 *Belém e eu fiquei, por conta. Aí, chegô esse doido, lá... E que era*
 6 *irmão do dono da casa. Aí ficô bem...! Tomava o cafezin dele, saía*
 7 *cum pouco. Mas quando foi um dia meu fii, me pegou sete horas*
 8 *da noite e lutemo até a nove e meia da noite, mas ele não me*
 9 *venceu, não, que Jesus me abenço, num deixô não! Me rasgô*

- (25) 10 *toda! Mas quando eu me vi livre, eu pulei uma cerca assim, da*
 11 *altura desse negócio bem aqui [apontando o telhado do sala],*
 12 *acho que, mar ali acho que não foi eu, não! Acho que foi Deus que*
 13 *me puxô!*
 14 (A) – *Hum rum.*

(Entrevista do dia 09 de abril de 2014 – Dona Cléria, 78 anos)

A jovem Cléria trabalhava como empregada doméstica e se posiciona aqui como uma menina forte, capaz de limpar a casa e de cuidar de oito crianças aos treze anos de idade. Após a descrição dos seus afazeres na casa e o fato de que fora abandonada pela própria patroa, a narradora anuncia um homem que chegara à casa. Ela o caracteriza com distanciamento “esse doido” e “irmão do dono da casa”, sendo o último atributo referente à hierarquia que lhe confere uma relação de dominação com uma pré-adolescente fragilizada. A narradora recorre a uma estratégia de envolvimento e parece convidar o pesquisador para chegar mais perto e ver o quadro que está prestes a ser desenhado, no fragmento: “*mas quando foi um dia meu fii, me pegou sete horas da noite*” (1.7). Na sequência, de ações complicadoras são apresentadas: *pegou sete horas da noite e lutemo até a nove e meia da noite, mas ele não me venceu, não, que Jesus me abençoô, num deixô não! Me rasgô toda! Mas quando eu me vi livre, eu pulei uma cerca assim...* Por sorte, depois de uma longa luta, ela consegue escapar com a ajuda dos seus aliados: “...Jesus me abençoô foi Deus que me puxô”. Ela para no tempo e reflete sobre o incidente, e prossegue avaliando a si mesmo: *acho que, mar ali acho que não foi eu, não!* (1.12). É interessante sublinhar como a fé é algo forte na vida dessa senhora. Uma fé que não se abala diante da adversidade. Com tudo indo contra, ela consegue encontrar uma saída. A saída está em seu aliado: Deus.

Depois do terrível incidente, Dona Cléria segue para casa dos pais. Sofre por um período de mais ou menos dois meses. Nota-se que a construção da narrativa é fragmentada. Parece que a narradora revisita alguns dos seus momentos de profunda dor e nem sequer consegue verbalizá-los. Como se a luta fosse travada entre a memória e o ato da verbalização. Momento esse que exige do narrador atribuir sentido àquilo que vivenciou, navegando por diversos percursos na e pela memória, e tendo que, em circunstâncias propícias, envolver os eventos com uma nova roupagem, como pode ser observado no excerto 26.

- (26) 1 (C) – ... *Aí, fui embora pra casa de meu pai. Passei por mais... Doir*
 2 *meis... ruim! Eu orava dia e noite! Aquela, daquela agonia que eu*
 3 *passava, quando eu olhava, sentia que aquela, eu digo... Aí,*
 4 *carregaro ele pra Belém, lá foi digero, na mesma semana morreu!*
 5 *Mataro ele! Ele fez esse serviço cum uma minina.*
 6 (A) – *Lá também?*

- (26) 7 (C) – *Foi. Mais ela tinha pai, tinha irmão! Eu, como num tinha, meu*
 8 *pai agiu nada... Disse que eu provoquei, mintino. Meu Deus me*
 9 *perdoa. Eu num provocava ninguém. Ai... Terminô purquê Deus é*
 10 *bom.*

(Entrevista do dia 09 de abril de 2014 – Dona Cléria, 78 anos)

Posicionado como agressor, o rapaz continuou fazendo atrocidades pela região e fora posteriormente capturado e morto pelo mesmo crime cometido (1.4). A narradora traz uma nova personagem (também vítima do mesmo agressor) para o mundo da história, cujo pai lhe oferece suporte. Ao contrário, o pai de Dona Cléria é posicionado como vilão da história. Além de não oferecer proteção a sua filha, ele a culpa pelo estupro aos seus 13 anos de idade. O arremate do episódio ocorre nas linhas 9 e 10: *Terminô purquê Deus é bom*. Mais uma vez Deus está presente em sua narrativa de vida, como o eterno aliado, proporcionando um desfecho feliz.

Em síntese, ao cabo dessa parte analítica sobre o *self* passado no que concerne aos maus-tratos na infância, podemos perceber, mediante os dados analisados, que o contexto situacional se destaca pela pobreza, famílias em sua maioria numerosas, cujos pais encontram-se posicionados como severos, autoritários. Os recursos linguísticos usados pelos narradores para veicularem suas histórias se destacam as avaliações de si e dos outros personagens. Isso ocorre quando comunicam fatos relevantes com o interlocutor (SILVA, 2001a).

Esse cenário já aponta para formas de exclusão que se iniciam dentro do próprio lar devido às condições de vida. Foi possível observar aspectos identitários que transitam entre a luta e a resistência, o que certamente contribui para a construção da identidade ao longo da vida. A religiosidade se consagra como uma fonte de apoio, principalmente nas intempéries da vida, conforme os depoimentos.

As narrativas também confirmam um quadro de submissão da mulher naquele período histórico. Muitas dessas adolescentes eram assediadas e abusadas não somente na rua, mas dentro do próprio lar. É importante lembrar que questões referentes aos abusos contra mulher ainda são em larga proporção silenciados em nossa sociedade, apesar dos aparatos legais de proteção.

Os idosos desempenham uma função para a qual estão maduros, a religiosa função de unir o começo e o fim, de tranquilizar as águas revoltas do presente alargando suas margens (BOSI, 1994). Narrar, desse modo, pode representar um contato com passagens difíceis, de dores profundas, assim como uma oportunidade de testemunhar suas próprias fragilidades. Passaram por inúmeras adversidades e conseguem olhar para o passado e compreendê-lo pelo

que representou. A despeito de tudo, com serenidade permitem que a vida siga o seu curso, mesmo quando olhar para trás signifique adentrar num mundo de sombras e encontrar fios que precisam ser amarrados.

4.1.4 Casamentos complicados

Os idosos colaboradores deste estudo se casaram em um período em que as práticas do casamento eram distintas dos tempos atuais. Os casamentos eram, em geral, arranjados e o pai apontava com quem a moça deveria se casar. A moça, em geral, não tinha poder de barganha. Acatava calada a escolha do pai. Os homens, por sua vez, tinham mais autonomia na escolha de suas parceiras. Trago, na sequência, três narrativas que ilustram esse contexto histórico. Antes, porém, apresento um fragmento do momento anterior à transcrição sobre o casamento de Dona Jovina para construir um panorama mais amplo da constituição do *self* em sua narrativa. No excerto 27, Dona Jovina narra sobre o seu casamento e os problemas dele decorrentes.

- (27) 1 (J) –...*Eu sempre fui uma pessoa, eu sempre fui uma pessoa*
 2 *responsável. Eu nunca fiz nada que eu saiba, que eu me lembre,*
 3 *graças a Deus, que eu nunca fiz nada de errado na minha vida.*
 4 *Nunca! Nunca fiz nada de errado na minha vida, sempre eu quis*
 5 *ser aquela pessoa, quando eu me casei eu não queria esse home...*
 (Entrevista do dia 23 de junho de 2015 – Dona Jovina – 64 anos)

No excerto 27, o posicionamento de Dona Jovina é claro, apesar da hesitação marcada na primeira unidade de informação (I.1). Ela se posiciona como uma pessoa responsável, correta e dá graças a Deus por nunca ter feito coisa errada. Pode ser inferido que as informações sobre o seu posicionamento no início do excerto servem de base para construir o discurso sobre o casamento mal sucedido. Vejamos o próximo excerto para uma visão mais completa da história.

- (28) 1 (J) – ... *Inclusive quando eu me casei com ele não gostava dele. Ele*
 2 *tinha certeza que eu num gostava! Mar depois de um ano que eu*
 3 *convivi com ele, ele me tratô muito bem, cê sabe que... Eu... É o*
 4 *meu caso, é, é alguém me tratá bem! Eu fico... sabe? Aí, eu criei*
 5 *amô a ele! Aí, daí pra frente eu criei amô, um amô memo! Aí mais*
 6 *só foi um ano bem! Aí dum ano pra frente só me pisô, só me*
 7 *maltratô. Só me humilhô. Eu fui muito sofrida no meu casamento!*
 8 *Passei trinta e dois ano empurrano o casamento com a barriga.*
 9 *Assim, eu, só eu queria, mais ele não! Aí me trocava por qualqué*

- (28) 10 *lixo da rua, ele num era de bebê, de, de jogo, né, dessas coisa,*
 11 *mais mulhé de rua era com ele mermo! Eu sofri muito! Ai, depoisi*
 12 *eu separei dele. Tem uns, uns deiz ano que eu separei dele. Oito*
 13 *ano por aí assim, sei lá, e daí pra cá foi que eu comecei a vivê!*
 (Entrevista do dia 23 de junho de 2015 – Dona Jovina – 64 anos)

Dona Jovina se posiciona como protagonista da história. Ela agencia todas as orações que lhe dizem respeito. Inicia o excerto se posicionando como alguém que não gostava do marido (l.1): *Inclusive quando eu me casei com ele não gostava dele*. Esse sentimento se transforma, a partir do momento que, segundo ela, começa a ser bem tratada. Em seguida, se posiciona como um mulher amorosa e que merece ser correspondida, mas isso não acontece. Tais posicionamentos servirão de base para a construção do posicionamento do marido (antagonista). A transição comportamental do marido é marcada pela unidade de informação (l.5): *Aí mais só foi um ano bem!*. A sequência das ações complicadoras evidenciam o seu sofrimento: *...ó me maltratô. Só me humilhô. Eu fui muito sofrida no meu casamento* (l.6-l.7). Posteriormente, ela tece mais comentários sobre o marido, evidenciando aspectos identitários a partir daquilo que não era: *num era de bebê, de, de jogo, né, dessas coisa*, no entanto, enfatiza o seu interesse: *mulhé de rua era com ele mermo!*. Se posiciona, na resolução como alguém que suportou a dificuldade por muito tempo, mas conseguiu eventualmente vencer o obstáculo. E na coda ela afirma: *daí pra cá foi que eu comecei a vivê!*.

Antes do ponto em que se inicia a transcrição do excerto 28, Dona Cléria estava narrando sobre um fato traumático que passara aos 13 anos de idade, exposto no excerto 25. Em prosseguimento, a idosa narra sobre o seu casamento, conforme veremos a seguir (l.1).

- (29) 1 (C) – *...É assim, meu fii, minha vida, casei cum homi... Sem querê!*
 2 *Casei, casei, casaro, me casaro empurrada, como quem... Era do*
 3 *ôto mundo. Vivi com ele trinta e oito ano! Mas faiz, ele num tinha*
 4 *no mundo quem guentasse, eu trabaiava dia e noite, pá botá as*
 5 *coisa dento de casa e ele num botava nada e ele comprava uma*
 6 *coisa véa ruim, e eu brigarra puquê aqueles negócio num precisava*
 7 *pá cachorro. Ai ele “se quisé, é!” Eu digo: num precisa comprá*
 8 *mar não! Ai ficô... Ai pelejei pá vivê com ele! Quando a gente vai*
 9 *no pé dum padre pa dizê: “na Morte, na doença...” É segura essa*
 10 *palavra. E eu pensarra isso. Mais aí quando eu caí, eu oiei po lado*
 11 *fiquei só dento de casa, os fii criaro asa, eu também criei. Saí.*
 12 *Com dezesseis ano. Graças a Deus, que agora ele partiu, foi*
 13 *embora. Agora eu tô live. Mais... Mais minha vida continua.*
 14 (Entrevista do dia 09 de abril de 2014 – Dona Cléria, 78 anos)

No resumo do excerto 29, a narradora busca alinhamento com o pesquisador, ao falar (l.1): “*É assim, meu fii, minha vida, casei cum homi ... sem querê!*”. Além disso, a unidade de informação revela aspectos culturais acerca do típico casamento da época. A protagonista se casa sem gostar do marido e tenta encontrar um termo mais adequado para retratar o casamento, indexicalizado em: *Casei, casei, casaro, me casaro empurrada* (l.2). Inicia com a escolha do termo agenciado por ela: *casei*, e posteriormente, apaga a agência da ação: *casaro*, *me casaro* e por fim, chega a um consenso: *me casaro empurrada*.

Nas ações complicadoras, ela se posiciona como uma mulher trabalhadora, paciente e resistente, que lutou por 32 anos e conseguiu superar as adversidades em um lar atormentado. O marido é posicionado como alguém que não provê, difícil de lidar. Na sequência, Dona Cléria se posiciona como uma pessoa leal à instituição do casamento e com o tempo passou a ponderar sobre as dificuldades, aqui marcadas por índices verbais no tempo presente (l.8-9): *Quando a gente vai no pé dum padre pa dizê: “na Morte, na doença... É segura essa palavra.* Essa reflexão, a auxilia a construir o ethos moral e, em seguida, retoma o tempo narrado em sua história (l.11): *E eu pensarra isso. Mais aí quando eu caí, eu oiei po lado fiquei só dento de casa, os fii criaro asa, eu também criei. Sai. Com dezesseis ano.* Por fim, se posiciona como uma mulher corajosa, que desafiou a cultura dominante que mulher tinha que permanecer casada até a morte e, como resultado se sente livre (l.12-13): *Graças a Deus, que agora ele partiu, foi embora. Agora eu tô live. Mais... Mais minha vida continua.*

Em um momento posterior, Dona Cléria, retoma a questão do casamento. Inicia a discussão revelando o posicionamento autoritário do pai, registrado no excerto 30.

- (30) 1 (C) – ... eu tinha um medo também do meu pai! Ai disse: “É, por
2 antão chegô o tempo de casá. Tá com vinte e um ano, e o cara
3 ainda hoje tá te isperano. Digo: “Meu pai, largue aquele cara de
4 mão, meu pai. Num faça essa doidice comigo não! Será que é só eu
5 que mereço?” Ai eu ficava... Teve uma vez, meu Deus me perdoa,
6 mais num criei corage! Eu quis bebê veneno!
7 (A) –É né?
8 (C) – É. Eu comprei o veneno! Nunca disse pra ninguém, tô dizendo
9 agora! Mais depois, quando eu peguei no veneno, deu aquele nó
10 dento di mim. Ai eu peguei o veneno e joguei dento da privada.
11 Quero não. Se eu tivê de morrê um dia, Ele que leve. Ele que sabe.
12 (A) – Bom demais!
13 (C) – Ah, meu fii, vô ti falá...
14 (A) – Dona Cléria, muito obrigado!

(Entrevista do dia 09 de abril de 2014 – Dona Cléria, 78 anos)

Em uma avaliação encaixada, ela reporta em discurso direto a voz do pai (1.2-3): *É, por antão chegô o tempo de casá. Tá com vinte e um ano, e o cara ainda hoje tá te isperano.* A imagem do rapaz esperando a moça, e ela sem tempo para pensar sobre e nem a chance de negar reforça o caráter avaliativo de quem a essa história escuta. De imediato, em resposta à declaração do pai, a jovem também recorre ao discurso direto (1.3-4): *Meu pai, largue aquele cara de mão, meu pai. Num faça essa doidice comigo não! Será que é só eu que mereço?.* Mais uma vez, o posicionamento da narradora é construído como alguém que sempre fora perseguida pelo pai. O discurso direto aqui serve a função de envolver o pesquisador na narração, e, sobretudo, construir a identidade do pai.

A dificuldade da convivência teve implicações desastrosas, contadas aqui pela primeira vez, inscrita na avaliação encaixada, em que a narradora direciona o seu discurso para o pesquisador: *nunca disse pra ninguém, tô dizendo agora* (1.8-9). Dona Cléria deixa transparecer sua fragilidade quando relata sobre o veneno que quase fez com que interrompesse o fluxo da vida. Com o seu posicionamento fiel a Deus, ela se vê fortalecida, rompendo o processo de depressão em que se encontrava.

Em resumo, ao chegar ao final das análises sobre os casamentos complicados com o foco no *self* passado, podemos afirmar que as idosas se posicionam como protagonistas vitimadas nessa categoria. Sentem-se mais fortalecidas agora que estão mais independentes. A culpa pelo insucesso nos casamentos foi atribuída aos pais que arranjaram os casamentos e aos maridos pela brutalidade e infidelidade. O principal aliado nas narrativas é Deus.

4.1.5 Perdas de familiares

No convívio com idosos, pude testemunhar inúmeras histórias sobre as perdas que tiveram ao longo da vida. Muitas dessas perdas eram recentes, algumas ainda em processo de enlutamento, cujas cicatrizes encontram-se ainda abertas. Trago aqui alguns fragmentos das narrativas que ilustram essas perdas.

Antes do ponto em que a transcrição se inicia, Dona Bastiana narrava sobre o filho de 45 anos, usuário de drogas, que vive com ela e lhe dá muito trabalho. No próximo excerto, ela sintetiza, no sumário e na orientação, a história do outro filho a quem tivera muito apreço.

- (31) 1 (B) *Mais é assim... Eu tinha ôto que era tão bom pra mim... Passô...*
 2 *Morreu matado! Ele que feiz essa casa que eu moro. Nós*
 3 *trabaiava no lixão! Ai ele falô assim: “mãe, eu vô fazê essa casa*
 4 *pra sinhora, uma casa tem quato cômodo, sala, conzinha, dois*

- (31) 5 *quarto, banheiro, área de serviço e a área da frente. Ai ele falô:*
 6 *“mãe, eu vô fazê essa casa pra sinhora, com fé em Deus, se Deus*
 7 *me dé vida eu quero vê a sinhora dento dessa casa mobiliada!”*
 8 *Ele tinha vinte ano na época. Tá cum seis ano que... Era um*
 9 *minino bão!...ele era envolvido com porcaria tamém, só que ele*
 10 *era muito bom, sabe? Ele num puxava conversa cum ninguém. Diz*
 11 *que foi pur quê discutiu mais um cara que numa sinuca... Aí juntô*
 12 *cara, juntô cinco nele.*
 (Entrevista do dia 30 de abril de 2014 – Dona Bastiana – 68 anos)

O filho é posicionado como alguém, que, além de cuidar da genitora, preocupava-se com o seu bem estar. Ele construiu a casa onde Dona Bastiana morava. Com orgulho, ela descreve a quantidade de cômodos que a casa tinha, por meio de estruturas avaliativas quantificadoras (1.4-5). Na sequência, recorre ao discurso direto para encenar a voz do filho e, ao mesmo tempo, engajar o pesquisador afetivamente na história (TANNEN, 1989)¹⁹: *mãe, eu vô fazê essa casa pra sinhora, com fé em Deus, se Deus me dé vida eu quero vê a sinhora dento dessa casa mobiliada*. O sonho dele foi realizado antes de falecer aos 20 anos de idade, conseguiu construir a casa para a mãe. O filho é posicionado como um “meninu bom”, que “usava umas porcaria”. Sua bondade não se apagava com o uso de drogas e se foi, possivelmente, como muitos outros, vítima de um contexto de violência. Em um bar na Estrutural, onde jogava uma partida de sinuca, foi brutalmente assassinado por cinco rapazes em razão de uma discussão.

Lembro-me de que quando comecei a ouvir essas histórias sobre as perdas dos familiares, passei a adotar uma postura ainda mais cuidadosa, e acolhedora. Indagava como seria perder um filho de 20 anos, assassinado na rua de casa. E, ainda, no dia seguinte ter que acordar e continuar de onde parou, sabendo que jamais poderia contar com a justiça, sem ter para quem reclamar.

Antes do ponto em que a transcrição se inicia, no próximo excerto, Dona Marlene havia falado sobre o local onde nasceu. Observa-se um maior equilíbrio do ponto de vista da participação da idosa e do pesquisador na interação. Na linha (1), o pesquisador questiona se sua família era grande ou pequena, em resposta Dona Marlene afirma (1.2): *É, são cinco irmãos*.

- (32) 1 (A) *Ótimo. Família grande ou pequena?*
 2 (M) *– É, são cinco irmãos.*

¹⁹ A concepção de envolvimento proposto por Tannen (1989) tem o propósito similar ao da avaliação encaixada, o narrador recorre aos meios linguísticos pelos quais o discurso narrativo em particular codificam processos afetivos e o posicionamento do narrador em relação ao narrado.

- (32) 3 (A) – *Cinco irmãos. A senhora tem pai e mãe?*
 4 (M) – *Tem mais não! Já tive pai, mãe, irmão... Eu não tem nem mais*
 5 *irmão pode-se dizer. Nós era cinco, né? Já foi... Só tem duas...*
 [...]
 7 (A) – *A senhora veio pra cá viúva, já?*
 8 (M) – *Não. Ele morreu aqui. Tá com dois ano que ele morreu...Faz*
 9 *pouco tempo! Que nem meu pai! Meu pai morreu há três anos, vai*
 10 *fazer três anos.*
 (Entrevista do dia 23 de julho de 2015 – Dona Marlene, 78 anos)

Observa-se que Dona Marlene já perdeu o pai, a mãe, três irmãos e o marido, sendo o pai e o marido perdas mais recentes. Como sua irmã ficou no Espírito Santo, ela se sente só o tempo todo. Seu posicionamento é de uma mulher desolada, sem raízes, sem referências.

No próximo excerto, Dona Cléria fala sobre suas perdas. Primeiro, foi sua vó, a quem teve muito apreço. Com a morte da vó, se vê desprovida de tudo. Segundo, os irmãos e sua irmã preferida.

- (33) 1 (C) – *Quando minha mãe, minha vó faleceu, que era a única boa que*
 2 *eu tinha, minha vó! Pronto! Cabô tudo!*
 3 (A) – *Quantos irmão a senhora tinha?*
 4 (C) – *Eu tive... quinze irmão. Mais Deus tirô sete e o resto ficô...*
 5 *Ninguém gosta de mim.*
 6 (A) – *Érr...*
 7 (C) – *Eu sô de refugo, toda vida! Toda vida só tinha uma em Goiânia*
 8 *que... Que Deus tenha a minha irmã... Mas quando é coisa boa,*
 9 *Deus tira, Deus num deixa nessa terra não!*
 (Entrevista do dia 09 de abril de 2014 – Dona Cléria, 78 anos)

Dona Cléria veio de uma família grande (1.4): *Eu tive... quinze irmãos*. Posteriormente, posiciona-se como alguém que sempre fora malvista pelos familiares (1.5). O pesquisador alinha-se à declaração e oferece apoio afetivo em “Érr”. Então, ela reforça o posicionamento de que sempre fora excluída (1.7): *Eu sô de refugo, toda a vida*. Vale ressaltar que a idosa é muito admirada pelos colegas de sala de aula e amigos da comunidade, seu descontentamento se refere aos familiares. Trata-se de uma senhora cativante, humilde e extremamente caridosa. Recolhe material, como roupas, retalhos de tecido, os lava e os costura para doá-los para aos mais carentes²⁰. Na conclusão da narrativa, apresenta sua irmã e a posiciona como amorosa e faz alusão ao fato de que as coisas boas na terra não ficam. E acrescenta: *Deus num deixa nessa terra não* (1.9).

²⁰No período que convivi com ela, recebi inúmeros presentes, como pão, rosca, três camisas (encontradas no lixo) e um livro: O Evangelho Segundo o Espiritismo de Alan Kardec.

Dona Vani, antes do ponto em que a transcrição inicia, falava sobre sua terra natal. Logo em seguida, é questionada sobre o número de irmãos que teve (l.1).

- (34) 1 (A) – *Quantos irmãos a senhora teve?*
 2 (V) – *Ieu? Com uns tudo eu penso tê uns... (murmúrios) Dezesseis... É*
 3 *dizoito irmãos.*
 4 (A) – *Dezoito irmãos? Sério?*
 5 (V) – *Por parte de pai assim... Só que pai foi casado duas veiz, né? Só*
 6 *da minha mãe... (murmurando, ficou incompreensível – fazendo*
 7 *contas) Quinze... Deisi... Onze... Doze! Só da parte de meu pai foi*
 8 *doze!*
 9 (A) – *Doze...*
 10 (V) – *Doze. E agora da ôta... Doze! (murmurando e contando) Vera...*
 11 *Duna, Vera... Da, da ôta, sete!*
 12 (A) – *Nossa! Então, dá dezenove!*
 13 (V) – *Dezenove.*
 14 (A) – *O que é isso?! Bom demais! Família grande! Todo mundo*
 15 *morava na mesma roça?*
 16 (V) – *Morava.*
 17 (A) – *Na fazenda?*
 18 (V) – *Só que a gente morava sepa... Eu... Eu fui criado separado, né?*
 19 (A) – *Entendi.*
 20 (V) – *Porque o meu... Minha mãe... O... Quando ela me deu eu, que*
 21 *interô 24 hora e ela morreu!*
 22 (A) – *Ah! É?*
 23 (V) – *Eu fui rejeitada. Nem conheci mãe, não!*
 24 (A) – *É mesmo?*
 25 (V) – *É. Não conheci minha mãe, não! Ai... Ai, quando eu fiquei uns*
 26 *tempos, assim, mair meu pai, né? Ai, a minha irmã, aí quando eu*
 27 *tava grandinha, na hora eu fiquei marr o meu pai, não! Fiquei*
 28 *marr com meu padrinho, assim, ela entregô eu, no dia que nasceu,*
 29 *e a minha madrinha ia ganhar neném, aí não pode ficar com ela;*
 30 *aí minha madrinha falou com o meu pai e falou assim: que era*
 31 *para eles vim cá in Minas, buscá minha mãe! Minha mãe de*
 32 *criação, né? Ai, o pai vêi, buscô minha mãe! Ai, eu fiquei com*
 33 *minha mãe uns... Uns nove... oito... Foi oito anos! Quando eu*
 34 *tinha a idade de oito anos, ela morreu!*

(Entrevista do dia 24 de setembro de 2014 – Dona Vani, 64 anos)

Dona Vani solicita esclarecimento em “Ieu”, inicia a contagem dos irmãos e chegando a dezoito (l.3). O pesquisador busca a confirmação da quantidade. Ela prossegue com a verbalização da fala interior, começando com os números, tentando lembrar e contar todos os irmãos e consegue com o suporte do pesquisador. Na linha (15), o pesquisador expressa espanto e, logo em seguida, oferece apoio afetivo e alinhamento, seguido do questionamento se todos moravam na fazenda. A menção que fora criada separada da família de sangue já indicia a constituição de aspectos identitários de exclusão e rejeição (l.23), projetando o início da narrativa propriamente dita (l.25).

Na sequência, Dona Vani revela que perdeu sua mãe no dia em que nasceu e fora rejeitada pelo pai, posicionado aqui como o antagonista. Durante a entrevista, teve muita dificuldade de falar sobre o pai, o que pode ser observado nas orações inacabadas, abandonadas. Aos oito anos de idade sua mãe de criação morre também. Nota-se aqui que essas dificuldades enfrentadas tiveram influência em sua formação.

Em síntese, nas categorias perdas de familiares, os idosos se posicionaram como protagonistas quando falavam de suas perdas e, às vezes, traziam os entes queridos para ocuparem o papel de protagonistas. Os idosos revelam aspectos de suas identidades quando narram sobre suas perdas, posicionando-se ora como pessoas fortes, ora como excluídas, vitimadas, rejeitadas, desoladas. Destacam-se também os antagonistas que foram representados pelos assassinos que mataram o filho querido de Dona Bastiana, os pais que rejeitaram a pequena Cléria e Vani ao nascimento, assim como o número de perdas nas famílias. Além disso, alguns aliados são apresentados no mundo da história: a madrinha, a irmã e Deus.

4.1.6 Ludibriados por outrem

Com o progresso das aulas passei a ter um contato muito maior com o dia a dia dos idosos, ouvi inúmeras histórias que mostravam sua fragilidade e, em alguns casos, inocência quando tinham que lidar com certas questões as quais se viam sem força de reação. Nessa categoria, trago dois exemplos registrados durante as entrevistas. Outros tantos foram a mim confiados em particular e diziam respeito aos momentos em que os idosos foram ludibriados pelos meios de comunicação e não conseguiam e nem tinham forças para reclamar seus direitos, além de promessas falsas de ascensão na vida em que ingenuamente confiavam.

O excerto 35 traz o início da transcrição. O pesquisador solicitou à Dona Griza que contasse a história que ela lhe havia contado em sala. Ela já tinha declarado seu desejo em aprender a ler para ler a bíblia, e, sobretudo, seu desejo em aprender a escrever um bilhete para Deus pedindo bênçãos para sua família, conforme ilustra o excerto.

- (35) 1 (G) – *Eu dei vontade de fazer um pedido. Pro pastor... É assim: “ó,*
 2 *pega aí esse pedido e faça um pedido aí pra Deus, porque se*
 3 *quiser fazer um pedido pra Deus, você faça esse pedido!” Que*
 4 *Deus há de ouvi, mas também tem que fazer um sacrifício, né?*
 5 *Que sem sacrifício não há... Bença! [...] Pedi só que Deus*
 6 *abençoasse a minha família... Fazê um pedido pra Deus abençoa a*
 7 *minha família, né? E Deus tá abençoano, graças a Deus, né?*
 8 *Mais, pra mim tirá ela... Desses ano que ela vivia sofreno... Eu*

- (35) 9 *tive que fazê isso! É um sacrificio pra que Deus tirá ela... Pra ela,*
 10 *Deus me ouvisse o meu pedido... Tirá ela do aluguel, né? Só que*
 11 *eu pedi pra ela! Na atenção dela, mas Deus me ouviu! Tirô foi*
 12 *todos! Todos tirados do aluguel! Porque o pastor, o pastor diz*
 13 *assim: “o, Se ocê vai pegá esse envelope e fazê um pedido pra*
 14 *Deus, aquilo que ocê tá precisando, e ocê fazê o pedido Deus vai te*
 15 *ouvir!” (neste momento Dona Cléria interrompe a gravação)²¹*
 16 *eh... falô assim: “ó, você pega esse envelope pra por na fogueira*
 17 *santa. Se você cumpri direitinho com o envelope, Deus vai ti ouvi!*
 18 *Aí eu fiquei pensano: “meu Deus... Acho que eu vou fazê esse*
 19 *voto... Ai você dá, cê ganha seu salário cê dá seu salário todin pra*
 20 *casa de Deus, bote nesse envelope o salário todin, bote no*
 21 *envelope, bote no altá de Deus e faça o seu pedido que Deus lhe*
 22 *há de ouvi!” Ai digo, “ah...” Ai eu fui decidida, digo: meu Deus,*
 23 *eu tô fazendo o voto. Peguei o meu salário... peguei o envelope...*
 24 *Aí, é pra cumpri o... O propósito no dia de domingo! Só que eu*
 25 *não cumpri domingo, porque sexta-feira o dinheiro num saiu. Ai,*
 26 *saiu segunda-feira! Ai, passô segunda-feira, peguei o meu salário*
 27 *todinho, botei no envelope, saí correndo, mas nois foi até de carro.*
 28 *Quando chego lá na igreja, o pastor tá saindo, chegando no canto*
 29 *da praça, “ó pastor, meu voto... Que eu fiz! Num deu pra mim*
 30 *cumpri onte, mas tô cumprindo hoje! Eu só peço que Deus me*
 31 *ouve!”*

(Entrevista do dia 9 de julho de 2014 – Dona Griza, 83 anos)

A temática central da narrativa é anunciada no sumário da narrativa: fazer um pedido (l.1). Ao trazer o pastor para o mundo da história, a narradora o posiciona como alguém determinado e imperativo em seu jeito de falar (l.2-4): *ó, pega aí esse pedido e faça um pedido aí pra Deus, porque se quiser fazer um pedido pra Deus, você faça esse pedido!” Que Deus há de ouvi...* A alternância do tempo pretérito para o discurso direto configura-se como recurso usado para dar maior autenticidade à voz do personagem, no caso o pastor. Em seguida, Dona Griza sai do seu papel de narradora e emprega uma avaliação encaixada, almejando alinhamento com o pesquisador: *mas também tem de fazer um sacrificio, né? Que sem sacrificio, não há... bença* (l.5). Em seguida, a narradora verbaliza seu desejo em livrar suas filhas do aluguel. Em razão dessa demanda, o pastor propõe um ritual trazido em discurso direto (l.16-17): *ó, você pega esse envelope pra por na fogueira santa. Se você cumpri direitinho com o envelope, Deus vai ti ouvi.* Interessante notar que mesmo na repetição, quando a narradora assume o papel de outro personagem da história, ela preserva o discurso direto: pastor pediu assim (l.20-21): *bote nesse envelope o salário todin, bote no*

²¹ Tratarei desse recorte de Dona Cléria posteriormente no seção *self* presente: “a menina tem um fi, e deixa o menino lá em casa pra passar hora, a menina nunca fez isso comigo não, só faz assim, porque num que fazê nada, quando tem um atrás dela, ela quer que eu fique com o pequeno, e eu num fico, eu fico, eu fico assim, por um motivo de doença, mas prá vagabundar, não, de noite não, de dia eu fico (neste momento, Dona Maria Gomes diz: tá sendo gravado e Dona Cléria diz, “não, num tem problema não, tô nem aí, pois é meu filho, um abraço e até semana que vem) (Dona Cléria vai embora e a entrevista continua)”.

envelope, bote no altá de Deus e faça o seu pedido. E prossegue: *Meu Deus, tô fazendo o voto.* Parece que a narradora clama à Deus para testemunhar o negócio e atesta sua submissão, flagrado no posicionamento de obediência por parte de Dona Griza. Tannen (2007) acredita que discurso direto e indireto não são usados somente como recurso para reportar ideias, eles de fato constroem diálogos tal como aqueles nos dramas e nas ficções. A referida autora sugere o termo “diálogos construídos” usados “para lançar ideias em diálogos como uma estratégia discursiva para emoldurar informações de modo que comunique efetivamente e crie envolvimento” (TANNEN, 2007, p.110). Os exemplos acima, a meu ver, vão além do envolvimento pretendido. Parece servir a função de legitimar uma relação de poder, particularmente estabelecida entre o pastor e a fiel. Além disso, por ser o discurso dirigido ao professor pesquisador traz o intuito de conduzi-lo a confiar naquilo que está sendo reportado.

Na sequência, a narradora parece verbalizar seu pensamento, ou seja, sua fala interior (TANNEN, 1989): *Aí eu fiquei pensano: “meu Deus... Acho que eu vou fazê esse voto... (1.18-19).* A narradora ao modalizar o discurso em “eu acho” denota sua incerteza na ação. Na sequência, ela não agencia a oração sobre a doação do salário para a igreja: *“Aí você dá, cê ganha seu salário cê dá seu salário todim pra casa de Deus (1.20-21).* Há uma impessoalização da agência, marcada pelo uso do pronome “você” generalizado. Em seguida, prossegue, mas agora alterna para o tempo pretérito ao elencar as ações complicadoras realizadas por ela desde o ato de pegar o salário até a finalização do voto na Segunda-feira. Nesse trecho, é evidenciado o posicionamento da narradora como pessoa correta e cumpridora de seus deveres. Na sequência, ela retoma o discurso direto encenando a sua própria voz: *Eu digo: “oh pastor, meu voto, que fiz! Não deu pra vim na onte, mas tô cumprindo hoje. Eu só peço que Deus vai, me ouve (1.29-30).* Destaco o esforço mobilizado no trabalho de posicionamento interacional no sentido de engajar o interlocutor discursivamente nas etapas estabelecidas pelo pastor para a concretização de seu voto.

Se levarmos em conta que a renda familiar era um salário mínimo para o sustento de todos, incluindo despesas da casa, saúde, esse quantia gasta com a igreja deve fazer falta e pesar no planejamento familiar por um bom tempo. Trata-se de uma prática fraudulenta amplamente divulgada pelos meios de comunicação.

No próximo excerto, Dona Francisca narra sobre dois episódios em que fora ludibriada por patrões. No primeiro caso, refere-se à patroa que não pagou por serviços de faxina prestados. No segundo, concerne a um comprador de material reciclável. No início da transcrição, ela narra sobre o fato de não ter aposentadoria e da necessidade de trabalhar como doméstica.

- (36) 1 (F) *Eu num, num tinha aposento, eu num tinha como vivê,*
2 *experimentei trabalhá na casa duma mulhé, a mulhé num queria*
3 *me pagá. Aí eu digo: “Pois pronto! Eu num vô trabaia de graça*
4 *pra ninguém não!” Aí, eu fui...! Trabalho nessa mangaba lá, hoje*
5 *onde é o posto de saúde! Lá era o lixo! Os caminhão despejava*
6 *aquelas, aquele monte de, de garrafa de óleo, daqueles óleo de*
7 *caminhão, que era de plástico, e eu pegava uns saco, um monte de*
8 *saco que eu pegava no... No Seu Assis... E um carrin-de-mão... E o*
9 *meu menino ia pa iscola. O meu menino tinha uns doze ano por*
10 *aí... Aí eu peguei, fui... Trabalhá. Aí eu enchi os saco de K-boa, de*
11 *garrafa de K-boa, de amaciante e quando tava tudo cheio eu, eu*
12 *amarrava e botava lá no quintal. Fazia assim, um pedaço assim,*
13 *ficava cheio, parecia um mandiuveia, cheio de saco amarrado! Aí*
14 *eu, ajudiação que eu, a humilhação que eu passei aqui!! Antes de*
15 *me aposentá! Aí eu, quando era com duas semana que ajuntava*
16 *mangaba, eu ia, tinha um caminhão da Novo Rii, lá de Ta, lá de*
17 *Ceilândia, Taguatinga, vinha pegá as mangaba, aí eu contratei pa*
18 *ele pegá as minha lá na minha casinha! No meu barraquim de*
19 *madera. Aí ele vinha, inchia o caminhão, ficava bem altão, de*
20 *saco! Aí as mulhé: “Eita, Francisca, hoje tu vai pegá uns*
21 *cinquenta real, ó, cinquenta!” Aí, quando eu chegava lá, ele me*
22 *dava dez real! Pro caminhão daquelas altura, da altura quase*
23 *desse pé-de-manga!*
- 24 (A) – *É mesmo!?!?*
- 25 (F) – *Dez real! De, daquelas mangaba, ele passava numa balançona*
26 *lá e dizia: “Dona Francisca, só deu dez real!” Meu Deus! E tinha*
27 *balde, balde desses de alça assim, que tava a metade de cimento e*
28 *eu ajuntava e jogava cum cimento e tudo! Pa vê se pesava*
29 *algumas grama, pois ele vinha dizê que só dava dez real?!? Aí eu,*
30 *eu já tinha feito minha cartera do passe livre, aí eu peguei... E eu,*
31 *na cartera, minha cartera tinha acompanhante, eu levava eu e meu*
32 *filho. E nós ia... Aí eu pegava os dez real: “Ô, meu Deus! Só deu*
33 *só dez real?!?” Chorano! Aí o menino dizia: “Vambora!” Aí digo:*
34 *“Vamo.” Aí chegava em casa, com dez real nessa época, eu*
35 *comprava um arroiz, um óleo e um feijão, e ainda comprava uns*
36 *treis real de carne moída, aí eu ia fazê a comida. Comprava uma*
37 *meia dúzia de ovo... Aí, nós fazia, ia se virano, né? Num ficava,*
38 *num tava deveno, nós num pagava luiz, era gambiarra... A água*
39 *também não tinha, era um pipa que botava pra nós, então era mei*
40 *difíci, quando eu cheguei nessa Estrutural eu peguei uma barra*
41 *pesada!! Aí, eu ia ajuntá magaba de novo pra fazê dez real, né?!*
42 *Vou fazê o quê? Eu caía no mundo era cedo!! Ia lá! E caía*
43 *naquelas plástico, eu subia nas catatumba, um dia entrô um prego*
44 *desse tanto no meu pé! Aí eu vim pra casa chorano cum o pé*
45 *espanano sangue! Aí fiquei uns treis dia em casa botano sal e num*
46 *sei o quê lá, água quente... Quando melhorô eu voltei pra lá de*
47 *novo! E desse dinheiro dessa mangaba eu pagava o INSS trinta e*
48 *dois real na época. Tinha que tê o dinheiro, eu tinha que ajuntá*
49 *desse dez eu gastava... Aí depois eu parei! De vendê a mangaba*
50 *pa esse cara que ele tava me passano pra trais!*

(Entrevista do dia 23 de julho – Dona Francisca, 68 anos)

Na linha (2), Dona Francisca abandona o serviço de doméstica por ser enganada pela patroa e se posiciona como mulher decidida e batalhadora. Na sequência, narra sua história como catadora. Inicialmente, traz uma caracterização do material a que era exposta (1.6-8). Posteriormente, a narradora detalha as ações por ela realizadas (1.10-12): *Aí eu enchi os saco de K-boa, de garrafa de K-boa, de amaciante e quando tava tudo cheio eu, eu amarrava e botava lá no quintal*. Tal detalhamento auxilia na construção de seu posicionamento como mulher forte, trabalhadeira e proativa. Na sequência, traz uma avaliação sobre como se sentia naquela época (1.14): *Aí, eu, ajudação que eu, a humilhação que eu passei aqui!!*.

Na sequência, a narradora detalha passo a passo sua atividade de coleta. Destaco a quantidade de dias que gastava para encher o seu lote com sacos do material coletado (1.15): *duas semanas que ajuntava a mangaba*. O discurso direto é utilizado no momento em que Dona Francisca reporta outras vozes (1.20-21): *Eita, Francisca, hoje tu vai pegá uns cinquenta real, ó, cinquenta!*. No entanto, na hora de fazer o acerto, o comprador, aqui generalizado “ele” a ludibriava. Destaco o momento em que ela fala (1.42-43): *Eu caía no mundo era cedo!! Ia lá! E caía naqueles plástico, eu subia nas catatumba...* Aqui, Dona Francisca se posiciona mais uma vez como uma mulher batalhadora, forte, determinada. A narrativa se encerra em (1.49): *E aí, depois, eu parei de vender a mangaba pa esse cara que ele estava me passano pra tráis!*. Observe-se que nesse momento, ela verbaliza o fato de ter sido enganada por outrem, diferentemente do excerto anterior (35), em que a narradora não reconhece o fato de ter sido ludibriada pelo pastor.

Resumidamente, na categoria ludibriados por outrem, os posicionamentos dos idosos evidenciam aspectos identitários ora como de pessoas corretas, fortes e determinadas, ora como submissas, incapazes de lutar pelos seus direitos. Diversas estratégias linguísticas foram empregadas, como discurso direto, avaliações e o uso de epítetos para qualificar os personagens da história. Na primeira narrativa, foi possível perceber o protagonismo de Dona Griza, assim como o posicionamento do pastor e de Deus como aliados na história. Já na segunda, a catadora assume o protagonismo ao narrar suas ações nas ruas e lotes baldios da Estrutural, destaca o comprador de material reciclável como o antagonista, e as vizinhas e o filho são posicionados como aliados.

Ao cabo dessa primeira parte, em que a discussão e a análise enfocaram o *self* passado, pode-se perceber a partir dos posicionamentos interacionais as manifestações dos *selves* dos colaboradores em relação ao período da infância até a fase atual. As representações mais recorrentes nas narrativas, conforme mencionado no início do capítulo, desdobraram-se em categorias temáticas, a saber, as adversidades para ir à escola, maus-tratos na infância,

casamentos complicados, perdas de familiares e ludibriados por outrem. Ainda, vale ressaltar o modo como os personagens trazidos para o mundo das histórias se posicionam em relação ao outro: como protagonistas, antagonistas e aliados, conforme ilustra o Quadro 13.

Quadro 13 – Categorias do self passado, posicionamentos protagonista, antagonistas e aliados

Categorias do self passado	Posicionamentos interacionais dos idosos	Protagonistas	Antagonistas	Aliados
Adversidade para ir à escola	Determinados, trabalhadores*, esforçados, honestos, culpados, renegados, frágeis e incapazes *nota-se um padrão	Idosos na fase infantil – vitimados, justificam o fato de não terem frequentado a escola* * nota-se um padrão	A mãe, o trabalho, a doença (febre amarela, pólio, visão) e o pai	A amiga, a vovó, Deus, a mãe, a irmã e o cunhado
Maus-tratos na infância	Agredidas, violentadas, abandonadas e espancadas	Idosos na fase infantil – vitimados	O pai e a mãe, os irmãos (os marechais), a patroa e o aliciador	Jesus Deus
Casamentos complicados	Leais, corajosas, resistentes, submissas*, humilhadas* e traídas* *nota-se um padrão	Idosos na fase infantil e adulta	O marido, a mulher de rua e o Veneno	Deus
Perdas de familiares	Fortes, excluídos, vitimados, rejeitados, desolados	O filho, o marido Idosa - vitimada na infância	Os assassinos, a morte e o pai	Deus, a irmã e a madrinha
Ludibriados por outrem	corretas, fortes, determinada, submissas, emudecidas, enfraquecidas e incapazes	Idosos na fase adulta	Comprador de material reciclável	Deus*, o pastor, as vizinhas e o filho *nota-se um padrão

Fonte: o autor (2016)

No que concerne à adversidade para ir à escola com base no quadro, os idosos se posicionaram ora como determinados, trabalhadores, esforçados, honestos, ora como culpados, renegados, frágeis e incapazes. Os colaboradores se posicionam como protagonistas. No entanto, a culpa de não terem acesso à educação foi relegada aos antagonistas, isto é, aos pais, à idade, ao trabalho e aos problemas de saúde, além disso, à ausência de escolas nas redondezas. Como aliados temos a amiga e o tio que ensinam, a mãe que insiste em levar a filha à escola, a vó que acolhe, e Deus que ajuda sempre.

Em relação aos maus-tratos na infância, os colaboradores, se posicionaram como protagonistas vitimadas, que foram agredidas, violentadas, abandonadas, espancadas. Os antagonistas posicionados como culpados pelos maus-tratos são os pais que batiam, as pessoas e aliciador que as violentavam, os irmãos que não dividiam a comida e a patroa que abandonou o lar. Os aliados principais foram Jesus e Deus.

Já nos casamentos complicados, os posicionamentos das idosas são de mulheres ora leais, corajosas, resistentes, ora submissas, humilhadas e traídas pelos companheiros. Os maridos, o veneno e as mulheres de rua foram marcados como os antagonistas nas narrativas de vida. Deus mais uma vez é o aliado principal.

No que se refere às perdas de familiares, os idosos se posicionam ora como pessoas fortes, ora como excluídos, vitimados, rejeitados e desolados. Os antagonistas são representados pelos assassinos que mataram o filho querido, o pai que rejeitou a filha ao nascimento, e o número de morte nas famílias. Os aliados trazidos para o mundo da história foram a madrinha que a acolheu a filha rejeitada, a irmã que amou e Deus que foi posicionado como esteio infalível.

Por fim, na categoria ludibriados por outrem, os idosos revelam seus aspectos identitários por meio de seus posicionamentos interacionais, ora como pessoas corretas, fortes e determinadas, ora como submissas, emudecidas, sem força ilocucionária e incapazes de lutar pelos seus direitos. Nota-se, na primeira narrativa, o protagonismo da idosa e o pastor posicionado como aliado no mundo da história, flagrado por meio de diálogos construídos, materializados em discurso direto. Na segunda narrativa, a idosa protagoniza a narração sobre seu trabalho como catadora e reconhece o comprador de material reciclável como o antagonista, diferentemente da primeira. Os aliados das narrativas são: o pastor é quem faz o intermédio para a realização do sonho, e Deus concretiza; as vizinhas e o filho apoiam a luta da catadora.

Há muitas similaridades e poucas divergências perante os colaboradores, possibilitando, desse modo, traçar um perfil do grupo. Trata-se de um grupo de pessoas cujo

passado é marcado por pobreza, oriundas de famílias extensas, que cresceram no meio rural e foram forçadas a migrarem para os centros urbanos em busca de melhores oportunidades e melhores condições de vida. No caso das mulheres, elas não tiveram oportunidade de escolher seus parceiros, caindo em algumas ciladas amorosas. E por fim, chegam à fase da velhice com uma história de exclusão, maus-tratos, saúde debilitada, alguns ludibriados por outros, sem referências em razão da perda de muitos dos seus familiares.

Até aqui já evidenciamos, com base em nossos dados, como os colaboradores desta pesquisa se posicionam e posicionam os outros em suas narrativas sobre o passado, instanciados nas plurais manifestações do *self*. No sentido de construirmos um mapeamento mais integral dos percursos identitários e a construção da experiência dos idosos da Estrutural, busco na próxima seção analisar o *self* presente.

4.2 SELF PRESENTE

Nessa seção, apresento um modelo específico de narrativa que emergiu do trabalho de natureza etnográfica. As narrativas aqui apresentadas não se enquadram no modelo Laboviano, organizadas por uma ordem cronológica rígida. Na verdade, caracterizam-se mais com as denominadas de *narrativas habituais*, pois, emolduram eventos típicos em um intervalo de tempo. Entretanto, tais eventos não são temporalmente ordenados, um após o outro, em uma sequência estabelecida. As narrativas habituais referem-se ao modo como as coisas são, “[...] podem se referir ao presente, passado e futuro e são geralmente usadas para descrever sintomas” (RIESSMAN, 1993, p. 18). Assim são as narrativas apresentadas, pois tratam dos enfrentamentos dos idosos no dia a dia.

Vale ressaltar que os dados aqui apresentados foram gerados a partir de dois momentos distintos: das entrevistas narrativas e de uma gravação em sala de aula em que o tema saúde naturalmente emergiu. No último, solicitei a permissão para gravar em áudio os depoimentos, embora já houvesse corrido uma boa parte da discussão. Em outras palavras, aqui se encontram apenas alguns dos registros da discussão sobre saúde.

Em relação às representações sociais presentes no discurso dos idosos desta pesquisa quando narraram sobre a vida cotidiana, algumas categorias destacaram-se nas histórias de vida, também confirmadas no trabalho de cunho etnográfico, como: questões referentes à saúde, à violência doméstica, ao lado positivo de ser idoso, ao sonho do letramento e à discriminação contra o idoso.

Começemos, pois, com as questões referentes à saúde.

4.2.1 Questões referentes à saúde

A temática da saúde é muito recorrente na fala cotidiana do idoso. Em diversos momentos, na sala de aula, pude registrar em notas de campo, discussões em torno do tema desde as filas de espera e a marcação de consulta até os abraços de acolhimento recebidos das médicas destacadamente especiais. Vejamos como os traços identitários dos idosos emergem a partir dos posicionamentos interacionais em face ao discurso sobre saúde.

O excerto 37 marca o momento inicial da entrevista de Dona Francisca. Em conformidade com os moldes de gravação adotados nesta pesquisa, iniciei a entrevista com uma explicação sobre procedimentos da tarefa. Em seguida, a colaboradora foi indagada se permitiria que a entrevista fosse gravada. Em resposta à indagação, ela afirma: *Pode gravar a entrevista, num tem problema não* (l.1). A narrativa trata de dois temas distintos: o primeiro refere-se ao modo como a idosa vê o posto de saúde, para o qual a idosa fora deslocada em razão da divisão do posto central; o segundo concerne às informações sobre a médica quem dela cuidava antes da divisão do referido posto.

- (37) 1 (F) *Pode gravar a entrevista, num tem problema não. Como eu tava*
 2 *lhe dizendo, arrumar... arrumar um postinho lá, e esse postim*
 3 *não tem médico direto, não tem, num atende... O atendimento é só,*
 4 *pelo menos pra mim... eles só troca a receita pra pegar o remédio*
 5 *de novo quando ela vence! Então, eu não tenho... não faço exame*
 6 *de nada! Não faço exame nenhum, porque ... vai fazer no dia 22 de*
 7 *dezembro, agora desse ano, vai fazer quatro anos que eu tô nas*
 8 *casinha! Então, eu tô jogada pra lá! Eu não tenho médico mais! E*
 9 *a.....aqui, no posto aqui, tinha! Né? Porque a... eu... eu... eu... a*
 10 *Doutora Meire era a minha médica e ela... ela era muito boa... Ela*
 11 *era esPECIAL. Ela deixava tudo direitim, ela deixava minha*
 12 *pressão tinino, Ela fazia exame, se num tava bom, ela fazia exame*
 13 *de novo, trocava o medicamento, até ficar tudo tinino. Por*
 14 *exemplo, se a minha diabete tava alta, ela mudava o medicamento,*
 15 *ela acompanhava diretim, até ficar tinino. Era ótima médica. Era*
 16 *não, é. Porque ela ainda hoje tá no posto.*
 (Entrevista do dia 23 de julho de 2014 – Dona Francisca, 68 anos)

A colaboradora sinaliza a continuidade da conversa iniciada em um momento anterior à entrevista, ou seja, na sala de aula, em: *como eu tava lhe dizendo* (l.1-2). Subsequentemente, nota-se a função da marca dêitica para sinalizar um entendimento mútuo pré-estabelecido entre ela e o pesquisador, perante a alusão ao contexto geográfico situado: “*arrumar um postinho lá*”. Sublinho o fato de que a agência da oração encontra-se apagada [] *arrumar*, o que indexicaliza o distanciamento não somente da instituição responsável pela sua criação,

mas, sobretudo, o da idosa em relação a ele. Tal distanciamento resulta na inibição de qualquer tipo de reivindicação por parte da população por não saber onde ou para quem se queixar. Nas unidades de informação (1.3): *e esse postim não tem médico direto, não tem, num atende* ecoam uma avaliação negativa atribuída ao posto de saúde.

Sem condições de atender plenamente a população idosa local, Dona Francisca representa o referido posto de saúde, indexicalizado no núcleo do grupo nominal, no diminutivo: *um postim...esse postim*. Nota-se os recursos avaliativos empregados a partir do uso do dêitico *um* e *esse*, assim como da repetição do termo *postim*, onde, nas palavras dela, *não tem médico direito*. O elemento circunstancial *direito* constitui o sentido de *regularmente*, indiciando, assim, a precariedade do atendimento. Quando a narradora seleciona o termo *pra mim* em destaque na oração: *O atendimento é só, pelo menos pra mim... eles só troca a receita pra pegar o remédio de novo quando ela vence!* (1.3-4), trata-se de um recurso utilizado para imprimir verossimilhança ao dito, pois a narradora assume a responsabilidade pela informação (SCHIFFRIN, 1990). Em seguida, indexicaliza os médicos com o pronome generalizado no plural: *eles* posicionando-os de modo impessoal, construindo aqui a base argumentativa de sua identidade de exclusão. Em seguida, faz mais uma avaliação por repetição desqualificando o atendimento do referido posto em (1.5-6): *Então, eu não tenho... não faço exame de nada! Não faço exame nenhum, porque...* Por fim, o resultado da negligência no atendimento emerge na coda, evidenciando, desse modo, a exclusão da paciente idosa: *Então, eu tô jogada pra lá!*

A coda apresentada anteriormente marca o encerramento do enquadre, ensejando uma nova orientação temática. Trata-se do atendimento diferenciado que recebera da Doutora Meire em: *era a minha médica* e a *Ela era muito boa, especial*. A narradora, ao selecionar os epítetos *boa* e *especial* expressa uma forma de avaliação afetiva positiva, reforçando seu papel de aliada da idosa na história. Ainda, na sequência, a narradora posiciona a médica como uma mulher profissional, dedicada e humana, isso pode ser percebido na série de ações referentes aos procedimentos médicos e ao acompanhamento por ela realizados (1.11-15): *Ela deixava tudo direitim, ela deixava minha pressão tinino, Ela fazia exame, se num tava bom, ela fazia exame de novo, trocava o medicamento, até ficar tudo tinino. Por exemplo, se a minha diabete tava alta, ela mudava o medicamento, ela acompanhava diretım, até ficar tinino*’.

Dona Francisca representa o posto como um lugar ruim, pequeno, impessoal. Posiciona a médica como alguém com quem tivera laços afetivos e recebera atendimento qualificado e eficaz. Tal forma de avaliação não é feita por acaso, na verdade, se emoldura

como uma argumentação cuja causa se encontra no processo da divisão do posto de saúde central. Dona Francisca se sente prejudicada. O que o depoimento traz à tona é a desumanização do serviço prestado, uma vez que não se leva em conta os laços interpessoais construídos ao longo do tempo entre a Dona Francisca e a sua médica, como ela própria narra. Saliento que a humanização da saúde pública como quer o Sistema Único de Saúde (SUS) precisa se atentar a essa narrativa que reflete os anseios de idosos por relações afetivas e de confiança no atendimento médico-hospitalar.

Como evidenciam os registros aqui narrados é ainda falho e carece de ajustes para o seu pleno desempenho. Qualquer sistema de saúde pública que almeje atender tamanha densidade populacional requer uma enorme estrutura: médicos capacitados, hospitais equipados e atendimento treinado, entre outros. Há casos em que o médico encontra-se disponível, assim como a política que garante o acesso ao medicamento de uso continuado gratuito, conforme prescreve a lei. No entanto, como podemos observar no próximo excerto, há outras variáveis que podem comprometer o sucesso do atendimento médico-hospitalar, como a falta de informação. Dona Griza descreve os efeitos de um medicamento que estava tomando.

- (38) 1 (F) *Eu tava tomanu um remédio que era tão ruim pra mim que me*
 2 *deixava doidinha e eu tava querendo matar meu marido. Aí, o*
 3 *médico passou o remédio para pressão, aí melhorou. Mas eu tomei*
 4 *só um dia, porque quem muda pressão, professor, é Deus, num é o*
 5 *remédio. O médico diz que eu tenho que tomar remédio, ora cê*
 6 *toma o remédio, daí cê fica doente, daí eu penso, pra que eu tomo?*
 7 *Tô tomanu um pra tiroide. Tem hora que me dá uma vontade o*
 8 *botar debaixo do pé e pisar nele...*

(Aula do dia 14 de março de 2014 – Dona Griza, 83 anos)

Dona Griza inicia a narrativa descrevendo o medicamento que estava usando: ... *Eu tava tomanu um remédio que era tão ruim pra mim que me deixava doidinha...*, recorrendo à avaliação encaixada. Seu posicionamento é de vítima de um medicamento, cujos efeitos escapam ao seu controle, querendo matar o próprio marido (1.2). Na sequência, a narradora posiciona o médico como competente por conseguir controlar sua pressão com a prescrição. Após o uso do medicamento correto, Dona Griza se sente melhor. No entanto, acrescenta: ...*mas eu tomei só um dia, porque quem muda pressão, professor, é Deus, num é o remédio.* Observe que a alternância do tempo passado para o tempo presente na narração que exerce uma função avaliativa externa, assim como traz a audiência, de modo específico o professor, para o jogo da construção dos sentidos. Pode ser inferido o desconhecimento por parte da

idosos sobre o uso continuado do remédio para o controle da pressão arterial. Vale ainda destacar que, ao se posicionar como uma pessoa religiosa, Dona Griza relega a cura somente ao seu aliado principal: Deus, reforçando a ubiquidade da religiosidade nas narrativas.

Na sequência, a narradora posiciona o médico como quem preceitua procedimentos, aqui, expresso em discurso indireto (1.5): *O médico diz que eu tenho que tomar remédio*. Logo em seguida, recorre ao tempo presente para fazer uma autorreflexão argumentativa: *ora cê toma o remédio, daí cê fica doente, daí eu penso, pra que eu tomo? Tô tomanu um pra tiroide. Tem hora que me dá uma vontade o botar debaixo do pé e pisar nele* (1.7-8). Nessa resolução, nota-se o encerramento do enquadre, constituindo o desejo da narradora em abandonar a medicação pela a lógica apresentada em que o remédio é visto não como a solução, mas como causa das enfermidades. Com base nas interações com o grupo de idosos, pude observar que a fé em Deus constitui um princípio basilar de vida e de sobrevivência. Ao narrarem sobre os intempéries da jornada da vida, contam sempre com auxílio do aliado e dizem: “só Deus sabe” “é Ele quem sabe” “Deus é pai” “entreguei tudo na mão de Deus”.

Outro fator de dificuldade preponderante enfrentado pelos idosos é o acesso aos resultados dos exames médicos. O posto de saúde local, anteriormente referido como *postim*, ficou sem conexão de *Internet* de novembro de 2014 a março de 2015. Nesse intervalo de tempo, os idosos tiveram obstáculos para saber o resultado dos exames, conforme ilustra o depoimento de Dona Cléria.

- (39) 1 (C) ... antigamente a gente recebia o papel pra gente fazê o exame de
2 sangue, aí a gente fazia o exame de sangue e levava, ... hoje, só
3 pega se for na Internet.
4 (A) - Como é que funciona isso? [pesquisador]
5 (C) - gente vai lá, aí ês bota na Internet, aí se tiver funcionando a
6 Internet ... mas eu vejo que num tá, aí, ês... não, venha amanhã, aí
7 cê fica caminhanu, caminhanu, caminhanu, e termina em nada. Cê
8 nunca recebe, cê nunca recebe, e termina que ocê num sabe o quê
9 que deu... [referindo-se ao resultado do exame]
(Entrevista do dia 18 de março de 2015 – Dona Cléria, 78 anos)

É interessante perceber como as circunstâncias temporais: antigamente e hoje tem a função de estabelecer o contraponto da argumentação. A agência nas orações iniciais se realiza a partir da forma gramaticalizada que neutraliza o sujeito no discurso: “a gente” (MOREIRA, 2013)²². A narradora evidencia o modo como os exames eram feitos e os

²² Em um trabalho intitulado: Representações linguístico-discursivas pertinentes a crianças e adolescentes em situação de risco: perspectivas para inclusão educacional, Moreira (2013), ao analisar a narrativas dos adolescentes, encontra de forma recorrente o uso do termo “a gente” como sujeito das orações. A autora propõe

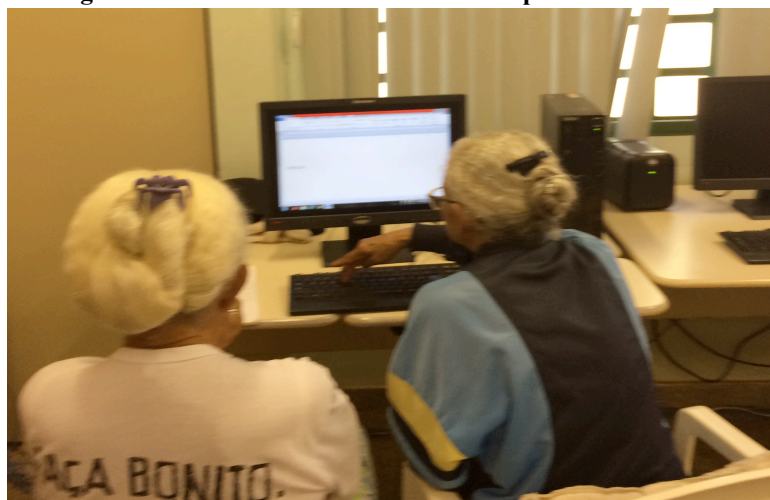
resultados obtidos e os compara com os modos atuais. Observa-se a escolha do tempo narrado marcadas nos índices verbais: “recebia”, “fazia” espelhando a regularidade das ações.

Assim, optei por perguntá-la sobre o procedimento para acessar o resultado dos exames. Ao meu questionamento, ela respondeu (l.5-6): *a gente vai lá, aí ês bota na Internet, ai se tiver funcionando a Internet ... mas eu vejo que num tá, aí, ês... não, venha amanhã...* A narradora posiciona o pessoal do posto de saúde, responsável pela publicação dos resultados na *Internet*, como distanciados, flagrado na escolha do pronome “eles”. A ação no modo condicional (l.5): *se tiver funcionando* denota a improbabilidade de estar operando em modo satisfatório, o que é seguido por: *mas eu vejo que num tá* (l.6). A escolha do tempo presente aqui ratifica o problema como rotineiro. Em resposta à solicitação dos resultados, temos a oração no modo imperativo: “venha amanhã”. Chama-me atenção tal resposta sendo repetida pelos idosos em diversos depoimentos em sala de aula. Seria essa atitude padrão usada para lidar com idosos pobres? A narradora, então procede: *cê fica caminhanu, caminhanu, caminhanu, e termina em nada. Cê nunca recebe, cê nunca recebe, e termina que ocê num sabe o quê que deu... [referindo-se ao resultado do exame]*. A repetição do índice verbal *caminhanu, caminhanu, caminhanu* reitera o descaso em relação aos idosos da Estrutural, naturalizando práticas sociais excludentes.

O posicionamento mais sobressalente é o de uma idosa que se vê vítima de um processo de modernização, que, sem saber ler, escrever e, mais particularmente, sem saber acessar à *Internet*, busca o resultado de um exame de sangue. Há uma crença generalizada de que todo mundo tem acesso à *Internet*, mas os dados evidenciam que essa crença está longe de ser uma verdade. A narradora, sem escolhas, se vê de mãos atadas em face de um sistema que exclui todos aqueles que não têm acesso à rede.

Esses depoimentos nos impulsionaram a fazer alguns experimentos na sala de informática do COSE, com o intuito de viabilizar, de maneira gradativa, o contato dos idosos com o ambiente virtual, conforme ilustra a foto. Desse modo, por meio de oficinas de letramento digital, poderemos romper algumas barreiras iniciais e incentivá-los a buscar práticas mediadas pelo computador aos que delas se interessarem.

Imagem 5 – Idosos trabalhando com o computador no COSE



Fonte: o autor (2016)

Com base nos depoimentos sobre questões referentes à saúde compartilhados em sala de aula, fui levado a refletir sobre o diálogo estabelecido entre o médico e os pacientes idosos. De modo especial, sobre o processo de interação e a co-construção do conhecimento. Realizado com o intuito de melhorar a saúde do paciente, o diálogo médico-paciente pode se configurar uma produtiva ferramenta de letramento. O médico, de posse de um diagnóstico, com base no conhecimento de mundo do paciente, pode promover a mediação necessária para que o idoso possa entender não somente a respeito do medicamento prescrito e sua posologia, mas sobretudo, da enfermidade e de suas possíveis causas e consequências.

Em um trabalho etnográfico intitulado *Eu e tu: a constituição do sujeito no discurso médico*, realizado nos hospitais de Brasília entre 1988 e 1991, Magalhães (2000) buscou investigar o discurso médico pediátrico, assim como a construção da identidade de médicos, mães e crianças, por meio de ferramentas linguístico-discursivas críticas. Entre os resultados da pesquisa, sublinho dois pontos que me chamam atenção por estarem em sintonia com alguns pontos levantados nesta categoria. Primeiro, refere-se à necessidade de desenvolver formas de comunicação que considerem pacientes como pessoas, incluindo o direito de falar e ser ouvido(a). Segundo, concerne à necessidade de estabelecer uma comunicação clara, evitando-se o uso de jargão desnecessário. O excerto 40, apresentado a seguir, nos remete a essas ponderações.

O excerto 40 configura um trabalho de co-construção do evento interacional realizado entre Dona Cléria, Dona Coração Solitário e o pesquisador. A narradora reflete sobre uma cirurgia, a qual foi submetida no passado e mostra as consequências de procedimentos médicos mal sucedidos.

- (40) 1 (C) - *Eu tô cum seis anu que eu opereí, mas deu problema, eu num*
 2 *sarei, e fez foi piorar, porque surgiu pro outra parte, eu num*
 3 *sarei.*
 4 (A) - *A senhora operou de quê?*
 5 (CS) - *Exame de próstata? Cê que fez isso? exame de próstata? ué e*
 6 *muié tem isso? [insiste a colega]*
 7 (C) - *eh, fizeru um furo, mas o furo, fizeru foi um tal Rauxá?? e cortou*
 8 *minha barriga aqui todinha, [mostrando a região na altura do*
 9 *abdômem] aí pediu o exame e eu fiz tudim, tudim, tudo de novo fiz*
 10 *o exame tudim, já tem seis anu, e nada. Até hoje eu espero. Nunca*
 11 *recebi os resultado...*
 (Entrevista do dia 18 de março de 2015 – Dona Cléria, 78 anos)

A narrativa se inicia com uma circunstância de tempo: *seis anu* marcando o sofrimento vivenciado por Dona Cléria, a partir de um elemento complicador que foi a cirurgia mal sucedida (1.1-2): *Eu tô cum seis anu que eu opereí, mas deu problema, eu num sarei, e fez foi piorar, porque surgiu pro outra parte, eu num sarei.* As orações escolhidas pela colaboradora, aqui posicionada como protagonista, constroem seu mundo experiencial em torno da cirurgia. As escolhas léxico-gramaticais das orações revelam o ciclo que passou: *operei, deu problema, num sarei*, assim como o efeito no fluxo dos eventos em decorrência de um procedimento não exitoso.

Por curiosidade, eu a perguntei: *A senhora operou de quê?* a sua resposta assomou-me, levando-me à reflexão sobre a sua condição física. Sua colega de aula toma o turno e solicita confirmação sobre o exame: *Exame de próstata? Cê que fez isso? exame de próstata? ué e muié tem isso?* [insiste a colega]. *eh...* O termo exame de próstata é o elemento gerador da negociação de conteúdo (VAN DEN BRANDEN, 1999)²³. Observa-se como a participação da colega de sala e do pesquisador é importante na direção que toma a narrativa, conforme bem ilustra De Fina e Georgakopoulou (2015). No desenrolar da história, Dona Cléria explica os procedimentos que fora submetida. Nota-se mais vez o apagamento da agência, no caso específico a equipe cirúrgica (1.7): *fizeru um furo, mas o furo, fizeru foi um tal Rauxá?? e cortou minha barriga aqui todinha, [mostrando a região na altura do abdômen]*. Na sequência, mais exames são exigidos, no entanto, o médico que os solicitou encontra-se também apagado (1.9): *aí pediu o exame e eu fiz tudim, tudim, tudo de novo.* O fechamento remete ao tempo presente e traz uma denúncia: *nunca recebi os exames, circunstanciado pela marca temporal: já tem seis anu, e nada. Até hoje espero.*

²³ Van Den Branden foi quem cunhou o termo negociação de conteúdo para referir-se ao processo em que o interlocutor solicita informações adicionais para dar prosseguimento a interação. Difere-se, portanto, da negociação de sentidos ou de forma, pois ambas tratam de diálogos colaborativos com o intuito de reparar algum momento na interação em que a comunicação foi comprometida pelo não entendimento de um item lexical ou gramatical respectivamente. Para maiores detalhes ver Cândido Júnior (2004).

O posicionamento da narradora é de quem foi eficiente em realizar a parte que lhe compete para o tratamento da enfermidade. O médico e o cirurgião são posicionados como pessoas que desempenham procedimentos cirúrgicos, solicitam exames, mas não oferecem acompanhamento ou discutem com os pacientes os resultados e, destaca-se ainda, o fato de que não estão agenciados no discurso. A seguir, apresento mais um caso em que a idosa narra sobre questões referentes à saúde.

Antes do ponto em que a transcrição se inicia no próximo excerto, Dona Marlene narrava sobre a cirurgia de catarata que fizera na Carreta Oftalmológica²⁴ e os problemas dela decorrentes. Em seguida, foi indagada sobre o atendimento no posto de saúde. Vejamos o que ela tem a nos dizer.

- (41) 1 (A) – *O quê a senhora acha do sistema de saúde aí, já foi bem*
 2 *atendida? O quê que falta...? Qual que é o problema...?*
 3 (M) – *O pobrema que eu sinto num resolve!*
 4 (A) – *Qual é?*
 5 (M) – *É... Eu, eu tem pobrema assim, de, de isquicimento, falo com*
 6 *eles, num... Né...?*
 7 (A) – *O quê que o médico diz?*
 8 (M) – *Fala que é a idade, eu num sei o quê, né? Eu tem um pobrema*
 9 *assim, outro dia falei até com o Carlos, a gente fala uma coisa ele*
 10 *quase fica... Tem pobrema que, que fica assim, na minha barriga*
 11 *assim... Na barriga... Tá ligado, a gente vive falano, né...?*
 12 – *Hum...*
 13 (A) – *Um caroço assim, que anda e mexe na minha barriga que eu*
 14 (M) *respondo aqui no ouvido... Aí eu falei com o Carlos, ele falou:*
 15 *“coisa estranha...!” E pronto! Só falou isso, e num falô...*
 16 – *Quem é Carlos?*
 17 (A) – *Carlos! Aque... Esse médico dali, ó...*
 18 (M) – *Ah, tá.*
 19 (A) – *Daquele posto ali, nesse de cá.*
 20 (M) – *Mas não fez nenhum exame?*
 21 (A) – *Nem enxame? Num passô remédio, nem nada! Ele só falô*
 22 (M) *comigo assim: “coisa estranha!” né? E aí, pronto! Ficou desse*
 23 *jeito!*

(Entrevista do dia 23 de julho de 2015 – Dona Marlene, 78 anos)

O fragmento é todo co-construído com participação bem equilibrada entre o pesquisador e a narradora. Há duas temáticas tratadas na interação: a primeira sobre a perda de memória da idosa e a segunda sobre um caroço na barriga. Do posto de vista dos posicionamentos interacionais, inicialmente, Dona Marlene posiciona os médicos como pessoas que não resolvem os problemas, aqui representados de forma generalizada (1.5-6): ...

²⁴ Modelo de atendimento médico itinerante realiza 800 consultas e 250 cirurgias de catarata por dia.

falo com eles, num... Né...?. Posteriormente, ela posiciona o médico (1.9) (tratado pelo nome próprio) como uma pessoa que não solicita exames, não prescreve medicamento e não investiga possíveis causas para as enfermidades apresentadas por ela (1.21-23): *Nem exame? Num passô remédio, nem nada! Ele só falô comigo assim: “coisa estranha!” Né? E aí, pronto! Ficou desse jeito!* A postura do médico desencadeou na idosa um posicionamento de indignação e de impotência.

Ao término dessas reflexões sobre a temática da saúde, com base nos dados analisados, pode-se afirmar que o posto de saúde é representado como um lugar precário, cuja função é somente a de trocar receita de remédio. Tal representação fica reiterada nas avaliações negativas feitas pelos colaboradores, flagradas, por exemplo, nas escolhas lexicais: *esse postim e lotado, não tem atendimento.*

Os idosos se posicionam como vítimas de um sistema que os exclui pelo fato de não terem acesso aos meios de comunicação digital e por não terem o tratamento adequado às suas demandas com respeito a sua faixa etária e sua condição sócio-econômica. Dona Francisca, a título de exemplo, posiciona-se como excluída, descartada quando diz: ‘tô jogada prá lá’. Sua identidade espelha a identidade do grupo que se alinha metaforicamente ao material que catava, ou seja, assim como o material, um dia teve serventia enquanto possuía braços fortes e, infelizmente, agora na velhice, tornou-se obsoleta, sem uso, sem função social.

Os médicos, os cirurgiões e os atendentes são posicionados como pessoas distanciadas e com o poder de solicitar tratamentos e exames. Não obstante, incapazes de acompanhar, explicar exames, procedimentos e doenças aos paciente. Uma exceção merece destaque: o tratamento especial recebido de uma médica, cujo profissionalismo, cuidado e competência ainda reside na distante memória de sua ex-paciente.

Os dados revelam, também, a relação assimétrica de poder entre médico e paciente. O médico precisa assumir seu papel como agente de letramento para melhorar a qualidade e a eficácia dos tratamentos, utilizando uma linguagem clara, sem jargões desnecessários. Uma relação precária promovida pelo sistema de saúde pode deteriorar a credibilidade no sistema, fazendo com que outras alternativas sejam buscadas para garantir a qualidade de vida integral dos pacientes, o que, em muitos casos, torna-se uma questão de sobrevivência. Passemos a próxima categoria que trata da violência doméstica vivenciada pelos idosos.

4.2.2 Violência doméstica

Em sala de aula, foi possível notar alterações nos padrões de comportamento dos idosos quando estavam passando por problemas em casa. Isso dificultava a concentração. Em certas circunstâncias, os colaboradores começavam a falar sobre seus problemas e os colegas de classe os rodeavam, ouviam, consolavam e palpitavam, tentando de alguma maneira amenizar a situação.

No dia que pedi para gravar em áudio parte do debate sobre saúde, estava eu já arrumando as coisas e finalizando a aula quando Dona Bastiana e sua colega de sala, chamada Coração Solitário, aproximaram-se. Percebi que Dona Bastiana estava bastante fragilizada, porque havia sido roubada dentro da própria casa, conforme ilustra o excerto 42.

- (42) 1 (B) – *Oh, meu fii, ele véve bebenu. Ele me robô 80 reais na semana*
 2 *trasada, prá bebê. Era o dinheiro pra compra o gais e qualqué*
 3 *coisa prá cumê. Quem me deu uma ajuda foi a Hilda. Ela quem me*
 4 *deu a cesta. Eu falei com ela e ela falô cê descí lá e eu vou vê se*
 5 *tem cesta. Se num tiver, amanhã mesmo eu compro uma. Ela me*
 6 *deu uma cesta até boa. Eu nem dei conta de levar. Eu tive que ir lá*
 7 *no meu genro prá ele pegá prá mim.*
 8 (CS) – *Oh Bastiana, você vai me disculpá, mas ele não tinha o direito*
 9 *de pegá suas coisa, vendê seus trem e robá seu dinheiro.*
 10 (A) – *Ele vende as coisas da senhora?*
 11 (B) – *Agora tem um tempo que num vende, mas quando ele drogava,*
 12 *ele me deixô sem uma panela.*
 13 (A) – *É mesmo?*
 14 (B) – *Tudo que eu tenho, tive que comprá de novo.*
 15 (A) – *Aí ele vendia as panelas?*
 16 (B) – *Trocava tudo por droga, carregava tudo. Agora não. Agora ele*
 17 *tá mió. Agora, o que ele feiz foi pegá meu dinheiro. Ele pegou*
 18 *oitenta real do meu salário.*
 19 (A) – *O que que a senhora ia fazer com o dinheiro?*
 20 (B) – *comprá uma carne, guarda pra compra o gais, que eu sempre*
 21 *guardo, num gosto de fica sem dinheiro nenhum. Aí, ele chegou,*
 22 *pegô e panhô escondido, foi à noite, na boquinha da noite. Aí, ele*
 23 *pego de baixo do cochão. na semana passada, ele pegou oto*
 24 *dinheiro prá comprá cachaça. Ele bebeu, em três dia, 6 litru de*
 25 *Presidente e um litru de 88, tá lá no chão até hoje, prá quem*
 26 *quiser vê.*
 (Entrevista do dia 18 de março de 2015 - Dona Bastiana, 68 anos)

A temática principal do excerto é a violência sofrida pela protagonista. Ela inicia o enquadre narrativo posicionando o filho como alguém que bebe e rouba o seu dinheiro e se posiciona como uma mulher atenta as suas finanças, gasta somente o necessário. Em seguida, ao narrar sobre uma cesta básica que recebera, a idosa traz Dona Hilda para a história e a

posiciona como uma mulher prestativa e caridosa, doadora de uma cesta tão generosa que nem sequer conseguiu carregar. Dona Coração Solitário toma o turno (l.8) e pondera sobre a atitude do filho da colega, com uma estratégia de polidez: *Oh Bastiana, você vai me desculpa, mas ele não tinha o direito de pegá suas coisa, vendê seus trem e robá seu dinheiro*. A meu ver, Dona Coração Solitário reitera a mensagem enunciada pela mãe de forma sintetizada e aponta um novo rumo para a narrativa, trazendo informações que possivelmente eram por elas compartilhadas, as quais o pesquisador até então desconhecia. Em razão disso, uma confirmação foi solicitada sobre o fato de o filho vender suas coisas (l.10). A oração se inicia com uma índice circunstancial temporal “agora” para contrastar sua atitude pretérita. À minha solicitação de confirmação (l.13): *É mesmo?*, ela responde: *tudo que eu tenho, tive que comprar de novo*, marcando o seu posicionamento de batalhadora e resignada. O filho é posicionado como dependente químico e faz qualquer coisa para manter o vício.

Na sequência, trago dois depoimentos de inúmeros que testemunhei em sala. Vale frisar que as aulas não foram filmadas ou gravadas em áudio, mas que nesses momentos em que as histórias emergiam, registros foram feitos. Os excertos 43 e 44 não se tratam, portanto, da fala direta dos colaboradores, mas de narrativas recontadas²⁵.

No excerto 43, Dona Cléria narra sobre o fato de ter sido roubada pela neta. Uma quantia de 100 reais foi retirada de sua bolsa. Ela só sentiu falta do dinheiro pela manhã. Outras preocupações também perturbavam a idosa naquela manhã: a neta, mãe solteira de dois garotos, poderia estar grávida. Vale ressaltar que todos vivem sob a tutela financeira de Dona Cléria. A idosa se posiciona como vítima e posiciona a neta como larápia.

(43) ***A menina me roubou 100 reais de dentro da minha bolsa***

1 – *Os alunos chegaram e devagarzinho e começaram a se*
 2 *acomodar. E logo que assentaram, ouvi Dona Francisca*
 3 *perguntar Dona Cléria: O quê é que cê tem mué? Dona Cléria*
 4 *virou para ela e começou a contar: “menina, oçê num é de ver que*
 5 *a menina me roubou 100 real de dentro da minha bolsa”. Ela*
 6 *sentiu falta do dinheiro, hoje pela manhã. O dinheiro era para*
 7 *pagar as contas da casa e iria fazer muita falta. Além disso, ela*
 8 *disse estar muito preocupada com a neta, pois desconfia que*
 9 *esteja grávida. “Ela está saindo com um cara que disse que é*
 10 *médico, mas eu sinto o cheiro de problema” acenando as mãos*
 11 *como se quisesse esquecer aquilo.*

(Situações em eventos de letramento – 10)

(Dona Cléria, 78 anos – Aula do dia 16 de julho de 2014)

²⁵ Para detalhes metodológicos sobre narrativas recontadas ver item 3.2.5.

No próximo excerto, temos um exemplo das situações que Dona Bastiana enfrentava em seu dia a dia. Primeiro, o filho tem o hábito de urinar em um balde para não ter o trabalho de ir ao banheiro, quando chega embriagado. Segundo, a idosa tinha medo de sair de casa por um período para descansar em casa de familiares e ter sua casa vendida pelo filho. Por fim, se sentia obrigada a ter que sustentar o vício dele.

(44) ***Ele comeu a carne tudo, nem deixou um pedacim pra mim***

1 *Dona Bastiana parecia estar tensionada e precisava de um tempo*
 2 *para conversar, percebi em seu semblante. Tão logo a aula*
 3 *começou, tomou a palavra e passou a falar sobre o filho. Em seu*
 4 *desabafo, ela nos disse que achava que não ia dar conta de*
 5 *continuar as aulas porque a situação em casa estava muito difícil.*
 6 *“Eu não consigo pensar em mais nada e acho que tô ficando*
 7 *louca” disse ela em um só fôlego. A última dele é levar um balde*
 8 *para dentro do quarto e urinar dentro, “o homi num tá nem mais*
 9 *indo pro banheiro”, relata. Fiquei com uma dó dela. Obviamente*
 10 *ela recebeu o apoio das colegas que a incentivaram a continuar.*
 11 *“Prá mim, vim prá em uma forma de alívio, tudo que eu queria*
 12 *era ficar dois mês fora de casa, mas eu tenho medo de sair e*
 13 *quando eu voltar ele ter vendido a casa”, disse ela entristecida.*
 14 *Todo dia “eu faço arroz e feijão, ele não come, só come carne!*
 15 *Ele come a carne da casa toda”. Ontem para o almoço ela fez*
 16 *arroz, feijão e carne e ele comeu a carne tudo, “nem deixou um*
 17 *pedacim pra mim”. Ela nem almoçou, disse ela amargurada. E*
 18 *como se não bastasse, a partir de agora ela vai ter que pagar o*
 19 *cigarro dele. Ela disse que o embate está muito difícil. Ela não tem*
 20 *forças para lutar contra ele. “Um pacote de cigarro não dura nem*
 21 *uma semana” fala angustiada. “Ele fuma um cigarro atrás do*
 22 *outro, bebe o dia inteirinho, e só come carne”.*

(Situações em eventos de letramento – 11)

(Dona Bastiana, 67 anos – Aula do dia 12 de junho de 2014)

Tanto a neta no excerto 43 como o filho no excerto 44 são posicionados como vilões. Os maus-tratos são evidentes nesses dois excertos e leva-me a refletir sobre esse tipo de violência doméstica silenciada.

No próximo excerto, Dona Bastiana, em sua narrativa, ilustra o tipo de violência enfrentado por muitos idosos nessas condições sob investigação. Ela tenta manter o equilíbrio, mas nem sempre consegue. A situação, com base em seus relatos diários, foi uma constante em sua vida. A agressão vinha do seu filho de 44 anos de idade que morava com ela.

- (45) 1 (A) – *E a senhora recebe uma aposentadoria.*
 2 (B) – *Eu tenho aposentadoria.*
 3 (A) – *É um salário de setecentos...*
 4 (B) – *É só o salário, só.*

- (45) 5 (A) – *Só um salário?*
6 (B) – *Só o salário.*
7 (A) – *E aí esse salário é pra senhora e pro filho?*
8 (B) – *É! Porque ele num... Ele num trabaia, num, num, sei lá o que*
9 *ele, quê que ele... Agora mermo, tá com mais de seis meses...*
10 *Agora que ele tá trabaiano, diz ele que tá trabaiano! Ele se é, ele é*
11 *assim, ele ficha numa firma, num serviço, ficha só pra sujá a*
12 *carteira... Ele não firma no serviço, agora tá trabaiano aqui. Sei*
13 *nem onde é, não, é na Estrutural memo. Tá fazeno um reboco*
14 *duma casa prum home, aí.*
15 (A) – *Entendi.*
16 (B) – *Agora ele tá falano de ir pra Minas Gerais, eu tô pedino a Deus*
17 *que vai ao meno... Ao meno uns seis meis ficá pra lá pra mim*
18 *discansá!*
19 (A) – *Descansar...*
20 (B) – *Que ele me, ele me cansa demais! Eu tinha vontade de ele sê um*
21 *minino bom, sabe? Pra vivê comigo assim, quando ele num tá*
22 *bebeno, ixi, é bom demais. Mais quando ele tá bebeno, minha casa*
23 *é... É... branca de, de... cerâmica, branquinha na cerâmica... Eu*
24 *limpo a casa, deixo limpinha, quando tá choveno ele chega com*
25 *sapato sujo, entra dentro, a gente [palavra incompreensível] tão*
26 *limpinha! Ele chegô com as bota suja de barro, vai chegano e*
27 *entrano, tirô, bateu lá... Ô, que meu coração chegô a doê, cheguei*
28 *a chorar!*
29 (A) – *É mesmo?*
30 (B) – *É muito triste, viu...? Agora, ele num tá nem... Mim dano*
31 *confiança, tá nem conversano comigo! As veis ele levanta, mim dá*
32 *bença, hoje ele levantô num me deu bença, num falô nada comigo,*
33 *vestiu a rôpa e saiu. E eu fiquei limpano a casa, tamém num falei*
34 *nada! Nem por onde vai, nem por onde num vai,. Num tô nem aí!*
35 *Ô, tô largano pra lá! Porque se a gente for mexê é pior, né?*
36 (A) – *É, né!?*
37 (B) – *Ele me xinga de tudo quanto é nome quando ele tá bebeno.*
38 *Agora não, agora tem tempo que ele num bebe... Mais me xinga de*
39 *tudo quanto é nome, me manda ir...*
40 (A) – *Mas não agride, não, só xinga?*
41 (B) – *Não! Mais agre... Eu nunca me intreguei, não. Só xinga.*
(Entrevista do dia 30 de abril de 2014, Dona Bastiana – 68 anos)

Ao ser questionada sobre como se sustentava e se recebia a aposentadoria, Dona Bastiana salienta que recebia só um salário mínimo para o sustento próprio e do filho (1.8). Ela se posiciona como uma mulher batalhadora e cansada e sente a necessidade de passar um tempo sozinha. O filho é posicionado como um rapaz desempregado, que não consegue se fixar num emprego. Quando está sóbrio, ela o vê como um bom filho, mas quando está sob a influência do álcool, ele é posicionado como desobediente, agressor, xingador (1.38). Em particular, ela contou que já havia recorrido à “Dona Maria da Penha”, mas tinha sido orientada a esquecer a queixa e tocar para frente por ser o agressor seu filho.

No próximo excerto, temos mais um caso de violência. Desta vez a agressora é a neta. Antes da transcrição se iniciar, Dona Cléria falava sobre os seus problemas com o seu casamento e como a morte do marido lhe trouxe um sentimento de liberdade. Em seguida fora questionada se a vida continuava boa. Em resposta, ela assegura que de fome ela não morre e nem ninguém ao seu redor (1.2), reiterando seu posicionamento de mulher caridosa.

- (46) 1 (A) – *Continua. E tá boa, né?*
 2 (C) – *Eu tô boa purquê, graças a Deus, de fome eu num passo e ajudo*
 3 *um e ninguém morre de fome perto de mim, mais tem os fii que*
 4 *vive me aborreceno. E essa neta dento de casa, que me aborrece*
 5 *todo dia, nor briga, eu mando ela imbora. Tema hora que... Ai... O*
 6 *quê é que eu faço? A mãe dela não qué.*
 7 (A) – *E a mãe tá boa?*
 8 (C) – *Tá! A mãe é nova! A mãe é nova!*
 9 (A) – *Mas ela tem algum problema?*
 10 (C) – *Tem não! Agora, ela tem. Ela tá com poblema e eu digo que seje*
 11 *agora: puquê, o celulá!*
 12 (A) – *Hum. É o dia inteirim?*
 13 (C) – *E noite! É, aquilo me machuca demais! Digo: “Poliane, minha*
 14 *fia, inxerga o mundo, minha fia, que tu tem dois bebê pá dá de*
 15 *cumê, eu já tô cansada, eu já tô véa! Óia, eu crio, eu só da*
 16 *cozinha, só da rôpa, só de tudo! E tu só deitada eternamente aí,*
 17 *nessa cama. Tu se levanta! Cria fogo, cria asa!” – É mãe, vai se*
 18 *lascá! É desse jeito...*
 19 (A) – *É mesmo?*
 20 (C) – *É mermo assim. Mermo assim! Ai eu digo, aí ela manda eu*
 21 *caçá... “Ah, a senhora, sabe do que tá precisano? É de um homi!*
 22 *Tá precisano é de um homi!” eu digo, minha fii, eu homi? Eu já*
 23 *tive um. E de ôto, eu num tô em pé, eu num tô precisano! O que tu*
 24 *tá precisano é tu criá vergonha! Pra ti dá um homi, bem forte*
 25 *mermo, bem que seje bem ruim! Pá ti dá um inxempo. Pá tu sabê o*
 26 *tanto que é bom! Ai ar minina briga comigo purquê diz que eu*
 27 *boto ela dento de casa e num deixo ela fazê nada, num é deixá! Oi*
 28 *que você ficá vinte e quatro hora com a pessoa e a pessoa obrigá a*
 29 *ficá: “fulano, lava essas lôça. Fulano, varre, limpa essa casa! Eu*
 30 *não. Uma muié com vinte e cinco ano eu rô fazê isso? Eu não. Eu*
 31 *faço. Quando eu tenho uma folguinha, vô, limpo minha casa,*
 32 *minhas lôça e o de cumê eu já preciso ninguém mandá! Minha*
 33 *vida foi esse! Eu casei em sessenta e oito. Com esse mala! Que era*
 34 *um mala mermo! Mair minha vida transformô em saco de batata!*
 35 (A) – *É, né?!*

(Entrevista do dia 09 de abril de 2014 – Dona Cléria, 78 anos)

Na sequência, Dona Cléria abre a história com o sumário (1.3-4): *mas tem os fii que vive me aborreceno*. Ela posiciona a neta como um menina que a aborrece o dia todo. Pressupõe-se que a mãe da jovem não deu conta de cuidar dela e a deixou na casa da vó com dois bisnetos. A narradora usa um recurso avaliativo na pergunta reflexiva “O quê é que eu faço?” à minha indagação sobre o estado de saúde da mãe. A idosa posiciona a filha como

nova, ou seja capaz de cuidar da filha e dos netos. Na sequência, o pesquisador solicita maiores informações sobre a mãe e acaba provocando um novo rumo para a narrativa, uma discussão sobre o usos do celular. A partir da linha 13, a narradora se posiciona como um pessoa cansada da situação: *aquilo me machuca demais*. Na sequência, a narradora recorre ao discurso direto e reproduz o diálogo com a neta, não somente como uma forma de avaliação, trazendo veracidade ao dito, mas como uma forma de engajamento (TANNEN, 1989): *Poliane, minha fia, inxerga o mundo, minha fia, que tu tem dois bebê pá dá de cumê, eu já tô cansada, eu já tô véa!* (l.13-18). Posteriormente, por meio de um avaliação externa, a narradora dialoga com o pesquisador e, ao mesmo tempo, parece responder à neta: *Óia, eu crio, eu sô da cozinha, sô da rôpa, sô de tudo! E tu só deitada eternamente aí, nessa cama. Tu se levanta! Cria fogo, cria asa!*. Em resposta aos conselhos da bisavó, a neta diz: *É mãe, vai se lascá!* A narradora posiciona a neta como preguiçosa, indolente, irresponsável e agressiva. Em linhas gerais, esse tipo de violência doméstica ocorre por longos períodos de tempo. A vítima, no caso a idosa, fica sem saber o que fazer, ameaçada dentro da sua própria casa.

Certa feita, estava conduzindo uma entrevista com Dona Griza, após o término da aula, em um pequeno jardim, onde sempre aconteciam. Repentinamente, Dona Cléria interrompe a entrevista e começa a desabafar sobre sua situação em casa. Trata-se de reclamações sobre a neta e seus dois filhos. O filho que ela menciona aqui é o de colo. Esse momento de interrupção já fora anunciado no excerto 47. Agora, trato desse excerto, a seguir.

- (47) 1 (C) – a menina tem um fii, e deixa o menino lá em casa pra passar
 2 hora, a menina nunca fez isso comigo não, só faz assim, porque
 3 num que fazê nada, quando tem um atrás dela, ela quer que eu
 4 fique com o pequeno, e eu num fico, eu fico, eu fico assim, por um
 5 motivo de doença, mas prá vagabundar, não, de noite não, de dia
 6 eu fico (neste momento, Dona Griza diz: tá sendo gravado e Dona
 7 Cléria diz,” não, num tem problema não, tô nem aí, pois é meu
 8 filho, um abraço e até semana que vem [Dona Cléria vai embora e
 9 a entrevista continua].

(Entrevista do dia 9 de julho de 2014²⁶ – Dona Cléria, 78 anos)

Dona Cléria anuncia o resumo da história na primeira oração: *a menina tem um fii*. E a posiciona como uma mãe indolente, irresponsável, que abandona o filho para namorar, no período noturno. Dona Cléria se posiciona como uma pessoa justa, ao se dispor a cuidar do neto durante o dia ou em situação de doença da neta. Na sequência, é interpelada pela amiga que estava sendo entrevistada: *tá sendo gravado*, ao que Dona Cléria responde: *tô nem aí*,

²⁶ Esta data refere-se a data da entrevista de Dona Griza.

marcando o seu posicionamento mais uma vez com uma pessoa transparente quem não tem nada a esconder.

Ao cabo das análises, vale sublinhar que no tocante às questões referentes à violência doméstica, os idosos se posicionam ora como vítimas, resistentes, batalhadores, ora como cansados, impotentes. Posicionam os netos e filhos como antagonistas da história, representados como agressores, indolentes, ladrões, agressivos, desobedientes e mal criados.

Essas narrativas habituais aqui apresentadas revelam um quadro de violência em que os idosos são condicionados diariamente. Em um estudo realizado pela Central Judicial do Idoso, intitulado o Mapa da violência contra a pessoa idosa no Distrito Federal, aponta a questão da violência intrafamiliar contra a pessoa idosa na sociedade contemporânea articulada com as relações de dependência dos jovens em relação a seus pais, aliada à acentuação do desemprego e à coabitação intergeracional, assim como ao uso de drogas lícitas e ilícitas. O estudo identifica o perfil básico da vítima como sendo principalmente a mulher idosa, na faixa dos 60 a 69 anos, e o filho seu maior agressor.

Entre as formas de violência contra idosos, a negligência e a violência psicológica ganham expressivo destaque, pois suas marcas são, muitas vezes, imperceptíveis aos olhos, mas aprisionam e condenam suas vítimas a viverem por tempo indeterminado em situações desumanas de intenso sofrimento. Em consequência, há um risco para o agravamento ou para o desenvolvimento de doenças psicossomáticas, especialmente quando essas violências são causadas por pessoas da família (BRASIL, 2013).

É preciso combater as causas e modificar as circunstâncias que favorecem tais formas de violência. Não basta denunciar ou punir o agressor, porque ele sempre volta para junto da vítima, mantendo o ciclo vicioso da violência doméstica. É necessário implementar uma rede social de proteção que seja capaz de amparar não apenas o idoso, mas também sua família.

4.2.3 O lado positivo de ser idoso

No decorrer dos encontros, fui contemplado com inúmeros ensinamentos e testemunhei muitas histórias de vida e *causas*. Tivemos a oportunidade de debater temas diversos, além das questões referentes aos direitos, aos deveres e à cidadania. Guiados pela pergunta da entrevista – o que é ser idoso? – naturalmente essa pergunta viria a se constituir como categoria temática do trabalho. Diante da natureza dos depoimentos tornou-se caracterizada como o lado positivo de ser idoso. Assim, apresento alguns excertos em que os idosos responderam à pergunta ora aludida.

Antes do ponto em que a transcrição se inicia, Dona Francisca reivindicava mais um dia de aula para obter um maior rendimento nas práticas de leitura e escrita. Posteriormente, na abertura do enquadre, a colaboradora traz à tona a difícil vida de uma criança pobre no nordeste brasileiro nos anos 50, conforme já tratado neste trabalho. Observam-se as marcas temporais (1.4): *quando eu era criança e hoje*, com o intuito de ponderar sobre o passado e o presente.

- (48) 1 (A) – *Só um diinha, tem que aumentar isso aí... [risos]. Tem alguma coisa na vida da senhora que a senhora não fez e que gostaria de fazer? Tem algum...?*
 2
 3
 4 (F) – *NNNum tem, não! Porque... Quando eu era criança, eu num tive nem juventude de criança, nem nada, nunca brinquei, só trabalhei! E hoje eu curto minha vida até! Eu vou pa, eu faço ginástica no posto de saúde terça... De manhã, quando é meio dia eu vô pra li, pra, pa, pa Vila Olímpia... Terça e quinta também, aqui... E sábado! Até sábado eu vô! Fazê hidrogenástica aqui. Quando tem um passeio assim, a gente sempre sai, vai passeá... Eu acho que a minha vida tá melhó do que na minha juventude! Tá bom, tá ótima! Agora...*
 5
 6
 7
 8
 9
 10
 11
 12
 13 (A) – *E ser idosa? O quê que é ser idosa pra senhora?*
 14 (B) – *Sê idosa pra mim é, gosto mais do que quando era jove! [risos]*
 15 (A) – *Excelente! É isso aí, muito obrigado...!*
 (Entrevista do dia 23 de julho de 2014 - Dona Francisca, 68 anos)

Ao olhar para o passado, Dona Francisca se posiciona como alguém cuja infância fora roubada, pois, como ela própria afirma: *nunca brinquei, só trabalhei* (1.5). Em contrapartida, ao tratar do presente, ela o representa como um período para curtir a vida, fazer ginástica regularmente no posto de saúde e na Vila Olímpica (1.6-10). O seu posicionamento é de uma pessoa que se sente feliz e ativa aos 68 anos de idade. Gosta da liberdade de poder ir e vir que idade lhe ofereceu e arremata em (1.11-12): *minha vida tá melhó do que na minha juventude! Tá bom, tá ótima! Agora...*

O mesmo sentimento parece ser partilhado por Dona Jovina no próximo excerto. Antes do ponto em que a transcrição se inicia, a idosa falava sobre o seu casamento e os trinta e dois anos de sofrimento dele decorrentes. Após dez anos da separação, como ela própria diz “eu comecei a viver”, e prossegue, conforme ilustra o excerto.

- (49) 1 (J) – *Ai agora eu sô feliz! Eu trabalho, quando eu fico sem trabalho, num preciso mais trabalho. Eu num sô rica, num tenho nada... Mas tem meus aluguelzin que dá pa eu vivê...*
 2
 3
 4 (A) – *A senhora trabalhou no lixão?*
 5 (J) – *Não. Nunca. Aí, aí, hoje eu sô feliz, puquê, tipo assim, eu tô aqui mais de repente, eu dizê assim eu vô no Maranhão eu vô. Se eu*
 6

- (49) 7 *dissé assim eu vô no Rio, eu vô. Se eu dissé assim, eu vô em São*
 8 *Paulo, eu vô. Ninguém me atrapalha, e ninguém, eu num tenho*
 9 *satisfação a dá pa ninguém. Minhas filha são muuuito*
 10 *maravilhosa comigo! Tudo que eu quero fazê, elas aceita.*
 (Entrevista do dia 23 de junho de 2015 – Dona Jovina – 64 anos)

Dona Jovina se posiciona como uma pessoa feliz logo no primeiro turno. Em seguida, se posiciona com certa autonomia financeira, pois quando está sem trabalho, consegue sobreviver em razão do aluguel de barracões na Estrutural. A questão do trabalho mencionada por ela, desencadeou o questionamento do pesquisador se havia trabalhado no lixão. Em resposta, ela diz: *Não, nunca*, imprimindo uma forte modalidade. Na sequência, ela se posiciona como uma mulher feliz e usa um recurso avaliativo ao explicar o porquê da sua felicidade. Sua explicação é feita a partir da projeção de lugares como Maranhão, Rio e São Paulo, como possíveis destinos de férias, reforçando o seu posicionamento de mulher livre e independente, marcado na sua liberdade de ir e vir. No final, a colaboradora traz as filhas para o mundo da história e as posicionam como aliadas pelo apoio recebido.

O próximo excerto, Dona Coração Solitário, narra sobre o que é ser idosa. Antes do ponto em que a transcrição inicia, a idosa falava sobre o seu irmão que morrera aos vinte anos de idade de choque elétrico na casa de sua mãe. Vejamos suas percepções sobre a velhice.

- (50) 1 (A) – *Como é ser idosa pra senhora?*
 2 (CS) – *Olha, idosa é assim, uma coisa assim, que eu acho muito bom,*
 3 *assim, com esse problemas de saúde, assim, você me deve assim, o*
 4 *meu neto mesmo fala que num apresento tê essa idade, problemas*
 5 *de saúde, eu já passei por quinze cirurgia!*
 6 (A) – *Quinze?!!! É mesmo?*
 7 (CS) – *É, só mãe de seis filho, já te contei, vivi cinquenta ano de*
 8 *casada, agora dia vinte e três de junho completa seis anos que meu*
 9 *marido morreu, né? Ai eu penso assim, se não fosse esse problema*
 10 *de saúde, o problema do ... Ela tem problema e ela é problemática,*
 11 *não sei como ela já não me ligô, ela liga sem pará. Me liga assim,*
 12 *até se um palito cair fora do lugá, tem que me ligá: “aquele palito*
 13 *tava em tal lugá, caiu”, e ela me liga. Tem veiz que eu tô quase*
 14 *dormindo, aí ela me liga. Ai eu sei que... Tenho paciência, que eu*
 15 *prumeti ao pai dela que não ia abandoná ela, porque... é a mãe da*
 16 *Gabriela, né?!*
 (Entrevista do dia 28 de maio de 2014 - Dona Coração Solitário –
 70 anos)

Observa-se que a idosa não responde à questão imediatamente. Ela inicia sua resposta com marcas e hesitação: *olha, assim, eu acho*. As hesitações servem como suporte para apresentar o fato de que fora submetida a 15 cirurgias, é mãe de seis filhos e perdeu o marido há seis anos. Apesar de trazer as enfermidades como um o possível empecilho para a

felicidade, se orgulha de estar nas condições em que se encontra. Dona Coração Solitário ao narrar sua história revela seus aspectos identitários de mulher paciente e fiel. A filha que exige atenção e paciência é posicionada como antagonista na história.

Antes do ponto da transcrição se iniciar no próximo excerto, Dona Beija-flor falava sobre a situação complicada de saúde de uma de suas filhas na fase infantil. Quando a história chegou ao final natural, o pesquisador proporciona suporte afetivo e a indaga sobre o que é ser idosa.

- (51) 1 (A) – *Perfeito. É... E como é ser idosa para a senhora?*
 2 (CS) – *Olha! Sê idosa para mim é uma coisa maravilhosa! É uma*
 3 *sensação de alívio! É uma sensação que consegui tudo aquilo que*
 4 *eu queria! Cheguei na idade que eu mais queria, que eu achava*
 5 *bonito. Entendeu? Que eu não pintava meu cabelo de branco*
 6 *porque felizmente eu não queria! Eu só queria que o meu cabelo*
 7 *ficasse branco na época certa... Viu?! Pra mim é uma sensação*
 8 *boa! É como eu sempre falo po jovem! Eu sempre dou testemunho*
 9 *na igreja e falo pra eles: “Se eu estou aqui hoje, com essa idade*
 10 *de oitenta e um ano, é porque eu plantei os fruto bom! E com*
 11 *certeza eu tô colhendo agora!” Entendeu? E é muito bom que você*
 12 *já desfruiu de tudo que você tem direito...! Você já viu as coisa*
 13 *errada, as coisas boas...! Tudo certo! Já consegui!*
 (Entrevista do dia 19 de novembro de 2014 – Dona Beija-flor – 81 anos)

No início da narrativa, a protagonista se posiciona como alguém feliz, aliviada por sentir que a missão foi cumprida (l.3). Pode-se observar que os cabelos brancos era algo almejado por Dona Beija-flor. Quando ela se remete ao testemunho que presta à igreja, ela o faz em discurso direto, por meio de uma avaliação encaixada (l.9): *Se eu estou aqui hoje, com essa idade de 80 anos, é porque eu plantei uns frutos bons!* Tal avaliação traz um posicionamento da idosa sobre o orgulho da velhice, ou seja, de chegar aos 81 anos de idade sem precisar tingir os cabelos (l.6). Daí ela justifica que esse sentimento se deve em razão de ter plantado bons frutos ao longo da vida, constituindo-se moralmente em face da interlocução, tal como o seu testemunho na igreja para os jovens. Nota-se em: *E com certeza eu estou colhendo agora! Entendeu?* uma avaliação, em discurso direto e uso da modalidade sistêmica “com certeza”, determinando o seu comprometimento com a verdade. o questionamento no final da oração busca engajar o pesquisador afetivamente em sua narrativa. Na finalização, a idosa representa a velhice como uma fase boa. Aqui ela se distancia e escolhe o pronome você generalizado para falar sobre o fato de que nessa idade já

usufruiu de tudo: coisas boas e ruins e, pode ser inferido, que a afirmação reforça para si mesmo o fato de ter alcançado a felicidade.

Nem todos se sentem totalmente felizes com a chegada da idade avançada, muitas vezes o corpo envelhece, mas a mente encontra-se em plena avidez. Assim como os demais colaboradores, Dona Griza também foi questionada sobre o que é ser idosa. Vejamos o que ela tem a nos dizer.

- (52) 1 (A) – *Vai fazê. Como é quê é, o quê a senhora acha de ser idosa? A*
 2 *senhora já...*
 3 (G) – *É bom!*
 4 (A) – *É bom?*
 5 (G) – *É bom porque, se a gente chega até aonde eu tô aqui porque*
 6 *Deus tá permitino nois ficá aqui! Né? Eu acho que é bom. Só num*
 7 *é bom quando a gente olha no espeí! [risos] Mais do jeito que eu*
 8 *tô aqui, prá mim eu num sou do jeito, pra mim minha pele não é*
 9 *do jeito que é, porque eu passo a mão no meu rosto, pra mim, tá*
 10 *normal! Mas quando eu olho no espeí, acho diferente! O espelho,*
 11 *ele mostra umas verdade pra gente... [risos]*
 (Entrevista do dia 9 de julho de 2014 – Dona Griza – 82 anos)

A protagonista, após a repetição do termo “É bom” (l.3-5) atribui a razão de estar viva a Deus (l.6). A escolha da oração modalizada: *eh, acho que é bom* (l.6), revela o grau de incerteza sobre o que é ser idosa. Em seguida, apresenta o ponto negativo: o espelho. O seu posicionamento é de quem não se deixa enganar pelos sentidos. Há, segundo ela, uma discrepância entre o toque e a visão. Pode-se até pensar que a idade da mente deve sobrepor a idade física, mas a última não pode ser camuflada (l.11): *o espelho mostra umas verdade prá gente*.

Assim como Dona Beija-flor, Dona Cléria também se sente feliz como idosa. Antes do ponto em que a transcrição se inicia no excerto 53, Dona Cléria falava sobre a neta que era espancada, por não querer roubar para o marido usuário de drogas que vivia dentro de sua casa. Posteriormente, foi questionada sobre o que é ser idosa.

- (53) 1 (A) – *E quê que é ser idosa pra senhora? Que a senhora é idosa, né?*
 2 (C) – *É, sô, graças a Deus, sô filiz, que eu já vivi setenta e oito ano e*
 3 *tem muito que tá morrendo com vinte ano, cum quinze, é tanto*
 4 *minino piqueno, meu Deus do céu, e eu nessa idade ainda tô aqui.*
 5 *Sabendo qui tem um papel pá fazê, mais eu tô esperando aquele*
 6 *Pai, ele quem sabe, num sei de nada! [risos] Pois é, meu fii!*
 7 (A) – *Perfeito!*
 8 (A) – *É...! Sô filiz com minha idade, puquê sim que... Eu num... Eu*
 9 *num tenho nada a perdê. Puquê eu fiz tudo direitin na vida! Eu*
 10 *nunca robei, Graças a Deus! Quando eu tarra cum fome, eu fazi*

- (53) 11 *um... Sal pá eu cumê, lavava a loça. Eu varria um quintal, eu*
 12 *varria uma casa, mar ganhava aquele pão, o cumê. Mar eu nunca*
 13 *cheguei: “Fulano, me dê um dinheiro aí”. Nunca gostei...*
 (Entrevista do dia 09 de abril de 2014 – Dona Cléria, 78 anos)

O posicionamento de Dona Cléria é de uma mulher feliz. Ter vivido até aos 78 anos representa uma vitória, afirma (1.2). Na sequência, seleciona um recurso avaliativo para fazer uma comparação com jovens que morrem cedo (1.3). A razão por ter vivido por tanto tempo, esclarece: *Puquê eu fiz tudo direitin na vida! Eu nunca robei, Graças a Deus!* (1.9). Dona Cléria olha para o passado e se posiciona a partir de seus princípios, que a levaram a ser sempre determinada, trabalhadeira, independente. Além desses princípios, se constrói moralmente como uma pessoa humilde, pois quando tinha fome, buscava trabalho (1.10-11).

Os dados aqui analisados permitem-me afirmar que os idosos, protagonistas em sua narrativas, se posicionam como livres, felizes, independentes e vitoriosos. O filho, dependente químico, os maridos machistas controladores e a saúde debilitada constituíram-se como os principais antagonistas. Além de Deus, outros aliados foram trazidos para o mundo da história: as filhas que apoiam Dona Jovina e a atividade física de Dona Francisca. Os idosos chegam nessa fase da vida com um saldo positivo de sentimentos, mostrando-nos o lado positivo de ser idoso. Destaco o fato de a felicidade estar presente nos discursos desses idosos, a despeito de suas vidas sofridas e das adversidades enfrentadas na fase atual, como observado nos dados. Tal manifestação de felicidade contraria, em certa medida, a representação negativa presente no discurso pós-moderno sobre a velhice.

4.2.4 O sonho do letramento

Desde o nosso primeiro encontro, os colaboradores compartilharam o seu desejo em aprender a ler para ler a bíblia. De fato a temática religiosa mostrou-se preponderante. Inclusive, por sugestão dos alunos, iniciamos a primeira aula com um cartaz que continha o Salmo 23: “O Senhor é meu pastor e nada me faltará”. Foi a partir do Salmo 23 que todas as aulas subsequentes foram preparadas. Os excertos a seguir traduzem o sonho do letramento.

O primeiro excerto desta categoria revela o desejo de Dona Bastiana em aprender ler para ler os versículos da bíblia. Vejamos como ela se posiciona no excerto.

- (54) 1 (A) – *E a senhora gostaria de ler e escrever? Aprender a ler e*
 2 *escrever pra fazer o quê? Pra quê?*
 3 (B) – *Ah, eu pelo menos, eu tenho vontade de aprendê lê assim... Lê,*

- (54) 4 *pra mim lê a Bíblia, sabe?*
 5 (A) – *A Bíblia!*
 6 (B) – *Eu tem muita vontade de lê a Bíblia, eu sô evangélica. Já tem*
 7 *uns vinte e cinco ano e eu num sei nenhum versículo da Bíblia.*
 8 *– Ok. Então nós vamo lê junto?*
 9 (A) – *Então eu tenho vontade de aprendê pra mim lê a Bíblia... Que*
 10 (B) *pra outra coisa, né?, pra istudá pra outra coisa, eu já tô com*
 11 *sessenta e oito ano, sessenta e oito... Acho que eu não aprendo*
 12 *mais outra coisa mais não! Sabeno ao meno a Bíblia, tá bom, uns*
 13 *versículo da Bíblia tá bom, né?*
 (Entrevista do dia 30 de abril de 2014 – Dona Bastiana – 68 anos)

Dona Bastiana explica porque quer aprender a ler a bíblia, revelando sua identidade evangélica. O índice circunstancial temporal que arremata unidade de informação denota a extensão de sua crença: *já tem uns 25 anu*. O seu sonho é singelo: ler pelo menos um versículo bíblico. Dona Bastiana se achava velha para aprender outras coisas e se contentava com isso (l.12): *sabenu pelo menos uns versículo da bíblia já tá bom, né?* Antes de falecer no dia 5 de setembro de 2015, a colaboradora parece haver realizado o seu sonho. Nessa época, ela, com o auxílio do pesquisador, já havia conseguido ler alguns versículos da bíblia.

Além de aprender a ler a bíblia, Dona Francisca, no próximo excerto, revela o seu desejo sobre a aquisição de outros saberes.

- (55) 1 (A) – *A senhora quer aprender a ler pra quê?*
 2 (F) – *Aprendê a lê pra mim lê a Bíblia, que eu gosto! Lê a Bíblia... Lê*
 3 *a Bíblia e lê as coisa que, do mundo, né?! Que a gente... Que é*
 4 *importante a gente sabê! Lê um, uma revista, um jornal, né?! Já*
 5 *melhorou bastante nesse último mês, aí! Eu achei que eu melhorei*
 6 *bastante nesse último mês, né?! E é porque é só um diinha, né?*
 7 *podia ser pelo menos duas vez por semana.*
 (Entrevista do dia 23 de julho de 2014. Dona Francisca – 68 anos)

Dona Francisca reforça o seu desejo em ler a bíblia e ressalta a importância de aprender coisas “do mundo”. A idosa se mostra feliz com sua competência leitora que vem sendo expandida pouco a pouco. Ela faz uma avaliação do seu próprio desempenho, no momento em que começa a desenvolver a narrativa (l.5-6): *Já melhorou bastante nesse último mês, aí! Eu achei que eu melhorei bastante nesse último mês, né?!* De fato, Dona Francisca foi quem teve melhor aproveitamento nas aulas e isso espelha a sua diligência, dedicação e, sobretudo sua organização. Virtudes conquistadas possivelmente quando era ainda menina era quebradeira de côco.

No próximo excerto, Dona Griza relata sobre o sentimento que a envolvia por não saber ler ou escrever. Isso ficava mais acentuado na igreja. Em certos momentos do culto,

sentia-se muito incomodada. Às vezes, sentia vontade de escrever uma mensagem para Deus, mas suas limitações não permitiam. Vejamos como a colaboradora se posiciona quando narra sobre práticas sociais de leitura e de escrita.

- (56) 1 (A) – *A senhora, é, tem alguma coisa... A senhora falou que queria*
 2 *aprendê a lê e escrevê, né? Pra quê que a senhora que aprendê a*
 3 *lê e escrevê?*
 4 (G) – *Porque a gente as veiz quê... Fazê um pedido e num sabe escrevê*
 5 *pra fazê aquele pedido! Aí eu quero fazê um pedido pra Deus, eu*
 6 *peço, eu faço o pedido pra Deus, mais de... De boca, de coração,*
 7 *de boca! Mais também escrevê pra fazê um pedido pra Deus,*
 8 *escrevendo a palavra que tem que botá lá no altá, eu num sei! Aí,*
 9 *tem que pidi pruma filha, as veiz vai de mal gosto! Faiz de mal*
 10 *gosto! Aí eu desisto de fazer o pedido.] Tô mais nem pedindo.*
 11 *Regrano pedido pra num fazê purque, vô pidi. Aí, faiz de mal*
 12 *gosto, cara ruim... Eu num gosto...! Aí eu peço por favor, eu faço,*
 13 *eu digo: “olha Deus, ocê sabe de todas as coisas... Eu peço de*
 14 *coração, de boca, o Senhor ouve o meu pedido, ouve minha*
 15 *oração!” Ele me ouve! Se eu mereço, ouve! Se eu num merecesse,*
 16 *eu num mereço, eu num recebo. E é prantano que se recolhe.*
 (Entrevista do dia 9 de julho de 2014 – Dona Griza - 83 anos)

Dona Griza quer aprender a escrever para redigir um pedido para Deus proteger sua família. A colaboradora se representa de forma generalizada “a gente” (1.4) e, posteriormente, assume a agência da narração (1.5). Seu posicionamento é de alguém incapaz de escrever o pedido para Deus. No sentido de resolver essa questão, a filha é trazida para história e é posicionada como alguém negligente, no que se refere ao auxílio prestado a mãe para redigir a mensagem (1.9-13). Em seguida, conta para o pesquisador como conversa com Deus, aqui, parece narrar a verbalização da sua fala interior: *olha Deus, ocê sabe de todas as coisas* (1.13-14). A finalização se dá com a recontextualização do trecho bíblico (1.16): *E é prantando que se recolhe*, para explicar o merecimento das dádivas advindas de Deus.

O excerto 57 também ilustra o sentimento de constrangimento da idosa em relação ao fato de não saber ler na igreja. Antes do ponto em que a transcrição se inicia, Dona Marlene falava sobre as aulas ministradas pelo cunhado na roça à noite. Ela busca se justificar para o pesquisador/professor ao dizer que sentia muito sono naquele período e só conseguiu aprender a assinar o nome. O pesquisador se alinha a ela, oferecendo estímulo para continuar a interação (1.1): *Perfeito!*, marcando o início da transcrição.

- (57) 1 (A) – *Perfeito! Por quê que a senhora quer aprender a ler e a*
 2 *escrever?*
 3 (M) – *Pra mim poder lê a Bíblia.*

- (57) 4 (A) – *A senhora gosta dela?*
 5 (M) – *Gosto! Eu num sabê ler. Chego na igreja os outro tá lendo a*
 6 *Bíblia e eu num sei. Né?*
 7 (A) – *A senhora sente mal com isso.*
 8 (M) – *É, sinto mal...*
 (Entrevista do dia 16 de junho de 2015. Dona Marlene – 78 anos)

Ainda na linha (1) é indagada sobre o seu motivo para aprender a ler e a escrever. Em consonância com os outros alunos, ela também gostaria de ler a bíblia. Dona Marlene se posiciona como constrangida: *Chego na igreja os outro tá lendo a Bíblia e eu num sei. Né?* (1.5). O sentimento de exclusão é ratificado no final do excerto, em (1.8): *É, sinto mal...* Em nossas aulas, além do constrangimento em não poder ler a bíblia na igreja, tivemos depoimentos de alguns idosos sobre dificuldades em ler as placas de ônibus, nomes de edifício, entre outros. No próximo excerto, antes do ponto em que a transcrição se inicia no próximo excerto, Dona Jovina falava sobre a sua dificuldade de enxergar e as implicações dela decorrente. Em seguida, foi indagada para que queria aprender a ler e escrever. Na linha (2), ela exclama: *Ara, pra tanta coisa...!*

- (58) 1 (A) – *E a senhora quer aprender a ler pra quê?*
 2 (J) – *Ara, pra tanta coisa...!*
 3 (A) – *É? Que bom!*
 4 (J) – *[risos] Pra tanta coisa! É tão bom você chegar num lugá e saber*
 5 *se expressar! Sabê entrar e sair. É muito bom! E se você num sabe*
 6 *de nada, tudo que você vai fazer tem que pidi, tem que pidi ajuda!*
 7 *Eu tô numa parada de ônibu, eu, eu sempre peço ajuda. Eu peço*
 8 *ajuda pra podê pegá o ônibu. Que eu não, eu tô vendo o ônibus, se*
 9 *sê é ônibu do Guará eu ainda sei, porque é só aquele que vai pro*
 10 *Guará!*
 11 (A) – *Entendi!*
 12 (J) – *Mas se for, se, se eu tiver lá no Guará pra pegá pra cá, eu num*
 13 *sei, porque tem o Guará I, o Guará II, tem o não sei o quê, tem o*
 14 *Estrutural, tem o, aí num sei, já num sei, já tô, tenho que pedir*
 15 *ajuda. Se eu tô lá, se eu tô aqui dento, se eu for para Ceilândia*
 16 *qualquer um ônibu que eu pegá eu sei que dá pra mim. Mas se eu*
 17 *pegar lá pro P Norte já eu num sei pegá, tem que pedir ajuda.*
 18 *Porque... Tudo uma cor, aí eus, o itinierário, eu vejo pela lista*
 19 *correno. Mas pra mim dizê assim: eu sei qual é a linha, o número,*
 20 *a leta, eu num sei! Tem que pidi ajuda!*
 (Entrevista do dia 23 de junho de 2015 – Dona Jovina – 64 anos)

O pesquisador oferece suporte afetivo e ao mesmo tempo busca maiores detalhes (1.3): *É? Que bom!* Na oração: *É tão bom você chegar num lugá e saber se expressar!* (1.4), nota-se que a agência se realiza no pronome “você” genérico, distanciando a protagonista do dito. Pode-se inferir pelo trecho a seguir o valor atribuído ao outro, aquele que é letrado em (1.6):

Sabê entrar e sair. É muito bom! O posicionamento da idosa aqui é de exclusão por não saber se expressar, possivelmente por ter sido vítima de preconceito linguístico anteriormente. Não saber ler, segundo as palavras de Dona Jovina, parece ser sinônimo de não saber nada. Infelizmente, essa forma de representação social sobre os letrados e os não-letrados é constantemente legitimada e reificada pelos meios de comunicação, apaga todos os saberes que não pertencem ao cânone do letramento escolar. E prossegue com narrativa hipotética: *E se você num sabe de nada, tudo que você vai fazer tem que pidi, tem que pidi ajuda.* Ouvi vários relatos expressando a vergonha em pedir ajuda no ponto de ônibus. Além da dificuldade em fazer a leitura rápida como é demandado para quem vai pegar o ônibus²⁷, o problema de vistas pode também agravar a situação. Por sorte, Dona Jovina conta com sua memória visual.

O constrangimento gerado por não saber ler foi também levantado por Dona Vani. Antes do ponto em que a transcrição se inicia no próximo excerto, a idosa falava que, ao voltar da casa de sua irmã para a fazenda onde morava, participou de algumas aulas ministradas por um professor local, contratado pelo tio. Ela frequentou quase dois meses de aula na infância. Em seguida ela foi questionada sobre o motivo de querer aprender a ler e escrever. Vejamos a sua resposta ao questionamento.

- (59) 1 (A) – *[RISOS] E a senhora quer aprender a ler pra quê?*
 2 (V) – *Eu? Mas é bom, é pra eu qué aprendê a lê pra mim lê a Bibla!*
 3 *Aprendê a lê as coisa, assim, quando eu vê passá, eu aprendê a lê,*
 4 *né? Pegá um ônibus certo! Porque eu conheço, assim, um*
 5 *pouquinho, assim, mas muito pouco, né? Quando eu vou pra*
 6 *Rodoviária, eu já conheço, né? Taguatinga. Guará. Mas, mesmo*
 7 *assim, fica muito... Eu quero aprender mais pra mim aprender*
 8 *mais, né? Fazê compra. Fazê conta, assim, né? Quando vai fazê*
 9 *uma compra, pra ver... vê os nomes.*
 10 (A) – *É chato, né?*
 11 (V) – *E aí, a gente aprender muito não precisa tar perguntando pra*
 12 *ninguém! Por isso que eu tenho vontade de aprender a ler!*
 (Entrevista do dia 24 de setembro de 2014 – Dona Vani, 64 anos)

Além de ler a bíblia, a idosa gostaria de pegar o ônibus certo, fazer compras e ler as coisas nas lojas, fazer as contas e, em razão disso, tornar-se mais independente (1.8-9), sem precisar de perguntar para outras pessoas o que está escrito aqui e acolá. Seu posicionamento revela seu sentimento de vergonha de ter de pedir ajuda para outras pessoas. Mediante as

²⁷ A rede de ônibus que alimenta a Capital Federal traz na parte superior frontal o nome da cidade satélite de destino e traz na lateral, acima da janela, em letras menores, a via principal. O ônibus sempre passa rápido, o que dificulta quem está aprendendo a ler e tem dificuldade em enxergar.

análises apresentadas nessa categoria, pode-se afirmar que os idosos se posicionam como pessoas incapazes, excluídas, constrangidas e envergonhadas por não saberem ler ou escrever. Os motivos principais para aprender a ler e escrever estão relacionados aos textos bíblicos e ao fato de ter mais autonomia na vida urbana, em locais onde a leitura é exigida, como ler placas de ônibus, artigos em lojas, além do letramento matemático, avaliado como ferramenta útil no dia a dia. Deus, mais uma vez, aparece como o aliado principal nas narrativas.

Por fim, acredito que os eventos de letramento podem efetivamente contribuir com práticas sociais de inclusão por meio da aquisição e do fortalecimento da competência leitora, além dos saberes construídos nos debates sobre problemas de ordem linguístico-discursivos capazes de inibir o desempenho e participação em atividades sociais cotidianas no contexto urbano em que os idosos circulam.

4.2.5 Discriminação contra o idoso

A discussão em torno do tema discriminação aqueceu o debate em certas ocasiões em sala de aula. De modo geral, as discussões eram provocadas por atos de discriminação vivenciados pelos idosos no contexto situado. Bastava um dos colaboradores narrar sobre um evento em que fora discriminado, que gerava uma participação de todos, trazendo à tona os mais variados exemplos vivenciados por eles no dia a dia.

Antes do ponto em que a transcrição se inicia no próximo excerto, Dona Beija-flor falava sobre um curso de que participa com um grupo de jovens da igreja. Durante uma sessão de estudo do referido grupo, uma discussão sobre racismo e discriminação foi gerada.

- (60) 1 (BF) - *Que o racismo que eles tem com o negro... Inclusive eu falei para*
 2 *a professora: Não é só os negros! Os... Os idosos também tem*
 3 *(querendo dizer sofrem) esses pré... Eles tem esses preconceitos!*
 4 (A) - *Aham!*
 5 (BF) - *Se você estiver sozinho na parada e vem um ônibus, ele não para*
 6 *pra você porque sabe que você não vai pagar mais passagem! Às*
 7 *vezes, até joga lama na sua cara porque não...*
 8 (A) - *É mesmo?*
 9 (BF) - *Entendeu? Ele não quer mais parar.*
 10 (A) - *Sei. Pois é!*
 11 (BF) - *Então, é difícil! A gente é discriminado. Nós somos negros. Nós...*
 12 *Entendeu?*
 13 (A) - *Sim.*
 14 (BF) - *Se sente rejeitado. Minha mãe dizia a mesma coisa! É. A... Os*
 15 *jovens hoje falam assim: É... Mas porque você ainda está vivo?*
 16 *Ah! Por que você ainda não morreu? Eu sempre falo pra eles:*
 17 *Porque não é o meu dia e nem a minha hora. Eu tenho muita coisa*

- (60) 18 *pra mim fazer, pra mim ensinar e “pra mim” aprender. Eu sempre*
 19 *falo isso para os meus filhos! Entendeu?*
 20 (A) *- E quem que fala isso pra senhora? Gente na rua?*
 21 (BF) *- É... Às vezes, as pessoas na rua: jovens...*
 22 (A) *- É, né?!*
 23 (BJ) *- Entendeu? Porque, às vezes, a gente chama a atenção das coisas*
 24 *erradas que eles faz, e eles vem e reclamam! Entendeu?*
 (Entrevista do dia 19 de novembro de 2014 - Dona Beija-flôr – 81
 anos)

A idosa inicia a interação por meio de uma avaliação encaixada, em discurso direto (1.2): *Não é só os negros! Os idosos também são vítimas de discriminação.* O pesquisador se alinha com o dito na linha (4), favorecendo a extensão do diálogo. Logo em seguida, há uma indexicalização realizada por um tempo verbal condicional (1.5-6): *Se você estiver sozinho na parada e vem um ônibus, ele não para pra você porque sabe que você não vai pagar mais passagem! Às vezes, até joga lama na sua cara.* Nota-se, a partir desse posicionamento atribuído ao condutor do ônibus como infrator, o possível desconhecimento da lei que protege os direitos do idoso. Nota-se o enfraquecimento da agência na oração condicional pelo uso do pronome *você*. A reclamação sobre os motoristas de ônibus é bastante incidente, principalmente por não pararem quando há idosos na ponto.

É interessante ressaltar o uso de recursos argumentativos por Dona Beija-flôr para dar suporte às suas opiniões sobre racismo (DE FINA, 2000; SCHIFFRIN, 1994). Ao ressaltar (1.11): *Então, é difícil! A gente é discriminado. Nós somos negros. Nós... Entendeu?*, a narradora revela um aspecto identitário de pertencimento a um grupo particular de idosos negros. Ela se posiciona como integrante desse grupo discriminado, marcado na agência: “a gente” e “nós”. A negociação dessa identidade de grupo com o pesquisador emerge de um contexto situado da interação, fazendo alusão a um contexto mais amplo, ou seja, à exterioridade da linguagem: a questão da discriminação, como sugere o posicionamento interacional nível 3.

Ainda, a narradora assinala que a discriminação não é coisa nova, pois sua mãe já havia manifestado tal sentimento em tempos pretéritos (1.14). Na sequência, a idosa diz que se sente discriminada também pelos jovens. Ela recorre ao discurso direto para atribuir veracidade aos fatos, assim como fortalecer o engajamento com o interlocutor: *Mas porque você ainda está vivo? Ah! Por que você ainda não morreu?* (1.15-16). Os jovens, aqui, são posicionados como antagonistas e a idosa se posiciona como alguém que quer lhes ensinar e lhes dar conselhos, mas infelizmente não consegue atingí-los. Como bem lembra Bosi (1994), a função social do idoso é lembrar e aconselhar, unir o começo e o fim, ligando o que foi e o

porvir. No entanto, a sociedade capitalista impede a lembrança, usa o braço servil do velho e recusa seus conselhos.

No próximo excerto, temos mais um exemplo de discriminação contra os idosos. Dessa vez, o contexto é o posto de saúde. Antes do ponto em que a transcrição se inicia, Dona Jovina estava falando sobre o atendimento no posto de saúde. Após tecer alguns comentários positivos sobre algumas médicas, ela se lembra do atendimento recebido no posto de vacinação. Veja como ela começa a descrição do atendimento.

- (61) 1 (J) – *Nossa! O cara trata, trata as pessoa com muita ignorança!*
 2 (A) – *Trata idoso com ignorância, ou trata todo mundo?*
 3 (J) – *Ahn?*
 4 (A) – *Trata idoso com ignorância, ou trata todo mundo?*
 5 (J) – *Eu acho que lá só tinha nós idoso, eu num sei nem lhe dizê se*
 6 *ele trata todo... se é com todo mundo. Porque tem gente que é*
 7 *assim: eu, eu senti que ele é desses! Que discrimina véio! Será se*
 8 *um dia os pai dele não vão, não vão ficá véio? Se num já são. E*
 9 *ele também num vai ficá velho? Né? Então, eu acho assim... Pra*
 10 *mim... Eu detestei a posição dele tratá a gente! Que tem que tratá*
 11 *com carinho, gente, com atenção! A gente, a gente, a gente já se*
 12 *sente discriminado... Né? Aí as pessoa inda, ainda vem tratá com*
 13 *discriminação, aí fica pior! A gente se sente mais ainda, inferior!*
 14 *E é, num é assim que nós véio tem que se senti! Nós véinho tem*
 15 *que se senti é, é alegre, feliz! E tudo, né? E a felicidade da gente,*
 16 *vem das pessoa, vem de Deus primeiramente! Segundo das pessoa*
 17 *qué... Sabê como tratá a gente. Né? Pois é! E é só isso!*
 (Entrevista do dia 23 de junho de 2015 – Dona Jovina – 64 anos)

Primeiro, Dona Jovina atribui pouca agência para si, recorrendo a forma generalizada “pessoa”. Em seguida, ela se refere ao idoso ainda com um certo distanciamento. Somente na linha (5), seleciona o pronome pessoal na primeira pessoa do plural: “nóis”, e se identifica como integrante do grupo de idosos pela categorização de grupo (SACKS, 1992). Ela posiciona o atendente como vilão, preconceituoso, e posiciona o grupo de idosos como vitimado, referindo-se àqueles que sofrem o preconceito, construindo, assim, a base dos argumentos apresentados. Em seguida, ela questiona se o atendente não ficará velho um dia, reiterando sua argumentação, avaliando a situação e buscando adesão ao seu ponto de vista. Em seguida, recorre ao índice verbal “detestei” (l.10) para representar seu sentimento em relação a atitude do atendente. Mais adiante, ela reforça a discriminação sofrida e o sentimento de inferioridade decorrente dela (l.11-13): *A gente, a gente, a gente já se sente discriminado... Né? Aí as pessoa inda, ainda vem tratá com discriminação, aí fica pior! A gente se sente mais ainda, inferior*. Por repetição, ela se revela inserida no grupo de idosos,

pela categorização de grupo, indexalizada em ...*nóis véio... nóis véinho*.... Ela encerra a narrativa com dois pontos que merecem destaques: primeiro, o idoso tem que se sentir alegre, feliz; segundo, a felicidade vem principalmente de Deus e, em segundo lugar, do outro.

Quadro 14 – Categorias do *Self* presente, posicionamentos interacionais, protagonistas, antagonistas e aliados

Categorias do <i>self</i> presente	Posicionamentos interacionais dos idosos	Protagonistas	Antagonistas	Aliados
Questões referentes à saúde	vítimas, excluídos e descartados* (*nota-se um padrão)	O idoso, o médico	Os atendentes do Posto, os médicos, o remédio a Internet, o cirurgião e a doença	*Deus (nota-se um padrão), e a Dra. Meire
Violência doméstica	Persistentes, resistentes, cansados* e impotentes (*nota-se um padrão)	Idoso (vitimado)	A droga, o filho, a neta, o ex-marido	Deus, amigos
O lado positivo de ser idoso	*Felizes, orgulhos, independentes, vitoriosos e realistas (*nota-se um padrão)	idoso	A filha, o ex-marido, a saúde e o espelho	Deus, atividade física e as filhas
O sonho do letramento	Dedicados, religiosos, incapazes, constrangidos *envergonhados e *excluídos (*nota-se um padrão)	idoso	Visão ocular	Deus
Discriminação contra o idoso	Discriminado	Idoso (vitimado)	Motorista de ônibus, os jovens, os atendentes do Posto	Deus*, a mãe (*nota-se um padrão)

Fonte: o autor (2016)

Em síntese, nessa seção, busquei, por meio das narrativas habituais, mostrar como os idosos revelam suas identidades a partir dos posicionamentos interacionais e do trabalho discursivo entre os envolvidos no mundo da história e o pesquisador: os protagonistas, os antagonistas os aliados, conforme ilustra o Quadro 14.

Quando narram sobre questões referentes à saúde se posicionam como vítimas, excluídos e descartados. Trazem os atendentes do posto de saúde, o cirurgião de procedimentos mal sucedidos, o remédio inadequado e a falta de conexão com a rede de Internet como antagonistas. Como aliados, trazem Deus e a doutora, pelos serviços prestados.

Em relação à violência doméstica, os idosos, protagonistas vitimados, posicionam-se ora como persistentes, resistentes, ora como cansados, impotentes. Trazem para o mundo da história os antagonistas: os netos e os filhos posicionados como preguiçosos, indolentes, mal criados, ladrões. Felizmente, contam sempre com o apoio de seus aliados: Deus e os amigos.

Em resposta ao que é ser idoso, posicionam-se como protagonistas felizes, orgulhos, independentes, vitoriosos e realistas. Os antagonistas foram o ex-marido que maltratava a idosa, a filha que trouxe os netos e bisnetos para morar com a idosa, a saúde debilitada de alguns e o espelho que mostra as verdades. Felizmente, contam com o apoio de seus aliados: Deus, a atividade física e as filhas que ofereceram apoio à idosa.

No que concerne a aprender a ler e escrever, se posicionam como protagonistas ora dedicados e religiosos, ora como incapazes, constrangidos, envergonhados e excluídos. Os antagonistas foram apresentados como o fator relacionado à idade e à deficiência visual. O principal aliado trazido para o mundo da história foi Deus.

Quando narram sobre discriminação contra o idoso se posicionam como protagonistas, vítimas de discriminação por jovens e adultos (antagonistas). Para tanto, em certos casos, afiliam-se como membros do grupo de idosos e negros, reconhecendo-se como tal, afirmando sua(s) identidade(s) individuais e de grupo, e ao mesmo tempo, fazendo alusão aos grupos que são historicamente discriminados. Os aliados principais são a mãe negra que já sentia o preconceito à flôr da pele e Deus.

A seguir, apresento o *self* futuro que emoldura o porvir na vida dos idosos.

4.3 *Self* futuro: sonhos e planos

O *self* futuro refere-se aos planos e sonhos ainda não concretizados a que aspiram os idosos. Levando em consideração as representações mais recorrentes no discurso do idoso, assim como as análises até aqui apresentadas, pode-se perceber que há muito mais conversas

em torno do passado e do presente do que em torno do futuro. O idoso de fato vive muito em torno do passado e suas memórias do que no porvir conforme afirma Preti (1991). O futuro engendra esperanças, sonhos, planos, mas, infelizmente, na velhice o amanhã se mostra oblíquo, inseguro, escorregadio.

Em retrospectiva, posso afirmar que raramente as discussões em sala de aula ou nos momentos de descontração giravam em torno do futuro, a não ser motivadas por uma pergunta, um questionamento. Em poucas situações, aparece naturalmente na fala cotidiana dos idosos sob investigação. Os dados aqui apresentados foram gerados pela pergunta de entrevista: “o que faltou na sua vida?” que constituiu a categoria intitulada: sonhos e planos. Vejamos como o *self* futuro se revela nas interações.

Antes do ponto em que a transcrição se inicia, Dona Marlene falava sobre suas atividades além das oficinas de alfabetização, entre elas, a idosa gosta de ir à igreja e à ginástica. Não tem muita disposição para visitar amigos e declara ter muito prazer em limpar sua casa. Em seguida, foi indagada sobre o que faltou em sua vida, marcando o início da transcrição (1.1).

- (62) 1 (A) – *Ok. É... Alguma coisa faltou na vida da senhora? Alguma coisa*
 2 *lá atrás lhes faltou, e queria ainda ter, conseguir, adquirir,*
 3 *aprender...?*
 4 (M) – *É que é tó pensano, é só aprender mermo!*
 5 (A) – *Aprender?*
 6 (M) – *Só isso! Porque eu, graças a Deus pra mim... Não falta nada.*
 7 *Purque eu mesmo falei: dagora em diante eu não vou comprá mair*
 8 *nada!*
 9 (A) – *É, né?! Por quê?*
 10 (M) – *Só mesmo comê e vesti.*
 11 (A) – *Por quê?*
 12 (M) – *Porque eu não vô compra não! [risos]*
 13 (A) – *A senhora tá pensando no futuro, é isso?*
 14 (M) – *É...! Não, não é por causa do futuro, é porque não adianta, eu já*
 15 *tô perto de morrer, pra quê essas coisa? Os filho tudo tem, né? Os*
 16 *filho tudo tem! Vô comê e vesti e pronto! [risos] Só isso!*
 (Entrevista do dia 23 de julho de 2015 – Dona Marlene, 78 anos)

Pode-se observar pelo excerto que há uma simetria nos turnos entre a idosa e o pesquisador. Ao contrário do passado e do presente, em que tínhamos longos turnos com participação ativa, porém mais comedida do pesquisador, falar sobre o futuro revelou-se um campo mais fértil para negociação e colaboração na co-construção da história. O pesquisador, na interação, ao elaborar a pergunta oferece alguns possíveis caminhos para a resposta. No turno subsequente, a idosa seleciona um item proposto pelo narrador e afirma (1.4): *É que é tó*

pensano, é só aprender mermo!. O pesquisador questiona sua escolha, na tentativa de obter mais informações. Então ela o responde com uma avaliação encaixada, fazendo uma citação de si própria em discurso direto (1.7): *dagora em diante eu não vou comprá mair nada!*. O pesquisador indaga o porquê de sua resposta. Por fim, ela revela um posicionamento de uma mulher vencida pela luta, quem já não tem mais sonhos: *é porque não adianta, já tô perto de morrer*. E arremata a narrativa com o seu desejo: *Vô comê e vesti e pronto! [risos] Só isso!* (1.16).

No próximo excerto, antes do ponto em que se inicia a transcrição, Dona Jovina falava sobre o medo de sujar seu nome e dar maus exemplos para suas filhas. Quando esse enquadre chegou ao fim, ela foi questionada se havia algo que não teria feito e gostaria ainda de fazer. Inicialmente, a idosa fala de si mesma, de um sonho ainda não concretizado. Posteriormente, fala de um sonho voltado para o futuro dos filhos, conforme ilustra o excerto 63.

- (63) 1 (A) – *Tem alguma coisa que a senhora não fez na vida e que gostaria*
 2 *ainda de fazer? Um sonho, uma coisa assim?*
 3 (J) – *A gente sempre tem um sonho que a gente... Mais, agora*
 4 *memo... [risos] A gente pode falá qualqué besteira?*
 5 (A) – *Qualquer besteira.*
 6 (J) – *[risos] Eu tenho vontade, tipo, eu tenho vontade agora sim, ir lá*
 7 *no meu lugá que eu morei um tempo lá, e me incontrá com*
 8 *alguém! [risos]*
 9 (A) – *Entendi, lá no Maranhão?*
 10 (J) – *Maranhão. Eu tinha vontade sim, de i lá e mais aí eu só num*
 11 *gosto é de andá sozinha! Num gosto de andá sozinha, nunca gostei*
 12 *de andá sozinha. Mais eu, tempo eu tenho, graças a Deus, tempo*
 13 *eu tenho, ninguém me atrapalha. Minhas fias são, eu num tenho*
 14 *home dento da minha casa, puque eu não quero. Eu não quero!*
 15 *Que hoje em dia ocê sabe, não dá pá confiá! Não dá pá confiá! O*
 16 *que a gente vê falá “fulano, fulano matô a fulana, a fulana véa!*
 17 *Fulana véa foi se engraçá com ele, ó o quê que ganhô!” Eu tenho*
 18 *medo! Primeiro: que eu nunca tive nada na vida pra dá pras*
 19 *minhas fia, quando minhas fia foram criada no maior sofrimento*
 20 *do mundo! Então hoje, eu quero assim, o que eu fizé é*
 21 *multiplicano pra ficá pra elas brigare aí quando, quando eu*
 22 *morrê! Eu quero sim, professô, eu quero! Hoje, hoje eu lhe falo*
 23 *franco, eu num sei se eu tô falano besteira, eu num sei nem se devo*
 24 *falá, mais eu queria muito, muito, muito tê pra mim deixá pras*
 25 *minhas fia o que eu num tive pra dá pra elas no tempo delas*
 26 *criança. Elas criança de cinco ano de idade pra frente foram*
 27 *obrigada a trabalhá pra ajudá, prá ajudá a gente sobrevivê! Aí,*
 28 *nunca tivero assim, aquela rôpa, aquele calçado, aquelas coisa...*
(Entrevista do dia 23 de junho de 2015 – Dona Jovina – 64 anos)

A interação se inicia com uma oração aberta: *a gente sempre tem um sonho....* Em seguida, a colaboradora indaga se pode falar qualquer coisa. O pesquisador alinha-se a sua

solicitação, recontextualiza sua pergunta em forma de resposta (1.5): *qualquer besteira*. Na linha (6), na medida em que fala, parece estar refletindo sobre um passado deixado em suspense. Depois de algumas hesitações, ela verbaliza o sonho de voltar a sua terra natal e encontrar alguém que deixara para trás (1.7-8). O pesquisador oferece o suporte afetivo, declarando o seu entendimento sobre o sonho e busca confirmação do local (1.9): *Entendi, lá no Maranhão?* Tal questionamento promoveu o início da narrativa propriamente dita, quando a idosa externa o desejo de voltar para sua terra. Seu posicionamento revela o orgulho de ter tempo para si e de ser independente. Além disso, explica que gostaria de ter algo material para deixar para suas filhas. Nota-se que em seu posicionamento inicial a construção da imagem de uma mulher romântica, cujo sonho é resgatar um amor antigo. Posteriormente, se posiciona com uma mulher desconfiada dos homens, talvez pelas suas experiências sofridas no casamento, além, obviamente, das representações negativas sobre idosas que buscam um companheiro mais tarde na vida. Por fim, se posiciona como uma mulher tradicional, revelando seu lado maternal, protetor, que abdica de si e busca deixar conforto para as filhas.

Em sintonia com o desejo de Dona Jovina, Dona Cléria também gostaria de resgatar um amor não concretizado. Antes do ponto em que a transcrição se inicia, a idosa falava sobre o amor que tinha pela irmã, que considerava como mãe, pois foi quem dela cuidou quando era criança. Em seguida, foi questionada sobre o que faltou em sua vida (1.1-3).

- (64) 1 (A) – *Deixa eu fazê mais uma pergunta pra senhora: o quê que a*
 2 *senhora acha que faltou na vida da senhora e quê que a senhora*
 3 *gostaria ainda de fazer?*
 4 (C) – *É... Rapaiz, se seu soubesse, se você soubesse... Que, quando eu*
 5 *tarra com catorze ano, eu me apaixonei por um cabra. Era uma*
 6 *paixão... Sem gosto! Puquê, eu sabia que nunca dava certo. Aí,*
 7 *mar eu chorava, aí eu peguei dá as coisa pros veio, painero, aí,*
 8 *quando foi um dia o finado Sebastião, que Deus tenha ele em bom*
 9 *lugar, que [palavras incompreensíveis] tão boa! Aí ele me chamô:*
 10 *“Cléria... Eu quero conversá com você! Coisa que meu coração*
 11 *chama e eu tô quereno abastá com meu coração.” Aí, eu fui*
 12 *conversá com ele e disse: “você tá apaixonada por o Zé?!” Digo:*
 13 *“Ô, seu Sebastião, faiz vergonha...” “Não minha fia, num faiz*
 14 *vergonha, não! É vergonhoso se você tivesse avançado! Ralado,*
 15 *avançado nele, mar você nunca feiz isso! Você, eu sei que você*
 16 *chora, você sai daqui cantando e ele chora aqui também. Mais ele*
 17 *tem cabeça dura. Mais é puquê ele tem medo de seu pai!” Mais se*
 18 *ele tivesse quirido, me quirido, eu tinha, eu tinha tido corage de ir*
 19 *imbora com ele.*
 20 (A) – *É, né?*
 21 (C) – *Era. Puquê a paixão era grande! Eu gostava muito, mar meu pai*
 22 *era inimigo. É uma pessoa trabaiaadô, ele num fumava, num bibia,*
 23 *ele num ia, ele num era de forró! Pessoa bacana! Era marquinero,*
 24 *trabaiaava ne negócio de máquina. E dava certo comigo, porque eu*

- (64) 25 *num tempo eu aprendi costurá, aí, era de nóiz vivê bem! Longe,*
 26 *mar o meu pai feiz o casamento sem eu querê, aí ele casô com ota*
 27 *mai num deu certo, ela matô um fi dela, e aí ele quis matá ela, aí*
 28 *num matô e sumiu.*
 29 (A) *– Sumiu?! E quê que a senhora acha que falta algo ainda na vida*
 30 *da senhora?*
 31 (C) *– Eu só queria alcançá minha vida!*
 (Entrevista do dia 09 de abril de 2014 – Dona Cléria, 78 anos)

A resposta ao questionamento do pesquisador não ocorre na primeira linha. Dona Cléria ao dizer: *se eu soubesse se você soubesse*, abre uma expectativa e convida o pesquisador, a partir dessa estratégia de envolvimento, a um mergulho em seu passado. Ela começa a narração com índices verbais no tempo pretérito ao descrever sua paixão contida. Em seguida, alterna para o tempo imperfeito: “sabia” e “chorava”, ao descrever a duração do seu sofrimento. Ela se posiciona como uma mulher apaixonada e traz para o mundo da história o seu aliado: Seu Sebastião. Ela encena a voz do Seu Sebastião, por meio do discurso direto, construindo sua identidade como um homem justo e sensato. Em seguida, se posiciona como uma mulher corajosa e passional ao dizer que teria fugido com ele se ele a quisesse (l.18-19). O pesquisador oferece suporte afetivo, o que a faz continuar a narração. A idosa descreve o homem do seu sonho, cuja identidade é construída como um homem bacana e trabalhador e projeta a vida que poderiam ter tido juntos, uma vez que havia muita afinidade entre eles. Posiciona o pai mais uma vez como o antagonista, o vilão da história, o homem que gera medo e obrigada a jovem Cléria a se casar a força. Ela traz para o mundo da história a mulher que se casou com o homem dos seus sonhos e a descreve como assassina. No fechamento, o pesquisador retoma a pergunta inicial se faltou algo na sua vida e ela finaliza (l.31): *eu só queria alcançá minha vida*. Pode-se inferir que a luta pela liberdade e pela felicidade ainda continuam viva.

No próximo excerto, antes do ponto da transcrição aqui apresentada, Dona Vani falava sobre seus amigos na Estrutural e a atividade física que realiza no posto de saúde e na Vila Olímpica regularmente. Em seguida, foi indagada se havia algo que não fez e gostaria de fazer em sua vida. Sua resposta se divide em dois momentos. O primeiro, fala sobre a sua vontade de viajar e o segundo, sobre seu sonho de aprender a ler.

- (65) 1 (A) *– A senhora... Tem alguma coisa na vida da senhora que a*
 2 *senhora não fez ainda e que gostaria de fazer?*
 3 (V) *– Que eu gostaria?*
 4 (A) *– É?! Algum sonho?! Alguma coisa, assim, que a senhora...?!*
 5 (V) *– Não. É... Mutchá coisa... [RISOS]*
 6 (A) *– É?!*

- (65) 7 (V) – *Que eu tenho vontade, né?*
 8 (A) – *Dá um exemplo aí!*
 9 (V) – *Tenho vontade de andar de avião! [RISOS] Que eu nunca andei!*
 10 *Tenho vontade de ir em São Paulo que eu nunca andei! Né? Eu, só*
 11 *de andar, assim, de conhecer essas coisas, assim, porque eu nunca*
 12 *andei, passei, assim, lugá assim, fora, né?*
 13 (A) – *Certo.*
 14 (V) – *Sempre fui criada nas roça, não tenho o costume de passear! E...*
 15 *E o meu sonho mais é aprendê a lê mesmo, né?*
 16 (A) – *É, né.*
 17 (V) – *Meu sonho! Eu tenho tanta vontade de aprender a lê!*
 18 (A) – *Ótimo!*
 19 (V) – *É tão bom a gente aprender a lê e escrevê, né? Não é tanto*
 20 *escrevê! É lê! Tem que escrevê, mais... É mais fácil pra mim*
 21 *agora, escrevê, mais lê que é difícil! Porque lê, eu quero lê eu não*
 22 *sei como é que eu faço, não!*
 (Entrevista do dia 24 de setembro de 2014 – Dona Vani, 64 anos)

As respostas ao questionamento inicial do pesquisador indiciam dúvidas por parte da idosa. Primeiro ela diz “não”, depois “mucha coisa” e, por fim, questiona se é o que ela gostaria de fazer. O alinhamento ofertado pelo pesquisador parece deixá-la à vontade para responder sem hesitar (l.9): *Tenho vontade de andar de avião!* e continua explicando o porquê desse sonho. Seu posicionamento é construído a partir de uma série de orações que auxiliam na construção de identidade de mulher da roça, que nunca teve a oportunidade de sair de casa. Após uma pausa na linha (14), a colaboradora parece ressignificar o sonho distante, e recorre ao que está mais concreto, materializado na reformulação de sua resposta (l.15): *Meu sonho! Eu tenho tanta vontade de aprender a lê!...* E prossegue (l.22): *quero lê eu não sei como é que eu faço, não!*. Aqui o seu posicionamento é de alguém que sabe o que quer, mas ainda não descobriu como conseguir.

A questão da leitura e da escrita atravessa o tempo e se faz presente nas narrativas dos idosos da Estrutural. Antes do ponto em que a transcrição começa no próximo excerto, Dona Griza narrava sobre o espelho e o seu poder em revelar algumas verdades, referindo-se ao envelhecimento e às linhas da idade. Em seguida, a idosa foi indagada sobre o que gostaria de fazer.

- (66) 1 (A) – *A última pergunta: tem alguma coisa ainda que a senhora não*
 2 *fez que gostaria ainda de fazer? Na vida?*
 3 (G) – *Quero ainda nesse tempo que me resta aprendê lê. Aprendê*
 4 *escrevê. Eu tenho vontade de aprendê escrevê... E eu acho bonito!*
 5 *A menina “a senhora sabe lê! A senhora sabe lê!” Digo: ‘eu não*
 6 *sei lê!’ “Sabe sim! A senhora sabe conhecê [palavras*
 7 *incompreensíveis] nome.” A pessoa que sabe lê é aquele que pega*
 8 *num caderno, pega num livro, pega num jornal, na hora que lê o*

- (66) 9 *nome já tá sabeno. Tã, tã, tã, tã, tã, tã, lendo todas as palavras,*
 10 *aquele que vai gaguejá, suletrá pra entendê aquela palavra num*
 11 *sabe lê! Eu acho que não!*
 12 (A) – *É. Mas vai melhorando, né?*
 13 (G) – *Como que eu pego uma letra daquela, pego um nome daquele?*
 14 *Vô, tá ali as letra, tô conheçeno as letra tudim. Mais eu vô, prá*
 15 *mim dizê aquela palavra tem que suletrá. Então quem sabe lê na*
 16 *hora já sabe o que tá falano!*
 17 (A) – *Exatamente!*
 18 (G) – *Já tá sabeno! Ai eu olho as letra eu num sei... P, vou tê de dizê:*
 19 *P, V, P, V, VÉ, O, R, H, O, A, N, O! Ai eu, eu vô sabe que nome é*
 20 *aquele?*
 21 (A) – *Entendi.*
 22 (G) – *A pessoa assim não sabe lê! Cê acha que sabe?*
 (Entrevista do dia 9 de julho de 2014 – Dona Griza, 83 anos)

Em resposta, Dona Griza inicia o turno trazendo a questão da temporalidade à tona (1.3): *nesse tempo que me resta*, levando-me a pensar sobre o que isso pode significar para o idoso. O tempo parece se esvair, sem que se dê conta disso. O sonho de Dona Griza é aprender a ler e aprender a escrever, para tanto, se posiciona como alguém que sonha, sabe o que quer e, ao mesmo tempo, se vê incapaz de alcançar.

No próximo excerto, Seu José expõe também o seu sonho. Antes do ponto em que a transcrição se inicia, o idoso falava que não tinha uma profissão definida quando veio para a Estrutural com a esposa e seus três filhos. Em seguida, foi indagado sobre o motivo de querer aprender a ler. Vejamos qual foi sua resposta.

- (67) 1 (J) – *Eu penso muito, se Deus me abençoá que eu consigo, eu lê a*
 2 *Palavra de Deus.*
 3 (A) – *A Palavra de Deus.*
 4 (J) – *E se eu tivesse condições, se eu fosse um cara que tivesse*
 5 *condições, ia formá em Adeogado pa discuti com os otos*
 6 *Adevogados de nosso país. Dá um jeito de criá um decreto de lei*
 7 *que o camarada adevogou um caso errado por causa de dinheiro*
 8 *ele sê cassado. O mandato dele. Vamo trabaiá todo mundo*
 9 *dereitin? Não dá valô o vagabundo por causa de dinheiro.*
 10 (A) – *Verdade!*
 (Entrevista do dia 23 de abril de 2014 – Seu José, 77 anos)

Seu José expõe o seu desejo em aprender a ler para ler a bíblia. Seu posicionamento revela sua submissão à vontade de Deus. Ao oferecer suporte, o pesquisador repete o seu desejo na linha 3, que desencadeia uma formulação de um novo desejo do idoso. Nessa perspectiva, Seu José afirma (1.4): *Se eu tivesse condições, se eu fosse um cara que tivesse condições*. O narrador traz sua condição social e econômica como empecilho para alcançar o

seu sonho: *formá em adeogado*. Seu posicionamento interacional o constrói moralmente como um homem justo e honesto.

No último excerto, trago a narrativa de Dona Bastiana, uma senhora humilde, simples que lutou até o final de sua vida em busca de sonhos que cabiam na palma de sua mão: o sonho do letramento para ler pelo menos um versículo da bíblia, conforme mencionado anteriormente e aprender a fazer crochê para aumentar sua renda. O questionamento sobre o que faltava em sua vida marca o início da transcrição.

- (68) 1 (A) – *Mas a senhora tem algum sonho ainda, algum desejo de fazer*
 2 *alguma coisa?*
 3 (B) – *Não, sonho que eu tem é de aprendê, né, nessas coisa, né?*
 4 (A) – *É.*
 5 (B) – *Eu tem vontade de aprendê fazê as coisa... Pra mim sabê, pra*
 6 *mim, assim, é, fazê assim, às veis pra gente ganhá um dinherim...*
 7 *Porque o salário é muito pouco, né? O senhor vê, o meu salário é*
 8 *pra mim pagá... Conta de água, telefone... Conta de luz... Pagá é...*
 9 *Eu tô pagano até funeral, tamém...*
 10 (A) – *É, né?*
 11 (B) – *Já tá com, tem uns dois ano que eu tô pagano funeral. O pai dos*
 12 *minino morreu, já enterrô com ela, com a funerária...*
 (Entrevista do dia 30 de abril de 2014. Dona Bastiana – 68 anos)

Dona Bastiana se posiciona como protagonista. Nas três primeiras linhas, nota-se uma forte agência: *o sonho que eu tenho é de aprender a fazê essas coisa ... [o] tem vontade de aprender a fazê as coisa ... pra mim saber*. É interessante notar o momento em que a agência se torna generalizada quando a questão de cunho econômico é o tema da oração (1.6): *pra gente ganha um dinherim...* O sonho de nossa querida era muito simples, queria aprender a fazer trabalhos manuais para aumentar sua renda um pouquinho. Com seus dedos grossos, mãos calejadas, não parecia ter muita habilidade manual para trabalhos delicados. Sua primeira experiência foi crochê. Um forro de mesa, feito com linha fina em tom azul claro. A frouxidão dos pontos, denunciavam sua dificuldade. Com determinação, desmanchava e fazia de tudo de novo, mas as imperfeições voltavam a aparecer. Depois de um tempo insistência, descobriu os tapetes feitos com barbante. Aí, Dona Bastiana se encontrou no mundo do artesanato. O barbante grosso parecia muito mais fácil de manejar, rendia mais e não demandava tanta habilidade na miudeza. Lembro-me de que saí um dia depois da aula e comprei barbante azul e laranja e fiz a minha primeira encomenda. Em pouco tempo, outros pedidos foram feitos. Que Deus abençoe a minha querida!

O Quadro 15 a seguir organiza os resultados sobre o *self* futuro.

Quadro 15 – *Self futuro, protagonistas, antagonistas e aliados*

Categorias do <i>self futuro</i>	Posicionamentos interacionais dos idosos	Protagonista	Antagonista	Aliados
Sonhos e planos	Românticos, corajosos, justos, honestos, incapazes, impotentes*, e vencidos (Nota-se um padrão)	idosos	Pai da idosa e a esposa do marido dos sonhos	Seu Sebastião Deus* (Nota-se um padrão)

Fonte: o autor (2016)

Ao cabo das análises sobre os posicionamentos interacionais dos idosos quando falam sobre o seu futuro, podemos afirmar que os aspectos identitários são distintos. Ora se posicionam como românticos, corajosos, justos e honestos, ora se posicionam como incapazes, impotentes e vencidos. Os antagonistas apresentados são o pai de uma idosa, e a esposa que se casou com o marido dos sonhos de uma outra. Dois aliados são apresentados nas narrativas: Seu Sebastião, posicionado como um homem honesto e justo que dá conselhos. Deus aparece como o aliado principal para ajudá-los a alcançar seus sonhos.

Com base nas análises do *self presente*, *self passado* e *self futuro* pudemos perceber o modo como as identidades foram sendo construídas ao longo dos anos de vidas dos idosos da Estrutural. É possível afirmar que por se tratar de um grupo cuja infância se desenvolve em um contexto de vulnerabilidade social e econômica, famílias extensas, e em razão de um contexto mais amplo de industrialização da nação, se veem forçados a migrarem para cidades grandes em busca de melhores oportunidades e melhores condições de vida. A vida adulta trouxe em seu bojo uma perpetuação dos problemas já vivenciados na fase infantil, com marcas identitárias de abandono, negligência, exclusão e abusos. Ao chegar no tempo presente, na fase da velhice, encontram-se com a saúde debilitada, e além de tudo, enfrentam problemas relacionados à dependência química dos filhos, assaltos dentro do próprio lar, e para piorar a situação sofrem discriminação de jovens e adultos. Como planejar e sonhar sobre um futuro, quando há tanto ainda para ser resolvido no presente?

Analisar os aspectos identitários por meio dos posicionamentos interacionais mostrou-se profícuo, nos momentos em que o narrador se posicionava e do modo como apresentava os outros no mundo da história. As identidades são de fato construídas discursivamente e se manifestam nos posicionamentos interacionais, ou seja, elas são relacionais e, para existirem,

é necessário algo que seja extrínseco a elas, uma vez que as identidades se distinguem daquilo que não são. Desse modo, os dados confirmam os apontamentos de Hall (1997), quando propõe que as identidades não são nunca unificadas, mas encontram-se fragmentadas, fraturadas e em constante processo de mudança e transformação.

Os recursos linguísticos empregados para a constituição dos sentidos no discurso narrativo foram os mais diversos. Os idosos usaram desde avaliações externas, encaixadas e recursos avaliativos como intensificadores, repetições, comparações, gestos, pausas, expressões faciais, até construção de imagens espetaculares com o intuito de criar verossimilhança e engajamento entre interlocutores.

Do ponto de vista do trabalho discursivo que resultou essas belas histórias de vida, foi possível perceber o que De Fina e Georgakopoulou (2015) vem afirmando ao longo de suas pesquisas sobre a importância do papel da audiência. Nos dados aqui apresentados, a participação do pesquisador e de colegas que ouviam as histórias foi determinante na construção das narrativas. Notou-se a participação ativa da audiência em diversos momentos, em que os participantes co-construíam a história, alterando o curso dos eventos e proporcionando novos desfechos para o evento narrativo.

Vale ainda ressaltar que a interação, o trabalho discursivo, o engajamento, a sintonia, a escuta, a confiança são resultado de um trabalho colaborativo, construído ao longo do tempo em que passamos juntos. Desde os olhares e os sorrisos em ver uns aos outros cedo pelas manhãs, passando pela felicidade estampada nos rostos enrugados, quando conseguiam fazer sentido daquelas letrinhas enfileiradas, dos debates sobre política, sobre os direitos, sobre a saúde e sobre a vida como ela é, a angústia, as dores, as limitações, aos momentos da merenda, do pão com manteiga, do suco de caixinha, das bolachas e, por derradeiro, ver o carro cheio quando as levava para suas casas. Esse sentido de interação e engajamento foi capturado na Imagem 6.

Imagem 6 – Idoso em trabalho de fortalecimento de identidade de grupo²⁸



Fonte: o autor (2016)

²⁸ Em um trabalho dedicado ao fortalecimento da identidade do grupo, os idosos se reuniram e traçaram as semelhanças e diferenças entre os integrantes, representadas em um quadro sinótico. Das semelhanças, destaco: cabelos brancos, experiência de vida, respeito, alegria, desejo em aprender coisas novas e problemas familiares. Das diferenças, sublinho: cor da pele, religião, pensamentos e gêneros. Ao cabo das atividades, fizeram um pacto para aceitarem a diversidade e para construir uma rede de força a partir do que havia em comum entre eles.

CAPÍTULO IV

DAS NARRATIVAS DE VIDA AOS DOCUMENTOS LEGAIS

Neste capítulo, apresento as análises dos documentos oficiais. O objetivo central é responder às seguintes perguntas de pesquisa: 1) Que representações linguístico-discursivas estão presentes no discurso do Estatuto do Idoso. 2) Como o idoso é representado no Estatuto do Idoso? 3) Como tais representações se aproximam da prática cotidiana dos idosos? Como suporte teórico e metodológico, as análises deste capítulo ancoram-se na Linguística Sistêmico-Funcional, conforme proposta de Halliday e Matthiessen (2014), bem como na ADC com base em Fairclough (2003), Silva (2013).

O capítulo encontra-se dividido em três seções. Na primeira seção (5.1), apresento uma contextualização dos documentos universais, assim como as Constituições Brasileiras em que o idoso foi representado. Na segunda seção (5.2), analiso o documento central desta pesquisa: o Estatuto do Idoso. Parto de sua estrutura composicional e, em seguida, apresento a léxico-gramática do dispositivo, com um olhar voltado para as representações linguístico-discursivas presentes no documento (processos, participantes e circunstâncias). Na terceira seção (5.5), aproximo o discurso legal e o discurso narrativo. Essa aproximação possibilita a discussão entre o que está prescrito no Estatuto do idoso e o que acontece no cotidiano da pessoa idosa em situação de risco.

5.1 OS PILARES OFICIAIS EM FAVOR DAS PESSOAS DA TERCEIRA IDADE

Ao tratar dos documentos universais sobre a pessoa idosa, cabe, antes, justificar as razões pelas quais me levaram a sua escolha para esta pesquisa. O debate sobre a pessoa idosa no âmbito internacional ocorreu em 1982, em Viena, ocasião em que a Assembleia Geral das Nações Unidas convoca um encontro mundial, em que se criou o Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento (PAIE). O Brasil é um país signatário do referido plano, o que representa um compromisso internacional em respeito a um dos maiores desafios sociais do século XXI: o rápido envelhecimento populacional mundial em curso. As diretrizes do PAIE apontam para a necessidade dos países incorporarem em suas agendas políticas e ações que garantam o envelhecimento saudável e ativo, modificando suas Constituições, criando leis que favoreçam a pessoa idosa. O momento da formulação do plano coincide com o período de redemocratização do país, o que possibilitou o debate sobre o processo constituinte,

resultando, posteriormente, na incorporação do tema sobre o envelhecimento no capítulo referente às questões sociais na Constituição Federativa Brasileira de 1988. Os outros pilares documentais selecionados representam desdobramentos do PAIE, como os Princípios da ONU para Pessoa Idosa, a Declaração sobre o Envelhecimento e a Segunda Assembleia Mundial da ONU sobre o Envelhecimento, que servirão para subsidiar os estudos sobre a proteção institucionalizada da pessoa idosa. Diante do exposto, nota-se a influência que esses documentos internacionais exercem em nossas políticas sobre o envelhecimento, o que fundamenta a justificativa em apresentá-los como documentos basilares junto à análise dos dados de natureza documental.

5.1.1 Documentos universais sobre a pessoa idosa

Há algumas ações e políticas que marcaram historicamente o debate sobre a pessoa idosa no âmbito internacional. Um marco importante ocorreu em 1982, em Viena, quando a Assembleia Geral das Nações Unidas convoca uma Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, chamando a atenção dos povos sobre os graves problemas resultantes do aumento da população idosa no mundo. No evento delineou-se o PAIE, com 62 recomendações, com vistas a garantir a segurança econômica e social das pessoas idosas, assim como oportunidades para que pudessem contribuir com o desenvolvimento dos seus respectivos países. Em razão disso, determinou-se que o PAIE fosse parte integrante das políticas, programas e ações globais, nacionais e regionais, com o intuito de formular respostas a um problema de caráter mundial. A partir dessa determinação, alguns objetivos basilares foram estabelecidos (UNITED NATIONS, 1983):

- a) fomentar a compreensão nacional e internacional das consequências econômicas, sociais e culturais que o envelhecimento da população tem no processo de desenvolvimento;
- b) promover a compreensão nacional e internacional das questões humanitárias e de desenvolvimento relacionadas ao envelhecimento;
- c) propor e estimular políticas e programas orientados à ação, destinados a garantir a segurança social e econômica às pessoas idosas;
- d) apresentar alternativas e opções de políticas que sejam compatíveis com os valores e metas nacionais e com os princípios reconhecidos internacionalmente em

relação ao envelhecimento da população e às necessidades das próprias pessoas idosas;

- e) estimular o desenvolvimento de ensino, capacitação e pesquisa que respondam adequadamente ao envelhecimento da população mundial e fomentar o intercâmbio internacional de aptidões e conhecimento nesta esfera.

Em 1991, criaram-se os Princípios das Nações Unidas para as Pessoas Idosas, em conformidade com normas já estabelecidas pelo PAIE e alinhadas às resoluções da Organização Internacional do Trabalho (OIT) e a Organização Mundial de Saúde (OMS), que encorajavam os governos a incorporarem alguns princípios em seus programas nacionais. Eis os princípios (UNITED NATIONS, 1991):

1. Independência – refere-se ao acesso à alimentação, à habitação, ao vestuário e à possibilidade de trabalhar e ter acesso a programas adequados de educação e formação;
2. Participação – refere-se à integração na sociedade, por meio da participação ativa na formulação e execução de políticas que afetem diretamente o bem-estar do idoso, bem como promovam a partilha de conhecimentos com as gerações mais jovens.
3. Assistência – refere-se ao acesso aos cuidados de saúde para manutenção do bem-estar físico, mental e emocional e que previnam ou atrasem o surgimento de doenças.
4. Realização pessoal – refere-se ao acesso aos recursos educativos, culturais, espirituais e recreativos da sociedade.
5. Dignidade – refere-se à possibilidade de viver com dignidade e segurança, sem serem explorados ou maltratados física ou mentalmente.

Em 1992, a Assembleia Geral aprovou a Declaração sobre o Envelhecimento e solicitou apoio dos setores nacionais relacionadas ao envelhecimento (UNITED NATIONS, 1992). O documento chama a atenção da comunidade mundial para a urgência em promover a implementação do Plano Internacional de Ação sobre o Envelhecimento e disseminar os Princípios das Nações Unidas para Pessoas idosas. Ressalta, também, o papel da mídia no combate ao racismo e aos estereótipos em relação ao idoso. Sublinha a celebração do dia Internacional do Idoso e a promoção da cooperação de jovens e idosos em programas e

projetos sobre o envelhecimento, com vistas a balancear tradição e inovação e desenvolvimento social, econômico e cultural. Além disso, o documento trata do papel do governo, do setor privado, assim como do setor de voluntariado, junto ao desenvolvimento de cuidados com saúde física, social e psicológica dos idosos (UNITED NATIONS, 1990).

Em 2002, Madri - Espanha, sediou a Segunda Assembleia Mundial das Nações Unidas sobre o Envelhecimento. Durante o evento, os governos mundiais formularam respostas aos desafios do envelhecimento da população no século XXI, tendo como lema: ‘sociedade para todas as idades’. A assembleia aprovou a Política e o Plano de Ação Internacional de Madri - 2002, que obriga os governos a agirem para enfrentar os desafios postos pelo envelhecimento da população. Para tanto, elaboraram uma proposta composta por 117 recomendações que envolvem três esferas prioritárias: as pessoas idosas e o desenvolvimento; promoção da saúde e o bem-estar na velhice; e a garantia de um ambiente propício e favorável para moradia. Ao cabo do evento, oficializou-se o comprometimento dos governos em assegurar aos idosos plena proteção aos direitos humanos e liberdades fundamentais, criando oportunidades de realização pessoal, existência saudável e participação da vida econômica, social, cultural e política. A proposta envolve o envelhecimento ativo, por meio de acesso a serviços, promoção de um estilo saudável e oportunidades de trabalho para aqueles que quiserem buscá-lo (UNITED NATIONS, 2002). A seguir, discuto a representação da pessoa idosa nos documentos oficiais.

5.1.2 Representação da pessoa idosa nos documentos oficiais

Esta seção está dividida em três partes. Na primeira, teço alguns comentários sobre a representação do idoso na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Na segunda, discuto a representação do idoso nas Constituições Brasileiras de 1934 e 1988. Na terceira, apresento alguns comentários sobre a Política Nacional de Idoso.

5.1.2.1 A Declaração Universal dos Direitos Humanos

A Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) surge com a demanda pela garantia da dignidade humana e com o propósito de construir relações entre as nações mundiais sob novos parâmetros ideológicos, em razão do período pós-guerra. Editada pela ONU, em 10 de Dezembro de 1948, a DUDH tem como meta delinear os direitos humanos básicos de liberdade, de justiça e de paz mundial. Além disso, conforme explicitado no

Preâmbulo da lei, objetiva-se encorajar o desenvolvimento de relações amistosas entre as nações; proteger os direitos dos homens; proclamar a fé nos direitos fundamentais dos homens, na dignidade e no valor da pessoa humana, na igualdade dos direitos dos homens e mulheres, favorecendo progresso social e melhores condições de vida dentro de uma liberdade mais ampla.

Muito embora no artigo II do dispositivo assegure a toda pessoa ao gozo dos seus direitos e liberdades, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição, a pessoa idosa não é representada. Na verdade, a pessoa idosa só é representada no artigo XXV, nº1, conforme ilustra o excerto 69, a seguir.

- (69) Art. XXV “Toda pessoa[Portador] tem[Processo Relacional Possessivo] direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e à sua família saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, e direito ao seguro social[Benefício] em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice[Circunstância de contingência - condição] ou outros casos de perda dos meios de subsistência em circunstâncias fora do seu controle”.

(Declaração Universal dos Direitos Humanos)

Nota-se que a pessoa idosa é representada no documento, no que se refere ao direito ao seguro social em caso de velhice. O seguro social compreende tanto a previdência social quanto a assistência social, tal como entendemos hoje. Já o termo ‘velhice’, selecionado pelo legislador, realiza-se na oração por uma circunstância de contingência, que provavelmente remete a uma representação oriunda da metáfora médica sobre a velhice, conforme aponta Freitas Silva (2008) em um artigo intitulado ‘Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento’.

Desde o seu surgimento, a metáfora médica da velhice passou a exercer acentuada influência social, definindo não somente o envelhecimento físico como também as representações sobre a experiência de envelhecer. A aceitação e a justificação de tal metáfora incidiram sobre a percepção dos sujeitos, que passaram a recorrer ao discurso médico para definir a si mesmos e a sua experiência. De fato, a definição médica da velhice disseminou-se para outros campos de saber e determinou amplamente o seu espectro no imaginário cultural, alimentando os discursos do Estado, a formulação de políticas assistenciais e a formação de outras disciplinas como a gerontologia (FREITAS SILVA, 2008, p. 160).

Embora a velhice tenha sido empregada como sinônimo de especial, carente, dependente e improdutivo, serviu também para consolidar a categoria etária. Apesar da categoria *idoso* sequer fazer parte do imaginário social na primeira metade do século XX,

apresenta-se, posteriormente, como direito reconhecido pela constituição de todos os povos, a DUDH, conforme o excerto (70). Subjacente às normas da DUDH, encontram-se representações dos valores da dignidade, da liberdade e da igualdade de todos os povos (RAMOS, 1999), exercendo um impacto nos documentos oficiais em muitas nações do mundo²⁹. No Brasil, esse impacto pode ser percebido somente na Constituição de 1988, conforme veremos a seguir.

5.1.2.2 A representação da dignidade da pessoa idosa nas Constituições Brasileiras

Tanto na Constituição Política do Império do Brasil, de 25 de março de 1824, quanto na Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, de 24 de fevereiro de 1881, a pessoa idosa não se encontra representada. Esse fato revela, do ponto de vista histórico, a percepção dos legisladores com essa faixa etária da população, uma vez que não havia ainda uma preocupação em assegurar o direito mais essencial de todos: viver com dignidade. A pessoa idosa só é representada em nível constitucional na Constituição da República dos Estados do Brasil, de 16 de julho de 1934. Em seu Título IV, sob a rubrica, Da Ordem Econômica e Social, precisamente, no art. 121, § 1º, letra h, passou-se a prever a instituição de previdência a favor da velhice, conforme observamos nos excertos (70), (71) e (72).

- (70) Título IV – Da Ordem Econômica e Social, art. 121 – A lei[Ator] promoverá[Processo Material] o amparo da produção[Meta] e estabelecerá[Processo Material] as condições de trabalho [Meta], na cidade e nos campos [Circunstância de lugar], tendo em vista a proteção social do trabalho e dos interesses econômicos dos país. § 1º - A legislação do trabalho[Experienciador] observará[Processo Mental] os seguintes preceitos, além de outros que colimem melhorar as condições do trabalhador:
- (71) [...] h) assistência médica e sanitária ao trabalhador e à gestante, assegurando a esta o descanso antes e depois do parto, sem prejuízo do salário e do emprego,

²⁹ De acordo com Ramos (1999, p. 92) Ao todo, na atualidade, 12 (doze) constituições modernas trazem em seus textos normas de proteção à velhice. São elas: Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 05/10/88; Constituição da República Popular da China, adotada em 04/12/82, na V Sessão da V Assembleia da República Popular da China; Constituição da República de Cuba, de 24/02/76; Constituição Espanhola, sancionada por Sua Majestade, o Rei, ante as Cortes, em 27/12/78; Constituição da República de Guiné-Bissau, aprovada em 16/05/84, pela Assembleia Nacional Popular; Constituição da República da Itália, de 01/01/48, com as emendas de 09/02/63, 27/12/63 e 22/11/67; Constituição Política dos Estados Unidos Mexicanos, de 31/01/17, com emendas publicadas em 08/ 02/85; Constituição Política do Peru, promulgada em 12/07/79; Constituição de Portugal, de 25/04/76; Constituição da Confederação Suíça, promulgada em 29/05/74, com emendas de dezembro de 1985; Constituição da República Oriental do Uruguai, aprovada em 24/ 08/66, com emenda de 1967 e Constituição da República da Venezuela, promulgada em 23/01/61, com emenda de 09/05/73. Na África: Guiné-Bissau. Na Europa: Espanha, Itália, Portugal e Suíça. Dos países pertencentes ao bloco socialista, a China e Cuba. Na América Latina: Brasil, México, Peru, Uruguai e Venezuela.

e instituição de previdência, mediante contribuição igual da União, do empregador e do empregado, a favor da velhice, da invalidez, da maternidade e nos casos de acidentes de trabalho ou de morte[Fenômeno].

(Constituição de 1934)

- (72) Título IV – Da Ordem Econômica, art. 137 – A legislação do trabalho[Experienciador] observará[Processo Mental], além de outros, os seguintes preceitos: m) a instituição de seguros de velhice, de invalidez, de vida e para os casos de acidentes do trabalho[Fenômeno].

(Constituição de 1937)

Tanto na Constituição de 1934 quanto na Constituição de 1937, a pessoa idosa é representada como uma pessoa de direito, especificamente no que concerne à ordem econômica e social, quem recebe do Estado, por meio da instituição de previdência ou de seguros, benefícios pelo serviço prestado ao longo da vida. O termo ‘velhice’ realiza-se na oração de forma marginal, como adjunto adnominal, marginal também é o âmbito de proteção da pessoa idosa, restringindo tão somente ao seu aspecto econômico. Mesmo assim, tal representação constitui-se como um avanço para a época, pois, a partir de 1934³⁰, a pessoa idosa passou a ter seu direito de aposentadoria garantido constitucionalmente.

A Constituição da República Federativa do Brasil (CRFB) de 1988, qualificada como a mais democrática das constituições brasileiras, tornou-se conhecida como a “Constituição Cidadã”. Surge num momento em que a sociedade se mobiliza na luta pela redemocratização do país. O teor inovador já é percebido em seus princípios fundamentais que versam entre outras coisas sobre a cidadania e a dignidade da pessoa humana. O Capítulo VII - Da família, da Criança, do Adolescente, do Jovem e do Idoso traz dispositivos específicos sobre a proteção do idoso, conforme mencionado anteriormente. O fato se deve não somente a uma preocupação com o envelhecimento da população, mas a uma sensibilidade do constituinte em enxergar a velhice como um direito fundamental (RAMOS, 1999; GUIMARÃES, 2009).

- (73) Art. 1º, III “A República Federativa do Brasil [Ator], formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se[Processo Material] em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos: III – A dignidade da pessoa humana”.

- (74) Art. 3º, IV “Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: IV – promover [Processo Material] o bem de todos [Meta], sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”[Circunstância].

³⁰ Vale ressaltar que na década de 40, a expectativa de vida no Brasil era 36,7 no Nordeste, 43,5 no Sudeste, 49,2 no Sul e 47,9 anos de idade no Centro-Oeste.

- (75) Art. 5º, XLVIII. “Todos serão iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos da lei: XLVIII - A pena será cumprida em estabelecimentos distintos, de acordo com a natureza do delito, a idade e o sexo do apenado”.
- (75) Art. 14º, § 1º, II, b. “O alistamento eleitoral e o voto são: II - facultativos para: b) os maiores de setenta anos”.
- (77) Art. 201º, I. “A previdência social[Meta] será organizada[Processo Material – voz passiva] sob a forma de regime geral, de caráter contributivo e de filiação obrigatória, observados critérios que preservem o equilíbrio financeiro e atuarial, e atenderá, no termos da lei a: I – cobertura dos eventos de doença, invalidez, morte e idade avançada”.
- (78) Art. 203º, I e V. “A assistência social[Meta] será prestada[Processo Material – voz passiva] a quem dela necessitar, independentemente de contribuição à seguridade social, e tem por objetivos: I – a proteção à família, à maternidade, à infância, à adolescência e à velhice; V – a garantia de um salário mínimo de benefício mensal à pessoa portadora de deficiência e ao idoso que comprovem não possuir meios de prover à própria manutenção ou de tê-la provida por sua família, conforme dispuser a lei”.
- (79) Art. 230º. “A família, a sociedade e o Estado [Portador] têm[Processo Relacional possessivo] o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida. § 1º. Os programas de amparo aos idosos serão executados preferencialmente em seus lares; § 2º. Aos maiores de sessenta e cinco anos é garantida a gratuidade dos transportes coletivos urbanos”.

Um grande avanço é marcado já no objetivo fundamental da Constituição, em seu Art. 3º, IV, excerto (74), codificado na ação material “promover” o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação, reforçado no Art. 5º, excerto (75), XLVIII, em que se prescreve ‘Todos são iguais perante a lei sem distinção de qualquer natureza, garantindo a todos o direito inviolável à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade’. Nota-se, desse modo, uma preocupação com vistas à dignidade da pessoa idosa. Em seu Art. 201º, excerto (77), I. propõe-se o caráter contributivo e a filiação obrigatória da previdência social, com cobertura inclusive dos eventos de idade avançada. O significado representacional construído no Art. 203º, I. e V, excerto (78), coloca a assistência social a serviço de quem dela necessitar, independentemente de contribuição à seguridade social, e tem como um dos seus objetivos proteger a fase da velhice.

Por fim, em seu Art. 230, excerto (79), atribui: a família, a sociedade e o Estado, na posição de portador na oração, o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua

participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e, sobretudo, garantindo-lhes o direito à vida. Mais uma vez, a dignidade da vida é reconhecida como direito fundamental dos idosos. No § 1º, os programas de amparo aos idosos serão executados preferencialmente em seus lares; Por fim, em § 2º., o legislador opta por uma oração em voz passiva e coloca o idoso como receptor de bens materiais, isto é, a gratuidade no transporte coletivo urbano. A seguir, teço alguns comentários sobre a Política Nacional do Idoso.

5.1.2.3 Política Nacional do Idoso

A Política Nacional do Idoso, aprovada em 4 de janeiro de 1994, através da Lei 8.842, foi influenciada pelos debates internacionais sobre o envelhecimento populacional, assim como pela mobilização dos grupos de aposentados e dos grupos de geriatria espalhados por todo o Brasil, entre outros. Trata-se da primeira lei específica que assegura os direitos da pessoa idosa, caracterizando o idoso como toda pessoa acima de sessenta anos de idade. Apresenta em sua composição 06 capítulos e 22 artigos. Em seu Art. 1º, a Política Nacional do Idoso prescreve o objetivo de assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade. Destacam-se em seus artigos os direitos à cidadania, respeito à diversidade etária, à proibição da discriminação, à participação, à cultura, ao esporte, ao lazer, à saúde, à educação, à previdência, ao trabalho, à habitação e à assistência social. Muito embora a Política Nacional do Idoso tenha sido reconhecida como um importante marco nas conquistas dos direitos dos idosos, o Estatuto do Idoso teve maior repercussão e divulgação, como veremos a seguir.

5.1.2.4 O Estatuto do Idoso

Após sete anos tramitando no Senado, com a participação de diversos setores da sociedade, o Estatuto do Idoso foi finalmente promulgado pela Presidência da República, em 1º de outubro de 2003. O Estatuto representa um grande avanço no que concerne à proteção da pessoa idosa e vem concretizar o art. 230 da CFRB de 1988, isto é, reforça a fragilidade da pessoa idosa e busca amparo na família, na sociedade e no Estado para garantir ao idoso sua dignidade e o pleno exercício de sua cidadania.

5.2 ESTRUTURA COMPOSICIONAL E A TRANSITIVIDADE

O Estatuto do Idoso é estruturado na linguagem do direito, como um conjunto de dispositivos jurídicos, derivados da CRFB de 1988 e publicado na forma de lei, com decreto do Senado Federal. O Estatuto do Idoso é composto por 7 títulos, 23 capítulos, 118 artigos, 109 incisos, 48 parágrafos, 16 parágrafos únicos e 10 alíneas. Dada a sua composição, o dispositivo, concebido como uma prática discursiva, se caracteriza como um documento oficial regulador e orientador das políticas públicas, como pode ser observado no Quadro 16.

Quadro 16 – Estrutura Composicional do Estatuto do Idoso

Título I	Capítulo	Seção	Subseção	Artigos
Disposições Preliminares				1 a 7
Título II	Capítulo	Seção	Subseção	Artigos
Dos Direitos Fundamentais	I - Do Direito à Vida			8 a 9
	II - Do Direito à Liberdade, ao Respeito e à Dignidade			10
	III - Dos Alimentos			11 a 14
	IV - Do Direito à Saúde			15 a 19
	V - Da Educação, Cultura, Esporte e Lazer			20 a 25
	VI - Da Profissionalização e do Trabalho			26 a 28
	VII - Da Previdência Social			29 a 32
	VIII - Da Assistência Social			33 a 36
Dos Direitos Fundamentais	IX - Da Habitação			37 a 38
	X - Do Transporte			39 a 42
Título III	Capítulo	Seção	Subseção	Artigos
Das Medidas de Proteção	I - Das Disposições Gerais			43
	II - Das Medidas Específicas de Proteção			44 a 45
Título IV	Capítulo	Seção	Subseção	Artigos
Da Política de Atendimento ao Idoso	I - Disposições Gerais			46 a 47
	II - Das Entidades de Atendimento ao Idoso			48 a 51
	III - Da Fiscalização das Entidades de Atendimento			52 a 55
	IV - Das Infrações Administrativas			56 a 58
	V - Da Apuração Administrativa de Infração às Normas de Proteção ao Idoso			59 a 63
	VI - da Apuração Judicial de Irregularidades em			64 a 68

	Entidades de Atendimento			
Título V	Capítulo	Seção	Subseção	Artigos
Do Acesso à Justiça	I – Das Disposições Gerais			69 a 71
	II – Do Ministério Público			72 a 77
	III - Da Proteção Judicial dos Interesses Difusos, Coletivos e Individuais Indisponíveis ou Homogêneos			78 a 92
Título VI	Capítulo	Seção	Subseção	Artigos
Dos Crimes	I - Disposições Gerais			93 a 94
	II – Dos Crimes em Espécie			95 a 108
	III – Disposições Finais e Transitórias			109 a a 118

Fonte: baseado em Moreira (2013)

O título I aponta para as Disposições Preliminares e escreve a quem se destina, determina os direitos sociais gerais e incumbe à família, à comunidade, à sociedade e ao Poder Público de assegurar ao idoso a efetivação dos seus direitos. Dos Direitos Fundamentais, depreende-se a predominância de disposições que apontam para os direitos sociais, tais como o direito à saúde, à educação, ao trabalho, à assistência social, à previdência social, entre outros. Na sequência dos títulos, temos Das Medidas de Proteção, que visa a conservação dos laços de família e conta com o apoio da sociedade, cabendo ao Ministério Público o papel de fiscalizar ações que possam ameaçar os direitos dos idosos. No que se refere à Política de Atendimento, trata-se de dispositivos que buscam essencialmente respeitar e garantir os benefícios legados aos idosos. Do acesso à justiça, propõe-se a celeridade de todos os tipos de processo para o pronto atendimento ao idoso. Em referência ao último título: Dos Crimes, consta de dispositivos específicos que definem os crimes contra pessoas idosas e suas respectivas penas e multas.

Diante dessa breve apresentação dos temas centrais do documento, proponho um mergulho no texto para identificar as representações linguístico-discursivas presentes no referido Estatuto, assim como investigar como o idoso é representado. Para tanto, recorro aos aportes teóricos da ADC (dimensão exterior da linguagem) e da LSF (dimensão interior da linguagem) para a análise do documento, especificamente a categoria da representação. Inicialmente, apresento uma listagem dos processos verbais presentes no documento, com o intuito de apontar as ações propostas pelo dispositivo. Posteriormente, apresento uma discussão em torno dos processos materiais, devido a sua alta ocorrência no documento. Por

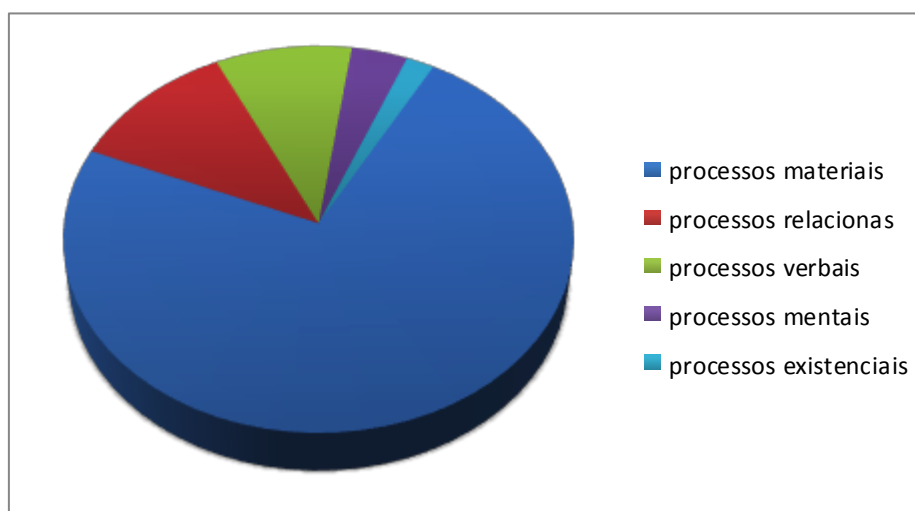
fim, apresento os atores sociais e discuto a representação do idoso no dispositivo.

5.3 OS PROCESSOS MAIS FREQUENTES NO ESTATUTO DO IDOSO:

MICROANÁLISE DA TRANSITIVIDADE

Identificar quais as representações linguístico-discursivas presentes no texto significa desvelar quais são as ações propostas pelo dispositivo, assim como quem as realiza e quem são impactados por elas. Desse modo, as ações mais recorrentes no documento são os processos materiais com [266] ocorrências, seguido dos processos relacionais com [42], processo verbais com [34]; processos mentais [14] e os processos existenciais com [7], conforme ilustra a Figura 6.

Figura 6 – Processos verbais mais recorrentes no Estatuto do Idoso



Fonte: o autor (2016)

5.3.1 Processos materiais

Um montante de 266 ocorrências coloca o processo o material como o mais recorrente no Estatuto do Idoso. Tal recorrência concerne às representações linguístico-discursivas que espelham as ações do dispositivo, realizadas por processos materiais, pertencentes ao mundo do fazer e do acontecer (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Trata-se de ações materiais concernentes aos mecanismos legais que visam à proteção dos direitos dos idosos, conforme ilustra o Quadro 17.

Quadro 17 – Processos materiais mais frequentes no Estatuto da Idoso

N	VERBOS	F.	REALIZAÇÃO NA ORAÇÃO
1.	assegurar	13	assegurando[1], assegurar[3], assegurada[5], assegurado[3], assegurem [1]
2.	aplicar	9	aplicadas[1], aplicada[1], aplicará[2], aplicam [1], aplica[2], aplicando[1]
3.	vigorar	8	vigorar[6], (entrar em) vigor[1],vigorará[1]
4.	promover	8	promover[5], promovendo[1], promovida[1], promova[1]
5.	prestar	7	prestada[2], prestados[1], prestado[1], prestar[3]
6.	fazer	7	fazendo[2], fazer[2], fazê-lo[3]
7.	oferecer	6	oferecer[6]
8.	garantir	6	garantir[3], garantindo[1], garantidos[1], garantido[1]
9.	manter	5	manterão[1], manter[4]
10.	proporcionar	5	proporcionada[1], proporcionar[2], proporcionando[1]

Fonte: o autor (2016)

Quadro 17.

Quadro 17 dispõe os dez processos materiais abstratos mais recorrentes no Estatuto, posicionados em ordem crescente. Nessa perspectiva, pode-se construir uma rede lexical com base nas ações materiais do dispositivo, que, de forma breve, trata-se de representações que visam a assegurar os direitos, garantir proteção e acesso às políticas públicas, zelar pelos direitos fundamentais da pessoa idosa, assim como aplicar sanções a quem não cumprir a lei. No sentido de exemplificar tal ocorrência, trago alguns exemplos do processo material mais recorrente no documento: ‘assegurar’, tal como aparece no dispositivo.

(80) *Art. 2º O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se [Processo Material]-lhe [Beneficiário], por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades [Meta], para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade.*

(81) *Art. 3º É obrigação da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público [Ator] assegurar [P. Material] ao idoso [Beneficiário], com absoluta prioridade [Circunstância], a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária [Meta].*

(CAPÍTULO II - TÍTULO I - Disposições Preliminares)

(82) *Art. 10. É obrigação do Estado e da sociedade [Ator], assegurar [P.*

- (82) *Material] à pessoa idosa [Beneficiário] a liberdade, o respeito e a dignidade, como pessoa humana e sujeito de direitos civis, políticos, individuais e sociais [Meta], garantidos na Constituição e nas leis [Circunstância].*

(CAPÍTULO II - Do Direito à Liberdade, ao Respeito e à Dignidade)

- (83) *Art. 15. É assegurada [P. Material – voz passiva] a atenção integral à saúde do idoso [Beneficiário], por intermédio do Sistema Único de Saúde – SUS [Ato], garantindo [P. Material]-lhe [Beneficiário] o acesso universal e igualitário [Meta], em conjunto articulado e contínuo das ações e serviços [Circunstância de acompanhamento-companhia], para a prevenção, promoção, proteção e recuperação da saúde, incluindo a atenção especial às doenças que afetam preferencialmente os idosos.*

(CAPÍTULO IV - Do Direito à Saúde)

- (84) *Art. 39. Aos maiores de sessenta e cinco anos [Beneficiário] fica assegurada [P. Material – voz passiva] a gratuidade nos transportes coletivos públicos, urbanos e semi urbanos, exceto nos serviços seletivos, especiais, quando prestados paralelamente aos serviços regulares [Meta].*

(CAPÍTULO X - Do Transporte)

Observa-se, no Art. 2º, excerto (80), que o processo material em destaque indicia a ação de assegurar ao idoso todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade. Vale ressaltar que ‘a lei’, na posição de participante, é quem assegura os direitos fundamentais aos idosos. Já no Art. 3º, excerto (81), nota-se forte modalidade no termo ‘obrigação’ que incumbe aos atores sociais: a família, a comunidade, a sociedade em geral e ao Poder Público assegurar ao idoso, a efetivação dos direitos referentes à vida, entre outros. Observa-se aqui uma intertextualidade com a Constituição de 1988, em que se escreve: Art. 230º. “A família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida”.

Nos termos da lei, a garantia de prioridade consiste no atendimento preferencial nos órgãos públicos e privados, preferência na formulação e execução de políticas públicas, privilégio na destinação dos recursos públicos relacionados à proteção do idoso, viabilização de formas alternativas de participação no seio social, priorização do atendimento pelos familiares, em relação ao atendimento asilar, capacitação nas áreas de geriatria e gerontologia, divulgação de informações educacionais sobre o envelhecimento, e por fim, a garantia de acesso à rede de serviços de saúde e de assistência social.

Nos Art. 15 e Art. 39, excertos (83) e (84), pode-se notar que as ações materiais encontradas no documento se realizam também em orações com voz passiva. Parece ser

consenso entre os analistas de discurso crítico que o uso de voz passiva é um recurso utilizado ora como estilo formal da escrita do discurso legal, ora para escamotear o ator da oração (MOREIRA, 2013; MOREIRA, 2015; SILVA, 2013). No caso do Estatuto, isso não é diferente. O recurso é utilizado em orações em que o ator não está representado, mas pode ser inferido ou recuperado em outros momentos do texto.

As ações ligadas à voz passiva (72 ocorrências) se realizam nas orações do Estatuto principalmente com os processos materiais: assegurar [8], aumentar [5], fazer [4], prestar [3], aplicar [3], praticar [2], cometer [2], atualizar, proporcionar, garantir, prover, adotar, contatar, interditar, inserir, vedar, facultar. Já as ações ligadas à voz ativa (42 ocorrências) se realizam com os seguintes processos materiais: gozar [2], assegurar [2], zelar [2], criar [2], excluir [2], deixar [2], aplicar [2], importar, garantir, prevenir. Vejamos alguns dessas ocorrências.

- (85) *Art. 15. É assegurada[Processo Material – voz passiva] a atenção integral à saúde do idoso, por intermédio do Sistema Único de Saúde – SUS [Ator], garantindo-lhe o acesso universal e igualitário, em conjunto articulado e contínuo das ações e serviços, para a prevenção, promoção, proteção e recuperação da saúde, incluindo a atenção especial às doenças que afetam preferencialmente os idosos[Meta].*
- (86) *Art. 16. Ao idoso internado ou em observação[Beneficiário] é assegurado[Processo Material – voz passiva] o direito a acompanhante, devendo o órgão de saúde proporcionar condições adequadas para a sua permanência em tempo integral, segundo critério médico[Meta].*
- Art. 17. Ao idoso[Beneficiário] que esteja no domínio de suas faculdades mentais é assegurado[Processo Material – voz passiva] o direito de optar pelo tratamento de saúde que lhe for reputado mais favorável.*
(CAPÍTULO IV - Do Direito à Saúde)
- (88) *Art. 39. Aos maiores de sessenta e cinco anos[Beneficiário] fica assegurada [Processo Material – voz passiva] a gratuidade nos transportes coletivos públicos, urbanos e semi urbanos, exceto nos serviços seletivos, especiais, quando prestados paralelamente aos serviços regulares.*
- (89) *Art. 41. Fica assegurada[Processo Material – voz passiva] a reserva, para os idosos [Beneficiário], nos termos da lei local, de cinco por cento das vagas nos estacionamentos públicos e privados, as quais deverão ser posicionadas de forma a garantir a melhor comodidade ao idoso.*
- (90) *Art. 42. É assegurada[Processo Material – voz passiva] a prioridade do idoso[Beneficiário] no embarque no sistema de transporte coletivo.*
(CAPÍTULO X - Do Transporte)

Vale ressaltar que a escolha do processo material abstrato ‘assegurar’ pelo legislador constitui em uma forte modalidade, expressa em todos os excertos supracitados. No Art. 15, o

ator da oração, o SUS, responsável pela atenção integral à saúde do idoso, é incluído na oração. Embora nos Art. 16 e Art. 17, excertos (86) e (87), o ator das orações está apagado, pode-se inferir que quem assegura o direito de acompanhante, o direito de optar pelo tratamento de saúde, assim como o direito à gratuidade no transporte coletivo é a lei. Nos Art. 39,41,42 a pessoa idosa, posicionada como Beneficiário, recebe bens e serviços.

Diante das análises do processo material ‘assegurar’, cabe elencar, ainda que de maneira resumida, as metas relacionadas à esse processo no sentido de esclarecer o que de fato está sendo assegurado no dispositivo sob análise, ainda que de maneira abstrata. Vale ressaltar que o nosso interesse no estudo das metas do Estatuto foi também motivado pelos eventos de letramento, pois os idosos, durante as aulas, indagavam sobre os seus direitos. Tais metas serviram como temas para leitura e debate nas oficinas de letramento. O Quadro 18 sintetiza as metas das ações materiais realizadas em voz passiva e em voz ativa com o processo ‘assegurar’ no Estatuto do Idoso.

Quadro 18 – Metas do processo material assegurar em voz passiva e em voz ativa

	<ul style="list-style-type: none"> ➤ a atenção integral à saúde do idoso; ➤ direito a acompanhante, quando internado ou em observação; ➤ direito de optar pelo tratamento de saúde que lhe for reputado mais favorável; ➤ benefício mensal de um salário mínimo, quando o idoso (acima de 65 anos) ou a família não tiver condições de prover por ele; ➤ gratuidade no transporte coletivo; ➤ reserva de 5 por cento das vagas em estacionamentos público e privados; ➤ prioridade no embarque no sistema de transporte coletivo; ➤ prioridade na tramitação dos processos e procedimentos e na execução dos atos e diligências judiciais;
	<ul style="list-style-type: none"> ➤ todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade; ➤ a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária. ➤ a liberdade, o respeito e a dignidade, como pessoa humana e sujeito de direitos civis; ➤ Retenção do cartão magnético de conta bancária relativa a benefícios, proventos ou pensão do idoso, bem como qualquer outro documento com objetivo de assegurar recebimento ou ressarcimento de dívida.

Fonte: o autor (2016)

É inquestionável o teor das metas propostas nos dispositivos. Grandes avanços poderiam ser alcançados com sua plena implementação. No entanto, a lei por si só não garante que seus dispositivos se tornem realidade para essa faixa etária da sociedade. Depende-se muito da sensibilidade dos legisladores na plena implementação das políticas, do Estado em disponibilizar recursos para que tais políticas sejam efetivadas. Desnecessário dizer que a sociedade exerce um papel importante nesse cenário, pois a ela cabe o dever de pressionar pela implementação das políticas prescritas na lei, e, sobretudo, comungar dos princípios de solidariedade para com a pessoa idosa.

5.3.2 Processos relacionais

Mediante ao quantitativo de [42] ocorrências, os processos relacionais ocupam o segundo lugar de expressividade no documento. Os processos relacionais constroem uma relação entre dois termos, em que a relação é expressa em geral pelo verbo ser/estar, conforme explicitado no item 2.2.1. Desse modo, haverá sempre dois participantes, que se realizam por um grupo nominal, podendo ser coisas, atos e fatos (EGGINS, 2004). As orações relacionais servem para caracterizar ou identificar e se dividem em intensivas, possessivas e circunstanciais, sendo que todas elas podem ser atributivas ou identificativas. Do ponto de vista do dispositivo, tem-se a ocorrência dos Processos Relacionais Atributivos e Possessivos. Vejamos alguns exemplos de sua realização:

- (91) *Art. 37. O idoso [Portador] tem [Processo Relacional Possessivo] direito a moradia digna [Possuído], no seio da família natural ou substituta, ou desacompanhado de seus familiares, quando assim o desejar, ou, ainda, em instituição pública ou privada [Circunstância de localização-lugar].*
(CAPÍTULO IX - Da Habitação)

- (92) *Art. 48. As entidades de atendimento [Portador] são [Processo Relacional Atributivo] responsáveis pela manutenção das próprias unidades [Atributo Circunstancial de causa-finalidade], observadas as normas de planejamento e execução emanadas do órgão competente da Política Nacional do Idoso, conforme a Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994.*
(CAPÍTULO II - Das Entidades de Atendimento ao Idoso)

No Art. 37, pode-se perceber que o processo relacional possessivo indica que o idoso, na posição de Portador, tem direito à moradia digna (...), circunstanciado pela instituição pública ou privada. Já no Art. 48, o processo relacional cumpre a função de atribuir às entidades de atendimento a responsabilidade pela manutenção de suas próprias unidades (...).

Em síntese, as ações que se realizam por processos relacionais no dispositivo constroem uma relação de caracterização, assim como uma relação de posse. Servem também

para construir a voz passiva das orações com ser/estar, além de serem empregadas como uma maneira de representar modalidade no discurso.

5.3.3 Processos verbais no Estatuto do idoso

Os processos verbais aparecem no Estatuto do Idoso com [34] ocorrências. As “[...] orações verbais têm como núcleo os processos do dizer” e auxiliam na construção de discursos narrativos, dialógicos, acadêmicos por meio de citações, referências a outros textos e argumentações (FUZER; CABRAL, 2014, p. 72). Os participantes desse tipo de oração são *dizente*, *verbiagem*, *receptor* e *alvo*. O *dizente* pode ser o enunciador (humano) ou pode ser uma fonte simbólica, como o Ministério Público. A *verbiagem* é o dito. O *receptor* é o participante a quem a mensagem é direcionada. E o *alvo* é a entidade atingida pelo processo de dizer. Apresento, a seguir, alguns exemplos que ilustram as ações verbais presentes no dispositivo.

- (93) *Art. 19. Os casos de suspeita ou confirmação de maus-tratos contra idoso[Verbiagem] serão obrigatoriamente comunicados[Processo Verbal] pelos profissionais de saúde[Dizente] a quaisquer dos órgãos:
I – Autoridade Policial; II – Ministério Público; III – Conselho Municipal do Idoso; IV – Conselho Estadual do Idoso; V – Conselho Nacional do Idoso.
(CAPÍTULO IV - Do Direito à Saúde)*
- (94) *§ 2º Em se tratando de afastamento provisório ou definitivo de dirigente de entidade governamental[Alvo], a autoridade judiciária[Dizente] oficiará[Processo Verbal] a autoridade administrativa imediatamente superior ao afastado, fixando-lhe prazo de vinte e quatro horas para proceder à substituição.
(TÍTULO VI - CAPÍTULO VI - Da Apuração Judicial de Irregularidades em Entidade de Atendimento)*

No Art. 19, nota-se que a ação verbal selecionada pelo legislador refere-se à obrigatoriedade de se comunicar suspeitas de maus-tratos contra os idosos às autoridades responsáveis. Já a ação verbal selecionada pelo legislador no § 2º, busca por meio de ofício, comunicar o período para substituição do dirigente de uma entidade governamental que fora afastado permanente ou temporariamente. Com base nas análises, pode-se afirmar que as ações verbais são, em grande medida, usadas como instrumentos para comunicar às autoridades maus-tratos contra os idosos, solicitar informações e diligências.

5.3.4 Processos mentais

Os processos mentais presentes no documento totalizam [14] ocorrências. As orações mentais referem-se às experiências do mundo da consciência. Os participantes são geralmente humanos, ou seja, aqueles que pensam, percebem e desejam, desempenhando o papel de *experienciador* (FUZER; CABRAL, 2014). Às vezes, se realizam por entidades inanimadas ou desprovidas de consciência, como uma instituição. O que é sentido pelo experienciador do processo é denominado de *Fenômeno*. Apresento a seguir alguns exemplos para ilustrar as ocorrências das ações mentais presentes no documento.

- (95) *Art. 96. Discriminar[Processo Mental] pessoa idosa[Experienciador], impedindo ou dificultando seu acesso a operações bancárias, aos meios de transporte, ao direito de contratar ou por qualquer outro meio ou instrumento necessário ao exercício da cidadania, por motivo de idade:
Pena – Reclusão de seis meses a um ano e multa.*
- (96) *§ 1º Na mesma pena incorre quem[Experienciador] desdenhar, humilhar, menosprezar ou discriminar [Processo Mental] pessoa idosa[Experienciador], por qualquer motivo.
(CAPÍTULO II - Dos Crimes em Espécie)*
- (97) *Art. 40. No sistema de transporte coletivo intermunicipal e interestadual observar-se-á [Processo Mental], nos termos da legislação específica:
I – a reserva de duas vagas gratuitas por veículo para idosos com renda igual ou inferior a dois salários mínimos[Fenômeno];
(CAPÍTULO X - Do Transporte)*

Observa-se no Art. 95 e 96, excertos (95) e (96), que as ações mentais: desdenhar, menosprezar, humilhar, ou discriminar idosos por qualquer indivíduo serão punida nos conformes da lei. No Art. 40, excerto (97), infere-se que o experienciador, apagado, seja o Ministério Público, que observará que seja assegurada no sistema de transporte coletivo intermunicipal e interestadual a reserva de duas vagas gratuitas para idosos com renda igual ou inferior a dois salários mínimos. Observa-se, mediante as análises, que a ações mentais presentes no documento, refletem a preocupação do legislador em estabelecer os crimes e as multas aos infratores da lei que visa proteger a pessoa idosa.

5.3.5 Processos existenciais

As orações existenciais perfizeram um total de [7] ocorrências. Os processos existenciais referem-se ao mundo do existir. No português brasileiro se realiza principalmente pelo verbo haver, no sentido de existir e o verbo ter (também com o sentido de haver) (SILVA, 2013). Na oração existencial só há um participante, denominado de Existente, que

pode ser uma pessoa, um objeto, ou uma abstração, ação ou evento. Vejamos alguns dados sobre as ações existenciais encontradas no Estatuto do Idoso.

- (98) *Art. 84. Os valores das multas previstas nesta Lei reverterão ao Fundo do Idoso[Existente], onde houver[Processo Existencial], ou na falta deste, ao Fundo Municipal de Assistência Social, ficando vinculados ao atendimento do idoso.*

(CAPÍTULO III - Da Proteção Judicial dos Interesses Difusos, Coletivos e Individuais Indisponíveis ou Homogêneos)

- (99) *Art. 56. Deixar, a entidade de atendimento, de cumprir as determinações do art. 55 desta Lei:*

Pena – multa de quinhentos a três mil reais, se o fato não for caracterizado como crime, podendo haver[Processo Existencial] a interdição do estabelecimento[Existente] até que sejam cumpridas as exigências legais.

(CAPÍTULO IV - Das Infrações Administrativas)

Nos Art. 84 e Art. 56, notam-se as ações do existir, realizadas pelo verbo haver: *houver e podendo haver* (modalizada). As ocorrências referem-se à existência do Fundo do Idoso e à possibilidade de haver interdição da entidade de atendimento que não cumprir a lei.

Diante das análises apresentadas, foi possível desvelar as ações propostas no dispositivo legal e encontram-se divididas em ações materiais, relacionais, verbais, mentais e existenciais. As materiais foram as mais frequentes e emolduram as medidas a serem tomadas para garantir os direitos dos idosos. Já as relacionais indiciam as ações do ser e estar, ou seja o modo como as coisas serão e ficarão na medida em que as propostas forem implementadas, assim como um maneira de caracterizar e regulamentar as entidades governamentais e não-governamentais que prestam serviços as pessoas idosas. Além disso, como as orações relacionais constroem um sentido de posse, foram empregadas aqui para demonstrar os direitos que o idoso possui. As orações verbais emolduram ações que dizem respeito ao ato de comunicar às autoridades maus-tratos contra os idosos e solicitar informações. Já as ações existenciais tiveram a função de mostrar, por exemplo, a existência de coisas e pessoas: o Fundo do Idoso, as medidas coercitivas e o curador, caso o idoso não tenha condições de tomar suas próprias decisões.

É incontestável o fato de as ações prescritas no documento reforçarem o amparo ao idoso, esse é o seu propósito. Assim, o referido Estatuto estabelece com prioridade absoluta normas protetivas e mecanismos destinados à assegurar os direitos dos idosos. Nota-se, no entanto, que a construção desse caráter protetivo na lei se alicerça em representações do idoso como alguém vulnerável, improdutivo e incapaz, colocando-o, à luz da transitividade, em grande medida, como um participante beneficiário, conforme discutido no próximo item.

Tendo em vista a pergunta norteadora de apontar as representações linguístico-discursivas presentes no discurso do Estatuto do Idoso, torna-se, pois, necessário investigar as ações e os atores sociais no dispositivo. Até aqui, apresentei as ações que compõem o documento. Na sequência, analiso o modo como os atores sociais são representados.

5.4 REPRESENTAÇÃO DOS ATORES SOCIAIS NO ESTATUTO DO IDOSO

Investigar “[...] as maneiras pelas quais atores sociais são representados significa trilhar um caminho que permite a identificação de posicionamentos ideológicos em relação a eles”, assim como suas ações (SILVA, 2013, p. 95). No caso específico deste estudo, torna-se imperioso entender quais são os atores sociais que compõem o Estatuto do Idoso e como são representados, conforme ilustra o Quadro 19.

Quadro 19 – Representação dos atores sociais no Estatuto do idoso

Atores sociais	Tipos de representação	Quant. de ocorrências
Idoso(s) [117], pessoa(s) idosa(s) [13], maior de 60 (sessenta) anos[9], pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos [3], população idosa[3], idosos portadores de deficiência ou com limitação incapacitante[3], trabalhadores[1], segurado[1], aposentados[1], pensionistas[1], maiores de 65 (sessenta e cinco) anos[1], na faixa etária de 60 (sessenta) e 65 (sessenta e cinco) anos[1].	Representação do idoso	168
Ministério Público[33], Poder Público[10], juiz[7], Conselho do Municipal do Idoso[5], autoridade judiciária[5], Conselho Nacional do Idoso[4], Conselho Estadual do Idoso[4], entidades governamentais [4], Estado[3], Conselho Superior do Ministério Público[3], médico [3].	Representação do Poder Público	133
Entidade de atendimento [14], dirigentes de entidades[7], entidades de longa permanência[5], entidades não governamentais de assistência ao idoso[4], casa-lar[3], sociedade[3]; gerações[2], todos[2], instituição privada[2], instituição filantrópica[2].	Representação da sociedade	86
Família [7], familiares[7], curador[7], familiar[2], convivência familiar[2], parentes[2], responsáveis[2], membro da família[1], representante legal[1].	Representação da família	37

Fonte: o autor (2016)

Com esse propósito em mente, mediante um levantamento com contagem manual, realizei uma análise, de oração por oração no documento e, como resultado, construí um quadro conforme a recorrência dos atores sociais na lei. De modo natural, as categorias se evidenciaram pelo caráter semântico que as uniam, conforme apresentadas no Quadro 19.

Pode-se perceber, com base no quadro, as categorias dos atores sociais e suas respectivas recorrências: a representação do Idoso [168], a representação do Poder Público [133], a representação da família[37] e a representação da sociedade[86]. Essas quatro categorias de representação nos remetem ao Título I, Disposições Preliminares, Art. 3 do referido Estatuto em que se lê: É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária. Foi a partir desse artigo do Estatuto do Idoso e da leitura criteriosa dos dados selecionados que se constituiu as categorias dos atores sociais. Sublinho que as categorias de representação da sociedade e da comunidade se uniram em uma só categoria por fazerem parte do mesmo campo semântico.

5.4.1 Representação do idoso

Compreender o modo como o documento representa o idoso é importante, pois, é a partir dessa representação que se desenham ações, medidas e políticas públicas, assim como, os seus desdobramentos. Por se tratar de uma lei voltada para assegurar os direitos da pessoa idosa, tal expressiva representação não nos traz estranheza. O ator social idoso é representado por diversos termos, ora por classificação, por um substantivo ou grupo nominal, expressando uma categoria a partir da faixa etária ou classe: idoso [117], pessoa(s) idosa(s) [13], maior de 60 (sessenta) anos[9], pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos [3], população idosa[3], ora por funcionalização, ou seja, um substantivo ou grupo nominal, referindo a uma atividade institucional: trabalhadores[1], segurado[1], aposentados[1], com base em Van Leeuwen, 2008.

Baseado nas ocorrências dos modos como o idoso é representado no Estatuto, fiz um levantamento sobre as realizações dessa representação, a partir dos papéis gramaticais nas orações do documento, pelas lentes da transitividade. Van Leeuwen nos esclarece que os atores sociais podem ser representados por ativação e por passivação. A ativação ocorre quando os atores sociais são representados como ativos, ou seja, “[...] como forças dinâmicas

em uma atividade” (VAN LEEUWEN, 2008, p. 33). Com relação à participação, podem ser realizados pelos papéis gramaticais de ator em processos materiais, atributo em processos relacionais, experienciador em processos mentais, dizente em processos verbais ou comportante em processos comportamentais. A passivação, conforme o referido autor, ocorre quando os atores sociais são representados como os que sofrem a ação ou são colocados na posição de beneficiário. Com relação à participação na oração, podem ser realizados pelos papéis gramaticais de meta em processos materiais, portador em processo relacionais ou fenômeno em processo mentais. O Quadro 20 ilustra as ocorrências da categoria idoso no documento.

Quadro 20 – Ocorrência do idoso no Estatuto do Idoso

Participante 1	Ocorrências	Participante 2	Ocorrências
Portador	11	Beneficiário	76
Ator	6	Meta	16
Experienciador	4	Verbiagem	2

Baseado em Moreira (2015, p. 235)

O índice de recorrência do idoso como beneficiário [76] indica como esse ator social é representado no documento. Desse modo, tornou-se necessário buscar mais esclarecimentos sobre essa forma de representação, por exemplo, identificar os tipos de benefícios outorgados a pessoa idosa e quem exerce o papel de ator da ação.

No que concerne à representação como Beneficiário, vale lembrar que o participante da oração se beneficia de um processo, ou seja, de uma ação desempenhada por um ator. O beneficiário pode ser classificado como recebedor ou cliente. É denominado recebedor “[...] quando recebe bens materiais, transferidos pelo ator e é cliente quando recebe serviços prestados pelo ator” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 51). Trago, a seguir, alguns exemplos para ilustrar o modo como o idoso é representado no Estatuto do Idoso, tanto como beneficiário recebedor, quanto beneficiário cliente.

5.4.1.1 Idoso como beneficiário-recebedor

(100) *§ 2º Incumbe ao Poder Público[Ator] fornecer[Processo Material] aos idosos [Beneficiário-recebedor], gratuitamente[Circunstância de Modo], medicamentos, especialmente os de uso continuado, assim como próteses, órteses e outros recursos relativos ao tratamento, habilitação ou reabilitação.*
(CAPÍTULO IV - Do Direito à Saúde)

(101) *Art. 11. Os alimentos serão prestados[Processo Material-voz passiva] ao*

idoso[Beneficiário-Recebedor] na forma da lei civil[Circunstância de Contingência].

(CAPÍTULO III - Dos Alimentos)

- (102) *Art. 34. Aos idosos*[Beneficiário-Recebedor], a partir de sessenta e cinco anos, que não possuam meios para prover sua subsistência, nem detê-la provida por sua família, é assegurado[Processo Material-voz passiva] o benefício mensal de um salário mínimo[Meta], nos termos da Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS[Circunstância de Contingência].

(CAPÍTULO X – Do Transporte)

No § 2º, Arts. 11 e 34, excertos (100), (101) e (102), o idoso é representado como beneficiário recebedor. Recebe medicamentos gratuitos, especialmente de uso continuado (§ 2º). No Art. 34, recebe o benefício mensal de um salário mínimo, quando nem ele nem a família possuem meios para prover sua subsistência. Do ponto de vista das obrigações alimentares, caso o idoso ou seus familiares não possuam condições econômicas de prover seu sustento, a ele a subsistência será proporcionada.

5.4.1.2. Idoso como beneficiário-cliente

- (103) *Art. 33. A assistência social*[Meta] aos idosos[Beneficiário-Cliente] será prestada[Processo Material-voz passiva], de forma articulada[Circunstância de Modo], conforme os princípios e diretrizes previstos na Lei Orgânica da Assistência Social, na Política Nacional do Idoso, no Sistema Único de Saúde e demais normas pertinentes.

(CAPÍTULO VII – Da Assistência Social)

- (104) § 4º Para o atendimento prioritário será garantido [Processo Material - voz passiva] ao idoso[Beneficiário-Cliente] o fácil acesso aos assentos e caixas, identificados com a destinação a idosos [Meta] em local visível e caracteres legíveis[Circunstância de Localização].

(TÍTULO V - Do Acesso à Justiça- CAPÍTULO I - Disposições Gerais)

- (105) § 2º Nos veículos de transporte coletivo de que trata este artigo, serão reservados [Processo Material-voz passiva] dez por cento dos assentos[Meta] para os idosos[Beneficiário-Cliente], devidamente identificados [Circunstância de Modo] com a placa de reservado preferencialmente para idosos [Circunstância de Acompanhamento].

(CAPÍTULO X – Do Transporte)

Nos Art. 33, § 4º e 2º, excertos (103) (104) e (105), o idoso é representado como recebedor cliente. A ele é proporcionado alguns serviços, como a assistência social de forma articulada (Art. 33), assim como o fácil acesso a assentos e caixas (§ 4º,) e a reserva de dez por cento dos assentos nos veículos de transportes coletivo (§ 2º). Com base nos dados, nota-

se que o idoso não é representado como ator principal, ativo e dotado de certo protagonismo nas orações. Ao contrário, é representado como frágil, improdutivo, vulnerável, incapaz. Apesar dos avanços trazidos pela promulgação do Estatuto do Idoso, no que tange à representação da pessoa idosa, parece estar em desalinho com as propostas estabelecidas nos documentos internacionais, que espelham uma representação mais ativa do idoso. Não somente lhe concedendo bens materiais e serviços, mas estabelecendo a participação no mercado de trabalho, para aqueles que assim o quiserem, assim como na elaboração de políticas públicas que lhe dizem respeito. Nas orações analisadas, o idoso ocupa a posição de quem recebe benefícios em forma de serviços e bens materiais, assegurados principalmente por atores sociais representados pelo Poder Público.

5.4.2 Representação do Poder Público no Estatuto do Idoso

O Poder Público, constituído pelos três poderes: Poder Legislativo, Poder Executivo e Poder Judiciário, tem a autoridade e a legitimidade de ordenar e regular o funcionamento da sociedade. A representação da categoria ‘Poder público’ se manifesta no documento por meio de diversos atores sociais.

Vale destacar que os atores sociais, conforme aponta van Leeuwen (2008), podem ser representados não somente de modo personalizado, por meio de pronomes pessoais, de pronomes possessivos e de nomes próprios, o que evidencia suas características humanas. Eles podem também ser representados por impersonalização, isto é, por substantivos concretos e abstratos cujos sentidos não incluem traços semânticos humanos. A objetivação, por exemplo, é uma subcategoria da impersonalização e ocorre quando os atores sociais são representados por meio da referência do lugar ou coisa, associados à pessoa ou à ação em que estão sendo representados. Quando se trata de uma representação por meio de uma referência a um lugar onde o ator social está, em um dado contexto a ele associado, o referido ator a denomina de ‘espacialização’, uma forma de objetivação.

Nessa perspectiva, os atores sociais: Ministério Público[33], Poder Público[10], Conselho Municipal do Idoso[5], Conselho Nacional do Idoso[4], Conselho Estadual do Idoso[4], entidades governamentais [4], Estado[3], Conselho Superior do Ministério Público[3] são classificados por objetivação. Os atores sociais: juiz[7] e autoridade judiciária[5] classificam-se por ‘funcionalização’, ou seja, são representados pela atividade que realizam (VAN LEEUWEN, 2008).

Nota-se, a partir dos dados quantitativos, que o Poder Público é posicionado como o ator principal no documento, indiciando a ação complexa de criar, modificar e fiscalizar normas e leis, aplicar essas normas, assim como desenvolver políticas governamentais para assegurar os direitos da pessoa idosa. As ações ligadas aos atores sociais, codificados aqui pela categoria ‘Poder Público’ encerram os processos materiais concretos (assegurar direitos, fornecer medicamentos, fiscalizar as entidades), processos materiais criativos (criar programas de acesso à educação, oportunidades e varas exclusivas), processos verbais (oficiar, requisitar documentos, homologar, determinar medidas) entre outros. Vejamos alguns exemplos.

- (106) *Art. 21. O Poder Público[Ator] criará[Processo Material criativo] oportunidades de acesso do idoso[Beneficiário] à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados [Meta].*

(CAPÍTULO V - Da Educação, Cultura e Lazer)

- (107) *Art. 45. Verificada qualquer das hipóteses previstas no art. 43, o Ministério Público ou o Poder Judiciário [Dizente], a requerimento daquele, poderá determinar [Processo Verbal], dentre outras, as seguintes medidas: Encaminhamento à família ou curador, mediante termo de responsabilidade; (entre outras medidas).*

(CAPÍTULO II - Das Medidas Específicas de Proteção)

- (108) *Art. 52. As entidades governamentais e não-governamentais de atendimento ao idoso [Meta] serão fiscalizadas [Processo Material – voz passiva] pelos Conselhos do Idoso, Ministério Público, Vigilância Sanitária [Ator] e outros previstos em lei.*

(CAPÍTULO III - Da Fiscalização das Entidades de Atendimento)

Nos Arts. 21, 45 e 52, excertos (106), (107) e (108), o Poder Público, o Ministério Público ou o Poder Judiciário e os Conselhos do Idoso e o Ministério Público se realizam nos papéis de agentes das orações, na respectiva ordem: Ator, Dizente e Ator. Tal representação os garante o protagonismo em criar oportunidades de acesso do idoso à educação, determinar medidas de proteção ao idoso, assim como fiscalizar as entidades de atendimento ao idoso, entre outras atribuições.

Pela lente das narrativas dos idosos desta pesquisa, os atores representados na categoria Poder Público se mostram presentes na vida cotidiana dos colaboradores, materializados na implementação de algumas políticas públicas, de modo específico, refiro-me às políticas voltadas para a saúde, a educação, o transporte público e as leis coercitivas contra abusos e discriminação. No entanto, quero adiantar que, mediante a aproximação entre

o discurso legal e o discurso narrativo, foi possível identificar a ausência de ações e inadequação de políticas públicas voltadas para o grupo de colaboradores desta pesquisa.

5.4.3 Representação da sociedade no Estatuto do Idoso

A representação da sociedade, do ponto de vista de sua ocorrência no referido estatuto, ocupa o segundo lugar. Essa posição se deve possivelmente ao que a lei da sociedade espera. Os atores sociais ligados ao grupo denominado ‘sociedade’ são, em sua maioria, representados de modo impersonalizado por objetivação/espacialização, como, entidades de atendimento[14], entidades de longa permanência[5], entidades não governamentais de assistência ao idoso[4], casa-lar[3]; instituição privada[2], instituição filantrópica[2], instituição sem fins lucrativos[2]. Os atores sociais representados de forma personalizada por funcionalização são os dirigentes de entidades[7]. Já as os termos gerações[2] e todos[2] são representados por classificação e generalização, com base em Van Leeuwen (2008). Como a maior expressão cai sobre os espaços que servem como uma extensão do lar para os idosos, depreende-se, desse modo, que há uma necessidade de regulamentar o número considerável de entidades que prestam serviços aos idosos. Os próximos excertos ilustram como a sociedade é representada no documento.

- (109) *Art. 3º É obrigação da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público [Ator] assegurar [P. Material] ao idoso [Beneficiário], com absoluta prioridade [Circunstância], a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária [Meta].*

(TÍTULO I - Disposições Preliminares)

- (110) *Art. 10. É obrigação do Estado e da sociedade[Ator], assegurar[Processo Material] à pessoa idosa [Beneficiário] a liberdade, o respeito e a dignidade, como pessoa humana e sujeito de direitos civis, políticos, individuais e sociais, garantidos na Constituição e nas leis [Meta].*

(CAPÍTULO II – Do Direito à liberdade, ao respeito e à dignidade)

- (111) *§ 3º É dever de todos[Ator] zelar[Processo Material] pela dignidade do idoso, colocando-o a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor [Meta].*

(TÍTULO II – CAPÍTULO I – Do Direito à vida)

- (112) *Art. 35. Todas as entidades de longa permanência, ou casa lar [Portador], são[Processo Relacional] obrigadas a firmar contrato de prestação de serviços com a pessoa idosa abrigada [Atributo].*

(CAPÍTULO VIII - Da Assistência Social)

- (113) *§ 3º As instituições que abrigarem idosos [Portador] são [Processo Relacional] obrigadas a manter padrões de habitação compatíveis com as necessidades [Atributo], bem como provê-los com alimentação regular e higiene indispensáveis e condizentes com as normas sanitárias, sob as penas da lei.*

(CAPÍTULO II - Das Entidades de Atendimento ao Idoso)

Nos § 3º, Art. 10, § 3º, Art. 35 e § 3º, excertos (109), (110), (111), (112) e (113), a sociedade, as entidades, instituições e todos os cidadãos, estão colocados na posição de agente, pois espera-se deles o cumprimento da ação que lhes é referida, no sentido de garantir a proteção à pessoa idosa. Pode-se observar que quando se realiza por processos materiais, como em (109), (110) e (111) a sociedade - o ator das orações-, é quem assegura a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária, como pessoa humana e sujeito de direitos civis, colocando o idoso a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor. Em processos relacionais, a sociedade se realiza como portador, caracterizando a obrigação das entidades de atendimento ao idoso a manter padrões de habitação compatíveis com as necessidades dos idosos. Em (112) e (113), as entidades e as instituições que abrigam os idosos são portadoras da obrigatoriedade no que concern ao cumprimento da lei.

Com base nas narrativas, percebemos que esta sociedade representada no dispositivo legal, para cumprir o que a lei preconiza, precisa ser educada e sensibilizada sobre os cuidados e sobre os direitos dos idosos. Os atores sociais que compõem a categoria ‘sociedade’ são representados como excludentes: médicos e atendentes que negam o atendimento prioritário, motoristas de ônibus que negam carregar passageiros idosos, jovens que agridem idosos nos espaços públicos, contrariando o que se espera deles, e, sobretudo, infringindo as leis de proteção ao idoso.

5.4.4 Representação da família no Estatuto do idoso

A família tem a menor expressividade no quadro das representações dos atores sociais. No entanto, sabemos quão importante é o seu papel para garantir qualidade de vida para os idosos. Pela análise dos dados quantitativos, depreende-se que a família ocupa uma posição coadjuvante no que concerne à atenção integral ao idoso. No dispositivo, o ator social que compreende a família encontra-se representada por família [7], familiares[7], curador[7],

familiar[2], convivência familiar[2], parentes[2], responsáveis[2], membro da família[1], núcleo familiar[1], grupo familiar[1], pessoa de sua convivência[1], cuidadores familiares[1], acompanhante[1], filho menor de 18 (dezoito) anos[1], representante legal[1]. Vejamos alguns exemplos de como a família é representada no Estatuto.

- (114) *Art. 3º É obrigação da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público[Ator] assegurar[Processo Material] ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.*

(TÍTULO I - Disposições Preliminares)

- (115) *Art. 37. O idoso[Portador] tem[Processo Relacional Possessivo] direito a moradia digna[Possuído], no seio da família natural ou substituta [Circunstância de Localização], ou desacompanhado de seus familiares, quando assim o desejar, ou, ainda, em instituição pública ou privada.*

(CAPÍTULO IX - Da Habitação)

- (116) *Art. 14. Se o idoso ou seus familiares não possuírem condições econômicas de prover o seu sustento, impõe-se ao Poder Público esse provimento, no âmbito da Assistência Social.*

(CAPÍTULO III - Dos alimentos)

No Art. 3º, excerto (114), família, a comunidade, a sociedade em geral e do Poder Público ocupam a posição de ator da oração. Sua obrigação engendra no processo material “assegurar” a efetivação dos direitos dos idosos. Já o Art. 37, excerto (115), a ‘família’ está posicionada na circunstância da oração. No Art. 14, excerto (116), a família, que se realiza na posição de portador, não tendo condições econômicas de prover o sustento, caberá ao Poder Público tal provimento. Os outros termos que constituem a categoria ‘família’ ocorrem ora nas posições de meta, ora nas posições de circunstância das orações.

Com base nas narrativas dos idosos desta pesquisa, vimos que a família nas condições apresentadas pelos colaboradores está, por um lado, aquém do desejado, no que concerne aos cuidados com a saúde e a estabilidade econômica, por exemplo. Essa família que por vezes se mostra incapaz e instável, tem exigido do idoso não somente a participação afetiva, mas sua participação financeira, em muitos casos exaurindo a única fonte de renda da família. Teriam essas famílias condições de desempenhar um papel mais arrojado, do ponto de vista da sua participação na vida do idoso? Mediante as análises, alguns fatos sobre a família tornam-se mais preponderantes, tais como, problemas relacionados ao uso de drogas pelos filhos e netos, à discriminação e à violência dentro do próprio lar, assim como a exaustão da única fonte de renda consolidada nas famílias deste estudo.

Em síntese, a partir das análises das representações sociais no Estatuto do Idoso é possível constatar que o documento se alinha a alguns dos Princípios das Nações Unidas para Pessoa Idosa de 1991, como o acesso à alimentação, à habitação, ao vestuário, à saúde e educação. No entanto, se comparado às 117 recomendações propostas pelo Plano de Ação Internacional de Madri de 2002, em que se preza o envelhecimento ativo, o Estatuto do Idoso não propõe ações concretas para a participação mais ativa do idoso, por exemplo, no tocante a sua participação na formulação e na execução de políticas que afetem diretamente o seu bem-estar. A representação do idoso no documento tem um caráter protecionista, que ortorga a ele benefício e serviços.

Um caminho seria romper com o discurso arraigado de que idoso é sinônimo de incapaz, improdutivo e buscar “[...] desnaturalizar em condições propícias, até mesmo desestabilizar o discurso do ‘senso comum’ decorrente de práticas sociais repetidas”, promovidas, por exemplo pela circulação de documentos, políticas e ações, propagandas, chavões, cujas representações podem incutir percepções equivocadas sobre o papel do idoso na sociedade (SILVA, 2013, p. 89).

Tendo em vista as ações presentes nos Estatuto do Idoso, assim como os atores sociais inscritos no dispositivo, cabe traçar um contraste entre o que os idosos da Estrutural vivenciam no seu dia-a-dia e o que prescreve a lei.

5.5 A APROXIMAÇÃO DO DISCURSO LEGAL COM AS HISTÓRIAS DE VIDA

Apresento uma análise organizada a partir de um cotejo entre as narrativas dos idosos da Estrutural e o Estatuto do Idoso. Ao narrarem suas histórias de vida, os colaboradores desta pesquisa trouxeram à tona, não somente uma rica memória de experiências vividas, mas tornaram visíveis seus enfrentamentos cotidianos, pormenorizados nos depoimentos. Desse modo, sob a lupa dessas narrativas foi possível enxergar a materialização do Estatuto do Idoso e seus desdobramentos, ou seja, suas ações, seu impacto na vida social. Não nos interessa investigar o alcance do Estatuto no âmbito nacional, mas o que de fato se almeja é dar visibilidade de um contexto mais específico, situado, a partir das vozes daqueles a quem a lei se destina. Uma vez realizada a aproximação desses dois discursos: do legal e do narrativo poderemos vislumbrar o que já se mostra consolidado pela implementação da lei e o que ainda precisa ser alcançado, possibilitando o debate sobre a formulação de propostas com vistas a melhorar a qualidade de vida dos idosos.

O Estatuto do Idoso foi examinado pelas lentes da narrativa. Trata-se de uma lei cujos desdobramentos encontram raízes na vida cotidiana dos idosos da Estrutural, ora materializada pelo sucesso de suas ações e políticas de garantia do amparo, ora pela sua ineficácia ou inadequação. Desse modo, temas recorrentes inscritos nas narrativas remetem-nos diretamente aos temas encontrados no Estatuto do Idoso, constituindo-se assim como categorias de análise, a saber: do direito à saúde, do direito à educação e da discriminação contra o idoso. Vale ressaltar que essas categorias não foram aprioristicamente determinadas, na verdade, emergiram das narrativas.

Antes de iniciar a análise propriamente dita, vale ressaltar que é inegável o papel do Estatuto do Idoso para a vida dos brasileiros idosos. Trata-se de um avanço significativo em nossa legislação, cujo propósito é garantir o respeito aos idosos, com vistas a consolidar e a ampliar os direitos, assim como garantir a cidadania a todas as pessoas com idade igual ou superior a sessenta anos.

5.5.1 Do direito à saúde

A representação da saúde ocupa um papel importante no discurso dos idosos. A garantia de uma boa saúde pode significar qualidade e perspectiva de vida, e, sobretudo, expansão da capacidade funcional. Desse modo, os colaboradores deste estudo mostram-se consternados, por um lado, no que concerne às visitas ao posto de saúde, as consultas, aos tratamentos. E, por outro lado, esperançosos ao trocar saberes tradicionais sobre remédios caseiros, como uma maneira de garantir um presente sadio e, conseqüentemente, abrir possibilidades para refletir sobre o futuro. O futuro só passa a existir quando o presente se encontra serenado e tranquilo. Muitas lutas precisam ser travadas antes que isso aconteça, quando se trata de idosos em situação de vulnerabilidade social e econômica. No próximo excerto, Dona Coração Solitário traz à tona sua indignação sobre a alimentação das pessoas que vivem na linha da pobreza.

- (117) 1 (CS) – *Eu nunca passei na reportagem. Porque se eu passar na*
 2 *reportagem eu falo que hoje o pobre num tem como ir pra frente*
 3 *porque num tem o que cumê, um alimento de cumê que presta.*
 4 (A) – *Não tem o quê?*
 5 (CS) – *Num tem um alimento de cumê que presta. O que que o pobre*
 6 *come? o pobre come é rebotalho, é só umas coisinha véia besta.*
 7 *Só besta que come. Vai se acabou na saúde, não tem como se*
 8 *tratar mesmo.*
 (Entrevista do dia 18 de março de 2015 - Dona Coração Solitário,

70 anos)

Dona Coração Solitário inicia sua narrativa afirmando que nunca fora convidada para uma entrevista televisiva. Caso fosse, diria que o pobre não tem como se desenvolver por causa da alimentação (1.6): *o pobre come é rebotalho*, sublinhando a representação da má qualidade da comida. Em razão da má alimentação, tem-se a deterioração da saúde e a dificuldade em recuperá-la, externa a idosa. Sua denúncia é pertinente e visionária. Remetemos a questões basilares da saúde, como a prevenção de doenças por meio da atenção básica e alimentação saudável e balanceada, temas que só recentemente começam a ganhar lugar na agenda governamental, por meio da Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (PNSAN)³¹, instituída pelo Decreto nº 7272, de 25 de agosto de 2010. Em contraste com a narrativa, vejamos como o Estatuto trata as questões apontadas por Dona Coração Solitário sobre saúde.

- (118) *Art. XXV Art. 15. É assegurada a atenção integral à saúde do idoso, por intermédio do Sistema Único de Saúde – SUS, garantindo-lhe o acesso universal e igualitário, em conjunto articulado e contínuo das ações e serviços, para a prevenção, promoção, proteção e recuperação da saúde, incluindo a atenção especial às doenças que afetam preferencialmente os idosos.*

(Do Direito à Saúde)

Por esse direito, entende-se o acesso universal e equânime, por meio do SUS, a serviços e ações para a prevenção, promoção, proteção e recuperação da saúde, garantindo a integralidade da atenção à saúde do idoso. Não se pode negar o alcance do SUS no âmbito nacional e o fato de que 70,6% da população idosa brasileira depende exclusivamente dele, perfazendo um total de aproximadamente 14,4 milhões de pessoas com mais de 60 anos de idade. A estimativa é de que nos próximos 20 anos esse número mais que triplique. Adicione-se ainda o aumento da expectativa de vida do brasileiro de 62,7 para 73,9 anos entre 1980 e 2013. Apesar de avanços, o SUS ainda não está totalmente preparado para amparar adequadamente a população idosa, considerando suas demandas e sua diversidade.

Diante das inúmeras visitas à Estrutural, assim como das conversas com os funcionários ligados ao posto de saúde, foi possível perceber não somente a atuação do SUS,

³¹ Em sua primeira diretriz, objetivo terceiro, a política traz: “Promover a melhoria das condições socioeconômicas e de acesso à alimentação e nutrição a idosos e pessoas com deficiência em situação de pobreza, beneficiárias do Benefício de Prestação Continuada (BPC), por meio do acesso à rede dos serviços socioassistenciais, das ações de segurança alimentar e nutricional e das demais políticas setoriais.” (BRASIL, 2010).

junto aos idosos da Estrutural, mas sobretudo ver a ação do programa Estratégia Saúde da Família (ESF), atenção à família e à comunidade, visando promover ações que vão desde a promoção da saúde e prevenção de doenças até a recuperação e a reabilitação, em seu modelo de intersetorialidade, que busca estabelecer uma relação de vínculo com a comunidade.

A despeito dos esforços mencionados anteriormente, a narrativa de Dona Coração Solitário ilustra sua dificuldade desde a solicitação de um exame de ressonância magnética, com o propósito de fechar um diagnóstico de câncer de mama, até a espera pelos resultados, conforme evidencia o excerto a seguir.

- (119) 1 (CS) *Me mandaru fazê um tal de ressonança, num sei nem o que que é*
 2 *isso, nunca tinha nem ouvido falar, aí deixei o papel lá no posto e*
 3 *fui no médico de novo. Eu sempre gosto de cuidar de mim. Aí fui,*
 4 *aí a médica pede de novo os inxames, aí quando eu chego lá em*
 5 *casa o ministério da saúde me liga e me fala que a consulta foi*
 6 *onti, eu, eu já tô com o papel dessa ressonança de novo. O*
 7 *Ministério da Saúde me falô preu fazê esse inxami, sabe pra onde?*
 8 *Lá no P. Sul. Aí, fui lá fazê o inxame, entrei num buraco que nem*
 9 *eu sei até onde eu fui nesse buraco. Oxe, eu nunca nem tinha feito*
 10 *esse inxame... pra marcar a volta tem de fazê o inxame de sangue,*
 11 *de urina, e de tudo. Só Deus sabe quando vai sair o resultado. A*
 12 *gente consulta mas as vez num tem como entregar pra saber o quê*
 13 *que deu e essa consulta do Hospital de Base até hoje nunca*
 14 *saiu o resultado.*
 15 (A) *Faz quanto tempo que a Senhora fez o exame?*
 16 (CS) *Fiz o inxame já tem bem uns oito mês, ou mais nunca fiquei*
 17 *sabeno o resultado. Aí vai passanu comprimido, vai passanu*
 18 *comprimido e a gente nem sabe pra quê que serve os*
 19 *comprimido...quando pensa que não, os órgão já foi foi tudo ...*
 (Entrevista do dia 18 de março de 2015 – Dona Coração Solitário, 70 anos)

Dona Coração Solitário inicia a narrativa revelando o seu desconhecimento do exame que estava prestes a realizar. Nota-se aqui a materialização da implementação da lei, por meio da oferta de exames especializados e seu agendamento confirmado por telefone. No entanto, na sequência, um rol de ações materiais constituem o mundo experiencial de uma mulher idosa pobre em busca do direito à saúde: ...*A gente consulta, mas às vez num tem como entregar pra saber o que que deu... e essa consulta do Hospital de Base nunca saiu o resultado. Fiz o inxame já tem uns oito mês, nunca fiquei sabeno o resultado.* Destaco a circunstância temporal selecionada pela Dona Coração Solitário para marcar a espera pelo resultado do referido exame. Chamo a atenção tanto para o Art. 15, aludido anteriormente, que preconiza a articulação “*das ações e serviços, para a prevenção, promoção, proteção e recuperação da saúde*” quanto para o papel exercido pelo geriatra e gerontólogo, o médico e

ESF mediando, informando, explicando e acompanhamento a/o paciente até a consumação da visita médica. O desfecho da narrativa denuncia a ineficácia do sistema no que concerne ao acompanhamento e a falta de instrução sobre os medicamentos (1.17-18): *mas aí vai passanu comprimido, vai passanu comprimido, vai passanu comprimido e a gente nem sabe pra quê que serve os comprimido...*

Em contraste com a narrativa de Dona Coração Solitário, temos o capítulo IV - Do Direito à Saúde, art. 15, § 1º e seus incisos I e II, sobre a preservação e a manutenção da saúde do idoso:

- (120) § 1º A preservação e a manutenção da saúde do idoso serão efetivadas por meio de:
 I – Cadastramento da população idosa em base territorial
 II – Atendimento geriátrico e gerontológico em ambulatórios

Sublinho o atendimento geriátrico e gerontológico em ambulatórios como meio de preservação e manutenção da saúde. Se tal atendimento já tivesse sido implementado como prescreve a lei, vários casos apresentados nesta tese poderiam ser atenuados. Primeiro, por ser o geriatra um médico especialista em cuidados da pessoa idosa. Segundo, por ser o gerontólogo um especialista com formação multidisciplinar (Psicologia, Serviço Social, Nutrição, Terapia Ocupacional e Direito), aptos para lidar com questões do envelhecimento e da velhice. Sem esse atendimento, perpetua-se o lastimável quadro de inadequação do sistema de saúde.

No próximo excerto, Dona Jovina revela uma importante conquista para os idosos: a aquisição de medicamentos de uso continuado de forma gratuita.

- (121) 1 (A) – *A senhora toma algum remédio controlado?*
 2 (J) – *Só o remédio de pressão.*
 3 (A) – *De pressão?*
 4 (J) – *É.*
 5 (A) – *A senhora consegue ele gratuitamente?*
 6 (J) – *É. Não. É! Tô conseguino ele na farmácia porque no posto não tem! Na farmácia popular.*
 7
 8 (A) – *Mas na farmácia a senhora consegue de graça?*
 9 (J) – *É. O rapaz me dá, todos os mês eu vô pegá lá. Eu fiz o cadastro*
 10 (A) *lá, aí eu vô lá e ele me dá o remédio.*
 11 (A) – *Perfeito! A senhora é atendida pelo posto maior ou o postinho?*
 12 (J) – *Lá pro postin, lá, lá em casa. Lá perto...*
 (Entrevista do dia 23 de Junho de 2015 – Dona Jovina – 64 anos)

Como podemos observar pelo excerto, Dona Jovina revela que adquire os medicamentos gratuitos na Farmácia Popular. Pode-se perceber que o Estatuto se materializa no contexto de situação por meio do Programa Saúde Não Tem Preço. Trata-se de uma grande conquista para a população idosa no Brasil, visto que oferece acesso gratuito a medicamentos para hipertensão entre outros, de uso continuado, conforme a política implementada desde fevereiro de 2011. Em seu art. 15, § 2º, no próximo excerto, a lei prescreve a gratuidade de medicamentos.

(122) § 2º *Incumbe ao Poder Público fornecer aos idosos, gratuitamente, medicamentos, especialmente os de uso continuado, assim como próteses, órteses e outros recursos relativos ao tratamento, habilitação ou reabilitação.*

No parágrafo 2º é o Poder Público quem está incumbido de *fornecer aos idosos, gratuitamente os medicamentos, especialmente os de uso continuado...* Alegro-me em saber que a política pública já foi implementada e seu acesso chega à maioria dos idosos da Estrutural³², mais especificamente, aos colaboradores desta pesquisa, como evidenciado no próximo excerto.

(123) 1 (F) – *Não! Aí, ele vai e troca minha receita, aí eu falo que aquele*
 2 *remédio num tá dando certo, que nem um dia desse eu tava*
 3 *tomando Lozatana. É, e ele tava dando uma facada no meu coração,*
 4 *uma facada tão firme, se demorasse, eu... Apagava, né? Aí eu fui,*
 5 *e lembrei do remédio, aí eu parei! Eu parei de tomá ele, aí eu*
 6 *digo: “eu tem que voltá no cubano.” Aí, fui lá no doutô! Cheguei*
 7 *lá, eu contei a história pra ele, ele falou que num... Falô que era o*
 8 *remédio, então, ia passá ôto, aí ele passo ôto, então, esse remédio*
 9 *nem tem no posto. Passô dois remédio que a minha pressão tava*
 10 *muito alta! Dezoito, dezenove... Vinte! Aí eu peguei no... No posto,*
 11 *fui procurá o remédio, num encontrei, aí eu, no meu pagamento*
 12 *ainda ia saí com uma semana. Aí eu esperei, memo com a pressão*
 13 *alta, pra mim podê comprá! Porque o remédio, eu tem um*
 14 *cartãozin na farmácia lá! Populá! Eu tenho o cartão de lá, então*
 15 *ele vende pra mim com preço, diminui um pouquin, né?*
 (Entrevista do dia 23 de Julho de 2014 – Dona Francisca, 68 anos)

A abertura da narrativa é marcada por verbos no imperfeito, como base temporal do mundo narrado da colaboradora: *estava* tomando Lozatan ... *é...* e ele *estava* dando uma facada no meu coração – uma facada tão firme – e se demorasse, eu... *apagava*, né? (1.3-4).

³² Há uma proposta encaminhada para o congresso que propõe cortes na área da saúde, que afetam diretamente a política de gratuidade de medicamentos de uso continuado. Uma vez aprovada, teremos muitos idosos, como os colaboradores desta pesquisa, impossibilitados de adquirirem medicamentos.

Tais escolhas léxico-gramaticais evocam a representação da duração do sofrimento causado pela medicação inadequada. A solução vislumbrada pela protagonista está na visita ao médico cubano, flagrada na modalidade deôntica escolhida (1.6): Eu tem que voltar no cubano. O referido médico ouve a história da paciente e prescreve outro medicamento ao que a paciente revela: ...fui procurar o remédio e não encontrei. A resolução se dá no desfecho da narrativa, quando propõe: ...o meu pagamento ia sair com uma semana, e aí, eu esperei – mesmo com a pressão alta pra mim podê comprá (1.11-12).

Há dois pontos que merecem destaque. Primeiro, acredito ser oportuno, em situações de vulnerabilidade social e econômica, a escolha de um medicamento alternativo, contemplado na lista de remédios gratuitos oferecidos pelo Governo Federal. Sabe-se que há pelo menos seis medicamentos disponibilizados para o tratamento de pressão arterial. Desse modo, torna-se imprescindível a sensibilidade na prescrição do medicamento, dada a situação de extrema pobreza em que se encontra o grupo ora investigado. Segundo, refere-se ao empoderamento dos idosos no sentido de contribuir no diálogo com o médico. Pois, se a interação médico/paciente fosse mais simétrica do ponto de vista da relação de poder, o idoso se sentiria mais a vontade para discutir a melhor opção de medicamento, considerando sua condição financeira. A hierarquia deixa os idosos emudecidos por se sentirem incapazes de argumentar e solicitar esclarecimentos com o médico, quem, para eles, representa uma figura de autoridade, conforme seus relatos.

O depoimento de Dona Francisca mostra o que acontece em seu contexto de situação e ratifica a escassez de profissional especializado nas áreas aludidas anteriormente.

- (124) 1 (F) – ...*Arrumaram um postinho véio lá, e esse postinho não tem*
 2 *médico direto, não tem atendi... O atendimento é só, pelo menos,*
 3 *pra mim, eles só trocam a receita pa pegar o remédio de novo*
 4 *quando ela vence! Então, eu não tenho... Não faço exame de, de*
 5 *nada!! Não faço exame nenhum, porque eu tenho o quê, tenho,*
 6 *vai fazer no dia 22 de dezembro agora desse ano, vai fazê quato*
 7 *ano que eu tô nas casinha! Então, eu estou jogada pra lá! Eu não*
 8 *tenho médico mais!*
 (Entrevista do dia 23 de Julho de 2014 – Dona Francisca, 68 anos)

Inicialmente, ao olharmos o relato na perspectiva da transitividade, nota-se que a colaboradora seleciona um processo material: *arrumar* para enunciar o novo posto que fora criado na região mais próxima ao lixão. Sem condições de atender plenamente a população idosa local, Dona Francisca reitera que *esse postim* [avaliação negativa] *não tem médico direito*. O processo existencial *tem* que fora selecionado nessa oração, precedido da

polaridade negativa *não* é seguido pela circunstância *direito*. Observe-se que a circunstância *direito* denota aqui o sentido de *regularmente*, evidenciando assim a precariedade do atendimento.

No desenvolvimento da narrativa, nota-se que a função ao posto atribuída é *só troca receita pra pegar remédio de novo quando ela vence*. Ainda, a repetição da estrutura: *não faço exame de nada! Não faço exame nenhum* reitera o hiato entre o que prescreve o Estatuto e o serviço recebido pelos idosos. *Então, eu tô jogada pra lá!*, depreende-se do depoimento a marca identitária de exclusão da idosa. Seu descontentamento se deve à precariedade do atendimento pela inexistência de unidades geriátricas de referência e pessoal especializado nas áreas de geriatria e de gerontologia que lhe garantam tratamento eficaz, conforme prescreve a lei.

Além da sensibilidade em lidar com pacientes em situação de extrema pobreza, há uma visível demanda na formação de profissionais na área da medicina com a especialidade em geriatria e gerontologia. Vejamos o que prescreve o Estatuto do Idoso, em seu art. 15, § 1º, inciso III, sobre essas formas de prevenção e manutenção da saúde do idoso.

- (125) Inciso III - Unidades geriátricas de referência, com pessoal especializado nas áreas de geriatria e gerontologia social.

Nota-se pelo inciso III, excertos (125), que a forma de efetivação da manutenção e prevenção da saúde do idoso dar-se-á por meio de unidades geriátricas de referência, com pessoal especializado nas áreas de geriatria e gerontologia social. Com a sua implementação, os idosos poderiam ser atendidos nesses centros e garantir qualidade de atendimento integral. Com base nos depoimentos da coordenação do posto de saúde da Estrutural, pode-se afirmar que as especialidades de geriatria e gerontologia social ainda não estão disponíveis. Essa carência não ocorre somente nesse contexto de situação. Segundo os dados do Conselho Federal de Medicina (CFM), há aproximadamente 800 geriatras para atender todo o território nacional, ou seja, cerca de 250 mil habitantes por especialista. No Distrito Federal, com uma população idosa de aproximadamente 326 mil pessoas com 60 anos ou mais, segundo a CODEPLAN, existem apenas 16 geriatras no DF que atendem em hospitais públicos.

Como já demonstrado até aqui, o sistema é falho. Qualquer sistema de saúde pública que busca atender tamanha densidade populacional requer uma enorme estrutura: médicos capacitados, hospitais equipados e atendimento treinado, entre outros. Há casos em que o médico encontra-se disponível, assim como a política que favorece o acesso ao medicamento

de uso continuado gratuito, conforme prescreve a lei. No entanto, como podemos observar isso não é suficiente. Há outras variáveis que podem comprometer o sucesso do atendimento médico-hospitalar, como, por exemplo, a falta de informação.

- (38) 1 (F) *Eu tava tomanu um remédio que era tão ruim pra mim que me*
 2 *deixava doidinha e eu tava querendo matar meu marido. Aí, o*
 (38) 3 *médico passou o remédio para pressão, aí piorou. Mas eu tomei*
 4 *só um dia, porque quem muda pressão, professor, é Deus, num é o*
 5 *remédio. O médico diz que eu tenho que tomar remédio, ora cê*
 6 *toma o remédio, daí cê fica doente, daí eu penso, pra que eu tomo?*
 7 *Tô tomanu um pra tiroide. Tem hora que me dá uma vontade o*
 8 *botar debaixo do pé e pisar nele...*
 (Aula do dia 14 de março de 2014 – Dona Griza, 83 anos)

A colaboradora inicia a narrativa expondo os efeitos do medicamento que estava tomando: *Eu tava tomanu um remédio que era tão ruim pra mim que me deixava doidinha e eu tava querendo matar meu marido.* Após o uso do medicamento correto, Dona Griza se sente melhor. No entanto, acrescenta: *...mas eu tomei só um dia, porque quem muda pressão, professor, é Deus, num é o remédio.* Há de reconhecer o importante papel da fé para a cura de enfermidades. Sabe-se que em casos de hipertensão arterial, os medicamentos que a regulam precisam ser consumidos regularmente. Ainda, vale destacar que o resultado de uma relação precária promovida pelo sistema de saúde pode deteriorar a credibilidade no sistema, fazendo com que outras alternativas sejam buscadas para garantir a qualidade de vida integral dos pacientes, como o uso de garrafadas e remédios caseiros, conforme explicita Dona Francisca, a seguir.

- (126) 1 (F) – *Temo aqui o posto de saúde. A gente até que é bem atendido. O*
 2 *que falta é médico especializado. Pro senhô vê professor, ontem*
 3 *fui coloca uma caixa em cima do guarda-roupa. Aí, caí pra trás e*
 4 *me joguei contra a parede e eu acho que quebrei a cravícula. Aqui*
 5 *num tem médico ortopedista. Se o senhô precisá de um ortopedista*
 6 *aqui tem que ir pra fora da Estrutural, lá no Hospital de Base. Na*
 7 *Estrutural num tem essa especialidade. Então, a alternativa é*
 8 *buscá otro posto. Qualqué fratura que nós tiver, aqui num*
 9 *resolve, nem se trocê o pé. Eu torci o meu ontem. E vim a pé lá de*
 10 *casa. Só vim porque sou durona. Não acontece nada, se eu for*
 11 *numa emergência, eu nem sou atendida... Eu machuquei o pé,*
 12 *agora vou ter que sará com as erva. Vou fazê um patuá de*
 13 *mastruz. Como é que senhora faz isso? Cê pega um molho de*
 14 *mastruz, lava bem lavadinha, daí bata as folha bem lavadinha no*
 15 *pilão e marsega. Depois toma um poco do sumo e faz um emplasto*
 16 *e bota na região que tá doendo...*
 (Entrevista do dia 23 de julho de 2014 – Dona Francisca, 68 anos)

Na narrativa, percebe-se avaliação positiva que a idosa faz do posto de saúde (l. 1): *a gente até que é bem atendida*. Em seguida, ela aponta a carência de médico especialista. Dona Francisca (portadora de poliomielite) quebrou a clavícula e torceu o pé. Por falta de ortopedista, ela recorre aos medicamentos caseiros. Usa o emplastro de mastruz para a cicatrização. Caso necessite de um ortopedista, o idoso residente da Vila Estrutural precisa deslocar-se até o Hospital de Base no Plano Piloto. O uso da medicina popular e práticas culturais de cura como alternativa no cuidado com a saúde também foi observado no trabalho Willig (2012), no campo da enfermagem, realizado em uma unidade de Saúde Básica em Curitiba-PR, intitulado “As histórias de vida de longevos de uma comunidade: o elo entre o passado e o presente”. A autora identifica nos hábitos dos idosos o uso de chás, garrafadas, a figura do benzedor, da raizeira e do curandeiro para manutenção da saúde.

No próximo excerto, Dona Cléria demonstra desconhecimento sobre a terminologia da doença que a aflige. Diante da profusão de termos oriundos do mundo dos peritos (GIDDENS, 2002) nas práticas sociais pós-modernas, podem haver possíveis equívocos. Especialmente, com a circulação de inúmeras campanhas de prevenção de novas doenças, atreladas a novos tratamentos e medicamentos, inclusive atreladas a meses do ano e a cores. Para quem já acumulou 78 anos de sabedoria, tais terminologias podem por um lado incluir, caso esse conhecimento seja mediado, por meio de um profissional ou, por outro, excluir, reforçando práticas discursivas que desprezam a diversidade do país.

- (127) 1 (C) – *Eu tô cum seis anu que eu operei, mas deu problema, eu num*
 2 *sarei, e fez foi piorar, porque surgiu pro outra parte, eu num*
 3 *sarei.*
 4 (A) – *A senhora operou de quê?*
 5 (S) – *Exame de próstata? Cê que fez isso? exame de próstata? ué e*
 6 *muié tem isso? [insiste a colega]*
 7 (C) – *eh, fizeru um furo, mas o furo, fizeru foi um tal [Rauxá??] e*
 8 *cortou minha barriga aqui todinha, [mostrando a região na altura*
 9 *do abdomem] aí pediu o exame e eu fiz tudim, tudim, tudo de novo*
 10 *fiz o exame tudim, já tem seis anu, e nada. Até hoje eu espero.*
 11 *Nunca recebi os resultado...*

(Entrevista do dia 18 de março de 2015 – Dona Cléria, 78 anos)

A narrativa habitual se abre com uma circunstância temporal: *seis anu* marcando o sofrimento vivenciado por Dona Cléria, a partir das ações que remontam o seu mundo experiencial em torno da cirurgia a que fora submetida (l.1-3): *Eu tô cum seis anu que eu operei, mas deu problema, eu num sarei, e fez foi piorar, porque surgiu pro outra parte, eu num sarei*. Sua resposta à indagação: *A senhora operou de quê?* assomou-me, levando-me à

reflexão sobre sua condição física. Assim, também o fez a colega: *Exame de próstata? Cê que fez isso? exame de próstata? ué e muié tem isso?* [insiste a colega] (l.5). *eh...* Após a confirmação, ela prossegue com a narrativa, explicando o procedimento: *fizeru um furo, mas o furo, fizeru foi um tal [Rauxá??] e cortou minha barriga aqui todinha*, [mostrando a região na altura do abdômen]. Na sequência, noto que exames são exigidos mais uma vez, portanto, algo se repete, não se tem o resultado (l. 9-11): *Aí pediu o exame e eu fiz tudim, tudim, tudo de novo, fiz o exame tudim, já tem seis anu, e nada. Até hoje eu espero. Nunca recebi os resultado....*

Cabe-nos, aqui, lembrar o Capítulo II - Do Direito à Liberdade, ao Respeito e à Dignidade, Art. 10, em que a lei assegura ao idoso o direito à opinião, à expressão e ao respeito da sua imagem e da dignidade. Ora, não estaríamos infringindo o direito à dignidade e o direito à opinião em não proporcionar ao idoso o conhecimento sobre a doença que o aflige e nem sequer o poder de opinar sobre possíveis tratamentos ou não saber para que servem os comprimidos prescritos?

Nessa perspectiva, Dona Cléria narra sobre o atendimento recebido no posto de saúde e traz alguns detalhes sobre o diálogo estabelecido com quem lhe prestou informações sobre o horário das consultas, conforme o apresentado no próximo excerto.

- (128) 1 (C) – ... *Fui no posto, tava lotado, aí eu falei com o guardinha, ele*
 2 *disse: venha de tarde, aí de tarde choveu, aí eu num fui, fui no*
 3 *otro dia. Aí cheguei lá, ele disse: oh cê só vem na hora errada, eu*
 4 *digo: rapá, mas num tem hora errada pra gente ir no hospital*
 5 *não, eh, errado é assim se a gente tá doente, aí a gente morre em*
 6 *casa e num procura o médico, ele riu ...*
 (Entrevista do dia 18 de março de 2015 – Dona Cléria, 78 anos)

A narrativa se inicia com o mote da situação: a visita ao posto de saúde: *Fui no posto tava lotado*. Note-se que o atributo sublinhado revela a situação cotidiana dos dois postos utilizados pelos idosos deste estudo. Em seguida, a colaboradora reporta a interação com o segurança do posto (l.1-2): *aí eu falei com o guardinha, ele disse: venha de tarde, aí de tarde choveu, aí eu num fui, fui no otro dia. Aí cheguei lá, ele disse: oh cê só vem na hora errada...* Infere-se, pelo grau de informalidade, uma relação já estabelecida entre o ‘guardinha’ e a paciente. Em resposta a sua proposição, Dona Cléria assevera (l.4-6): *rapá, mas num tem hora errada pra gente ir no hospital não, eh, errado é assim se a gente tá doente, aí a gente morre em casa e num procura o médico, ele riu* Em vez de buscar informações de uma fonte que

responda aos critérios mínimos para o atendimento, Dona Cléria recorre a quem lhe é mais acessível. A narrativa toca na essência do que prescreve a lei, em seu Art. 18.

- (129) *Art. 18. As instituições de saúde devem atender aos critérios mínimos para o atendimento às necessidades do idoso, promovendo o treinamento e a capacitação dos profissionais, assim como orientação a cuidadores familiares e grupos de autoajuda.*

Por esse direito (*Art. 18.*), entende-se que as instituições de saúde devem atender aos critérios mínimos para o atendimento às necessidades do idosos. A modalidade deôntica “devem” selecionada pelo legislador indica a obrigação dessas instituições quanto à eficácia do atendimento. Para garantir o resultado almejado, faz-se necessário: *o treinamento e a capacitação dos profissionais, assim como orientação a cuidadores familiares e grupos de autoajuda*, como prega a lei. O que destoa, em grande medida, da narrativa de Dona Cléria.

O próximo excerto também exhibe aspectos do atendimento na região da Estrutural. O posto de saúde ficou sem conexão de *Internet* de novembro de 2014 a março de 2015. Nesse intervalo de tempo, os idosos tiveram que recorrer a outros meios para receber o resultado de seus exames. O depoimento da viúva Dona Cléria, 76 anos, que reside às margens do lixão e tem uma neta e dois bisnetos sob seus cuidados, inclusive financeiro, ilustra tal dificuldade.

- (39) 1 (C) ... *antigamente a gente recebia o papel pra gente fazê o exame de*
 2 *sangue, aí a gente fazia o exame de sangue e levava, ... hoje, só*
 3 *pega se for na Internet.*
 4 (A) - *Como é que funciona isso? [pesquisador]*
 5 (C) - *gente vai lá, aí ês bota na Internet, ai se tiver funcionando a*
 6 *Internet ... mas eu vejo que num tá, aí, ês... não, venha amanhã, ai*
 7 *cê fica caminhanu, caminhanu, caminhanu, e termina em nada. Cê*
 8 *nunca recebe, cê nunca recebe, e termina que ocê num sabe o quê*
 9 *que deu... [referindo-se ao resultado do exame]*
 (Entrevista do dia 18 de março de 2015 – Dona Cléria, 78 anos)

As circunstâncias temporais “antigamente” e “hoje” são selecionadas por Dona Cléria para estabelecer um contraste entre os modos de obter resultados de exames médicos. A ênfase é dada na dificuldade em recebê-los: “hoje, só pega se for na Internet”. Ainda, acrescenta “a gente vai lá, aí ês bota na Internet, ai se tiver funcionando a Internet ... mas eu vejo que num tá, aí, ês... não, venha amanhã...”. Chama-me atenção a resposta *venha amanhã* já utilizada pelo ‘guardinha’ no excerto anterior. Seria essa atitude uma regularidade, quando se lida com idosos? *cê fica caminhanu, caminhanu, caminhanu, e termina em nada. Cê nunca recebe, cê nunca recebe, e termina que ocê num sabe o quê que deu...* [referindo-se ao

resultado do exame]. A repetição do processo material *caminhanu, caminhanu, caminhanu* reitera o descaso com relação ao atendimento aos idosos da Estrutural.

Ainda no que concerne ao atendimento, pode-se observar nas narrativas de Dona Coração Solitário e Dona Francisca o detalhamento do procedimento para se ter acesso ao resultado dos exames laboratoriais, conforme apresentado a seguir.

- (130) 1 (CS) –...é assim, você faz um inxame de sangue, você marca lá, ai você
2 pra fazê o inxame de sangue, ai cê vai lá, mas cê tem que pagá
3 pra pegar o inxame na Internet, ês num dão o resultado não, tem
4 que pagar lá na tal de... lá Rouzi, pagar pra pegar o resultado,
5 eh. paga láTem que pagar prá tirar o inxame.
(Entrevista do dia 18 de março de 2015, Dona Coração Solitário,
70 anos)

- (131) 1 (F) –... lá no posto num tem Internet, e isso dificulta fazê exame.
2 (A) Como é que funciona?
3 (F) funciona assim, a moça me dá uma senha, daí eu vou lá na
4 lanhouse, pra pegar o exame. Ai cê volta pro posto para mostra o
5 exame pro médico. Internet fora do ar. Tira xerox da receita ... Eu
6 tive sorte que achei os meus tudim. Diz que a Dilma tá lutando
7 pra entrada de mais dois medicamento, mas nada do remédio, já
8 se foram dois mandato, e eu creio que nesse num vai mudar nada,
9 minha pressão é crônica e eu num posso ficar sem os meus
10 remédio. Eu tomo remédio pra puder controlar...
(Entrevista do dia 18 de março de 2015 – Dona Francisca, 68
anos)

No excerto 130, vale sublinhar o fato de que o acesso ao resultado do exame se dá mediante o pagamento na *lanhouse*. No excerto, Dona Francisca (131) revela os procedimentos para se obter o resultado dos exames, flagrado nas ações materiais selecionadas: pegar a senha, ir à *lanhouse*, pegar o exame, voltar ao posto, mostrar os resultados para o médico e tirar cópia da receita. Dona Francisca ironiza a demora do governo em cumprir suas promessas e ressalta o estado da sua pressão. Recorre, na sequência, a uma modalidade sistêmica para exprimir *eu num posso ficar sem meus remédio* (1.9-10).

Ao longo desta pesquisa, busquei em todos documentos e políticas sobre saúde pública que tive acesso e nada encontrei que revelasse a implementação de uma *lanhouse* como ferramenta para suprir tal demanda. É inegável o papel da tecnologia na vida moderna. Com avanços tecnológicos algumas coisas vão surgindo e outras, desaparecendo. As decisões do que fica e do que vai devem ser alicerçadas no bom senso e no conhecimento das características locais, para que pessoas como Dona Cléria, Dona Coração Solitário e Dona

Francisca não fiquem desamparadas por um sistema que acredita que todo brasileiro tem acesso à Internet.

Portanto, o idoso pobre depende, a meu ver, exclusivamente do sistema de saúde ou do apoio da família. Nem sempre esse apoio encontra-se presente, como revelou Dona Bastiana, em um momento mais privativo de nossas aulas de alfabetização.

- (132) 1 (S) *“Ontem, eu tava lá em casa, precisando de ir pro hospital de*
 2 *madrugada, mas ele tava bêbado, que nem um gambá”, concluiu*
 3 *enraivecida. Ainda, acrescentou que ao se despertar com uma dor*
 4 *excruciante, no meio da madrugada, ouviu um barulho estranho*
 5 *que vinha da cozinha. Caminhou até lá para checar o que estava*
 6 *acontecendo e me disse: “Senhô num é de vê que ele abriu o forno*
 7 *do fogão e tava mijanu lá dentro”. Subitamente, ela o indagou*
 8 *“meu fi, o quê que cê tá fazenu?!” e ele respondeu com desdenho*
“nada não mãe, fica na sua e me deixa em paz!”

(Dona Bastiana, 68 anos – Aula do dia 28 de maio de 2014)

A narrativa por mim recontada se inicia com a necessidade de Dona Sebastiana receber cuidados médicos no meio da madrugada (1.1-2): *Ontem, eu tava lá em casa, precisando de ir pro hospital de madrugada*. No entanto, seu filho de 48 anos de idade, cuidador imediato da idosa, encontra-se incapaz de auxiliá-la: *...ele tava bêbado, que nem um gambá, concluiu enraivecida....* Os epítetos selecionados por ela “bêbado e gambá” denunciam o estado dele. A negligência e os maus tratos como esses precisam ser denunciados para que as ações cabíveis possam ser tomadas.

Em um trabalho intitulado “Discurso sobre a pessoa idosa: vozes que falam e vozes que calam”, Machado (2008) investiga as representações e características identitárias da pessoa idosa, nos discursos dos próprios idosos e de pessoas que convivem com eles e nos discursos sobre a pessoa idosa presentes na imprensa e em dispositivos legais de proteção ao idoso. A autora enfatiza a violência doméstica e o conluio do silêncio, construindo sentimentos de insegurança, medo e dependência ao idoso. O próximo excerto encontrado em Machado (2008) vem a corroborar com algumas ponderações feitas nesta tese no que concerne à violência doméstica silenciada. Na narrativa, Seu Walter descreve a negligência com que era tratado pelo genro e o sentimento que tem pelo asilo onde hoje mora.

- (133) 1 (S) *“Meu genro me ameaçava, eu comia fora de hora, esqueciam de*
 2 *me dar remédio. Estou bem melhor aqui. Só penso em voltar*
 3 *paracasa se ele sair de lá.”*

(Seu Walter, 80 anos)³³

³³ Dados oriundos do trabalho de Machado (2008).

Os processos mentais ‘ameaçava, esqueciam’ revelam o medo e a negligência infligidos ao idoso. A escolha lexicogramatical marcada por verbos no imperfeito, tempo do mundo narrado, constroem a duração do descaso com o cidadão. Ao concluir, Seu Walter avalia positivamente o asilo onde vive, ao dizer: ‘estou bem melhor aqui’. E acrescenta que seu retorno para casa só se concretizará com a saída do genro.

Vale ressaltar que as mulheres são as principais vítimas desse tipo de violência no Distrito Federal e os maiores agressores são os filhos. A triste realidade foi constatada por pesquisa realizada pela Central Judicial do Idoso (CJI), da qual resultou o Mapa da Violência Contra a Pessoa Idosa³⁴ no Distrito Federal. A proteção sobre casos de maus tratos, como os supracitados, já está prevista na lei, como se lê o artigo 19 do Estatuto.

(134) *Art. 19. Os casos de suspeita ou confirmação de maus-tratos contra idoso serão obrigatoriamente comunicados pelos profissionais de saúde a quaisquer dos órgãos: I – Autoridade Policial; II – Ministério Público; III – Conselho Municipal do Idoso; IV – Conselho Estadual do Idoso; V – Conselho Nacional do Idoso.*

A lei é clara quando prescreve que os maus tratos serão obrigatoriamente (ênfatisados por uma forte modalidade) comunicados pelos profissionais de saúde aos órgãos: Autoridade Policial; II – Ministério Público; III – Conselho Municipal do Idoso; IV – Conselho Estadual do Idoso; V – Conselho Nacional do Idoso. Há, portanto, uma violência silenciada jamais denunciada.

Ao examinarmos as narrativas dos idosos sobre questões referentes à saúde, foi possível identificar onde e como o Estatuto se encontra materializado na vida cotidiana dos idosos desta pesquisa. Vimos que os idosos têm tido acesso à gratuidade de medicamentos, especialmente de uso continuado, por meio da política governamental: ‘Saúde não tem preço’. Observa-se, mediante os dados, mais que ofertar medicamentos gratuitos, precisamos de profissionais especializados e humanamente sensíveis aos quadros de situação de vulnerabilidade socioeconômica como o grupo sob investigação, garantindo um atendimento eficaz e integral.

³⁴ Mapa foi construído entre janeiro de 2008 e dezembro de 2012, reunindo principalmente atendimentos efetuados pela Central Judicial do Idoso; pelo Disque Direitos Humanos da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, o Disque 100; e pelo do Núcleo de Estudos e Programas na Atenção e Vigilância em Violência – NEPAV, da Secretaria de Saúde do Distrito Federal. Dos idosos que sofreram algum tipo de violência, 63,82% eram mulheres. Os tipos mais comuns de violência são a psicológica, com 31,81% dos casos, seguida da negligência, com 24,97%, da violência financeira, com 16,27% e da violência física, com 14,71%.

Nessa perspectiva, a implementação de unidades geriátricas de referência, com pessoal especializado nas áreas de geriatria e gerontologia social torna-se urgente, a despeito de ser um direito já adquirido por lei. Com esses especialistas na região, dotados de um entendimento mais amplo das necessidades integrais da pessoa idosa, as falhas flagradas nas narrativas poderiam ser reduzidas. Desse modo, as instituições de saúde, como prescreve a lei, devem atender aos critérios mínimos para o atendimento às necessidades do idoso, promovendo treinamento e capacitação dos profissionais, mas a realidade revelada pelas narrativas mostrou um quadro de negligência.

O diálogo médico/paciente, já aludido anteriormente, é ainda precário. Caso houvesse uma relação mais simétrica de poder entre esses atores sociais, e caso o médico se prontificasse em realizar o seu papel como agente de letramento, teríamos um cenário diferente do atual. Além disso, a lei poderia contemplar a formação de idosos para a consolidação de sua autonomia por meio de ações voltadas para sua saúde, com vistas ao seu empoderamento, capacitando-os a tomar decisões que exigem uma gama de conhecimentos.

Nessa perspectiva, uma integração entre políticas de saúde e de educação que considere o contexto situacional de forma integral seria profícua, no que concerne à formação do idoso para o seu empoderamento. No caso dos colaboradores desta pesquisa, ressalta-se a necessidade de eventos de letramento sobre temas relacionados à saúde, às doenças comuns que atingem homens e mulheres, aos tratamentos e exames básicos, que, a meu ver, poderiam contribuir com o fortalecimento de identidade dos idosos. Uma vez que as análises das narrativas apontam para dificuldade tanto no discernimento de procedimentos, quanto ao uso dos medicamentos, que contribuem para o enfraquecimento da autonomia e, por conseguinte de sua cidadania.

Por fim, acredito que a denúncia que Dona bastiana fez antes de morrer, sobre um quadro de violência, o qual estava inserida não pode ser esquecida. Muito mais do que denunciar os casos de violência que ocorrem contra os idosos, é mister repensar ações para coibir a agressão, que, como mostrou os dados, ocorrem, em grande medida, dentro do próprio lar. É imprescindível sensibilizar a sociedade em geral - jovens e adultos – sobre tais formas de violência, assim como trazer o debate sobre a velhice e seus encantos, seus saberes e suas fragilidades para a agenda social. Um ponto de partida poderia ser a implementação do art. 22 do Estatuto do Idoso que, inserido no contexto dos direitos fundamentais à educação, cultura, esporte e lazer, assim preceitua: “Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito

e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria”.

5.5.2 Do direito à educação

As representações linguístico-discursivas sobre educação constituem parte do discurso narrativo dos idosos desta pesquisa. Nada mais razoável a temática da educação aflorar nos discursos dos alunos, visto que o contexto de pesquisa envolve um contexto educacional. Vale ressaltar que alguns dos excertos aqui apresentados foram motivados pelas perguntas da entrevista: Qual o tipo de atividade a que se dedica no momento? Por que a/o Senhora/Senhor quer aprender a ler?

No excerto (136), Dona Marlene, é indagada se faz alguma atividade além das aulas de alfabetização. A ginástica parece ser uma atividade importante para a idosa. Nota-se que além de ser uma atividade física, é uma prática social que auxilia a manutenção e o cultivo de amizades.

- (135) 1 (A) – *A senhora tem alguma atividade que a senhora faz aqui na*
 2 *Estrutural? Além da escola?*
 3 (M) – *Só a ginástica, antes de vim aqui pá escola.*
 4 (A) – *A ginástica! A senhora tem muitos amigos aqui?*
 5 (M) – *Tenho. Tem os amigo da, da, da... Da ginásca, né? Esses daqui,*
 6 *tamém, né?*
 7 (A) – *A senhora gosta de cantar, de declamar poesia? Fazê bolo? O*
 8 *qué que a senhora gosta? A senhora tem algum hobby?*
 9 (M) – *Tem o quê?*
 10 (A) – *Alguma diversão, assim... ?*
 11 (M) – *Só mesmo no comé... Lá, lá na ginásca, e quando a gente vai*
 12 *pra igreja. Só isso, que eu num sô muito de saí assim, pelas casa...*
 13 *né?*
 14 (A) – *Não? A senhora é mais caseira?*
 15 (M) – *É, mais caseira.*
 16 (A) – *A senhora gosta de limpá a casa?*
 17 (M) – *Só isso... Lavá minha casa! [risos] Ai, meu Deus! [risos]*
 (Entrevista do dia 23 de julho de 2015 – Dona Marlene, 78 anos)

Além da ginástica, ir à igreja e limpar a casa parecem ser as atividades mais importantes para Dona Marlene. Seu discurso aponta para a materialização do Estatuto, especificamente no tocante ao acesso ao esporte. Na Estrutural, há um Centro Olímpico, com quadras poliesportivas e uma piscina para a comunidade. No entanto, cabe registrar que muitos idosos deixaram de frequentar as aulas de hidroginástica por falta de cloro para

higienização da piscina, no primeiro semestre de 2015. Vejamos o que o dispositivo apregoa nesse sentido.

- (136) *Art. 20. O idoso tem direito a educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade.*

(Da Educação, Cultura, Esporte e lazer)

Entende-se pelo primeiro artigo do Capítulo V, intitulado “Da Educação, Esporte e lazer” que o idoso tem direito à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer. Os depoimentos dos idosos sobre as condições da piscina apontam para a complexidade da implementação de uma política pública. A manutenção dos aparelhos urbanos é imprescindível para que a lei seja devidamente cumprida, no que concerne aos serviços e produtos que respeitem a peculiar condição de idade da pessoa idosa.

Em um trabalho intitulado “Dos letramentos às mudanças discursivas e sociais na educação escolar de pessoas jovens, adultas e idosas”, realizado no contexto de escolas públicas do DF, o autor concluiu não haver políticas públicas de educação específicas voltadas aos idosos pobres (TATAGIBA, 2014). No entanto, durante o curso desta pesquisa, junto ao COSE, os idosos mencionaram um curso de alfabetização na Estrutural, no período noturno. Trata-se de uma iniciativa positiva para a comunidade, todavia, carecia de alguns ajustes para sua plena efetivação, conforme ilustra o excerto 137.

- (137) 1 (M) – *Nóis até que tem escola aqui pra nóis, mas a escola que tem o*
 2 *curso de alfabetização é de noite, e de noite fica muito difícil pra*
 3 *nóis ir. Tem gente de toda idade, as sala de aula é tudo misturado,*
 4 *tem gente de toda idade. E nóis já num exergamu direito e temu*
 5 *medo de sair à noite. Aqui é muito perigoso. Só saio à noite pra ir*
 6 *pa igreja. De noite num é hora de fazer coisa alguma, e nessa*
 7 *hora a gente qué é ficá quieto.*

(Aula do dia 18 de março de 2015 – Dona Marlene, 78 anos)

Logo no começo da narrativa habitual, Dona Marlene externa a presença de uma escola na região. No entanto, o curso de alfabetização é noturno. Além dessa limitação, na sequência, há a repetição da unidade de informação: *tem gente de toda idade* (1.3-4), fato que reforça seu descontentamento. Posteriormente, a idosa traz os empecilhos pessoais, marcados nos processos mentais: não enxergar e sentir medo. *À noite*, circunstancia a atividade de ficar quieto (1.7). Observa-se que o programa de alfabetização não se adequa às necessidades dos

idosos. O curso contiú-se de salas mistas, com faixa etárias distintas e em um horário impróprio para a maioria dos idosos colaboradores desta pesquisa.

Nessa perspectiva, a narrativa de Dona Vani permite-nos enxergar a necessidade de políticas e ações educacionais específicas voltadas para esse grupo de idosos pobres residentes numa região de risco que, nessa fase da vida, buscam o letramento, conforme ratificado no próximo excerto.

- (59) 1 (A) – *[RISOS] E a senhora quer aprender a ler pra quê?*
 2 (V) – *Eu? Mas é bom, é pra eu qué aprendê a lê pra mim lê a Bibla!*
 3 *Aprendê a lê as coisa, assim, quando eu vê passá, eu aprendê a lê,*
 4 *né? Pegá um ônibus certo! Porque eu conheço, assim, um*
 5 *pouquinho, assim, mas muito pouco, né? Quando eu vou pra*
 6 *Rodoviária, eu já conheço, né? Taguatinga. Guará. Mas, mesmo*
 7 *assim, fica muito... Eu quero aprender mais pra mim aprender*
 8 *mais, né? Fazê compra. Fazê conta, assim, né? Quando vai fazê*
 9 *uma compra, pra ver... vê os nomes.*
 10 (A) – *É chato, né?*
 11 (V) – *E aí, a gente aprender muito não precisa tar perguntando pra*
 12 *ninguém! Por isso que eu tenho vontade de aprender a ler!*
 (Entrevista do dia 24 de Setembro de 2014 – Dona Vani, 64 anos)

Ao ser indagada sobre a razão para aprender a ler, Dona Vani explicita que gostaria de aprender para ler a bíblia. Em seguida, traz outras razões, que interferem diretamente em seu mundo experiencial, codificadas nos processos materiais: *pegar* o ônibus certo, *fazer* compras e *fazer* contas. Ao dizer (1.3): *quando eu vê passá, eu aprendê a lê* nos remete a uma imagem da vida passando sem poder reconhecer os seus sinais. Esse conjunto de saberes lhe proporcionaria mais autonomia, pois não precisaria pedir ajuda a estranhos, o que, segundo seu depoimento, lhe traz um certo constrangimento.

O discernimento e a malícia para entender os contornos da vida moderna podem ser de grande valia. Sem eles, os idosos podem tornar-se mais vulneráveis. No próximo excerto, Dona Bastiana narra sobre uma conversa que teve com uma senhora que passava pela sua rua sobre a importância de aprender a ler.

- (138) 1 (M) – *Cê vê, uma muê ontem passou por mim e falou assim: você qué*
 2 *estudá? pode ser, então vai estudá lá em baixo. Aí eu falei, que*
 3 *hora? 7 hora da noite. Eu falei: num vô. Eu tenho que ir pa minha*
 4 *igreja. Ela falou não você num vai porque as igreja vai fechá*
 5 *tudo. Só vai poder entrá na igreja quem tiver o diploma. Só vai*
 6 *poder ir na igreja quem tiver o diploma. Eu falei assim, eu falei*
 7 *assim, eu num preciso trabaiá mais não, que já tenho o meu. Aí eu*
 10 *falei assim, pra ir no banheiro precisa de diploma (gargalhando).*
 11 *Então, num vou porque tenho que ir pa igreja. Então você vá,*

- (138) 12 *porque você tem que aprender a ler. Eu vou pa igreja. Mas as*
 13 *igreja vai fechar tudo. Só vai na igreja quem tiver diploma. Eu*
 14 *falei na minha igreja eu num preciso de diploma pa entrá não,*
 15 *quem manda na igreja é Deus. Ai, agora, até pra gente ir no*
 16 *banheiro tem que ter diploma.*
 (Entrevista do dia 17 de setembro de 2014 - Dona Bastiana, 68
 anos)

Ao ser convidada para ir à escola por uma senhora que passava na rua, Dona Bastiana questiona o horário das aulas. Ela nega o convite pois o horário ‘sete da noite’ coincide com o horário da igreja. Posteriormente, a senhora assevera que a idosa não poderá mais ir à igreja, pois as igrejas não aceitarão pessoas sem diploma (1.5). Indignada e com um tom de ironia, Dona Bastiana atesta que em sua igreja quem manda é Deus, portanto, não precisa de diploma para entrar. Nesse caso específico, cabe salientar que a sapiência de Dona Bastiana a permitiu se posicionar com firmeza em face da ingenuidade da insistente senhora que passava. Por outro lado, depreende-se pelas enunciações da senhora, que muitos idosos podem ser facilmente manipulados, remetendo-nos à importância do acesso à educação para vida.

Em um trabalho de iniciação científica-PIBIC, intitulado “Letramento, identidade e cidadania na terceira idade”, coordenado pela Doutora Denize Elena Garcia da Silva, encontram-se narrativas de idosos em situação de risco sobre o desejo em terem acesso à educação. Trago, na sequência, um exemplo desse trabalho a fim de aproximá-lo com os resultados desta tese. Seu Juvenal mostra seu posicionamento sobre a oportunidade de se inscrever em um curso de alfabetização.

- (139) 1 (J) *“É nós não podemos perdê oportunidade. Porque a oportunidade,*
 2 *tem muito pouca! Porque eu, se eu tivesse tido um pouco de*
 3 *oportunidade da minha época, da minha vida, hoje eu seria uma*
 4 *outra pessoa, né? Eu seria assim uma pessoa de gabarito que*
 5 *tivesse mais ... mais conhecimento.”*
 (Seu Juvenal – 64 anos)³⁵

Seu Juvenal confirma a escassez de oportunidades voltadas para a educação de idosos em situação de extrema pobreza, reiterado na avaliação por gradação³⁶ de força: ‘muito pouca’. A oração condicional, na sequência, constrói um sentido de arrependimento e, ao mesmo tempo, remete-o a uma espécie de autorreflexão (1.2-4): *se eu tivesse tido um pouco de oportunidade da minha época, da minha vida, hoje eu seria uma outra pessoa, né*. A metáfora

³⁵ Dados oriundos do trabalho intitulado: Letramento, identidade e cidadania na terceira idade (2002).

³⁶ A gradação é um subsistema da Avaliatividade que se refere a utilização de recursos léxico-gramaticais pelo falantes para expressar e ajustar o grau, ou volume da intensidade das avaliações de julgamento, afeto e apreciação (MARTIN; WHITE, 2005).

ideacional “época da minha vida” ancora temporalmente o arrependimento. O idoso seria uma outra pessoa: *alguém de gabarito* (1.4), se tivesse tido acesso à educação, atribuindo aos letrados uma posição social de superioridade.

Seu Juvenal, antes mesmo da promulgação do Estatuto do Idoso em 2003, já sinalizava a falta de oportunidades ao acesso à educação. Cabe, desse modo, reivindicar mais oportunidades e a adequação dos currículos de modo a atender às necessidades dos idosos, como prescreve o Art. 21.

(140) *Art. 21. O Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados.*

Entende-se por esse direito que o acesso do idoso à educação dar-se-á a partir da adequação de currículos, metodologias e material didático. Pressupõe-se, desse modo, que o está em pauta a adequação de currículos já existentes, possivelmente aqueles desenhados para jovens e adultos, voltados para o mercado de trabalho.

Com base nas análises dos dados sobre educação, faz-se necessário reconhecer as especificidades do grupo para que se possa, de forma exitosa, construir uma política educacional. Não se trata de adequar os currículos vigentes, como quer a lei, mas urge a criação de políticas e ações para sua implementação, destinadas a proporcionar saberes oriundos de áreas transdisciplinares para dar conta da complexidade do contexto e de sua diversidade. Acredito que somente por meio da articulação das áreas do serviço social, da saúde e da educação possa se construir uma concepção de ensino sociodiscursiva cujos eventos de letramentos visem aos temas sobre doenças, tratamentos, medicamentos, a fim de recuperar a autoestima de idosos emudecidos com vistas ao empoderamento e regaste de sua cidadania.

Decorrentes dessas ações, poderíamos vislumbrar idosos em condições mais favoráveis para lidar com questões que envolvem o envelhecimento saudável. A título de exemplo, ações educacionais que visem ao fortalecimento da capacidade de escolher com autonomia o tipo de tratamento ou procedimento mais adequado, o entendimento da função dos medicamentos e dos exames prescritos, e, sobretudo, a capacidade de dialogar com os médicos de forma mais simétrica. Com isso, os idosos poderiam reivindicar melhores condições de saúde, além de manter acesa a chama da incansável luta pelos seus direitos já preconizados nas leis.

5.5.3 Da discriminação contra o idoso

A discriminação talvez seja a mais preocupante forma de violência pela qual são vítimas milhares de idosos em nosso país. Vale frisar, que no contexto pesquisado, um ambiente de colaboração e de cumplicidade foi construído pelos alunos e o pesquisador/professor, de modo a permitir falar, denunciar, questionar, propor qualquer coisa. Esse ambiente de segurança deu visibilidade às situações de discriminação e preconceito vivenciados pelos idosos no dia a dia, afloradas durante os eventos de letramento. Alguns desses registros serão analisados a seguir.

Dona Beija-flor, no excerto (142), tece alguns comentários sobre um curso que participou com um grupo de jovens da igreja. Em um dado momento do curso, a discussão sobre racismo e discriminação veio à tona. No início da interação com o pesquisador, a idosa descreve a discussão ocorrida no curso. Em seguida, discorre sobre as dificuldades diárias enfrentadas por pessoas idosas, negras e pobres, como ela.

- (141) 1 (BF) – *Que o racismo que eles tem com o negro... Inclusive eu falei*
 2 *para a professora: Não é só os negros! Os... Os idosos também*
 3 *tem (querendo dizer sofrem) esses pré... Eles tem esses*
 4 *preconceitos!*
 5 (A) – *Aham!*
 6 (BF) – *Se você estiver sozinho na parada e vem um ônibus, ele não*
 7 *para pra você porque sabe que você não vai pagar mais*
 10 *passagem! Às vezes, até joga lama na sua cara porque não...*
 11 (A) – *É mesmo?*
 12 (BF) – *Entendeu? Ele não quer mais parar.*
 13 (A) – *Sei. Pois é!*
 14 (BF) – *Então, é difícil! A gente é discriminado. Nós somos negros.*
 15 *Nós... Entendeu?*
 16 (A) – *Sim.*
 17 (BF) – *Se sente rejeitado. Minha mãe dizia a mesma coisa! É. A... Os*
 18 *jovens hoje falam assim: É... Mas porque você ainda está vivo?*
 19 *Ah! Por que você ainda não morreu? Eu sempre falo pra eles:*
 20 *Porque não é o meu dia e nem a minha hora. Eu tenho muita*
 21 *coisa pra mim fazer, pra mim ensinar e “pra mim” aprender. Eu*
 22 *sempre falo isso para os meus filhos! Entendeu?*
 23 (A) – *E quem que fala isso pra senhora? Gente na rua?*
 24 (BF) – *É... Às vezes, as pessoas na rua: jovens...*
 25 (A) – *É, né?!*
 26 (BF) – *Entendeu? Porque, às vezes, a gente chama a atenção das*
 27 (A) *coisas erradas que eles faz, e eles vem e reclamam! Entendeu?*
 (Entrevista do dia 23 de Julho de 2014. Dona Beija-Flor, 80 anos)

Primeiro, a idosa aponta para o preconceito e se identifica com o grupo discriminado. Conforme explicitado no Capítulo 4, desta tese, tal posicionamento refere-se ao aspecto

identitário de pertencimento a um grupo particular de idosos negros e pobres. É ancorado nessa identidade, que a narradora faz alusão ao fato de que sua mãe já falava sobre o preconceito enquanto viva, denunciando, desse modo, o caráter histórico da discriminação. Segundo, traz um exemplo de discriminação vivenciado por ela em seu cotidiano.

Por fim, a idosa revela os principais agressores. Além do motorista, os jovens e adultos, que proferem esses comentários: *Mas porque você ainda está vivo? Ah! Por que você ainda não morreu* (l.18). A indignação sofrida pelo idoso, remete-nos ao Art. 3º, que reza: É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária. O léxico grifado refere-se à obrigação da comunidade e da sociedade na efetivação dos direitos dos idosos.

Dona Beija-flor relata a violação da lei pelos motoristas que não param para idosos no ponto de ônibus, infringindo o Art. 96. Tal fato encontra ressonância na narrativa de Dona Coração Solitário.

- (142) 1 (CS) – *Que o racismo que eles tem com o negro... Inclusive, eu tava no*
 2 *ponto e tava esperanu o ônibus. Eu tava lá no Riacho e vinha pra*
 3 *volta aqui pa Estrutural. Tava uma chuva danada, mas quando o*
 4 *motorista me viu no ponto, só tinha eu, Cê vê meu fi, idoso nu*
 5 *paga, então o motorista num para. O que ele fez foi mudar de*
 6 *faixa. E eu tive que andar um pedaço na chuva. Passei a noite*
 7 *toda entupida, com dificuldade de respirar. Muitas vezes que eles*
 10 *vê que é idoso, eles passa pa outra pista pra num pegá nós. Ele*
 11 *me reconheceu e assim mesmo desviou, como se num tivesse me*
 12 *visto.*
 (Aula do dia 14 de março de 2014 - Dona Coração Solitário - 70 anos)

Inicialmente, a idosa situa espacialmente a narrativa, evidenciando o trajeto que pretendia fazer por meio das circunstâncias espaciais: do Riacho Fundo (cidade satélite) até a Estrutural. O motorista, ao ver a idosa no ponto, muda de faixa. Nota-se a discriminação por parte do motorista e da empresa a qual ele representa. Ressalte-se, ainda, insensibilidade das empresas de transporte coletivo em cumprir as leis em prol da melhoria da segurança no embarque e desembarque dos idosos, conforme aponta Maltempi (2009) em um estudo sobre a problematização do Estatuto do Idoso

- (143) *Art. 39. Aos maiores de 65 (sessenta e cinco) anos fica assegurada a gratuidade dos transportes coletivos públicos urbanos e semiurbanos, exceto*

nos serviços seletivos e especiais, quando prestados paralelamente aos serviços regulares.

Entende-se por esse direito que todo brasileiro acima de 65 anos de idade tem direito à gratuidade nos transportes públicos urbanos. Torna-se imperioso, pois, sensibilizar setores da sociedade para entender, por exemplo, que o idoso tem o direito à gratuidade no transporte público e a 10% dos assentos reservados para ele, conforme prescreve a lei a seguir.

(144) *§ 2º Nos veículos de transporte público coletivo de que se trata este artigo, serão reservados 10% (dez por cento) dos assentos para os idosos, devidamente identificados com placa de reservado preferencialmente para idosos.*

(145) *Título VI – Dos Crimes*
Art. 96. Discriminar pessoa idosa, impedindo ou dificultando seu acesso a operações bancárias, aos meios de transporte, ao direito de contratar ou por qualquer outro meio ou instrumento necessário ao exercício de cidadania, por motivo de idade:
Pena – Reclusão de 6 (seis) meses a 1 (um) ano e multa.

(146) *§ 1º Na mesma pena incorre quem desdenhar, humilhar, menosprezar ou discriminar pessoa idosa, por qualquer motivo.*

Depreende-se do Art. 96 que discriminar a pessoa idosa, dificultando seu acesso aos meios de transporte, conforme sinalizaram as narrativas de Dona Beija-flor e Dona Coração Solitário, trata-se de crime com reclusão de seis meses a um ano e multa. Ainda, do ponto de vista dos insultos dirigidos por jovens à Dona Beija-Flôr configuram-se também como crime e a mesma pena é aplicada.

Mediante a análise dos dados concernentes à discriminação, pôde-se observar que o idoso é vítima de práticas sociais discriminatórias naturalizadas. As narrativas reforçam as agressões que são acometidas diariamente, ora pelos jovens e adultos, ora por prestadores de serviço, como o motorista de ônibus. Apesar da existência da lei de proteção aos direitos dos idosos, a sociedade em geral parece silenciar-se em relação a tais direitos. Os depoimentos trazem à tona o total descaso e violação dos direitos que foram arduamente conquistados. Como o Estado se mostra impotente no seu papel de garantir o controle dessa situação, o idoso sofre como consequência.

Diante do aproximação das narrativas de vidas dos idosos que evidenciam seus enfrentamentos cotidianos com o que preconiza o Estatuto do Idoso, cabe registrar alguns pontos que emergiram da análise. O Estatuto encontra-se materializado na fala cotidiana dos idosos desta pesquisa. A política de acesso à gratuidade de medicamentos é um exemplo

dessa materialidade. Entretanto, há uma demanda por profissionais especializados, (inclusive nas áreas de geriatria e gerontologia social) e humanamente sensíveis aos quadros de situação de vulnerabilidade socioeconômica para adequação das políticas de saúde.

Além disso, a integração entre políticas de saúde e de educação que considere o contexto situacional de forma integral seria profícua, no que concerne à formação do idoso para o seu empoderamento. Refiro-me a eventos de letramento que contemplem temas relacionados á saúde, às doenças comuns que atingem homens e mulheres na terceira idade, aos tratamentos e exames básicos, que poderiam se configurar como uma maneira de contribuir com o fortalecimento de identidade dos idosos.

Por fim, as narrativas desenharam um quadro de violência doméstica que precisa de atenção urgente. É imprescindível repensar ações para coibir agressões e atitudes que violam a segurança e o bem-estar da pessoa idosa. O idoso, a despeito dos dispositivos de proteção contidos na lei, ainda é vítima de práticas sociais discriminatórias e naturalizadas. Tal discriminação ocorre tanto por jovens e adultos, quanto por prestadores de serviço, como o motorista de ônibus e os atendentes no posto de saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central desta pesquisa foi investigar as representações discursivas e as identidades sociais de pessoas idosas em situação de vulnerabilidade social e econômica. Para tanto, algumas perguntas foram formuladas para nortear o estudo, a saber: 1. Que aspectos identitários estão presentes nas histórias de vida dos idosos? 2. Que representações linguístico-discursivas estão presentes no discurso do Estatuto do Idoso? 3. Como tais representações se aproximam da prática cotidiana dos idosos? 4. Como o idoso é representado no Estatuto do Idoso? No sentido de organizar as minhas considerações finais, proponho, inicialmente, uma discussão sobre os resultados encontrados, seguido de propostas concretas com vistas ao empoderamento e à ampliação da qualidade de vida dos colaboradores.

Ao cabo das análises, foi possível identificar os aspectos identitários manifestos nas histórias de vida, contemplados nas categorias referentes aos três ciclos da vida: passado, presente, futuro. Ao narrarem suas histórias muito era negociado, não somente os sentidos socioculturais, seus lugares sociais, suas crenças, ideologias, mas, sobretudo, suas identidades. As identidades apresentaram-se como ponto de apego temporário que as práticas sociais constroem para nós, em consonância com os ensinamentos de Hall (1995). Os idosos posicionam a si mesmos e aos outros personagens do mundo narrado, e, ao fazê-lo dão visibilidade aos sentidos daquilo que são. O que somos, cabe salientar, a todo instante se manifesta pelo que não é, pela falta, pela desestabilidade.

Os dados evidenciaram que o idoso, de fato, se situa mais no antes, no tempo que se foi, na narrativa do passado, do que no porvir, confirmando a tese de Pretti. As narrativas deflagram as marcas da valorização do tempo antigo. O idoso se agarra na memória e, quando pode, faz alusão às histórias do mundo de outrora. Ao longo de sua jornada se preparou para essa função social: narrar sua experiência de vida. Assim, o *self* passado exibido nas memórias sobre os tempos pretéritos são ricos, pois jorram as tensões entre o eu e o outro e entre o passado e o presente. Os colaboradores, ao falarem sobre a infância, juventude e vida adulta, se posicionaram ora como determinados, esforçados, resistentes, frágeis e incapazes, ora como culpados, vitimados (notou-se um padrão), violentados, abandonados, espancados, excluídos, renegados. Os antagonistas, destaco os pais, que foram posicionados como agressivos, violentos e os ludibriadores, posicionados como injustos. O aliado principal foi Deus (notou-se um padrão), que se mostra infalível e onipresente.

No tocante ao *self* presente, os colaboradores organizam discursivamente a experiência travada no dia a dia por meio de narrativas habituais. Tal forma de ordenar e verbalizar a história vivenciada no “agora” permite-lhes descrever a realidade tal qual se apresenta no contexto em que vivem. Sem lançar mão do passado, enredam suas forças naquilo que lhes apresenta como essencial, como passaporte para a redenção: a saúde. Sem ela, nada se constrói.

Infelizmente, na sociedade capitalista, quando se alcança a maturidade e a lucidez para enxergar as nuances da vida, compartilhar a sua essência, isso não é mais permitido. Quando a madureza se faz nessa fase da vida é através de um corpo alquebrado: dedos trêmulos, “espinha torta, coração acelerado, dentes falhos, urina solta, a cegueira, a ânsia, a surdez, as cicatrizes, a íris apagada, as lágrimas incoercíveis” (BOSI, 1994, p. 39). No presente, os idosos desta pesquisa lutam pela dignidade, pelo exame médico, pelo atendimento, pela atenção do outro, por um esclarecimento, por um remédio.

Os aspectos identitários flagrados nas narrativas sobre o presente são de idosos que se veem ora como persistentes, resistentes, religiosos, ora como excluídos* descartados*, cansados*, impotentes*, constrangidos e envergonhados* (*notou-se um padrão). Tais identificações a floradas se dão em razão do contexto social, plasmado por representações discriminatórias, excludentes, encharcadas por posicionamentos ideológicos incapazes de ver o idoso como cidadão, como ser humano. Apesar do modo como chegaram ao presente, quando questionados sobre como se sentem como idosos, a resposta é, em sua maioria, felizes, orgulhosos, vitoriosos, contrariando o discurso do senso comum sobre a velhice e a negatividade em torno dela.

Em se tratando dos personagens trazidos para o mundo da história, os filhos e os netos se mostram como os principais antagonistas e são posicionados como preguiçosos, indolentes, desrespeitosos, e até como ímpios, minando, além da força física dos idosos, sua única fonte de renda. Assim como no *self* passado, Deus (notou-se um padrão) se destaca mais uma vez como o aliado principal. É Ele quem acende a luz da esperança, quem os leva a etapa seguinte, segundo seus depoimentos.

Nos depoimentos sobre o passado e sobre o presente, diversos recursos linguísticos foram empregados. Ressalto o discurso direto usado como ferramenta para construir veracidade no dito, para encenar o discurso do outro, e como forma de engajamento com o interlocutor. Além disso, aponto o uso de categorizações, seguindo Sacks (1992), como uma maneira de identificar pessoas e grupos sociais com o intuito de estabelecer sentimento de pertença ou avaliações e julgamentos, revelando o poder da alteridade no processo de

identificação. Trata-se, como registrado nos dados, do “eu” *versus* “eles”; “os novos” *versus* “os velhos”; “os brancos” *versus* “os negros”. Recursos argumentativos também foram empregados para defender uma ideia ou um posicionamento sobre algo que os incomodava em suas práticas sociais. Por fim, ricas imagens em detalhes foram usadas para ilustrar a vida, dando visibilidade às construções identitárias de resistência e de luta pela sobrevivência.

No que concerne ao futuro, as projeções de sonhos e planos mostram-se exíguas. As energias parecem estar mais voltadas para garantir o mínimo para atravessar o presente. Foi observado uma perceptível simetria na co-construção do discurso narrativo, marcada pela participação mais evidenciada do outro. Além disso, conforme demonstrou a análise, a narrativa canônica foi utilizada com a função de resgatar momentos, recapitular episódios da vida que mereceram ser ressignificados, como um amor não concretizado de Dona Jovina. Por vezes, o uso de narrativas hipotéticas foi empregado, como uma maneira de refletir sobre como poderiam ser diferentes as coisas, tivessem outras escolhas sido feitas.

Diante dos posicionamentos interacionais flagrados no *self* futuro, afloram-se aspectos identitários distintos. Os idosos ora se posicionam como românticos, corajosos, justos e honestos, ora como incapazes, impotentes (notou-se um padrão), vencidos. Destaque-se os antagonistas apresentados nas histórias como obstáculo para alcançar os sonhos. Em conformidade com o passado e o com o presente, Deus é posicionado como o aliado principal, aparece em todos os momentos difíceis e lhes brindam com um desfecho feliz.

Em síntese, a análise dos aspectos identitários por meio dos posicionamentos interacionais mostrou-se um caminho profícuo neste estudo. Foi possível investigar de maneira empírica como as identidades se revelam nas tramas do discurso. O estudo dos níveis 1 e 2 dos posicionamentos permitiu-me encontrar no texto as marcas identitárias que revelam o modo de ser dos personagens envolvidos no mundo narrado. O exame do nível 3, permitiu-me vislumbrar como as narrativas situadas se articulam a contextos mais amplos, como sugere De Fina (2013) e De Fina e Georgakopoulou (2015).

Do ponto de vista do trabalho discursivo, o qual resultou essas belas histórias de vida, foi possível notar que a participação da audiência (pesquisador e colegas de aula) de fato exerce influência na construção das narrativas, como vem observando De Fina e Georgakopoulou (2015) ao longo de suas pesquisas. Em muitas ocasiões alteraram o curso dos eventos, proporcionando novos desfechos para o evento narrativo. Além disso, vale ressaltar que as histórias foram contadas para o professor/pesquisador, que pela posição que ocupa junto ao grupo, exerce influência na maneira como as narrativas se desenrolaram.

Tendo em vista os aspectos identitários mais recorrentes nos dados de natureza etnográfica, flagrados no trabalho discursivo, identifiquei traços de exclusão, rejeição, impotência, resistência, vergonha. Por um lado, não poderia ser diferente, tendo em vista as representações reificadas no âmbito social sobre idosos pobres e o não-letrados. Por outro lado, há fios de esperança, notadamente, nos posicionamentos interacionais revestidos ora de alegria, ora da vontade de aprender nesta etapa da vida.

Antes de discutir os resultados da análise documental, cabe salientar que durante as fases iniciais do processo de leitura, os idosos já nos agradavam com suas histórias. Nelas, os temas referentes aos direitos sociais já eram referendados, e por vezes, clamavam por explicações ou confirmações. O que me fez entender que antes de levar o Estatuto até eles, precisaria escutá-los e identificar como o Estatuto se materializava na fala deles. *A posteriori*, algumas aulas foram preparadas para responder questões emergenciais, concernentes aos dispositivos legais. A título de exemplo, ao indagarem sobre o direito a gratuidade nas passagens interestaduais.

Mediante a análise documental, foi possível desvelar as representações linguístico-discursivas presentes no discurso do Estatuto do Idoso a partir do instrumental teórico ofertado pela ADC e LSF. Seguindo Halliday e Matthiessen (2014), as análises da representação foram realizadas a partir da oração, unidade mínima de análise, concebida a partir de três elementos: processos, participantes e circunstâncias. As ações (os processos) presentes no documento se dividem em materiais, relacionais, verbais, mentais e existenciais. As orações materiais foram as mais recorrentes no documento, destacadamente o processo material “assegurar”. Nos termos da lei, a ação de assegurar refere-se a representações que visam assegurar os direitos, garantir a proteção e o acesso às políticas públicas, zelar pelos direitos fundamentais da pessoa idosa, assim como aplicar sanções a quem não cumpre a lei. As orações relacionais indicam as ações referentes ao modo do ser e estar, dispostas no dispositivo, encetando para o modo ideal das ações a partir de sua plena implementação. Não se pode esquecer que tais orações também serviram para caracterizar instituições e entidades que exercem funções no acolhimento dos idosos. Além disso, as orações relacionais constroem um sentido de posse, demonstrando os direitos que os idosos possuem. As orações verbais emolduram ações que dizem respeito ao ato de comunicar às autoridades maus-tratos contra os idosos, solicitar informações, diligências. As ações existenciais serviram a função de mostrar, por exemplo, a existência das medidas coercitivas e do curador, caso o idoso não tenha condições de tomar suas próprias decisões.

Em se tratando dos direitos outorgados ao idoso, notou-se que o dispositivo se alinha a alguns dos Princípios das Nações Unidas para Pessoa Idosa de 1991, como o acesso à alimentação, à habitação, ao vestuário, à saúde e educação. No entanto, comparado às 117 recomendações propostas pelo Plano de Ação Internacional de Madri de 2002, em que se preza o envelhecimento ativo, o Estatuto do Idoso carece de ações concretas em direção à participação mais ativa, colocando o idoso como protagonista seja na formulação ou na execução de políticas que afetem diretamente o seu bem-estar. Isso não quer dizer que o envelhecimento ativo não tenha ocupado a agenda política nacional. No entanto, precisamos contar com a sensibilidade e boa vontade dos governantes, vigilância e pressão constante da sociedade, no que concerne à plena implementação de ações que cumpram as diretrizes propostas.

Investigar as maneiras pelas quais atores sociais são representados no Estatuto do Idoso, permitiu-me, de fato, identificar os posicionamentos ideológicos em relação a eles, assim como suas ações, como nos ensina (SILVA, 2013). A partir das ocorrências no dispositivo, um quadro desenhou-se com as categorias dos atores sociais (VAN LEEUWEN, 2008): o poder público, a sociedade e a família, cuja obrigação é de assegurar ao idoso os seus direitos essenciais.

Posicionado como o ator principal, o Poder Público, representado por objetivação e funcionalização (VAN LEEUWEN, 2008), indicia a ação complexa de criar e modificar e fiscalizar normas e leis, aplicar essas normas, assim como desenvolver políticas governamentais para assegurar os direitos da pessoa idosa. As ações ligadas ao ator social Poder Público encerram os processos materiais concretos (assegurar direitos, fornecer medicamentos, fiscalizar as entidades), processos materiais criativos (criar programas de acesso à educação, oportunidades e varas exclusivas), processos verbais (oficiar, requisitar documentos, homologar, determinar medidas) entre outros.

Do ponto de vista da representação do idoso no documento, os dados revelaram que o idoso não é representado como ator principal, ou como um sujeito ativo, dotado de protagonismo nas orações. Ao contrário, é representado como frágil, improdutivo, vulnerável, incapaz. Ocupa uma posição nas orações de recipiente de benefícios em forma de serviços e bens materiais, assegurados principalmente por atores sociais representados pelo Poder Público.

Diante dessas representações, um caminho seria romper com o discurso arraigado de que idoso é sinônimo de estorvo social, e buscar “[...] desnaturalizar em condições propícias, até mesmo desestabilizar o discurso do ‘senso comum’ decorrente de práticas sociais

repetidas”, promovidas, por exemplo pela circulação de documentos, políticas e ações, propagandas midiáticas, cujas representações podem incutir percepções equivocadas sobre o papel do idoso na sociedade, como tem sugerido Silva (2013, p. 89).

A representação da família tem a menor expressividade no quadro das representações dos atores sociais. A família ocupa uma posição coadjuvante do ponto de vista da composição oracional, no que concerne à atenção integral ao idoso. Entretanto, nessa nova conjuntura familiar, em que os filhos permanecem na casa dos pais, trazem suas esposas, netos e bisnetos exaurem em muitos casos, a única fonte de renda, a do idoso. Essa nova configuração familiar, por um lado, permite ao idoso construir um novo sentido de continuidade, e, por outro lado, traz para o bojo da vida cotidiana de idosos em situação de fragilidade social e econômica tensões provocadas por problemas relacionados às drogas, aos abusos, à discriminação e à violência.

A representação da sociedade no documento envolve principalmente as entidades de atendimento e assistência ao idoso, assim como ou seus dirigentes. Depreende-se, portanto, a necessidade de regulamentar essas entidades que prestam serviços aos idosos. O que se espera é o cumprimento da lei que lhes é referida, no sentido de garantir a proteção à pessoa idosa. No entanto, incontáveis são as denúncias e casos de negligência reportados pela mídia.

A título de exemplo do que os atores sociais sob o guarda-chuva de sociedade, representados por funcionalização, classificação e generalização (VAN LEEUWEN, 2008), tem como obrigação, destaco aqui alguns itens colhidos do Estatuto: assegurar a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao trabalho, à cidadania, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária, como pessoa humana e sujeito de direitos civis, colocando o idoso a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.

O trabalho etnográfico e a análise das narrativas evidenciaram o enorme hiato entre o que a lei preconiza e a realidade vivida pelos idosos da Estrutural. A lei, como pôde ser observada nas análises, outorga inúmeros direitos aos idosos. Coloca-os como recipientes de bens e serviço. Daí questiona-se: por que não estão recebendo tais bens e serviços? Os médicos foram posicionados como negligentes, os atendentes negam o atendimento prioritário, os motoristas de ônibus evitam carregar passageiros idosos, e os jovens os agridem em espaços públicos, violando direitos arduamente conquistados.

Diante das narrativas que envolviam questões referentes à saúde, foi possível identificar onde e como o Estatuto se encontra materializado na vida cotidiana dos idosos. Vimos que têm tido acesso à gratuidade de medicamentos, especialmente de uso continuado,

por meio da política governamental: ‘Saúde não tem preço’. Essa política tem salvado muitas vidas e temo a sua possível descontinuidade como esse novo arranjo político no Brasil. Além de ofertar medicamentos gratuitos, precisam-se de profissionais especializados e humanamente sensíveis aos quadros de situação de vulnerabilidade socioeconômica como o grupo sob investigação, garantindo um atendimento eficaz e integral.

Nessa perspectiva, é preciso lutar pela implementação de unidades geriátricas de referência, com pessoal especializado nas áreas de geriatria e gerontologia social (direito já garantido por lei). Com essa implementação os índices de descaso e negligência poderiam ser mitigados. Uma relação mais simétrica de poder entre o médico/paciente idoso teria ganhos imensuráveis. Além disso, a lei carece de ações educativas que encetam a formação de idosos para sua autonomia, capacitando-os a tomar decisões, por exemplo, acerca de sua própria saúde que exigem uma gama de conhecimentos.

É imprescindível um trabalho de sensibilizar a opinião pública em geral - jovens e adultos - sobre a velhice e seus encantos, seus saberes e suas fragilidades. Um ponto de partida poderia ser a implementação do art. 22 do Estatuto do Idoso que, inserido no contexto dos direitos fundamentais à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer, assim preceitua: “Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria”. O efeito dessa implementação curricular poderia, a longo prazo, contribuir para amenizar o quadro de violência doméstica, conforme a denúncia feita por Dona Bastiana.

No que concerne à discriminação, pôde-se observar que o idoso é vítima de práticas sociais discriminatórias naturalizadas. As narrativas reforçam as agressões que são acometidas diariamente, ora pelos jovens e adultos, ora por prestadores de serviço, como o motorista de ônibus. Apesar da existência da lei de proteção aos direitos dos idosos, a sociedade e a família em geral parecem negligenciar tais direitos. Como o Estado se mostra impotente no seu papel de garantir o controle dessa situação, o idoso, em situação de pobreza, sofre como consequência. Os depoimentos trazem à tona o total descaso e violação dos direitos.

Com base nas análises dos dados sobre a temática da educação, foi possível reconhecer as especificidades do grupo investigado. Tal saber possibilita a construção de uma política educacional exitosa com vistas a atender as demandas de um grupo em situação de pobreza. Não se trata de adequar os currículos vigentes, como quer a lei. Trata-se da criação de políticas educacionais, com base em uma concepção de ensino sociodiscursiva,

cujos eventos de letramentos sejam capazes de suprir conhecimentos de áreas transdisciplinares, ampliando o debate sobre temas relacionados à saúde física, mental e psicológica, com vistas ao empoderamento dos idosos da Estrutural. Como consequência, pode-se recuperar a autoestima de idosos emudecidos e mal informados.

Decorrentes dessas ações, poderíamos vislumbrar idosos, em condições favoráveis, compreender os processos ligados ao envelhecimento, ser capazes de escolher com autonomia o mais adequado tipo de tratamento ou procedimento, entender a função dos medicamentos e exames prescritos, e, sobretudo, ser capazes de dialogar com os médicos de forma mais simétrica, além de reivindicar melhores condições de saúde, mantendo acesa a chama da incansável luta pelos seus direitos já preconizados nas leis.

Em conclusão, foi possível contemplar um modelo pedagógico tripartite, que reúne as histórias de vida, os eventos múltiplos de letramento e os saberes oriundos das leis que visam a proteção da dignidade da pessoa idosa. A articulação desses três pilares contribuiu de forma efetiva para o fortalecimento de identidade do grupo. Vimos que o trabalho de fortalecimento de identidade não é um trabalho facilmente alcançado. Trata-se de esforço mútuo de escutar, aprender, discutir, provocar, romper com representações negativas sobre a velhice, reverter posicionamentos ideológicos cristalizados, assim como desenvolver e propor conjuntamente ações concretas que possam melhorar a qualidade de vida dos colaboradores. É desnecessário mencionar o dever do Estado e da sociedade em cumprir aquilo que a lei prescreve. Nesse sentido, esta pesquisa se configura como uma contribuição para o envelhecimento ativo ao trazer os idosos para o centro do debate sobre questões acerca de seus enfrentamentos diários, ao propor caminhos para inclusão por meio de eventos de letramento e oficinas de alfabetização e ao abrir as portas para o debate em torno da cidadania, fomentado, principalmente, pelo conhecimento das leis que visam a sua proteção.

Ao longo do percurso do trabalho etnográfico, pude perceber que o entendimento do que a lei preconiza e as conquistas dos direitos sociais nela prescritos é onde reside a chave para a existência de um futuro, para quem já não tem muito tempo. O entendimento da lei pode auxiliá-los a lutar por mais espaço, garantir melhor atendimento, mobilizar-se como grupo, entender a necessidade de consolidar forças de liderança dentro da própria comunidade, como ilustra a imagem capturada em um momento da oficina de trabalho de fortalecimento de identidade do grupo.

Imagem 7 – Trabalho de fortalecimento de identidade de grupo



Fonte: o autor (2016)

Bom, eu tenho que ser honesta, né? Na leitura eu melhorei bastante. Consigo lê tudo que eu quero. Leio até palavras grande. Só num leio muito rápido. Escrever ainda tenho dificuldade. As veiz, boto letra demais, as veiz de menos [risos]. O óculos quando tá ruim dificulta bastante. Tudo quanto é palavra eu leio. Leio as placa de tudo. Mais nunca, eu peguei o ônibus errado. Foi a mió coisa do mundo. Hoje num preciso de pidi ninguém.

(Aula do dia 6 de Julho de 2016 – Dona Francisca, 68 anos)

Em poucas palavras, esta pesquisa significa uma contribuição para a abertura de novos estudos voltados para práticas sociais transformadoras e terá atingido o seu objetivo se ouvirmos mais falas, como a de Dona Francisca, ao ser indagada sobre o projeto junto ao grupo de idosos da Cidade Estrutural.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, R. C. **A representação de europeus e de africanos como atores sociais em Heart of darkness (O coração das trevas) e em suas traduções para o português: uma abordagem textual da tradução.** 2009. 267 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal.** Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [c1953].
- BAMBERG, M. Narrative. In: **International Encyclopedia of Communication Theory and Philosophy.** [S.l.]: Tomson Reuters, ScholarOne, 2015.
- _____. Positioning between structure and performance. **Journal of Narrative and Life History,** [S.l.], v. 7, n. 1-4, p. 335-342, 1997.
- BAMBERG, M.; DE FINA, A.; SCHIFFRIN, D. Discourse and identity construction. In: LUYCKX, K.; SCHWARTZ, S.; VIGNOLES, V. (Eds.). **Handbook of identity theory and research.** Berlin: Springer, 2011. p. 177-199.
- BAMBERG, M.; GEORGAKOPOULOU, A. Small stories as a new perspective in narrative and identity analysis. **Text and Talk,** [S.l.], v. 28, n. 3, p. 377-396, 2008.
- BARRETO, F. F. P. Espaços para a terceira idade. **Revista Terceira Idade, Humanidades, UnB,** Brasília, DF, v. 46, p. 54-66, 1999.
- BARTON, D.; HAMILTON, M. Literacy practices. In: BARTON, D.; HAMILTON, M.; IVANIC, R. **Situated literacies: reading and writing in context.** New York: Routledge, 2000. p. 7-15.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G.; ALLUM, N. C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Petrópolis: Vozes, 2005. p. 17-36.
- BAUMAN, R.; BRIGGS, C. Poetics and performance as critical perspectives on language and social life. **Annual Review of Anthropology,** Palo Alto, v. 19, p. 59-88, 1990.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: Introdução à pesquisa qualitativa.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembrança de velhos.** São Paulo: P. T. A. Editor, 1994.

BRASIL. Decreto nº 7.272, de 25 de agosto de 2010. Regulamenta a Lei no 11.346, de 15 de setembro de 2006, que cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional - SISAN com vistas a assegurar o direito humano à alimentação adequada [...]. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 26 ago. 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7272.htm>. Acesso em: set. 2016.

_____. Ministério Público do Distrito Federal e Territórios. Central Judicial do Idoso. **O mapa da violência contra a pessoa idosa no Distrito Federal**. Brasília, DF: MPDFT, 2013.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. (Orgs.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

COHEN, L.; MANION, L.; MORRISON, K. **Research methods in education**. London: Routledge, 2007.

COMPANHIA DE PLANEJAMENTO DO DISTRITO FEDERAL (CODEPLAN). **Demografia em foco: perfil da população de baixa renda no DF**. Brasília, DF: CODEPLAN, 2010.

_____. **Pesquisa distrital por amostra de domicílios (PDAD)**. Brasília, DF: CODEPLAN, 2015.

COROA, M. L. M. S. Diferentes concepções de língua materna na prática pedagógica. **Revista do GELNE**, Recife, v. 3, n. 2, 2001.

CRESWELL, J. W. **Educational research: planning, conducting and evaluating qualitative and quantitative research**. 4th. ed. London: Pearsons, 2012.

DAVIES, B., HARRÉ'S, R. Positioning: the discursive production of selves. **Journal for the Theory of Social Behaviour**, Malden, v. 20, p. 43-63, 1990.

DE FINA, A. **Identity in narrative: study of immigrant discourse**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamin, 2003.

_____. Orientation in immigrant narratives: the role of ethnicity in the identification of characters. **Discourse Studies**, [S.l.], v. 2, n. 2, p. 131-157, 2000.

_____. Positioning level 3: connecting local identity displays to macro social processes. **Narrative Inquiry**, Worcester, v. 23, n. 1, p. 40-61, 2013.

DE FINA, A.; GEORGAKOPOULOU, A. Analyzing narrative as practice. **Qualitative Research**, London, v. 8, n. 3, p. 379-387, 2008.

_____. **Analyzing narrative: discourse and sociolinguistic perspectives**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

DE FINA, A.; GEORGAKOPOULOU, A. **The handbook of narrative analysis**. London: John Wiley Blackwell and Sons, 2015.

DE FINA, A.; SCHIFFRIN, D.; BAMBERG, M. (Eds.). **Discourse and identity**. New York: Cambridge University Press, 2006.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: _____. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

DEPPERMAN, A. Positioning. In: DE FINA, A.; GEORGAKOPOULOU, A. (Eds.). **Handbook of narrative analysis**. Philadelphia: John Wiley and Sons, 2015. p. 367-387.

DIGITAL GLOBE. [2013]. Disponível em: <<https://www.digitalglobe.com/>>. Acesso em: maio 2013.

EGGINS, S. **An introduction to systemic functional linguistics**. 2nd. ed. New York; London: Continuum International Publishing Group, 2004.

FABRÍCIO, B. F.; BASTOS, L. C. Narrativas e identidades de grupo: a memória como garantia do “nós” perante o “outro”. In: PEREIRA, M. G.; BASTOS, C. R.; PEREIRA, T. C. (Orgs.). **Discursos socioculturais em interação: interfaces entre a narrativa, a conversação e a argumentação: navegando nos contextos da escola, saúde, empresa, mídia, política e migração**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 39-59.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. London; New York: Routledge, 2003.

_____. **Critical discourse analysis: the critical study of language**. 2nd ed. New York: Routledge, 2010.

FOUCAULT, M. What is enlightenment. In: RABINOW, P. (Ed.). **Michel Foucault: essential works**. Harmondsworth: Penguin, 1994. (v. 1, Ethics). p. 303.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS SILVA, L. R. F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **História, Ciências, Saúde Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 155-168, 2008.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SOUZA, M. M. **Transitividade e seus contextos de uso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2011.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

GASKELL. Entrevistas individuais e grupais. In: GASKELL, B.; BAUER, M. W. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 65-89.

GIDDENS, A. **A modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GOODWIN, C. Audience diversity, participation and interpretation. **Text**, [S.l.], v. 6, n. 3, p. 283-316, 1986.

GOOGLE IMAGENS. [2013]. Disponível em: <<https://www.google.com.br/imghp?hl=pt-PT>>. Acesso em: 20 abr. 2013.

GOUVEIA, C. A. M. Textos e gramática: uma introdução à Linguística Sistêmico-Funcional. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p. 13-47, jan./jun. 2009.

GUIMARÃES, A.B. **A dignidade da pessoa idosa na constituição**. Cuiabá: Janina, 2009.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1995.

_____. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Tradução de T. T. da Silva e G. L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to funcional grammar**. 2. ed. London; New York; Sydney; Auckland: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Language, context and aspects of language in a social-semiotic perspective**. New York: Oxford University Press, 1989.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An introduction to funcional grammar**. 3. ed. London: Arnold, 2004.

_____. **An introduction to funcional grammar**. 4th ed. London: Routledge, 2014.

HEATH, S. B. What no bedtime story means: narrative skills at home and school. **Language in Society**, Cambridge, v. 11, n. 1, p. 49-76, 1982.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Estimativas populacionais para os municípios e para as Unidades da Federação brasileiros em 01.07.2015**. 2015. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2015/estimativa_dou.shtm>. Acesso em: 20 set. 2016.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. Entrevista narrativa. In: BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 90-113.

LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative analysis: oral versions of personal experience. In HELM, J. (Ed.). **Essays on the verbal and visual arts**. Seattle: University of Washington Press, 1967. p. 12-44.

LE BRETON, D. **Antropologia do corpo e modernidade**. Tradução de Fabio dos Santos Creder Lopes. Petrópolis: Vozes, 2011.

LESSA, T. C. L. **O migrante e a formação de territórios no Distrito Federal: o caso da Estrutural, o espaço construído no contexto do lixo.** 2014. 141 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2014.

LINDE, C. **Life stories: the creation of coherence.** New York: Oxford University Press, 1993.

LOPES, A. C. **Narrativas das adolescentes em conflito com a lei.** 2003. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2003.

LOUREIRO, A. M. L. Velhice: encantos e desencantos... reencantos. **Revista Terceira Idade, Humanidades, UnB,** Brasília, DF, v. 46, p. 78-86, 1999.

MACHADO, S. **O discurso sobre a pessoa idosa: vozes que falam e vozes que calam.** 2008. 248 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2008.

MAGALHÃES, I. **Eu e tu: a constituição do sujeito no discurso médico.** Brasília, DF: Thesaurus, 2000.

_____. Teoria crítica do discurso e texto. **Linguagem em (Dis)curso,** Tubarão, v. 4, n. esp., p. 113-131, 2004.

MALTEMPI, M. et al. Problematização do Estatuto do Idoso. In: ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 2009, América do Norte. **Anais...**, 2009.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais e produção linguística.** Recife: UFPE, 2003.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. **The language of evaluation: appraisal in English.** London: Palgrave, 2005.

MATSUDO, S. A prescrição de atividade física na terceira idade. **Revista Horizonte,** São Paulo, n. 54, p. 221-226, 1995.

MELLO, M. E. F. et al. (Coord.). **Revelando as condições de vida das pessoas idosas residentes na Vila Estrutural, DF.** Brasília, jul. 2011.

MISHLER, E. G. Models of narrative analysis: a typology. **Journal of Narrative and Life History,** [S.l.], v. 5, n. 2, p. 87-123, 1992.

MONTALBANO-PHELPS, L. L. **Taking narrative risk: the empowerment of abuse survivors.** Maryland: University Press of America, 2004.

MOREIRA, K. C. A. **Representações linguístico-discursivas pertinentes a crianças e adolescentes em situação de risco: perspectivas para a inclusão educacional.** 2013. 269 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2013.

MOREIRA, M. A. **Práticas discursivas e sociais na relação família-escola-comunidade: da realidade da adolescência ao discurso legal no Brasil**. 2015. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2015.

PARDO, N. Como hacer análisis crítico del discurso. Una perspectiva latinoamericana. Santiago de Chile: Frai, 2007.

PEIXOTO, C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: BARROS, M. M. L. (Org.). **Velhice ou terceira idade?**. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 69-84.

PRETI, D. **A linguagem dos idosos: um estudo de análise da conversação**. São Paulo: Contexto, 1991.

RAMALHO, V.; RESENDE, V. M. **Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa**. Campinas: Pontes, 2011.

RAMOS, P. R. B. A velhice na Constituição. **Seqüência: Estudos Jurídicos e Políticos**, Florianópolis, v. 20, n. 38, p. 85-106, 1999.

RESENDE, V. M. **Análise de discurso crítica e etnografia: o movimento de meninos e meninas de rua, sua crise e o protagonismo juvenil**. 2008. 332 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2008.

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

RIESSMAN, C. K. **Narrative analysis**. Newbury Park: Sage, 1993.

RIOS, G. Letramento, discurso e gramática funcional. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, Brasília, DF, v. 11, n. 2, p. 167-183, 2010.

RODRIGUES, L. S.; SOARES, G. A. Velho, idoso e terceira idade na sociedade contemporânea. **Revista Ágora**, Vitória, n. 4, p. 1-29, 2006.

ROMÃO, J. E.; RODRIGUES, V. L. **Paulo Freire e educação de adultos: teoria e práticas**. São Paulo: IPF; Brasília: Liber Livro, 2011.

SACKS, H. **Lectures on conversation**. Oxford: Blackwell, 1992.

SAFONS, M. P. Algumas considerações sobre envelhecimento e atividade física. **Revista Terceira Idade, Humanidades, UnB**, Brasília, DF, v. 46, p. 78-86, 1999.

SANTIN, J. R. O Estatuto do Idoso: inovações no reconhecimento da dignidade na velhice. [2008]. Disponível em: <<http://sisnet.aduaneiras.com.br/lex/doutrinas/arquivos/190707.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2014.

SCHIFF, B.; NOY, C. Making it personal: shared meaning in the narratives of Holocaust survivors. In: DE FINA, A.; SCHIFFRIN, D.; BAMBERG, M. **Discourse and identity**. New York: Cambridge University Press, 2006.

SCHIFFRIN, D. **Approaches to discourse**. Oxford: Blackwell, 1994.

_____. **Discourse markers**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

_____. Narrative as self portrait: sociolinguistics constructions of identity. **Language in Society**, Cambridge, v. 25, p. 167-203, 1990.

SILVA, D. E. G. A ética na pesquisa: reflexões sobre metodologia na coleta de dados. In: VIEIRA, J. A.; SILVA, D. E. G. (Orgs.). **Práticas de análise do discurso**. Brasília, DF: Plano, Oficina Editorial do Instituto de Letras, 2003. p. 161-171.

_____. Discurso e Gramática: motivações cognitivas e interacionais. In: SILVA, D.E.G. (Org.). Nas instâncias do discurso, uma permeabilidade de fronteiras, p. 37-47. Brasília: Editora da UnB; Oficina Editorial do Instituto de Letras – UnB. 2005.

_____. **A repetição em narrativas de adolescentes**: do oral ao escrito. Brasília, DF: Plano, Oficina Editorial do Instituto de Letras, 2001a.

_____. Representações discursivas da pobreza e gramática. **DELTA Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 25, n. esp., p. 721-731, 2009.

_____. A gramática da pobreza em práticas discursivas de atores sociais: uma perspectiva crítica. In: PINTO, J. P.; FABRÍCIO, B. F. (Orgs.). **Exclusão social e microrresistências**: a centralidade das práticas discursivo-identitárias. Goiânia: Cãnome Editorial, 2013. p. 88-111.

_____. **Discurso, gramática e texto na perspectiva funcional da linguagem** [Projeto desenvolvido no PPGL/UnB] (inédito). 2016.

_____. **Letramento, identidade e cidadania na terceira idade**. Brasília, DF: Projeto PIBIC/UnB, 2001b.

SILVA, L. R. F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **História, Ciências, Saúde Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 155-168, 2008.

SOARES, M. B. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 5-17, jan./abr. 2004.

STREET, B. V. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TANNEN, D. Introducing constructed dialogue in Greek and american conversational and literary narrative. In: COULMAS, F. (Ed.). **Direct and reported speech**. Berlin: Mouton, 2007. p. 311-332.

_____. **Talking voices: repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse.** New York: Cambridge University Press, 1989.

TATAGIBA, A. B. **Dos letramentos às mudanças discursivas e sociais na educação de pessoas jovens, adultas e idosas.** 2014. 186 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação strictu sensu em Linguística, do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, do Instituto de Letras, da Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2014.

TATAGIBA, A. B.; SILVA, D. E. G. Discurso da exclusão na geografia de Brasília. In: *Cadernos de Linguagem e Sociedade*. SILVA, D. E. G. (Ed.) RESENDE, V. de M. (Org.), v. 14, n. Especial, (abril, 2013). Thesaurus Editor, 2013.

TFOUNI, L. V. **Letramento e alfabetização.** 8. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

THOMAS, J. **Doing critical ethnography.** Newbury Park: Sage, 1993.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna.** Petrópolis: Vozes, 1995.

THOMPSON, G. **Introducing functional grammar.** 2nd. ed. Edward Arnold, 2004.

UNITED NATIONS. **Implementation of the International Plan of Action on Ageing and related activities.** New York, 1991. Disponível em: <<http://www.un.org/documents/ga/res/46/a46r091.htm>>. Acesso em: 14 dez. 2015.

_____. **International Day of Older Persons.** New York, 1990. Disponível em: <<http://www.un.org/en/events/olderpersonsday/>>. Acesso em: 14 dez. 2015.

_____. **Proclamation on Aging.** New York, 1992. Disponível em: <<http://hrlibrary.umn.edu/resolutions/47/5GA1992.html>>. Acesso em: 14 dez. 2015.

_____. **Second World Assembly on Aging.** New York, 2002. Disponível em: <http://www.un.org/en/events/pastevents/pdfs/Madrid_plan.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2015.

_____. **Viena International Plan of action on aging.** New York, 1983. Disponível em: <<http://www.un.org/es/globalissues/ageing/docs/vipaa.pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2015.

VAN DEN BRANDEN, K. Does negotiation of meaning promote reading comprehension?. **Reading Research Quarterly**, [S.l.], v. 35, n. 3, p. 426-443, 1999.

VAN LEEUWEN, T. **Discourse and practice: new tools for critical discourse analysis.** New York: Oxford University Press, 2008.

WILLIG, M. H. **As histórias de vida dos idosos longevos de uma comunidade: o elo entre o passado e o presente.** 2012. 160 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Setor de Ciências da Saúde, da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

WOODWARD, K. A produção da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

WORTHAM, S. Interactional positioning and narrative selfconstruction. **Narrative Inquiry**, Worcester, v. 10, n. 1, p. 157-198, 2000.

_____. **Narratives in action**. New York: Teachers College Press, 2001.

ZACHARIAS, S. T. **Refletindo sobre a terceira idade**. [S.d.]. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/3idade/refletindo_idade.html>. Acesso em: 20 set. 2016.

ZIMMERMAN, D.; WEIDER, D. L. Ethnomethodology and the problem of order: comment on Denzin. In: DOUGLAS, J. D. (Ed.). **Understanding everyday life: Toward the reconstruction of sociological knowledge**. Chicago: Aldine, 1970. p. 285-298.

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

FACULDADE DE MEDICINA DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -
UNB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS E IDENTIDADES SOCIAIS: DE EVENTOS DE LETRAMENTO A HISTÓRIAS DE VIDA

Pesquisador: ALLEY CÂNDIDO JÚNIOR

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 36007414.0.0000.5558

Instituição Proponente:

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 804.527

Data da Relatoria: 24/09/2014

Apresentação do Projeto:

Trata-se de pesquisa qualitativa a ser realizada no âmbito da atenção básica à saúde em unidade pública do Distrito Federal.

Objetivo da Pesquisa:

"Buscar, no âmbito do projeto ora apresentado, não somente examinar o papel da linguagem na (re)produção das práticas sociais, e, sobretudo, problematizar, desde uma perspectiva linguístico-discursiva-crítica a questão da desigualdade social, trazendo a faixa etária da terceira idade para a luz do reconhecimento e da contemplação nas políticas públicas."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Embora o proponente aponte ausência de riscos, a pesquisa pode ser considerada de risco muito baixo pois a intervenção é limitada a experiências baseadas em metodologia qualitativa bem fundamentada, no entanto, trata-se de população idosa com maior vulnerabilidade e potencial limitação da sua autonomia. Os benefícios potenciais são relevantes em termos mais coletivos do que individuais.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa de baixo risco dentro dos padrões adequados

Endereço: Universidade de Brasília, Campus Universitário Darcy Ribeiro - Faculdade de Medicina

Bairro: Asa Norte

CEP: 70.910-900

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3107-1918

E-mail: fmd@unb.br

FACULDADE DE MEDICINA DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -
UNB



Continuação do Parecer: 804.527

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Faltam na plataforma os CVs dos pesquisadores.

Recomendações:

Subir na plataforma os CVs dos pesquisadores (tanto do doutorando quanto da orientadora)

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Nenhuma

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o CEP/FM/UNB, de acordo com as disposições da Resolução CNS n° 466/2012, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

BRASILIA, 24 de Setembro de 2014

Assinado por:
Diaulas Costa Ribeiro
(Coordenador)

Endereço: Universidade de Brasília, Campus Universitário Darcy Ribeiro - Faculdade de Medicina
Bairro: Asa Norte **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3107-1918 **E-mail:** fmd@unb.br